CAMARA DOS DEPUTADOS
BIBLIOTHECA

20-Le
19-1-6

OR
869.0
B278

# PANEGYRICOS
DO GRANDE
# JOAÕ DE BARROS.

Fielmente reimpreſſos conforme a ſua antiga Linguagem = anno 1533.

*POR*

JOAQUIM FRANCISCO MONTEIRO DE CAMPOS COELHO, E SOIZA.

*Obra utiliſſima para a boa inſtrucçaõ.*

LISBOA
NA OFFIC. DE ANTONIO GOMES.

ANNO M. DCC. XCI.

*Com licença da Real Meza da Commiſſaõ Geral ſobre o Exame, e Cenſura dos Livros.*

# DO EDITOR.

O Panegyrico d'ElRey D. Joaõ o III. he Obra por onde ſe vê a grande erudiçaõ, delicadiſſimos penſamentos de hum homem taõ excellente Sabio, e famigerado na linguagem Portugueza; e nobre eſcriptor; eſte he aquelle immortal Joaõ de Barros: da meſma fórma o Panegyrico á Senhora Infanta Dona Maria digna dos maiores louvores entre as Senhoras Princezas do ſeu tempo; por ſuas inſignes virtudes, e excellencia ſingular do ſeu engenho: he tambem compoſiçaõ do noſſo Famigerado Eſcriptor: o qual como ſeu Pay era morador na Cidade de Vizeu celebrou com eſte Panegyrico a boa ſórte daquella Cidade, quando ElRey D. Joaõ a deu á meſma Senhora com o Titulo de Duqueza della. He Obra igual ao Panegyrico de Trajano, que ſe eſtima pela melhor de Plinio: ainda que para o engenho de Joaõ de Barros ſe póde ter eſta por huma pequena linha: com tudo quando ella he lançada pela maõ de Apelles, naõ fica

ſendo de menor eſtima, que a mais famoza imagem de Phidias.

Tambem me reſolvi ajuntar aqui outro Elogio ao meſmo Monarcha: ſuppoſto ſer de differente Eſcriptor: com tudo baſtava ſer feito por Antonio de Caſtilho Chroniſta Mór, que foi deſte Reyno, e do Conſelho dElRey D. Sebaſtiaõ, e ſeu Embaixador em Inglaterra, e hum dos homens, que melhor falláraõ a lingua Portugueza, a juizo de todos os Doutos: e aſſim por eſta cauza, como por ſer de hum Rey de ſabios dictames, acerto, e felicidade com que governou Portugal, me pareceo muito conveniente tirallo das trevas do eſquecimento em que eſtava ſepultado; por ſer digniſſimo de ſahir á luz, e andar nas mãos de todos. E ſe antigamente como affirma Plinio, era mais prezada a Corôa de Carvalho, que ſe concedia ao que conſervava a vida de hum Cidadaõ Romano, que as dos mais preciozos metaes; e Seneca diz della: *Nullum ornamentum Principis faſtigio dignius, pulchriuſque eſt, quam illa corona ob cives ſervatos*; com razaõ deve ſer eſtimada eſta minha deligencia; pois com el-

elle ſe conſerva, naõ ſómente a memoria quaſi acabada de tal Cidadaõ; e taõ Illuſtre Eſcriptor; mas ainda a do Governo de hum Principe natural, cujos prudentiſſimos dictames pódem ſervir de exemplo aos melhores Politicos do Mundo.

Da meſma fórma publico o Elogio do Padre Fr. Bernardo de Brito; cuja boa memoria devem venerar os Portuguezes, por ſer hum eſcriptor da noſſa Hiſtoria Portugueza: o qual Elogio devia hir para a primeira parte da Monarchia Luzitana, porém naõ teve effeito, pelo Padre Geral naõ ter tido naquella occaziaõ tempo para dar á execuçaõ o ſeu goſto, que para eſſe effeito o tinha pedido.

E finalmente o Elogio da inclita Cidade de Evora digniſſima de Soberanos Elogios, pois a ella reconhece eſte Reyno o principio da ſua liberdade, e merece por iſſo eternos louvores. O Reverendo Abbade de Pera quiz referir parte deſte Elogio nos ſeus ſucceſſos militares; mas como eſtá alli impreſſo taõ diminuto, e com tantos erros, me pareceo ſe devia publicar na fórma, em que primeiramente foi eſcrito. &c.

Valle.

# AO MUITO ALTO, E MUITO PODEROSO *Rey de Portugal* D. JOAÕ III. *DESTE NOME* PANEGYRICO DE JOAÕ DE BARROS

Anno de 1533

NAÕ ſem cauſa ( muito alto , e muito poderozo Rey , e Senhor ) coſtumavaõ nos tempos antigos , louvar os excellentes homens em ſua prezença , porque dando louvor juſto , e manifeſto ao grande merecimento das peſſoas ; aſſim os preſentes , como os que vieſſem depois , tomaſſem exemplo , e fizeſſem taes obras , com que mereceſſem o meſmo louvor , e para os nomes dos

taes

taes ſer mais celebrados ſohiaõ nas mòres feſtas, e ajuntamentos do povo publicar os taes louvores, que por eſta razaõ chamaraõ Panegyrico, que quer dizer ajuntamento. Com eſte fundamento ás mezas dos Principes, e grandes Senhores ſe cantavaõ antigamente em metro os feitos notaveis dos grandes homens, donde primeiro naſceo a poezia heroica, e ſegundo eu tenho ouvido, ainda neſte tempo os Turcos em ſuas cantigas louvaõ os feitos d'armas, e cavallarias dos ſeus Capitaens, o que ſe foſſe uzado em Eſpanha, e em toda a Europa (ſe me eu naõ engano) mais proveito da tal Muſica naſceria, do que naſce de ſaudoſas cantigas, e trovas namoradas; mas ſe o principal fundamento dos que compõem Chronicas, e eſcrevem as couſas paſſadas, he fallar verdade, ſem duvida a invençaõ do Panegyrico he de mòr authoridade, que outra maneira de hiſtorias; por quanto o Panegyrico faz ſempre fé do que vê, e o repreſenta aos olhos; a hiſtoria pela mòr parte trata do que ouve, e iſto encomenda à memoria; por eſta cauſa, ſegundo o exemplo dos antigos, direi neſte alguma par-

parte das grandes, e Reaes virtudes de V. Alteza, ( empreza por certo digna de mui grande, e alto eſtillo; ) Mas ſe eu naõ puder chegar taõ alto, e as palavras àquem do dezejo, eſpero que me valerà adiante delle, ſer minha vontade tal, que quiz antes porſe ao perigo, que leixar de fazer o que podia. Hum ſó trabalho ſinto neſta obra ſerem tantos os ſeus notaveis feitos, e virtudes, que querendo eu dizer tudo, ſeria mais compor Chronica, que Panegyrico; e naõ leixando parte, naõ ſatisfaria a meu dezejo.

Mas em fim deſtes dous contrarios hei por mais ſeguro leixar muita parte para outro tempo, buſcando brevidade na copia por naõ exceder o modo, pelo qual naõ me deterei aqui em contar as grandes virtudes, que logo moſtrou do começo de ſua mocidade atè o principio de ſeu Reinado; leixarei de eſcrever com quanta prudencia, com quanto esforço, depois do falecimento do mui victoriozo, e de bemaventurada memoria ElRey D. Manoel ſeu Pai levou àvante a Conquiſta, e Navegaçaõ da India, deſcobrindo novos mares, novas

novas terras, novas eſtrellas, dando materias de couſas taõ notaveis aos livros dos Coſmografos, paſſando àlem da memoria de todas as hiſtorias, e fabulas, eſtendendo ſuas bandeiras na mais derradeira parte do Oriente, ſaõ certo eſtas couſas dignas de immortal memoria, e lembrança para ſempre; mas a tençaõ da obra prezente naõ poderà com tanto pezo; tempo virà (ſe me o dezejo naõ engana) em que poſſa dizer tudo (ſegundo requere taõ alta empreza,) e meu engenho, quanto elle for a iſto ſó eſtà offerecido em latim, em linguagem, em proza, e metro louvar ſempre as grandes victorias deſtes Reynos, os quaes neſte tempo ſaõ mais bemaventurados, que nunca foraõ; e porque neſta eſperança vivo, e ella me ſoſtem, em quanto ſe me naõ offerece mòr occaſiaõ, ao menos enganarei meu appetite com eſtes começos, e repreſentarei neſte Panegyrico alguma parte das virtudes de V. Alteza, por onde facilmente ſe poſſa ver, quantas, e quam grandes o ſaõ as outras, que nelle hà.

Antre as virtudes de que Principes, e Governadores das Reſpublicas tem mór ne-

neceſſidade, para deſcanſo. e conſervaçaõ de ſeos eſtados, ſempre o primeiro lugar foi dado á Juſtiça, e iſto com muita razaõ, porque ſendo Deos perfeita Juſtiça, os Reys que por elle ſaõ ordenados, e cujo poder repreſentaõ, a elle ſoo em tudo devem ſeguir, e delle (como excellente pintura) tomar o debuxo, que cumpre a perfeiçaõ de ſeu enſino; pois ſe bem olharmos quam juſtamente eſtes Reynos ſaõ governados por V. Alteza, e quanto do principio do ſeu Reinado trabalhou ſempre por apurar cada dia mais eſta parte, certo ſaõ que com grande trabalho poderiamos achar algum Principe, que com elle neſte tempo ſe podeſſe comparar: he virtude por ſi mui grande fazer, como faz, a todos juſtiça igual ſem affeiçaõ de peſſoas, determinar tantos negocios, e dar grandes ſentenças ſem eſcandalo de ninguem, mas olhando de quam pequena idade iſto começou, que muitos Principes no cabo de ſua vida naõ puderaõ alcançar, vem iſto a ſer tanto mòr virtude, que naõ ha louvor tamanho, que com muita razaõ lhe naõ poſſa, e deva ſer dado; outros Principes, ou ſendo velhos, ou depois

pois de longa experiencia acabaraõ de ſaber governar, V. Alteza no começo do ſeu Reinado, ſendo pouco mais de dezanove annos em tanta juſtiça governou, e procurou o bem, e deſcanſo de ſeu povo, como ſe longa pratica. e coſtume de muitos annos o tiveraõ já enſinado.

Com muita razaõ digo iſto, pois por minha boa ſórte ſaõ hum daquelles que ſe lograõ deſte tamanho bem, e ſe cumpre, o Rey foi verdadeiramente julgado pelo povo, e o povo pelo Rey; porque aſſim como os que pintaõ as terras pelo natural para contemplarem o ſitio dos lugares altos ſe poem no baixo; e polo contrario para olharem os baixos ſe poem no alto, aſſim para conhecer bem a natureza dos povos convem ſer Principe, e para conhecer a dos Principes convem ſer do povo; nem hei medo, que me chame ninguem lizongeiro, ſendo a verdade, e conſentimento da minha banda, e aproveitando-ſe todos do bem, que digo; iſto quanto he mais raro, e menos já ſe uſa, tanto mais ſe devem chamar ditoſos os ſubditos de V. Alteza. Que direi da continua vigia,

que

que uſa nas couſas de juſtiça, com quanto conſelho, com quanta prudencia ſem cançar nunca, peza tudo em balança igual, hora as couſas mais pequenas, mandando julgar a ſeus Letrados, hora as maiores, determinando em ſua preſença, às vezes inventando novas, e mui proveitoſas Leys à ſua Republiça, outra hora emendando, e corregendo as naõ boas, chamando Letrados com grandes premios, ordenando Officiaes novos para mais cumprimento de juſtiça, e os mòres carregos dando aos melhores, ſem duvida eſte he o verdadeiro officio de Rey, e pai geral de todos.

Iſto he o que Deos, e noſſa Santa Fè encomenda aos Principes, como verdadeiramente dizem os Filiſofos. Reinado he officio de muita vigia, e trabalho, nem deve nunca o bom Rey eſtar ocioſo, mas aſſim como o Sol por dar claridade ao mundo nunca eſtà quieto, aſſim o Principe por fazer juſtiça ao povo ſempre deve ſer occupado. Leſe do Emperador Ceſar Octaviano, que com muito cuidado de noite, e de dia deſpachava as couſas de juſtiça, e do Emperador Trajano ſe conta o meſmo, tanto que pa-

parecia, que cada dia hum delles descançava com este trabalho. E tinha ElRey Ciro, que o bom Principe naõ havia levar ventagem a seus Vassallos em boa vida, se naõ em muito trabalho para cumprimento de justiça: com o mesmo respeito sóhia dizer Alexandre Magno, que o bom Rey devia sempre ter huma orelha aberta para quem quizesse accusar, e outra guardada para quem era accusado, e assim dizia que o melhor verso de quantos Homero (Poeta Grego) fizera, era hum em que ElRey Agamenon era gabado de bom Cavalleiro, e justiçoso.

Aquelle Principe com muita razaõ deve ser chamado excellente, que dà o seu a cada hum (que este he o principal officio da justiça) e que ouve, e despaçha bem as partes, e que vive segundo as Leys, que elle mesmo ordena, e ha por boas, nem pode dar muita authoridade ao direito quem em si o naõ quer cumprir inteiramente; por isso quer Platão, que o Principe obedeça em tudo às suas Leys; e diz que onde a Ley he sugeita ao Rey, e naõ o Rey a ley, se deve recear, que aquelle Reyno se perca

ca mui azinha; porque quando governa a ley, governa Deos (o que naõ pode ſer ſe tudo manda pelos apetites de hum homem) mas quanto deſviado V. Alteza ſeja deſte mal, notorio he a todo o mundo, o qual ſómente governa os ſeus Reynos, com tanto cuidado de juſtiça, como ſe todas foſſem ſua propria Caſa, mas ainda ſe moſtra taõ juſto, e obediente às ſuas leys, que naõ menos aproveita com o virtuoſo exemplo, que de ſi nos dà, que com a execuçaõ dellas, e faz iſto aſſim por ſua inclinaçaõ ſer em tudo ſanta, e mui chegada a Deos, como por ſaber certo, que quem ha de governar a muitos, e como diz Homero: quem ha de ſer Paſtoral de ſeu povo, cumprelhe ſer limpo, e afaſtado de todo o vicio, e aſſim como nenhuma couſa mais aproveita ao povo, que o bom exemplo do Principe; aſſim naõ hà couſa mais prejudicial ao Vaſſallo, que o màò coſtume, ou defeito do Senhor; porque eſte tanto mais aſinha ſe aprende, que o bem, quanto os homens ſaõ mais inclinados ao mal, e finalmente ſempre ſe vio aſſi como as ondas do mar ſeguem o vento aſſi o povo ſeguir as manhas do Principe.

Os

Os coſtumes de quem manda (ſendo a peſſoa illuſtre) quer bons, quer máos, mal ſe podem eſconder, antes faraõ todos os Reys conta, que eſtaõ poſtos em hum lugar alto, como atalaia donde vem, e ſaõ viſtos de todo o povo, e ſe me deſſem a eſcolher, tomaria antes no Principe màs leys com bom exemplo, que naõ máo exemplo com ſantas ordenaçoens; e naõ fora taõ louvado Cataõ Uticence de bom Cavalleiro, ſe a iſto naõ ajuntara grande perfeiçaõ de vida, a qual em tudo foi heroica. Contaõ delle, que em todalas couſas guardou ſingular temperança, e ſeguio a natureza, e teve ſua vida offerecida ao bem da patria, nem lhe parecia, que naſcera ſaõ para ſi, ſenaõ para todo o mundo, foi Conſervador de toda a juſtiça, e honeſtidade; pois ſe Cataõ Cidadaõ de Roma por dar bom exemplo de ſi, conſervando a juſtiça, e leys de ſua Cidade mereceo louvor immortal, que gloria deve ſer a de V. Alteza, governando taõ ſanta, e juſtamente tantos povos, e deſvairadas Provincias, aproveitando com ſeu exemplo a tantas gentes, que delle (como de ſeu natural Rey, e Senhor)

o folgaõ de tomar : ſem duvida tanto mais louvor merece, quanto ſempre foi mór a fama de bom Principe, que da peſſoa particular. Era Cataõ juſto, porèm aſpero em toda a adminiſtraçaõ da Republica, por onde era mais louvado, que bem quiſto, V. Alteza ſempre temperou ſua Real gravidade com muita humanidade, e clemencia, de tal maneira ſoube ajuntar couſas em ſi taõ differentes que nem por ſer muito brando leixa de ſer temido, nem por ſer muito grave leixa de ſer amado.

Naõ ſe deve louvar no Principe condiçaõ aſpera, nem he digno de louvor o que Cambyſes Rey de Perſia fez, o qual achando que hum ſeu Juiz dera huma ſentença contra direito, o mandou eſfollar, e da pelle fez cubrir a ſéde, em que eſtando aſſentado dera a tal ſentança, e nella mandou ſentar hum filho do meſmo Juiz, dando-lhe a vara, e officio de ſeu Pai. Foi pola ventura a tençaõ d'ElRey Cambyſes boa, mas por o exemplo ſer taõ aſpero, pareceo o que fizera ſer mais injuria, que juſtiça.

Tambem ſe deve guardar o Principe, que naõ ſeja taõ brando, e de boa

condiçaõ, que ſe perca o acatamento devido á Mageſtade Real, de que naſcem ao Reyno grandes males: tal foi o Emperador Nerva na Cidade de Roma, que ſendo demaſiadamente brando, veio a cahir em deſprezo da mór parte do povo, e ſe naõ perfilhara a Trajano, perdera-ſe, o meſmo caminho levou neſte Reino ElRei D. Sancho o que chamaraõ o Capello, mas porque a todos he notorio quantos males de ſua muita brandura naſceraõ. He eſcuſado dizelos eu; poriſſo quem no Regimento da juſtiça tomar o meio, e fugir dos extremos, como V. Alteza mui prudentemente faz, eſte ſem duvida ſerá julgado por excellente.

Eu naõ digo, que naõ temaõ os ſubditos ſeu Principe, mas iſto ſeja de maneira que da muita rigoridade naõ poſſa naſcer algum eſcandalo, e deſte inconveniente por nenhuma via mais facilmente o bom Rey ſe pode deſviar, que tirando as occaſioens dos males, e querendo antes ter maneira com que naõ errem ſeus Vaſſallos, que ſer diligente em os caſtigos, depois que erraõ. Naõ ha de haver no Principe affeiçaõ, nem

reſ-

reſpeito particular de peſſoa, quanto; à juſtiça, e fazendo-o aſſim Ceſar Octaviano foi adorado em ſua vida, e mereceo, que diſſeſſem delle depois da ſua morte aquellas palavras taõ nomeadas; provera a Deos, Octaviano, que nunca naſceras, ou nunca morreras? Eſcreve-ſe do meſmo, que foi taõ juſto, que huma ſó filha, que tinha, por nome Julia, deſterrou por ſer deshoneſta, e muitas couſas de màO exemplo emendou, ſó olhando ao bem commum, teve muitos privados grandes Senhores, mas de tal maneira foraõ ſeus privados, que ſempre viveraõ ſogeitos, e obedientes ás leys, e ordenaçoens da Republica Romana.

Bem ſe deve cuidar, tamanho contentamento ſerá o deſtes Reinos, vendo que V. Alteza noſſo natural Rey, e Senhor, com tanta razaõ pòde ſer comparado com taõ excellentes Principes; mas naõ ha louvor, que naõ mereça, quem traz todos ſeus penſamentos em Deos. Eſte he a verdadeira ley, e deſte naſce a verdadeira juſtiça, a qual entaõ ſe pòde chamar perfeita; quando toma por ſeu fundamento noſſa Santa Fè,

daqui vem que as leys de Moyſès foraõ mui Santas, porque o ſeu fim era em Deos, e pelo contrario entre as leys dos Gentios muitas ſe achaõ injuſtas, e pouco honeſtas, porque carecendo os que as ordenavaõ do verdadeiro conhecimento de Deos, ſe moviaõ por huma cega opiniaõ, e eraõ guiados de hum falſo proveito, e vangloria deſte Mundo; muitos Principes ſeguindo algum ſeu particular intereſſe enganaraõ o povo, fingindo que eraõ juſtos. Elle naõ quer outro premio, nem gallardaõ da virtude, que a ella meſma, e ſendo ſeu natural taõ juſto, como he, naõ pòde caber nelle fingimento algum de o ſer. Como eſte Santo zelo tira as occaſioens das falſas e longas demandas, que pela mòr parte, ſaõ cauſa de odios, e eſcandalos, e trabalha por apurar todas as partes da juſtiça, ſendo ella de tanto merecimento, que naõ ſòmente ajuda Deos aos Principes Catholicos (ſe a bem guardaõ) mas ainda ſe acha, que ajudou a muitos Reys generoſos, que delle naõ tiveraõ conhecimento.

Notorio he a quem lè pola Sagrada Eſcriptura, quam juſto foi ElRey David; quam aceito a Deos por eſta parte,

te, e quantas victorias ouve, e assim Jozaphat Rey de Judà foi Principe justo, e semelhante a David; este ordenando, e pondo de novo Juizes em todas as Cidades do seu Reyno lhes encomendou, que em nenhuma cousa entendessem, salvo em fazer a todos igual justiça, sem ter respeito algum, nem á riqueza, nem á Fidalguia, lembrando-lhes que a Deos naõ podiaõ esconder nada do que fizessem. Elegeo Juizes em Jerusalem dos Sacerdotes, e Levitas, e principaes do povo, e lhes mandou, que se as outras Cidades lhes pedissem conselho, lhes respondessem com muito zelo o que vissem ser justiça; por quanto era muita rezaõ, que o parecer dos Juizes fosse justo naquella Cidade, onde o Templo de Deos estava; por esta causa, e pelo grande amor, que tinha a Deos mereceo vencer os Moabitas, alevantando-se entre elles no seu arrayal hum tamanho alvoroço, que huns com outros sem nenhuma causa evidente se matavaõ, entaõ os Sacerdotes dos Judeos tocaraõ as Trombetas, e os Levitas cantando davaõ graças a Deos, os Moabitas com grande espanto fugiaõ, e lhes parecia, que toda a gente do Mundo

do hia em ſeu alçance com muito arruido d'armas, vozes deſvairadas, multidaõ de carros, e ſom de Trombetas, e aſſim os Judeos ſem nenhum trabalho ouveraõ glorioſa victoria contra tamanho, e taõ poderoſo Exercito. Por certo grandes mercés faz Deos aos Principes que inteiramente guardaõ juſtiça, e da maneira que aos taes favorece muito, aſſi ſóe dar grandes caſtigos aos que vaõ contra ella.

Eſcreve-ſe de Sedechias, Rey do Tribu de Judà, que quiz mal à juſtiça, foi ſoberbo, e amigo de màos homens, por onde vindo muitas vezes a elle o Profeta Jeremias, o amoeſtava, que ſe lembraſſe de Deos, e naõ ſe governaſſe por màos homens, nem leixaſſe enganar por informaçoens de falſos Profetas, e El-Rey em quanto iſto ouvia, conhecia a verdade, e conſentia nella, mas partido o Profeta tornava a ſer o que era de antes. Naõ muito depois veio Nabucodonoſor com grão poder ſobre elle, e o venceo, e levou prezo a Babilonia, onde morreo deshonradamente; tambem os Reys de Samaria, por fazerem pouca juſtiça, e deſprezarem o verdedeiro Deos,

os

os mais delles Reynavaõ, e haviaõ no cabo màò fim, atè que ſuccedeo ElRey Joza em tempo de Eliſeo Profeta, que por ſer Principe juſto, e temente a Deos mereceo aver vitoria contra os Syrios; taõ aceita he a Deos eſta virtude, que por mais culpas, que precedaõ, ſe eſquece dos erros paſſados; e tem reſpeito ao merecimento preſente. Naõ tinha todalas boas partes de bom Principe ElRey Herodes, filho de Antipatro, com tudo porque favoreceo a juſtiça, foraõ ſuas couſas avante, e viveo porſperamente longos dias; fez huma Ordenaçaõ, que os ladroens que ſe achaſſem, foſſem vendidos por eſcravos e dizem que andava denoite deſconhecido, eſcuitando o que ſe fallava delle, e de ſeu Reynado.

Da meſma opiniaõ era Hircano Principe dos Sacerdotes. filho de Simaõ Macabeo, e ſendo diſcipulo dos Fariſeos, que naquelle tempo tinhaõ grande authoridade, lhes dizia que elles ſabiaõ bem que ſua tençaõ era fazer juſtiça com que ſervindo a Deos, a elles tambem contentaſſe por tanto lhes rogava, e encomendava muito, que ſe em alguma couſa o viſſem errar, o quizeſſem emmendar, e

tor-

tornar a bom caminho, e naõ ſómente eſta virtude he mui aceita a Deos, mas foi ſempre taõ eſtimada entre os Principes Gentios que por ſerem juſtos foraõ avidos por Deozes, como ſe eſcreve de Adezer, e Azael Reys de Damaſco, os quaes por eſte reſpeito foraõ adorados em toda a Syria, e ainda em tempo de Jozefo hiſtoriador, que foi depois de mil annos, em todalas feſtas que ſe faziaõ em Damaſco, as imagens deſtes ſe moſtravaõ ao povo com muita veneraçaõ: por certo muito merece eſta virtude; por àlém de ſe repreſentar nella o poder de Deos, quem a tirar dantre os homens, tirarà todo o deſcanço, toda a paz, todo o ſoſſego; e ſendo eſta a principal couſa de que as Reſpublicas tiveraõ neceſſidade, huns antigamente ſem fazerem leys ſe governavaõ por bons coſtumes, que antre ſi com muita diligencia guardavaõ, outros faziaõ leys por onde viviaõ.

Com tudo acho eu, que os coſtumes foraõ mais antigos, que as leys: em tempo do Poeta Homero, ainda entre os Gregos naõ avia leys, nem ſe acha tal nome em todalas obras que fez, ſómente ſe governava o povo pelas determinaçoens,

ens, e vontades dos Principes, que ſe applicavaõ aos eſquecimentos, ſem outra maneira de eſcriptura. Os Lacedemonios, e Cretenſes por coſtumes ſe governavaõ. Os Athenienſes, e outros Gregos ſe aproveitaraõ mais das leys, polo qual Moyſés dador da Santiſſima ley do Teſtamento Velho, vendo que leys, e bons coſtumes eraõ neceſſarios para a conſervaçaõ da boa Republica, a eſtas couſas ambas teve reſpeito, e ſe aproveitou dellas com grande ſeu louvor.

Dizem alguns, que Roma foi huma Cidade de tanta confuſaõ, que ſe a ventura a naõ favorecera, ella por ſi fora fraca, e ficàra abaixo doutras muitas Republicas. Eu naõ poſſo negar, que ventura, e cavallaria, naõ foſſem muita cauſa do Imperio Romano, mas pareceme, que aonde ſe trataõ bem as couſas da Guerra, cumpre que haja boa ordem, e que onde ha boa ordem naõ pòde leixar de haver juſtiça, e porque os Filoſafos tem que a boa Republica he partida em tres Eſtados, que ſaõ principaes, nobres, e povo; quem bem olhar achará que a Cidade de Roma, antes de ſer tyranizada, era fundada neſtas tres par-

partes, porque aos principaes reſpondem os Conſules, aos nobres os Senadores, e ao povo os Tribunos; naõ podèra creſcer tamanho Imperio, nem conſervarſe tantos annos ſem perfeita adminiſtraçaõ da Juſtiça, e ella ſó foi cauſa de tantos bons exemplos, quantos muitos Romanos deraõ de ſi, e ſempre ſe vio os bons exemplos naſcerem da boa criança, a boa criança das boas leys, finalmente as boas leys dos bons Principes.

Se o Imperio do Oriente, que durava em Conſtantinopla, perſeveràra em fazer juſtiça, e no amor de Deos, naõ creo eu que Deos permitira (ſe licito porèm me he julgar das couſas divinas) ſer vencido, e tantos annos ha ſogigado polo Turco, e ſe polo contrario alguma couſa hoje conſerva a potencia dos Turcos, ſendo infieis, e havendo entre elles tantos vicios, he o grande cuidado, que tem de muitas partes da juſtiça. Em tempo de Miguel primeiro da Caza Paleologa Emperador de Conſtantinopla, avendo quatro Senhores Turcos em Anatolia, e querendo com medo dos Chriſtãos fazerem-ſe mais fortes, elegeraõ por Senhor geral de todos a Othomano; eſte foi Prin-

ci-

cipe juſto entre elles, e fez muitas leys, que hoje ſe guardaõ na Turquia, por onde ainda neſtes tempos, quando elegem Grão Turco, lhe dizem: *Queira Deos, que em bondade ſejas igual a Othomano.* Faz-ſe na Turquia muita juſtiça, a gente pobre que ſe agrava faz petiçaõ que elles chamaõ Roca, a qual poſta ſobre huma cana ſe offerece ao Grão Turco, quando paſſa: elle a toma, e mete no ſeu turbante, que aſſim chamaõ os Turcos à fita, ou touca que trazem na Cabeça, e como ſe recolhe à ſua Camara deſpacha logo.

Eu bem vejo, que a juſtiça do Turco he tiranica, e acellerada, tanto que ſegundo dizem, a mòr cauſa civel he deſpachada polo ſeu Cadij (que he antre elles como Alcayde Mòr) em tres horas, toda via com tal execuçaõ, e meios, poſto que ſejaõ aſperos os Turcos, conſeguem o fim, e proveito della, que he viverem em muita paz. e ſoſſego comum, por ſerem os Turcos obedientes, e fazerem o que lhes mandaõ, ſaõ bons Cavalleiros, e ſofrem muito o trabalho, poſto que neſte tempo, pola continuaçaõ da boa vida, naõ ſaõ taõ valentes,

tes, como ſohiaõ: couſa natural he as couſas pouco, e pouco hirem minguando atè de todo ſe acabarem; he certo couſa para notar, caſtigar Deos a muita ſem juſtiça dos Gregos com a tirania dos Turcos; quem naõ ſabe quantos males vieraõ aos Principes, que naõ ſe lembraraõ de huma couſa taõ neceſſaria para a vida comum? De maneira que ſe jà naõ pòde achar mais certo caminho da perdiçaõ de hum Eſtado. Aſſi como o principal proveito da juſtiça he boa paz, aſi mais vezes caſtiga Deos o contrario com guerra, e deſtruiçaõ; e perda de Cidades, e Reinos, por iſſo muitos Principes Gentios, que naõ tiveraõ conhecimento da verdadeira ley, e indo contra eſta virtude foraõ gravemente punidos, quanto mais o devem ſer os Chriſtãos, a que particularmente toca eſta obrigaçaõ por ſer noſſa Santa Fé toda fundada em juſtiça, ou mais verdadeiramente fallando, a meſma juſtiça, por ſerem injuſtos os Aſſyrios foraõ vencidos dos Medos, e os Medos dos Perſas, e os Perſas dos Gregos, e os Gregos dos Romanos, aſſi muitos outros Reynos por eſta cauſa ſe perderaõ,

mas

mas ſe bem queremos olhar, acharemos que muito mòres males padeceraõ os Judeos no tempo do Teſtamento velho; e depois por eſta cauſa, os Chriſtãos, e naõ foi iſto ſem razaõ, que tanto mais aſpera devia ſer a pena; quanto mais obrigados eraõ a fazer o que deviaõ polo conhecimento, que tinhaõ de Deos, e da ſua Ley.

Quem poderia contar ſem muitas lagrimas os açoutes, que Deos mandou á Chriſtandade polos Godos, Oſtrogodos, Alanos, e toda outra geraçaõ dos barbaros, os quaes partidos da terra fria, que he debaixo do Norte: como huma grande tormenta allagaraõ quaſi todalas provincias da Europa; e por me naõ deter nos outros, direi brevemente dos Hunnos: eſtes ſahindo da Tartaria com tres Capitaens, Cheme, Chadrichia, e Bela, chegaraõ ao Reyno de Ungria, e o tomaraõ, lançando os Longobardos, que o tinhaõ occupado; naõ muito depois falleſcendo todos tres; foi alevantado Athyla por Rey dos Hunnos, que foi taõ crú, e fez tanto eſtrago na Chriſtandade, que com muita rezaõ mereceo ſer chamado açoute de Deos; matou as

on-

onze mil Virgens, venceo, e deſtrüio Alemanha, França, Italia; pellejou nos Campos Cathalonicos, que ſaõ em França, com Echio nobre Capitaõ Romano, e Moroueo, que foi o III. Rey de França, e juntamente com Theodorico Rey dos Godos, na qual batalha foraõ mortos cento, e oitenta mil homens, por onde quer que Athyla paſſava, tudo era fogo, e ſangue, em cada parte eraõ ouvidos choros, prantos, e lamentaçoens, eraõ treſpaſſados com feridas crueis os meninos de mama dentro dos braços das Mãis, os Santos Sacerdotes, e devotos Religioſos recebiaõ martirio diante dos Altares, o Sangue das Virgens, e innocentes corria em todo o cabo, naõ havia couſa ſegura, nem que a tanto mal reſiſtir pudeſſe; conta-ſe deſte cruel tirano, que entrando por força na Cidade de Aquilea, que eſtà perto de Veneza, huma molher nobre de eſtremada formoſura, ſe lançou dos muros abaixo em huma ribeira mui alta, por naõ vir às mãos do vencedor; e outros que daqui eſcaparaõ com medo dos barbaros, que daquella parte ſohiaõ a entrar em Italia, leixando Aquilea, ſe paſſaraõ a huma pe-

que-

quena Ilha, onde entaõ foi primeiramente fundada a Cidade de Veneza, e ſendo os Chriſtãos taõ atormentados, como eraõ, todavia ceſſava a ira de Deos, porque naõ ceſſava a culpa da ſem juſtiça.

Naõ ſei para que buſcamos exemplos de fóra? Tragamos à memoria a deſtruiçaõ de Heſpanha; e veremos, que a ſem juſtiça delRey Rodrigo derradeiro Rey dos Godos foi cauſa de tanto mal. Caſtiga Deos as mais vezes os Chriſtãos por gentes infieis, e barbaros, ou por Chriſtãos de mà vida, e coſtumes abominaveis, e torpes. Hereges eraõ os que foraõ chamados Adamitas, viviaõ em Comunidade, andavaõ nùs, moravaõ em Covas, e havia entre elles muito torpes, e deshoneſtos coſtumes, com tudo por homens de taõ màõ viver permitio Deos, que foſſe vencido em batalha campal Sigiſmundo Emperador de Alemanha, e Rey de Ungria; mas quando da ſem juſtiça ſe naõ ſeguiſſem outros males, devia de baſtar verem todos claramente quam vituperada foi ſempre a memoria dos que cahiraõ neſta culpa, e queria, que me diſſeſſem, que màr gloria podia ſer a do Emperador Trajano, e que màr mo-

fi-

fina, que a de Nero? Que aproveitou a Federico II. deſte nome, ſendo taõ mào homem, como foi, ſer Emperador de Alemanha, ſer Rey de Sicilia, e herdar o direito do Reyno de Jeruſalem, caſando com huma filha de Joaõ de Brenha derradeiro Rey della, donde todolos Reys de Sicilia dahi por diante tomaraõ eſte titulo? Foraõ eſtas grandes honras, e as mòres, que entre os Chriſtãos ſe podiaõ dar, com tudo por ſer Federico taõ mào Emperador, naõ ſómente naõ deraõ luſtro à memoria, que delle ficou, antes tanto mòr nodoa lhe puzeraõ, quanto os defeitos dos Principes ſe vem, e ſabem melhor, que os dos outros homens; qual homem juſto, e de boa razaõ aceitaria o eſtado deſte com ſua mà fama, ſendo como foi mui contrario, e grande inimigo da Igreja Romana, mandando matar hum ſeu proprio filho por nome Henrique, por ſentir nelle, que era bom, e differente de ſeus màos coſtumes; dando começo aos bandos dos Guelfos, e Gibilinos, que hoje em dia duraõ em Italia, e Guelfo, e Gibilino ſaõ nomes Alemães, que ſegundo ſe eſcreve, foraõ poſtos na Cidade de Piſ-

toya, e dizem, que andava eſte Emperador correndo as Cidades de Italia, Villas, e lugares, e os que achava de ſua banda contra o Papa, e Venezianos, chamava Gibilinos, e os contrarios Guelfos; emfim naõ ſe contentando com ſer, em quanto viveo, tirano, mas ſameando couſas de tanto, damno, odio, e differenças para ſempre nos povos de Italia.

Mas claro he a todos, quam aceita virtude a Deos, e ao mundo, e quam proveitoſa as Reſpublicas, he a juſtiça, e polo contrario, quantos, e quam grandes males naſcem da ſemjuſtiça; por iſſo que Panegyrico, que louvor naõ merecerà V. Alteza obrando taõ perfeitamente do começo de ſeu Reynado, todalas couſas, que tocaõ a taõ eſtremada virtude? Naõ baſtaõ forças humanas a dar igual louvor, ou premio a taõ alto merecimento, poſto que o verdadeiro deve eſperar de Deos, do qual jà tem conſeguido hum dos móres bens, que da juſtiça naſcem; eſte he ter em muita paz, e tranquilidade os ſeus Reynos, quanta pola ventura nos outros Reynos Chriſtãos de muitos annos a eſta parte naõ houve. Plino em hum ſeu Panegyrico, que fez ao Empe-

rador Trajano diz, que entaõ ſe poderaõ chamar os Reynos, e Republicas bemaventuradas, quando ſe der galardaõ à virtude, e os bons forem eſtimados, e os màos naõ forem temidos, mas eſtes taõ grandes bens, que naſcem do Principe, ou da Republica juſta, melhor ſe moſtraõ nos tempos da paz, que da guerra, porque ainda que ſe a guerra trate, como deva, com tudo naõ ſendo os tempos quietos, mal ſe podem de todo refrear os appetites dos homens, e por iſſo naõ hà tempo em que ſe aſſi poſſa uſar toda a virtude, como no da paz: eſta para ſer firme, e qual cumpre ao verdadeiro eſtado das Republicas, he neceſſario, que tenha ſeu fundamento na juſtiça, ſem a qual naõ hà couſa ſegura, nem que poſſa durar muito.

Dizem as noſſas Chronicas, que El-Rey D. Pedro de Portugal voſſo IV. Avô, filho delRey D. Afonſo, a quem chamaraõ do Salado, foi Principe juſto, por onde ainda que ſua juſtiça pareceſſe hum pouco aſpera, teve ſeu Reyno em tanta paz, e foi tambem quiſto do povo, que ſegundo a voz geral, nunca ſe viraõ taes dez annos; naõ aconteceo aſſim no meſmo

mo tempo a ElRey D. Pedro de Caſtella, o qual por ſua ſemjuſtiça, e crueſa a poz toda em revolta, e lhe foi neceſſario ſahir do ſeu Reyno deshonradamente, e paſſar-ſe a Inglaterra; mas poſto que da juſtiça venha paz, e da ſemjuſtiça naſçaõ odios, e differenças, naõ leixa V. Alteza de ter reſpeito particular à paz, e de tal maneira ſe reparte em cada virtude por ſi, que ſendo geral em todas, he perfeito em cada huma. Quem poderà dizer, com quanta prudencia, com quanto zelo, tendo guerra entre ſi a mòr parte dos Principes Chriſtãos, elle como verdadeiro Pai de todo o ſeu povo procurou a paz univerſal deſtes Reynos, naõ leixando couſa alguma, por onde viveſſemos deſcançados; favoreceo Deos eſte ſeu taõ virtuoſo zelo, e quiz que em tempos taõ trabalhoſos nos pudeſſemos lograr de hum taõ proveitoſo, e dezejado bem, naõ hà no mundo triunfo, nem victoria, que ſe poſſa comparar com os bens da verdadeira paz, por tanto pelejem de huma parte os Reys Chriſtãos, e tenhaõ guerra huns com os outros, vaõ contra a paz, que N. Senhor tanto encomendou a ſeus Diſcipulos, e em ſeu nome a toda

Igreja Catholica, vinguem ſuas paixoens à cuſta do ſangue de ſeus vaſſallos; façaõ em pedaços a Veſtidura de Chriſto, em que naõ hà coſtura, nem diviſaõ; V. Alteza da outra parte proſiga, como faz, ſua mui ſancta tençaõ, faça guerra aos Infieis, e Mouros d'Africa; e movido do ſantiſſimo zelo converta Ethiopia, e Arabia, Perſia, e India à verdadeira Fè de Chriſto.

Saõ por certo eſtas tençoens, e obras entre ſi mui differentes, mas bem claro eſtà quanta razaõ elle tem de ſe naõ arrepender das ſuas, nem do que atèqui tem feito. Que deſcanço, ou que contentamento pode haver no Reyno, ou Republica, onde naõ hà paz? Por iſſo aſſi, como o fim do bom Piloto he fazer proſpera viagem, e do Medico dar ſaude, e do Capitaõ alcançar vitoria; aſſi do bom Principe he conſervar a vida, e deſcanço de ſeus Vaſſallos, a qual couſa em tempo de guerra naõ pode ſer; alegre parece a guerra de fóra, mas quem a experimenta, eſte conhece bem os trabalhos de huma, e os bens da outra, porque aſſi como na doença ſe conhece o bem da ſaude, e na tormenta do mar o

bem

bem da terra, aſſi naõ ha tempo em que melhor ſe julgue, entenda o bem da paz, que quando ſe carece della. Se a hum homem que nunca ouviſſe fallar em armas, nem tiveſſe alguma experiencia dellas, ſupitamente foſſe moſtrado o apparato de dous grandes Exercitos, por mar, e por terra, ordenados para ſe darem batalha, e viſſe os famoſos penachos, as armas reluzentes, a multidaõ dos Cavallos, a ordenança de gente de pè, toda bem diſpoſta, e preſtes para pelejar; as bandeiras, os eſquadroens em ſeu concerto: doutra parte viſſe no mar muitas Nàos, e Galeoens, com muita gente bem armada cubertas de fermoſas bandeiras rodeadas de paveſes, e cercada de toda a ſorte de artelharia, ſem duvida quem quer que iſto viſſe, naõ ſabendo mais nada, naõ cuido eu que receaſſe de ſe meter entre elles, e lhe pareceria, que via a mais fermoſa couſa do mundo; mas ſe depois de travada, e mui cruamente ferida a batalha, eſte meſmo ſentiſe, e viſſe com ſeus olhos o grande ruido, e eſtrondo das armas, a grita da gente, os golpes, e tiros d' artelharia, a multidaõ dos mortos,

tos, corpos eſpedaçados, ais, e gemidos dos feridos outros ſerem pizados dos Cavallos, a confuſaõ, o medo, e o eſpanto da morte preſente, e aſſi viſſe no mar as Nàos, e Galeoens arrombadas de tiros de fogo, humas dellas hirem-ſe ao fundo, outras arderem em fogo, e chamas de alcatraõ as ondas vermelhas com ſangue, o fumo da polvora, os homens lançarem-ſe ao mar, e afogarem-ſe.

Quem iſto tudo bem, viſſe bem creio eu, que eſcolheſſe antes a paz, que a guerra, e que, tomaſſe antes por partido viver em deſcançada, e ſegura paz de baixo da obediencia de hum Principe juſto, que naõ querer arriſcar-ſe a tamanhos perigos por huma moſtra falſa, e engano d'olhos, e eſperança incerta de victoria; naõ ſe devem julgar as couſas polo appetite, ſenaõ pola razaõ. Quem iſto aſſi fizer, verà quanto mais val o deſcanço da boa paz, que o ſobejo exercicio das armas, porque poſto que ellas prometaõ victorias, ou a guerra em ſi he de todo injuſta, e naõ pertence ao Principe Chriſtão, ou tem muitos inconvenientes, que della pòdem naſcer que devem todos ſer olhados primei-

meiro que nada ſe cometa; por quanto os começos da guerra eſtaõ em noſſo poder, e os cabos naõ, eu naõ, entendo aqui da que ſe faz aos infieis, e inimigos de noſſa Santa Fè; porque eſta, ſendo juſta, he proveitoſa, e traz grande louvor ao Rey Chriſtão; mas toda a outra ſorte della, que agora ſe uſa, mais do neceſſario, naõ ſendo em defenſaõ da Patria, ſe deve muito fogir, e eſtranhar. Quem naõ ſabe quam neceſſaria foi a guerra que ElRey D. Joaõ I. deſte nome teve com Caſtella pola defenſaõ, e liberdade deſtes Reynos?

Com tudo foi provada a victoria por tantos males, que os taes tempos ſoem trazer conſigo, e por tanto ſangue da gente Portugueza, que ſegundo ouvi dizer, faltou mais da terceira parte da que ſohia d'aver, e eu tenho achado em Eſcriptura authentica, que naquelle tempo naõ ficaraõ mais na Villa de Monforte que doze peſſoas, avendo dantes duas mil, e em Arronches huma ſò; pois ſe as perdas que em guerra taõ juſta ſe ſentiraõ, toda via fizeraõ ao Reyno tanta falta, e foraõ cauſa de tantas lagrimas, e dezamparo, quanto ſe devem guardar os

Prin-

Principes d'a cometerem nunca, naõ tendo para iſſo juſta cauſa, e grande neceſſidade? E naõ ſei eu, que conta os Reys daráõ a Deos da vida de ſeus vaſſallos, a que elles por mui leves cauſas, e ſómente por ſeguirem ſeus apetites, foraõ cauſa da morte. Naõ foraõ os Reys ordenados por Deos para humicidas de ſeu povo; mas para o defenderem, e ampararem, nem devem taõ pouco eſtimar as vidas dos homens, os que naõ tem poder nas almas depois da morte: naõ ha guerra taõ proſpera, nem taõ vitorioſa, em que ſe viva com tanto deſcanço, como no tempo da paz. Venceo ElRey D. Joaõ I. deſte nome a ElRey de Caſtella, e foi taõ glorioſa a vitoria, que com ella ſe reſtituio a liberdade deſtes Reynos, com tudo quem bem olhar o pacifico, e quieto eſtado dos tempos delRey D. Dinis e delRey D. Pedro, verà quanto melhor he viver em honrada paz, que eſperar vitoria ganhada com muito trabalho, deſtruiçaõ da gente. Mui bem entendia iſto o meſmo Rey D. Joaõ, o qual ſendo como era taõ esforçado, favoreceo muito a paz, e conta-ſe delle, que eſtando eſperando a confirmaçaõ das pazes perpetuas,

que

que lhe haviaõ de vir de Caſtella, diſſe hum dia, que eſperava por hum recado do mòr prazer, que nunca ouvera.

Mas naõ baſta ao bom Principe arredarſe dos inconvenientes da guerra de fora, mas cumpre-lhe tambem guardarſe, que naõ ſe levante alguma dentro no ſeu Reyno, e Caſa. Eſte mal ſe eſcuza quando he bem quiſto, e faz muita juſtiça a ſeu povo, a todos he notorio, quantas deſaventuras, quantas fortunas, vem ao Reyno em que ha differenças antre o Rey, e os vaſſalos, e eſta ſem duvida he a mais perigoſa; que a de fora, por quanto os males d'outra parte pòdem-ſe atalhar, antes que cheguem: os de dentro jà naõ tem eſte remedio nem pòde o Principe leyxar d'os ter conſigo em ſua caſa, digo iſto naõ por ſe parecerem eſtes tempos com os paſſados, e a virtude de V. Alteza, e aſſi a lealdade de ſeus vaſſalos he tanta, que naõ menos o amaõ, do que os ama a elles; mas porque minha tençaõ he que naõ menos ſaber, e juſtiça ha miſter o Principe para conſervar a paz com os naturaes, que com os Eſtrangeiros; eſte reſpeito tiveraõ alguns Reys de Portugal, naõ ſómente em man-

ter

ter eſtes Reynos em muita concordia, mas em trabalhar muito que a ouveſſe nos de fóra. ElRey D. Affonſo de Caſtella Onzeno deſte nome, indo com ſeu Exercito para a frontaria dos Mouros diſſe em publico que os Cavalleiros da frontaria eraõ taõ bons, como os de Caſtella, polo qual na batalha d'Ilharcos (que dahi a pouco foi) D. Diogo Lopes de Haro ſeu Alferes Mòr com todolos Cavalleiros eſeſtando aſſi de concerto fugiraõ, e o leixaraõ ſóo, por onde elle ſe vio em grande aperto, e foi ferido de duas azagaiadas polas pernas, enaõ querendo ſahir da batalha por ſer mui esforçado Principe, foi neceſſario aos ſeus, que o tiraſſem della. Tanto empècco huma ſòo palavra deſte Rey dita contra os Cavalleiros, que de ſua condiçaõ ſaõ vingativos; mas quam clemente V. Alteza, e humano ſeja, e quam afaſtado de toda a ſorte d'aſpereza, couſa he a todos mui ſabida, o qual ſempre uzou, e uza palavras cheas de todo o comedimento, de toda virtude, e bom exemplo, acompanhadas daquella authoridade, que cumpre ao bom acatamento da Mageſtade Real. O Marquez de Villa Viçoza em huma carta,

que

que eſcreveo a ElRey D. Affonſo V. ſobre a ida de Caſtella, louva muito a paz della com Portugal, e trabalha quanto pòde polo apartar de tal empreza, antes lhe prova por muitas razoens, que elle meſmo ſe deve meter no meio, e fazer a paz entre ElRey D. Fernando, e os Cavalleiros, e a eſte propoſito traz hum exemplo delRey D. Joaõ I. o qual ſendo, como diz, cometido por ElRey d'Aragaõ para ſe liarem ambos com os Cavalleiros de Caſtella a partirem antre ſi, ElRey depois de tomar o parecer dos Grandes ſe eſcuſou, dizendo que tinha paz com ella: por iſſo naõ ſem cauza V. Alteza trabalha tanto pola conſervaçaõ da boa paz, pois a juſtiça, o reſpeito de noſſa Santa Fé, o proveito univerſal, e exemplo, e authoridade de ſeus antepaſſados aſſi o requerem.

Verdade he o que ſe diz, que o bom Principe dà luz, e claridade de ſi, como o Sol a todos, o que tanto mais ſe deve eſtimar, quanto muitas vezes por culpa de màos Governadores he peor tratada, e naõ ſómente com os Vaſſallos, mas com os filhos, irmãos, e parentes tiveraõ jà muitos Principes differenças, e

guer-

guerra civîl. Eſcreve-ſe de Iezabel Raínha dos dez Tribus, e mulher d'ElRey Acab, que ſendo mulher deſarrezoada, e forte, e de crua condiçaõ, foi cauſa em ſeu Reyno de muitos odios, e revoltas, matou todos os Profetas, que pode haver à maõ, e mandou, que ſe adoraſſem os idolos no Reyno de Iſrael, e de Samaria. A Rainha Athalia depois damorte d'ElRey Ochozias ſeu filho governou o Reyno de Judà ſeis annos taõ ſoberba, e cruamente, que mandou matar todos os que vinhaõ da linhagem do Rey David, e para mòr eſcandalo, e deſcontentamento do povo fez edificar hum Templo em Hieruſalem, em que mandou adorar hum idolo, que chamavaõ Baàl, e ella porèm foi morta, e ouve o caſtigo que ſuas grandes maldades mereciaõ.

Que direi de quantas differencas, e guerras civîs ouve no Reyno de França antre ElRey, e o povo? Le-ſe de Broncilde Rainha de França, e mãi d'ElRey Childiberto, que excedendo a toda a ſorte de crueza, matou ſeus filhos, netos, e biſnetos delles a ferro, delles com peçonha, ſòmente por uzar à ſua vontade de ſeus màos apetites deshoneſtos: eſta foi feme-

melhante a Euridice, Rainha da Macedonia, e filha de Amintas, que foi nòra de Felippe, pai de Alexandre Magno, a qual ſoltando-lhe a redea aſeu màò, e torpe dezejo, fez tambem matar muitos ſeus filhos. Se nós paſſarmos às Chronicas do Reyno d'Ungria, tambem acharemos que ouve antre ElRey, e povo muitos bandos, e differenças, e leixando os males prezentes, em que hoje aquelle Reyno eſtà metido, que tem dado a toda a Chriſtandade aſſaz bem trabalho: o Rey Pedro, filho d'ElRey Eſtevaõ primeiro Rey de Ungria foi lançado della por uſar contra ſeus Vaſſallos grandes cruezas, a eſtes ſuccedeo Abbà, o qual em conjuraçaõ feita contra elle, foi morto, e aſſi Salamaõ Rey d'Ungria foi lançado por Gerſa ſeu Primo com Irmaõ.

Naõ hà muito, que fiz mençaõ d'ElRey D. Pedro de Caſtella; eſte reynou taõ cruamente, que ſendo lançado della, e querendo vir-ſe cà, ElRey D. Pedro, ſendo naõ pouco ſeu parente, o naõ quiz acolher, por onde lhe foi neceſſario paſſarſe a Inglaterra. Ainda he couſa freſca na memoria dos homens, como o Rey de Dinamarca por ſemelhantes odios, foi lança-

çado de ſua terra deshonradamente, e hoje em dia eſtà prezo que direi no Reyno de Caſtella, quantas differenças, quantas conjuraçoens houve antre os Reys della, e ſeus Filhos, e Irmãos, e outros muitos da Caſa Real, mas naõ me quero deter em couſa taõ clara; abaſte a comparaçaõ deſtes para ſe ver tamanho louvor he o de V. Alteza; e quanto lhe devem ſeus Vaſſallos, vivendo por ſua cauſa taõ afaſtados de tantos males. Eſta bondade, eſte amor, que moſtra, naõ ſómente aos Infantes ſeus Irmãos, de que depois direi, mas a todos em geral, e aſſi o trabalho, que ſempre toma para noſſo deſcanço, accreſcenta mais o amor, que lhe ſeus Vaſſallos tem, o qual he mais firme, e aproveita mais aos Principes, que todas as fortalezas por mais fortes, que ſejaõ.

Aos Emperadores de Roma Tito, e Nerva, e Adriano, e Antonio, e Marco por ſerem bons Principes, naõ eraõ neceſſarios Soldados, nem gente armada, que os guardaſſe; os ſeus coſtumes, a boa vontade do povo, o amor do Senado os defendia, e polo contrario aos màos Emperadores, como foraõ Nero, Caligula, Vitelio, e outros muitos, naõ

abaſ-

abaſtavaõ os exercitos, que o Imperio Romano tinha em todo Levante, e Poente para ſe poderem guardar de ſeus proprios Vaſſallos, e por ſua mà vida, e coſtumes eraõ os mòres inimigos, que tinhaõ. He couſa muito para notar, que de vinte e ſeis Emperadores, que foraõ de Julio Ceſar atè o Emperador Maximino, os dezaſeis foraõ mortos a ferro, e os dez ſómente morreraõ de ſua morte: por iſſo tomem os outros Reis Chriſtãos exemplo de V. Alteza, e aprendaõ delle a viver em verdadeira paz, e ſem duvida tal deve ſer o Principe para em fama, e gloria exceder os outros: jà naõ receârei dizer alguma couſa porque ſei de mim digo verdadeiramente a qual he, que ſempre folgàra de ſer Portuguez mas agora o folgo de ſer mais, que nunca.

Muitas vezes cuidando eu, quantas mudanças, e differenças d'eſtados houve nos Reinos de Portugal, acho que nunca tanto floreſceraõ, como agora, e para que mais claramente ſe veja pola comparaçaõ de cada tempo, o que eu digo ſer aſſi, brevemente farei de todos mençaõ. Jobel filho de Jafet, e neto de Noè depois do diluvio veio ter a Heſpanha, a

qual

qual delle, e de ſeus deſcendentes ſe povoou, eſtes ſe governaõ por Reſpublicas, e Comunidades. O primeiro homem, ſe queremos dar fé às fabulas antigas, que nella, e em Portugal entrou com exercitos, e a conquiſtou, foi Bacho, depois os Curetes, gente da Grecia, ſeguindo a Gargores ſeu Capitaõ, ſe fizeraõ ſenhores della, o qual Gargores foi excellente Principe, e enſinou aos povos de Heſpanha muitas couſas neceſſarias para a vida, e proveito cõmum, por onde os ſucceſſores deſte pacificamente reinaraõ atè o tempo d'ElRey Giriaõ, em cujo tempo, vindo Hercules o venceo, e nella ordenou novo eſtado. Depois, ſegundo dizem, reinou Hiſpalo, de quem ſe nomeou Heſpanha, mas da ſucceſſaõ dos Reys, que deſte vieraõ, e de como ſe acabaraõ, a fama he incerta, e mui obſcura, poſto que os Andaluzes antigamente ſe ſohiaõ gavar que tinhaõ eſcripturas de ſeis mil annos: o que eu deſtes tempos por conjectura alcanço he, que Heſpanha ſe tornou a governar por Comunidades, e eſte regimento durou atè que os Cartagineſes com achaque de ſocorrerem a Cidade da Calez, fundada

po-

polos Phenices, ſe fizeraõ ſenhores da mòr parte della. Ao Emperador dos Cartaginenſes ſuccedeo o dos Romanos, que depois de grande perda, e eſtrago de ſeus exercitos em cabo de 300. annos ſendo Emperador Octaviano acabaraõ de a Conquiſtar, mas em nenhuma parte deſta Conquiſta tiveraõ os Romanos mòr fadiga, que em Portugal.

Daqui ſahio Viriato Portuguez Capitaõ, que desbaratou muitos exercitos Romanos em batalha campal, e em fim nunca pode ſer morto, ſe naõ à traiçaõ por engano, e aſtucia de Cayo Lelio Capitaõ dos Romanos: daqui ſe fez Sertorio contra elles com a gente Portugueza, lhes deu muito trabalho, alevantando depois Portugal, e naõ querendo obedecer a Roma, foi mandado cà Julio Ceſar, e naõ devia Provincia taõ forte ſer vencida, ſe naõ por Capitaõ nunca vencido. Geral opiniaõ de todos he a naçaõ Portugueza ſer mais forte, e esforçada de toda Heſpanha, mas ſendo (polo longa paz) Portugal afaſtado do uſo das armas, e tendo perdida muita parte da gloria, que com o exercicio dellas em outro tempo ganhàra, ouzou Atila Rei dos Hunos man-

dar contra nòs hum exercito de Suevos gente d'Alemanha, que occuparaõ eſte eſtado, e aſſi por eſpaço de cento, ſetenta annos houve muitos Reys Suevos em Portugal, atè que com muito trabalho foraõ lançados polos Godos, porque depois da vinda dos Suevos os Godos ſeguindo Áthanarico (que ſegundo dizem foi primeiro Rey antre elles) poderoſamente entraraõ em Heſpanha no anno do Naſcimento de Noſſo Senhor Jeſus Chriſto de trezentos e trinta e tres, e a tomaraõ, excepto a Portugal, que entaõ, como diſſe, eſtava polo Suevos, depois Theodorico Emperador dos Romanos venceo os Godos, e os meteo debaixo do ſeu Imperio; mas naõ duraraõ mais que 18. annos ſogeitos; e logo Alarico ſeu Rei, que era natural do Reino d'Ungria, e por geraçaõ vinha dos Baltreos gente de baixo do Norte, ſe alevantaraõ, e tornaraõ a fazer ſenhores de Heſpanha. Eſte Rei Alarico foi mui esforçado Principe, e ſe fez Senhor de muita parte de Heſpanha: neſtes tempos havia hum Rey dos Godos em Caſtella, e outro dos Suevos em Portugal, atè que ElRey Theodorico, vencendo em batalha campal a ElRey Reciario lhes ganhou

Por-

Portugal, e porque dos Suevos ficava ainda alguma parte, ElRey Leovigildo acabou d'os lançar de todo, e aſſi os Reis Godos ficaraõ em poſſe pacifica de toda Heſpanha, atè a derradeira deſtruiçaõ, della, que foi em tempo d'ElRey D. Rodrigo, e ſendo depois como ſabemos, lançados os Mouros, ſe veio a partir em muitos Reinos como ſaõ Leaõ, Caſtella, Aragaõ, Navarra, e Granada, e aos Anteceſſores de V. Alteza coube Portugal, cujos louvores, e feitos d'armas, porque delles as noſſas Chronicas eſtaõ cheas, naõ he neceſſario dizellas eu, nem menos ſe deve tratar em taõ pequena obra.

Sómente he para notar, que querendo Deos reſtituir a gloria deſtes Reynos quiz, que reinaſſe o mui Excellente Rey D. Afonſo Henriques, o qual continuamente pelejando pola Fé Catholica, vencendo muitos Reys Mouros em batalha campal renovou a fama da gente Portugueza, e deu bemaventurado, e proſpero começo ao Eſtado prezente: muitos Reynos dos Gentios começaraõ em Reys esforçados, mas por naõ adorarem, nem conhecerem o verdadeiro Deos

duraraõ pouco, eſte Reyno ſendo ganhado a Mouros, e começado por Rey Chriſtianiſſimo, e continuado por Reys naõ menos Catholicos, devemos d'eſperar, que durarà para ſempre. Naõ deſcançaraõ os Reys de Portugal, donde V. Alteza vem, até que de todo naõ lançaraõ os Mouros delle, em que ſe vê quanto mòr louvor mereceraõ, que os outros Principes, que nos tempos mais atraz o Conquiſtaraõ, por quanto os Reys de Portugal mais antigos ſojugaraõ, e trataraõ mal os naturaes: os da linhagem d'ElRey D. Afonſo Henriques favorecendo os naturaes ſómente Conquiſtaràõ, e venceraõ os de fóra: os Reys muito antigos tinhaõ Portugal como Provincia, e tributaria: os que deraõ começo à ſucceſſaõ prezente, reinando juſtamente o amaraõ como ſua patria, e terra natural: dos primeiros tempos, havendo muitas differenças de eſtado era neceſſario, que naſceſſem bandos, e guerras civîs, nos tempos mais chegados houve poucas differenças, e ſe algumas houve logo foraõ apagadas em breve tempo; aſſi que claro ſe vê, quanto mais proſpero he o eſtado preſen-

ſente, que o dos tempos atraz, o que ainda foi mais notorio reinando o muito victorioſo Rey D. Manoel voſſo Pai de bemaventurada memoria, e aſſi agora o he em tempo de V. Alteza, cujo glorioſo reynado tanto amor, honra, e preço dà a Portugal, quanto a gloria de ſeo Regimento, e Conquiſta, que tem, excede a fama, e memoria de ſeus antepaſſados.

Qual Principe de Portugal naõ digo eu, mas d'Europa, triunfou da Ethiopia, da Arabia, dos Perſas, e dos Indios deſcubrio tantos mares, tantas Ilhas, deu tantas terras naõ conhecidas ao mundo? Qual Principe converteo à Fè de Chriſto tantas Provincias, tanta multidaõ de almas, cuja bemaventurança naõ pode leixar de ſer comunicada com a cauſa della? Qual Principe com as ſuas victorias, e triumphaes armadas rodeou o Mar Occeano, paſſou os termos, e limites da navegaçaõ geral, alcançou taõ grande fama na derradeira parte do Oriente, foi taõ temido de Reys poderoſos, e Senhores taõ apartados, finalmente fez converſaveis aos Chriſtãos com as Naçõ-es do noſſo Ponente? Sem duvida eſta ta-

ma-

manha gloria, eſte tamanho bem para o mui Victorioſo Rey D. Manoel, e para V. Alteza eſtavaõ guardados, ambos iſto uſaraõ, ambos iſto cõmetteraõ, e poderaõ levar àvante, polo qual bem he, que o Pai, e o filho comuniquem huma meſma gloria juntamente: os Reys ſeus antepaſſados com muita razaõ foraõ louvados polas victorias, que dentro neſte Reyno houveraõ, V. Alteza álem de ſeus naturaes manter em muita paz, e juſtiça, manda continuamente por mar, e por terra ſeus exercitos, e groſſas armadas contra os Infieis, buſcando ſempre novos triunfos, e vencimento; de tal maneira tempera a paz com a guerra, que nem ſeus Reynos carececem do bem da paz, nem a força, e opiniaõ da gente ſe perde por falta de exercicio das armas.

Sempre com muita razaõ foi dado o principal louvor aos que ordenaraõ as couſas pertencentes a Deos, e à ſua verdadeira Religiaõ, a poz eſtes foraõ louvados os que fundaraõ Reſpublicas, e as poderaõ conſervar com muita paz, e o terceiro lugar mereceraõ os Reys, e Principes, que com Exercitos e armas

mas acreſcentaraõ ſeu Eſtado, no quarto foraõ poſtos os Letrados, e dahi ſegundo ſeu grão merecêraõ ſeu louvor pois ſe cada hum deſtes eſtados por ſi merece tanto, que louvor deve ſer o do bom Principe a quem de tantos e taõ grandes bens, juntamente cabe muita parte? Por certo taes devem ſer os bons Reys, e por ſerem antigamente taes, muitas Communidades ſe tornaraõ em Reynos, e mui poucos Reynos em Communidades, como ſe lê do Reyno de Toſcana em que reynou Porſena, o qual foi desfeito, e dahi por diante governado por doze povos. No principio do Mundo os homens viviaõ em Replubica, e depois vieraõ a ſer governados por Reys, que he o Eſtado, a que a natureza mais ſe inclina, mas antre as virtudes do bom Regimento, a conſervaçaõ da boa paz he muito a ceita a Deos, e proveitoza às Reſpublicas, e naõ ſem cauſa: quando Saturno reynou em Italia, por governar ſeu povo juſta, e pacificamente, os Poetas a eſte tempo chamaraõ dourado, e Numa Pompilio ſegundo Rey dos Romanos, por ſer amador da paz naõ

me-

mereceo menos louvor, que Romulo ſeu anteceſſor por ſer grande, e mui esforçado Capitaõ e ſendo temperada a opiniaõ e exercicio das armas que ficou de Romulo; com a paz de Numa o povo Romano veio a ſer bem quiſto de ſeus vizinhos, e comarcaõs; mas porque mal ſe conſerva eſta virtude, quando naõ he fundada em ſerviço, e devaçaõ de Deos, V. Alteza como Principe Chriſtianiſſimo em nenhuma couſa he mais occupado, nem traz mais pronto ſeu penſamento, que em cumprir perfeitamente, tudo quanto toca ao ſerviço de N. Senhor, e da ſua Santa Fè, ſabendo certo, que naõ pòde ſer melhor couſa para hum Principe Chriſtão, que fazer inteiramente juſtiça, e o que elle manda. Quem poderia bem dizer quam liberal V. Alteza he nos gaſtos dos Hoſpitaes, Moſteiros, e Igrejas de ſeus Reynos, muitas dellas edificando magnificamente, outras provendo de ſumptuoſos retabolos, e ornamentos, e geralmente a todas, e aſſi a muitas fóra do ſeu Reyno fazendo eſmollas mui grandes em todo o tempo?

Que direi do cuidado; que continua-

nuamente tem ſobre a reformaçaõ das Ordens, veneraçaõ do Culto Divino e conſervaçaõ da Fé Chriſtã? Quam novas maneiras buſca, para que em nenhuma couſa, que toque à ſua conſciencia, offender a vontade de Deos, clara couſa he ao Mundo ſua verdadeira devaçaõ, claro he o bom exemplo, que aſſi neſta, como em todalas outras virtudes dà de ſi. Quam bem eſtaõ eſtas tres partes a hum Principe, juſtiça, amor da paz e Religiaõ? Quam bem ſe concertaõ antre ſi, e ajudaõ huma à outra: Por certo naõ ſe póde melhor, nem mais fermoſa couſa pintar aos olhos que a paz eſmaltada ſobre verdadeira Fé; e amor de Deos, a qual he em ſi de tanta perfeiçaõ, e merecimento, que a quantos Reys do Teſtamento Velho, e Principes Chriſtãos inteiramente a guardaraõ, foi ſempre cauſa de grandes bens, e acreſcentamentos de ſeus Eſtados. Mal ſe pode conſervar huma Replubica em que naõ haja amor de Deos, e eſte amor mais crece na paz, que na guerra, pola qual Numa Pompilio, ſegundo Rey dos Romanos (de quem pouco ha que fallei,

lei, digo isto por quanto a falsa Religiaõ em algumas cousas segue a verdadeira ) dezejando que a devaçaõ em Roma fosse maior do que era, primeiro que nada fizesse, assentou as cousas da paz: e como affirma Tito Livio em todo o tempo de seu reynado; que foraõ 43. annos, em nenhuma cousa mais trabalhou que em ter o povo Romano pacifico; sendo certo que desta maneira facilmente o pudera applicar às cousas da Religiaõ. Aquelle mui esforçado, e naõ menos Religioso Principe, Profeta, e Rey David em quanto andou occupado nas guerras necessarias às Republicas dos Judeos, naõ pode tambem cumprir, como elle dezejava, o que tocava ao Culto, e Veneraçaõ de Deos, mas depois que vencidos seus inimigos teve paz, compoz elle mesmo em louvor de Deos Psalmos, e Hymnos em diversas maneiras, Demetrio, ordenou novas maneiras de instromentos, Psalterios de dez cordas, Violas de doze e Campainhas de arame, com que aos Sabados, e outras festas do anno os Levitas tangendo louvassem a Deos.

Tambem Ezechias Rey de Judá Prin-

ci-

cipe mui Santo eſtando em muita paz reſtituio as ſolemnidades do Templo, e eſcreve-ſe delle, que acompanhado dos principaes do povo ſohia ſacrificar com os Sacerdotes, eſtando os Levitas ao redor delle, e cantando Hymnos, como foraõ enſinados por David: acabado o Sacrificio, ElRey, e todo o povo ſe lançava debruços no chaõ, dando graças a Deos por eſta taõ fervente devaçaõ, mereceo que ſobjugaſſe as Cidades dos Philiſteos, e que foſſe livre do cerco de Senacherib Rey dos Aſſyrios, e pela meſma cauſa ElRey David nunca pode ſer vencido em batalha. Hircano da linhagem dos Machabeos, Principe dos Sacerdotes, todo o tempo da paz em pregava nas couſas da Religiaõ, por onde mereceo, que lhe foſſe dado eſpirito de profecia, e que eſtando devotamente incenſando o Sancta Sanctorum, ouviſſe a voz de Deos, que lhe diſſe, que ſeus filhos venceriaõ a ElRey Antiocho. Naõ a hi no tempo da paz, couſa mais pertencente à dignidade Real, que o exercicio da devaçaõ, e naõ ſem cauſa antigamente todos os Reis eraõ Sacerdotes, e traziaõ Diadema, que primeiro foi

acha-

achada por Bacho, a qual era hum pano branco atado derredor da cabeça, que tomaraõ dos Sacerdotes, para terem continuamente lembrança das couſas, que tocaſſem à Religiaõ, e da maneira que a devaçaõ aproveita muito aos Reys, exemplo della recebe o povo grande fruto. Se o povo Romano naõ vira Numa Pompilio taõ occupado nas couſas Divinas, mal ſe podera aplicar a ellas, e eſquecer dos màos coſtumes que o tempo da guerra traz conſigo, mas vendo ſeu Principe tambem inclinado edificar tantos Templos, ordenar tantas Ceremonias, e Sacerdotes, facilmente ſe demoveo que havia Deos, por onde leixando a força, e as armas ſe deu ao meſmo Exercicio, e diz Tito Livio, que em breve tempo foraõ os Romanos taõ devotos, que ſó o temor, e authoridade da Religiaõ os fazia continentes, ebem enſinados, ſem outro temor de leis, nem execuçaõ de penas, e por iſſo as Cidades vezinhas, e terras comarcaãs, que ſohiaõ antes recear o creſcimento de Roma, vendo taõ ſanta mudança de coſtumes, lhes guardaraõ (em quanto reinou Numa) inteira amizade, avendo por grande mal hirem contra aquella Repu-

bli-

blica, que tanto cuidado tinha de viver ſanta, e religioſamente.

Eſcreve-ſe que havia em Roma hum mancebo nobre chamado Cayo Valerio Flacco, que ſendo mui vicioſo, era malquiſto de todo o povo, aborrecido de ſeu meſmo irmaõ, e parentes, o que vendo Publio Licinio Sacerdote maior peſſoa naquelle tempo ſingular, e de grãde authoridade dezejando muito de emendar huma taõ deshoneſta vida, o conſtrangeo por razaõ de ſeu officio a que foſſe Sacerdote de Jupiter, o que poſto, que logo no principio pareceſſe eſtranho a Cayo Valerio, com tudo depois que ſe deu ao cuidado das Ceremonias, e couſas Sagradas, em breve tempo ſe eſqueceo da vida paſſada, e ſe fez taõ virtuozo, que em toda a Cidade de Roma ſenaõ achava peſſoa mais virtuoſa, e honeſta, finalmente tanto foi o preço, e eſtimaçaõ de ſua virtude, que lhe foi concedido, que os Sacerdotes de Jupiter dali pordiante podeſſem entrar, e ter aſſento no Senado, couſa, que atè entaõ nenhum outro Sacerdote podera alcançar,

Pois ſe a Religiaõ dos Gentios reprovada, e falſa tinha poder polo apartamento

to dos vicios, e limpeza do eſpirito, de cauzar tanta perfeiçaõ a quem a ſeguia, quanto mais ſe deve iſto d'eſperar da verdadeira Fè de Chriſto? Por certo Principe Chriſtão, que bem conſerva eſta parte, naõ ſómente a ſi, mas a todo o povo, que lhe obedece, e toma ſeu exemplo, aproveita muito, e tanto mais com eſta virtude, que com as outras, quanto he eſta mais chegada, e eſpiritual a Deos, poſto que ſe bem queremos olhar, encadeadas, e tecidas eſtaõ todas as virtudes antre ſi, que aonde ha perfeita juſtiça, tambem ha perfeita paz, e amor do proximo, nem pòde aver perfeita paz, ſem perfeita Religiaõ. Santa tençaõ era a d'elRey Abias de Judà filho de Roboaõ, o qual naõ ſendo mais que de 18. annos, eſtando para dar com pouca gente batalha a Jeroboaõ Rey dos dez Tribus, que trazia muito mòr Exercito, esforçava aos ſeus, dizendo: que naõ temeſſem, porque ſendo Jeroboaõ injuſto, e deſprezador da verdadeira Ley, por mais gente que tiveſſe, naõ poderia vencer, e que pois o fundamento da vitoria eſtava na juſtiça, e amor de Deos, que conhecido era a qual das partes ſe avia mais d'inclinar: iſto dizia em ſeu favor,

vor, e da gente do ſeu Exercito, que antaõ guardavaõ a Ley inteiramente.

Sabida couſa he com quanto cuidado os Romanos guardavaõ ſua falſa Religiaõ, e de crer he, que mais devotos foraõ da verdadeira, ſe della tiveraõ conhecimento. Eſcrevem delles, que tinhaõ ſobre tudo reſpeito a naõ jurarem falſo: nomeado he o exemplo de Marco Atilio Regulo Capitaõ dos Romanos, o qual ſendo captivo na Cidade de Carthago, e mandado a Roma por parte dos Carthaginenſes a fazer huma troca de captivos antre Roma, e Carthago, com juramento, que naõ acabando nada ſe tornaſſe à prizaõ, Regulo depois de vir a Roma, e naõ acabar nada com o Senado daquillo a que viera, podendo ficar na patria, para o que era requerido de todos, e ſua mulher, e filhos, e parentes com muitas lagrimas, com tudo quiz antes tornar-ſe a entregar, ſabendo certo, que havia de ſer morto com aſperos tormentos, que naõ ficando em Roma haver de quebrar ſeu juramento: tambem ſe eſcreve, que depois da batalha de Canas em que Anibal desbaratou os Romanos, vindo à

noticia de Scipiaõ, que depois foi chamado Africano, como alguns Mancebos Fidalgos Romanos deſeſperando jà da ſua Republica ſe queriaõ paſſar a Sicilia, Scipiaõ os foi logo buſcar, e com hum punhal a cada hum nos peitos os fez jurar, que naõ ſe partiriaõ, nem leixariaõ em tal tempo a Republica, e eſte juramento ainda que foſſe com medo, e por força, com tudo foi por elles guardado inteiramente: ſem duvida muito neceſſario he o temor de Deos, e do outro mundo para a conſervaçaõ de qualquer Eſtado, porque o bom Principe por força ha de acatar o temor de Deos, e o ſeu acatamento dura para ſempre. Numa Pompilio, de que jà tratei, e Solon, que deu ley aos Athenienſes, e Licurgo, que as deu aos Eſpartanos, em nenhuma couſa mais ſe fundavaõ, que em dar grande authoridade às Religioens, ſem as quaes viaõ, que nenhum ajuntamento, nem Republica podia durar muito tempo.

Le-ſe de Cyro primeiro Rey de Perſia, e Media, que foi Religioſo, e devoto, e aſſi elle como todos os Reys ſeus ſucceſſores mandaraõ aos Sacerdotes, e

Le-

Levitas dos Judeos, que os encomendaſſem a Deos no Templo, e por eſte reſpeito ſe haviaõ bem com elles, por onde creio eu, que ſuas couſas hum tempo foraõ tanto àvante. Aquelle graõ Rey Xerxes da Perſia, eſpanto do mundo, que contra Grecia armou hum milhaõ de homens paſſou hum privilegio de grandes liberdades em favor dos dez Tribus, que entaõ moravaõ nos Reynos de Perſia, e Media alèm do Rio Eufrates, e foraõ là paſſados por ElRey Salmanaſar depois de ter vencido ElRey Oſias: eſte privilegio foi entregue a Eſdras Judeo naquelles tempos juſto, e de muita authoridade o qual o mandou aos dez Tribus; eſcreve Jozepho, que por eſte reſpeito os Judeos ganharaõ grande affeiçaõ a ElRey Xerxes, e alguns ſe vieraõ com caſas movidas a Babilonia para dahi ſe paſſarem a Jeruſalem, com tudo os mais delles por amor de taõ bom Principe ſe naõ quizeraõ mudar, por onde diz o meſmo, que ainda em ſeu tempo naõ havia mais no Imperio dos Romanos, que dous Tribus, e que os outros dez viviaõ àlèm do Rio Eufrates, onde multiplicavaõ ſem nenhum

conto; mas de todos os Principes Gentios, que foraõ devotos do Teſtamento Velho, ninguem mereceo ſer taõ louvado como Ptolomeu Philadelpho Rey do Egypto, porque deſejando muito de entender a Ley dos Judeos mandou a Jeruſalem pedir a Eleaſar Principe dos Sacerdotes alguns Letrados, que lha vieſſem declarar, o qual lhe mandou os ſetenta e dous interpretes, ſeis de cada Tribu, e com elles a Biblia, que eſtava guardada no Templo, e vendo El-Rey o livro em que eſtavaõ eſcritas todas as Leys de Moyſés com letras de ouro, maravilhado da formoſura da letra, da delgadeza do pergaminho, e ſutileza da encadernaçaõ, deu muitas graças a Deos, e chorando com prazer dizia, que dalli por diante ſaberia reynar.

Eſte Rey mandou reſgatar, e dar liberdade a todos os Judeos, que achaſſem captivos no Reyno do Egypto, pagando por elles todo o preço aos Senhores, e foraõ livres aſſi mais de cem mil peſſoas, e naõ ſe contentando deſta ſó magnificencia, mandou offerecer no Templo muitas peças d'ouro, e prata, de grandiſſima eſtima, huma das quaes foi

aquel-

aquella Meſa taõ nomeada cuberta de perolas, e pedras precioſas, em que ſe haviaõ de pôr os doze pães da propoſiçaõ. Foi tanta a ſua devaçaõ, que em quanto ſe eſta Meſa lavrava, elle per ſi a hia ver muitas vezes, porque com ſua preſença mais cedo, e mais perfeitamente ſe acabaſſe. Teve Philadelpho com eſta virtude outras muitas, foi engenhoſo, prudente, liberal, e os mais dos privados, que tinha, eraõ grandes Letrados, e certo huma taõ excellente parte naõ podia eſtar deſacompanhada d'outras muitas, como verdadeiramente diz Plutarco, o Rey he Imagem de Deos, o Rey novo repreſenta ley nova, por iſſo cumpre muito ao bom Principe ter quatro couſas ſaber, bondade, poder, e temor de Deos, nas quaes ſe bem olharmos conſiſte o bem de todo hum Reyno: eſtas havia todas em Ceſar Auguſto Emperador de Roma (a quem naõ minguava nada para ſer perfeito Principe, ſenaõ o conhecimento do verdadeiro Deos) e foi taõ pacifico, taõ juſto, taõ quieto ſeu Imperio, que em ſeus tempos quiz vir ao mundo a tomar carne noſſo Salvador. Antre as virtudes,

que neſte Emperador havia, nenhuma foi mais louvada, que a Religiaõ, que como já diſſe, mais perfeitamente ſe moſtra no tempo da paz: eſcrevem delle, que ordenou muitos ſacrificios em Roma, que per ſi meſmo celebrava, edificou magnificos Templos, e Caſas d'oraçaõ, huma das quaes ainda hoje dura, feita em nome de Marco Agrippa, que foi depois dedicada a Noſſa Senhora, que chamaõ a Redonda, e porque o Conſelho (a que os Romanos chamavaõ Senado) ſenaõ podia fazer ſenaõ em templo conſagrado, ordenou que todo o Senador antes, que nelle entraſſe, ſacrificaſſe àquelle idolo, em cuja Caſa ſe haviaõ de ajuntar, o que fez por cada hum, tendo mòr acatamento à Religiaõ dèſſe ſeu parecer mais deſenganadamente, e ſem algum reſpeito, nem affeiçaõ, ſem duvida ſanta tençaõ de Principe era eſta querer começar todas ſuas couſas de Deos, ſe como já diſſe eſte ſeu trabalho fora empregado no amor da verdadeira Religiaõ, e couſa juſta he, pois Deos principio de todalas couſas, que a elle ſempre ponhamos diante no começo de todas noſſas obras, e por eſte

reſ-

reſpeito, quando os Principes antigamente haviaõ de fazer alguma falla, pediaõ ajuda a Deos, tambem o Emperador Trajano, ſendo Gentio era mui juſto, e devoto.

Se alguem me perguntaſſe a que fim ajuntei tantos exemplos de Gentios, poderia reſponder, que pois os Principes idolatras cegos, e envoltos na ignorancia de ſeu engano com tanto trabalho conſervavaõ, e procuravaõ as couſas de ſua ſeita (o que a elles era cauſa de muitas virtudes, e de ſeu louvor, e acreſcentamento) que devem fazer os Principes Chriſtãos, a que o conhecimento, e veneraçaõ do verdadeiro Deos pode ſer cauſa de tantos mòres bens? Quanto maior galardaõ merece o bem, que o mal? E a verdade, que a falſidade? Vemos por experiencia, quam bons Principes foraõ, e quanta ventagem fizeraõ aos Gentios os Reys Chriſtãos, que neſta parte mereceraõ louvor.

Tragamos à memoria o Emperador Carlos Magno, e acharemos, que naõ houve Principe, que ſe compare com elle, muitas virtudes houve nelle que quem perfeitamente tiver huma, he neceſſario, que te-

tenha todas as outras, com tudo o amor de Deos, e da Religiaõ lhe deu muito maior gloria, aſſi neſte mundo como no outro: eſta o fez (ſendo-lhe pedida ajuda polo Papa Adriano) paſſar em Italia contra Deſiderio derradeiro Rey dos Longobardos com grande Exercito, ao qual vençendo em batalha campal foi por elle reſtituido o Papa à ſua dignidade, eſta o fez mover guerra a toda Saxonia; a huma graõ parte d'Alemanha por naõ ſe querer tornar à Fè de Chriſto lha fez taõ aſpera por eſpaço de trinta annos, atè que por força a ſojugou, e fez converter à verdadeira Fè: eſta o moveo a tomar a empreza contra os Mouros, que tinhaõ occupado a Heſpanha, quando foraõ por elles eleitos os doze do ſeu conſelho, que agora chamamos Pares, ou Padres, ſeis Leisgos, e ſeis Eccleſiaſticos, todos Duques, ou Biſpos, ou Condes: eſta meſma o fez hir poderoſamente contra os Hunnos, gente barbara, de que jà fallei, que tinha feito grande danno em toda a Chriſtandade, e com a ajuda de Deos os venceo; e desbaratou, polo qual Leaõ Papa lhe deu novamente a Coroa, e Inſignias do Imperio Romano: finalmente eſta foi

cau-

cauſa, que ordenaſſem a Univerſidade dos eſtudos de Pariz, onde continuamente ſe defendeſſe a Fè, e enſinaſſe a Santa Theologia, naõ me occorre Principe dos Gentios, que tanto fizeſſe por ſeus idolos, quanto eſte fez em louvor, e acreſcentamento da Fè Chriſtãa, e ſem duvida razaõ era, que ſendo noſſa Fè taõ Santa, e taõ verdadeira, que a virtude della deſſe maior animo, e esforço a hum taõ Catholico Principe, e o ajudaſſe mais em taõ ſantas empreſas.

Oh quam bem eſtà a hum Principe ſer devoto! Quam bem eſtà a quem teve a Coroa na terra ſobre os homens, ter depois outra muito mais precioſa na Gloria do Ceo! Quam bem eſtà a hum Reyno, poder allegar, que teve hum Rey Santo, e aceito a Deos! Preza-ſe França d'ElRey S. Luiz, e de Clodoveo filho d'ElRey Childirico, que foi o primeiro Rey Chriſtão, que houve nella, do qual ſe conta, que no tempo que Remigio Biſpo Remenſe o baptizava, appareceo huma pomba no Ceo com huma redoma d'oleo no bico, com que ElRey Clodoveo foi ungido neſte Santo Sacramento, donde ficou em coſtume, que os Reys de

Fran-

França em ſua Coroaçaõ foſſem ungidos com eſte oleo. Preza-ſe Ungria d'ElRey S. Ladislao: preza-ſe Caſtella de Santidade d'ElRey D. Fernando, que ganhou Sevilha aos Mouros, preza-ſe Portugal da grande fé d'ElRey D. Affonſo Henriques (ſegundo alguns tem de Lorena) que ſe achou na Santa Conquiſta d'Ultramar, por iſſo aſſi como he grande honra, e proveito do Reyno ſer o Principe ſervidor, e amigo de Deos, e ſeguir em tudo ſua Santa vontade, aſſi o Rey, que he màõ Chriſtão, he cauza de grandes males, e dannos a ſeus Vaſſallos, e naõ ſei eu que eſcuza o tal poſſa dar a Deos, tendo delle recebido tamanhas mercês, como ſaõ mando, e poder, authoridade, e ſobre tudo lume, e conhecimento de ſua verdadeira Fè: mas eſta virtude taõ eſtremada, e taõ aceita a Deos, taõ particular he a V. Alteza nas obras, quam geral a muitos nas palavras, e o proveito diſto nòs o ſentimos, e ſempre (como eſpero) ſentiremos, nem he de crer que Deos naõ leve ſempre àvante as couſas deſte Reyno, ſendo taõ ſanta, e juſtamante governado por V. Alteza. Acha-ſe na Sagrada Eſcriptura que

Aſsà

Aſa Rey dos dous Tribus filho d'ElRey Abias, tornando-ſe para Jeruſalem com ſeu Exercito mui alegre, pola victoria que ouvera contra Zara Rey da Ethiopia, o Profeta Azarias o veio eſperar ao caminho, e o fez eſtar quedo, e lhe diſſe que lhe fazia ſaber, que elle, e ſeu Exercito venceraõ, porque viviaõ ſegundo Deos mandava, o que ſe levaſſem àvante, haveriaõ ſempre victoria contra ſeus inimigos, mas ſe d'outra maneira viveſſem, que lhes aconteceria o contrario, e que tempo viria, que no povo dos Judeos, ſe naõ achaſſe nenhum Profeta, nem Sacerdote, que fallaſſe verdade, e que os Judeos ſeriaõ lançados por todo o Mundo, e que viviriaõ pobremente, e com muito trabalho, por tanto os amoeſtava, que naõ ſe apartaſſem da vontade, e devaçaõ de Deos.

Quam verdadeiramente o Profeta Azarias iſto fallaſſe, ſe vio em todo o tempo, e ſe vê cada dia por experiencia. Claro eſtà, que em quanto ElRey Saul foi obediente a Deos, venceo todas as batalhas, e ſuas couſas foraõ àvante, ajuntou hum Exercito de ſete centos, e

ſe-

ſetenta mil homens com que deſbaratou a Annaàs Rey dos Ammonitas, que vinha contra elle poderoſamente venceo com ſeis centos homens trezentos mil Philiſteos alevantando-ſe entre elles hum grande medo ſem cauſa evidente, que os poz em desbarato; mas depois que Saul contra o mandado de Deos perdoou aos Amalechitas, gente da Arabia, naõ ſómente ſuas couſas foraõ mais adiante, mas perdeo a dignidade Real, e foi dado o Reyno a outrem, que naõ era da ſua linhagem. Eſcreve-ſe de Joathaõ Rey de Jeruſalem, que por ſer devoto, e amigo da ley, e por edificar huns Alpendres no Templo de Salamaõ mereceo vencer os Ammonitas: mas eſcuzado he determe em couſa taõ clara chea eſtà a Sagrada Eſcritura das grandes mercês que Deos fez aos que verdadeiramente o amaraõ, e naõ ſómente aos Judeos, mas a todos aquelles, que os defenderaõ, e foraõ em ſua ajuda. A principal cauſa ſegundo a opiniaõ de muitos, porque Alexandre Magno venceo a ElRey Dario, foi porque paſſando junto de Jeruſalem, e ſaindo a recebello os Sacerdotes, e Levitas reveſtidos com gran-

grande pompa, e ſoleminidade, o meſmo Alexandre Magno ſe deceo a elles, e lhes fez muita honra, e acatamento, e ſendo naquelle tempo Jeruſalem mui rica, e populoſa de duas leguas de cerca, ſegundo eſcreve Hecateo que foi no meſmo tempo em que havia cento, e tantos mil homens, com tudo naõ quiz entrar nella, nem conſentio que polos ſeus lhe foſſe feito algum danno.

Tambem o Emperador Julio Ceſar, por favorecer o povo dos Judeos ſe cre que mereceo ſer vencedor nas guerras civîs que teve com Pompeo polo contrario Pompeo ſe perdeo, por que na guerra que teve em Aſia, ſendo Capitaõ dos Romanos, entrou em Jeſuſalem por força no dia ſabado, e andou vendo o Templo armado com ſua gente, ſem fazer nenhum acatamento, nem reverencia a Deos; e ſabido eſtà, que dali pordiante ſuas couſas foraõ de mal em peor. O meſmo aconteceo a Marco Craſſo, Capitaõ Romano, peſſoa de graõ riqueza, e authoridade, eſte paſſando por Jeruſalem com ſeu Exercito, e ſabendo que eſtevaõ guardados no Templo de Salamaõ oito mil talentos, que eraõ cinco contos de ouro pouco

ma-

mais, ou menos, e ſendo de ſeu natural mui cobiçozo, os tomou por força ſem nenhum reſpeito, polo qual peccado foi logo vencido polos Parthos em batalha campal em que morreraõ quarenta mil Romanos.

Naõ leixarei de trazer aqui à memoria o caſo d'Antiocho Rey de Aſia, chamado por ſobre-nome Epiphanes, que quer dizer illuſtre, ou claro, o qual teve tamanho odio aos Judeos que deſtruio Jeruſalem, roubando quanto achou no Templo, e levando a meza de Philadelpho, mandou dentro do Sancta Sanctorum alevantar hum altar em que fazia ſacrificar porcos, conſtranger por força aos Judeos, que adoraſſem os Idolos, e comeſſem carne de porco, defendeo-lhes a circunciſaõ, edificou hum Caſtello em Jeruſalem, em que poz guarda de gente, derribou os muros da Cidade, e os que o ouſaraõ contradizer, mandou crucificar, e matar com deſvairados tormentos: por eſtas cruezas; e deſprezo da verdadeira Lei padeceo depois grandes males, e dezaventuras, e emfim morreo de huma morte mui acelerada com grandes dores, que ſem nenhum repouſo o atormentavaõ. Anthio-

tiocho eſtando para morrer dizia bramando, que elle merecia os males prezentes, e os paſſados por tratar mal o Templo, e povo dos Judeos. Deſtes exemplos conſta claramente, que no tempo da Lei velha favorecia Deos naõ ſómente aos Judeos, que o ſerviaõ, mas tambem a quem os ajudava, e polo contrario a muitos, que os perſeguiaõ, ſohia dar grave caſtigo, e aſſi como os Reys do Teſtamento Velho ſe eraõ juſtos, e chegados a Deos, haviaõ grandes victorias, aſſi os que taes naõ eraõ, mais das vezes haviaõ dezaſtrados fins, e eraõ vencidos de ſeus inimigos, ainda que foſſem mais poucos.

Quem naõ ſabe, que o Reyno de Jeroboaõ ſe perdeo polo dezacatamento do verdadeiro Deos? E he para notar, que a mòr parte dos Reys de Iſrrael, por cauſa de ſemjuſtiça: e idolatria viveraõ pouco tempo, de maneira que em quanto reinou em Jeruſalem ElRey Aſà Principe juſto, e devoto, que naõ foi muito tempo, ouve no Reyno de Samaria muitos Reys idolatras, que todos ouveraõ màо fim, e ſuccedendo no Reyno dos dez Tribus ElRey Oſias, e levando àvante as idolatrias de ſeus antepaſſados, permitio Deos,

que

que vieſſe contra elle Salmanaſar Rey dos Aſſirios com grande Exercito, o qual tomando por força a Cidade de Samaria, o prendeo, e levou conſigo captivos todos os dez Tribus às terras da Perſia, e Media, donde depois mandou aos Chuteos gente da Perſia, que viviaõ naõ longe de Babilonia, que vieſſem povoar a terra de Samaria, que ficava deſerta, os quaes cumprindo o que ElRey mandava foraõ depois chamados Samaritanos, e tal fim ouve o Reyno de Jeroboaõ, e a idolatria, e pouca devaçaõ dos dez Tribus de Iſrrael: pola meſma cauſa o Reyno de Judà ſentio muita parte deſtes males, e eſcrito eſtà, que Achaõ Rey de Judà foi taõ màO Principe, taõ deſprezador de Deos, taõ contente dos coſtumes de Samaria, que mandou alevantar em honra dos idolos altares em Jeruſalem, em que ſacrificou hum ſeu propio filho, ſeguindo niſto o barbaro, e abominavel coſtume dos Cananeos, finalmente mandou cerrar o Templo de Salamaõ, defendendo que ſe naõ ſacrificaſſe mais nelle, por onde mereceo ſer vencido em batalha campal por ElRey de Samaria, e lhe ſerem mortos nel-

la

la cento, e trinta mil homens: tambem ElRey Manaſſes por adorar os idolos, e matar muitos Profetas, foi vencido, e levado captivo a ElRey de Babilonia, mas arrependendo-ſe do ſeu peccado foi reſtituido a ſeu Reyno, e veio a ſer bom Rey, e amigo de Deos.

Quem naõ ſabe a cauſa por onde mereceraõ os Judeos ſer levados captivos a Babilonia no tempo de ſua tranſmigraçaõ? Sem duvida o principio de tanto mal naſceo do eſquecimento da Religiaõ, e a eſte vicio eſtavaõ jà taõ abituados, e entregues os Judeos naquelle tempo, que poſto que o Profeta Jeremias, vendo os males, que cedo haviaõ de vir, lhes rogaſſe com muitas lagrimas, que ſe converteſſem, com tudo nunca o quizeraõ crer, athè que viraõ as lamentaçoens do Profeta ſahir verdadeiras em tempo, que jà o dezengano dellas naõ podia aproveitar: abominavel couſa era idolatrarem os Judeos mòrmente tendo taõ claro conhecimento de Deos, e guardarem peor ſua verdadeira lei do que os Gentios guardavaõ ſua falſa Religiaõ, os quaes em algumas partes davaõ graves penas a toda a peſſoa, que ou desfazia os De-

o-

oſes, que jà eraõ recebidos, ou queria acreſcentar alguns de novo, e por eſta cauſa foi acuzado Socrates, e condennado à morte Anaxagoras, Clazomenio Filoſofo foi morto polos Athenienſes, por affirmar que o Sol, que elles adoravaõ, carecia de todo o ſentido, aſſi que com muita razaõ os Judeos naõ honrando, nem amando a Deos, como eraõ obrigados ouveraõ taõ grande caſtigo, e por eſte peccado naõ ſómente o ſeu Reyno, mas o Principado dos Sacerdotes ſahio algumas vezes da linha direita; tirou Deos eſta dignidade aos filhos de Hely, e fez Principe dos Sacerdotes a Samuel: depois naõ ſendo os filhos de Samuel dignos della, foi entregue o mando, e authoridade a Saul, eſte tambem naõ cumprindo em tudo a vontade de Deos, poſto que trabalhou muito de leixar o Reyno, e bençaõ a ſeu filho, o naõ pode nunca alcançar, e foi dado a David, porque he couſa impoſſivel reſiſtir ninguem à vontade de Deos.

Muitas, e grandes victorias alcançou o Emperador Theodoſio Principe Chriſtianiſſimo, porque ſendo em todas as outras virtudes mui ſemelhante ao Emperador Trajano, no conhecimento, e veneraçaõ

do

do Salvador do Mundo lhe levou muita ventagem. Com eſta virtude acreſcentou noſſa Santa Fè, e desbaratou os Godos, e Hunnos, e mereceo, como diz o Poeta Claudiano, que as ſettas, e lanças dos inimigos ſe voltaſſem pelo ar milagroſamente contra elles, e os desbarataſſem. Conta-ſe delle, que quanto mais velho ſe hia fazendo tanto mais excellente Principe era, o que he muito de louvar, porque vemos muitos com a longa idade hirem perdendo a vergonha, e uſarem do mando, que lhe foi dado para mui deſviadas couſas do ſeu fim. Taes foraõ os Emperadores Adriano, e Nero, e Philipe Rey de Mecedonia, filho de Antigono, porque começando a reinar virtuoſamente, deraõ depois mà conta de ſi, e acabaraõ mal. Mas a muita devaçaõ, e fé do Emperador Theodoſio o naõ leixavaõ errar, nem ſahir do verdadeiro caminho, que quem em Noſſo Senhor tem poſto o alvo de toda ſua eſperança, eſte quanto mais creſce em idade, tanto mais creſcerà nelle toda a virtude, e perfeiçaõ, nem ſeus inimigos por mais poderoſos, que ſejaõ, lhe poderaõ reſiſtir Naõ he mui antiga a Conquiſta de Ultramar, em que milagroſa-

mente os Chriſtãos houveraõ muitas victorias contra os infieis pola Fé, que levavaõ, a qual he de muito mòr força, que todos os Eſquadroens de gente armada, e polo contrario o Emperador Juliano, que foi chamado Apoſtata, porque peſeguio a Fè dos Chriſtãos, e foi mui dado à falſa idolatria, houve deſaſtrado fim.

Finalmente grandes dannos receberaõ ſempre os Principes Chriſtãos em que houve pouca Fè, e aſſi grandes mercês houveraõ de N. Senhor os que a ſeguiraõ, e ſe abraçaraõ com elle verdadeiramente, mas quando para prova diſto ſe naõ allegaſſem memorias do tempo paſſado, abaſtava ſó o exemplo de V. Alteza, em cujo proſpero reynado logra Portugal tantos bens, quantos naõ ſei ſe poderiaõ ſer acabados em outro algum Reyno de Chriſtãos: crece nelle a virtude, aſſi como vai crecendo a idade, e quando jà parece, que naõ pode mais crecer, entaõ acha caminho de novo creſcimento, que o que a nòs he perfeita ſatifacaõ, a elle ſempre he começo. Com razaõ ſeria louvado algum Principe uſando algum tempo parte das virtudes de que V. Alteza ſempre uſa, e iſto com tanta vontade,

e

e firmeza, que lhe fica jà em natureza, vigia ſempre por onde nòs deſcanſemos, e trabalha polo premio, que nòs havemos d' haver, e em tanto ſómente deſcanſa, quando do grande amor, que nos tem, naſce algum bem univerſal: todos os dias gaſta no que cumpre a noſſo proveito, e ſe alguma hora lhe parece, que tem ſatisfeito a muito grandes negocios, que tem, toma por paſſatempo, e deſcanſo do trabalho paſſarſe a outros trabalhos de novo.

Dous grandes bens, que a todos aproveitaõ, vemos ſempre em V. Alteza certeza de ſua bondade, comoſe jà foſſe Rey de muitos annos, e grande comedimento, como ſe pouco hà, que começaſſe a reinar: màparte he a do Principe dizer a ſeus Vaſſallos palavras de eſcandalo, nem graças, que toquem: as quaes quando naſcem da verdade, leixaõ aſpera memoria nas vontades, e eſte mal tanto he mòr, quanto as peſſoas, que as dizem, ſaõ de mòr authoridade. De Tiberio Gracco ſe lè, que ſendo na guerra de Anibal Capitaõ de hum Exercito (que com mingoa d'outra gente ajuntado d'eſcravos) mandou em ſeu Arraial lançar hum pregaõ, que ſobpena da vida, ninguem ouſaſſe

chamar a outro eſcravo; e ſe Tiberio Gracco antre peſſoas taõ baixas, e iguaes houve por taõ perigoſa huma commua offenſa de palavras, com quanta mòr rezaõ ſe deve iſto recear, quando naſce o tal eſcandalo de peſſoas principaes?

Mas poſto que V. Alteza deſta temperança, que uſa, e amor que tem a ſeu povo, naõ queira na vida outro intereſſe, que a execuçaõ da meſma virtude (que pola mòr parte dà de ſi tanto contentamento) que eſcuſa toda a outra ſatisfaçaõ, com tudo daqui naſce ſer jà tam bem quiſto de ſeus Vaſſallos, que cada hum delles o ama, como a Pai, e teme como a ſeu Rey, e Senhor natural. Dizia Xenocrates Filoſofo antigo, que entaõ ſe tiveſſe o Principe por mais ſeguro, quando foſſe cercado naõ de muros, mas da força de ſeus amigos, naõ d'armas, mas do amor de ſeus Vaſſallos, naõ de gente da ſua guarda, mas de ſua propria bondade, e virtude, e que com eſtas tres couſas ſe ganhavaõ os Reynos de novo, e os ganhados ſe conſervavaõ. Mal ſe pode conſervar o Reyno em que os Vaſſallos haõ medo aos Principes, e naõ lhe querem bem, por tanto quem tras o cuida-

do

do em reger bem, deve ganhar a vontade de ſeu povo, nem ſofrendo, que lhe ſeja feita ſem razaõ, nem a tendo em pouco depois de feita, e de tal maneira deve eſtimar os Grandes, que os mais baixos lhes naõ tenhaõ odio, e os ſem culpa lhe naõ hajaõ medo: ſobre tudo naõ mande alguma couſa com ira, que as mais vezes cega o verdadeiro juizo da razaõ, e para nunca errar, ha de fazer conta, que repreſenta a meſma Ley, a qual no caſtigo, que dà, ſe move ſempre por igualdade, e naõ por tençaõ, ou merencoria. Naõ faça o Principe alguma couſa duvidando ſe he mal, ou bem, por quanto a verdade onde quer, que eſtà, ella ſe moſtra, e dà lume de ſi, e polo contrario o duvidar he final, qne ſe naõ faz o que he razaõ. As guerras, que começar para conſervaçaõ da Republica, e defenſaõ da paz he a que ſobre tudo ſe deve ter reſpeito, nem cuide, que a virtude conſiſte ſó no entendimento, mas no uſo, e execuçaõ della. Nem olhe menos o que faz, que o que deve fazer, e principalmente trabalhe, que a juſtiça ſe continue, cujo officio he, que naõ ſe empeça a ninguem: e que em tudo ſe ſirva, e tenha

reſ-

peito ao proveito commum. Naõ hà engano mais prejudical, que o daquelles, que no tempo em que mais enganaõ, trabalhaõ por parecer homens de bem.

Por iſſo no Principe naõ deve entrar diſſimulaçaõ alguma, nem arte, mas em tudo ſeja claro, conſtante, e forte com tal temperança, que nem ſeja havido por mui aſpero, por quanto muito direito ſe torna em ſem razaõ, nem tambem ſeja taõ brando, que poſſa caber nelle o proverbio Grego que diz: *Os mandados mandaõ a quem manda.* Finalmente naõ faça couſa que naõ queria ſer-lhe a elle feita, e quem eſtas partes tiver, por certo ſerà mui quiſto, e amado de ſeu povo. Razaõ he, que o contentamento de V. Alteza ſeja mui grande, vendo quam inteiramente ſatisfaz a todas as partes de bom Principe, e que as virtudes, que poucos Filoſofos com grande ſeu trabalho em muito tempo puderaõ alcançar, elle por ſi as poem jà todas em obra perfeitamente. Os Romanos ſabendo bem quanto mais a conſervaçaõ do Eſtado pendia do amor dos Vaſſallos que do ſitio ou força do lugar, naõ tinhaõ

for-

fortalezas nas Provincias ; que ſojugavaõ, nem cuido eu, que por outro reſpeito Octaviano Fragoſo mandaſſe deſfazer em noſſos tempos a fortaleza de Genova, que fora feita pouco antes a entrada do Porto por mandado d'El-Rey Luis de França, tambem o Duque de Urbino chamado Guido Ubaldo que naõ muito ha que foi reſtituido a ſeu Ducado, de que fora lançado pelo Duque Valentino, mandou derribar todas Fortalezas, que o meſmo Duque leixàra feitas, o que fez por ſer bem quiſto da gente, e obrigar mais a vontade a ſeus Vaſſallos. Naõ podem os ſubditos amar ao Principe, que os naõ ama; poriſſo os Emperadores Auguſto e Theodoſio amaraõ muito a ſeu povo, e foraõ naõ menos bem quiſtos delles, e Auguſto foi taõ amado, que publicamente foi chamado Pai da patria. Louva Plino em ſeu panegyrico a Trajano que antes de ſer chamado Pai da patria polos Romanos, o era jà nas obras, o qual foi taõ zeloſo do bem e affeiçoado a ſeus Cidadãos, e Vaſſallos, que ſe affirmava em ſeu tempo, que a alma od Emperador Auguſto vinha fallar com elle, e naõ

ſó-

ſómente os Principes, mas ainda os tirannos, ſe ſaõ bem quiſtos, podem conſervar pacificamente ſeu Eſtado. Pouco hà, que Anibal Bentivoglio foi tiranno de Bolonha, eſte foi taõ amado da Republica, que ſendo morto à traiçaõ por conjuraçaõ dos Caneſcos, no meſmo ponto toda a Cidade ſe alevantou contra elles, e os matou ſem ficar nenhum, e ficando delle hum menino por nome Joaõ Bentivoglio mandaraõ logo a Florença buſcar outro ſeu filho, que era baſtardo que atè entaõ fora havido por filho d' hum Ferreiro: ao qual fizeraõ Governador em quanto Joaõ Bentivoglio naõ foſſe de idade, e tanto que foi, lhe entregaraõ o governo com muita fè, e fidelidade.

O contrario ſe lè de Philipe Rey de Macedonia pai do grande Alexandre, que foi mal quiſto, e aborrecido de toda a gente e em hum dia grande de feſta, em que ſe caſava ſua filha Cleopatra com Alexandre Rey de Epiro foi morto por mão d' Amintas ſeu Criado. Quem naõ ſabe o fim, que houve Galeazo Duque de Milaõ morto às punhaladas por mão de Joaõ

An-

André de Lamponhaõ e aſſi Agotocles tiranno em Sicilia ſendo valente Cavalleiro por màos coſtumes veio a ſer mal quiſto: Eſte entre muitas cruezas, que uzou fez matar em hum ſó dia a hum certo ſinal, a todos os Senadores, e principaes da Cidade de Saragoça. O Duque Valentino Ceſar Borja em noſſos tempos por ſua muita crueza foi taõ aborrecido, que ouve depois o fim que todos ſabemos, e antre outras couſas matou na Cidade de Senegalha muitos Senhores principaes Urſinos, e Vitellos, trazidos alli por elle à falſa fé, e hum deſtes foi Oliveroto, que antes ſe fizera tiranno da Cidade de Fermo, matando em hum banquete todos os principaes da meſma Cidade. Foi certo notavel exemplo querer Deos, que hum tiranno foſſe morto por outro tiranno, e quem por traiçaõ matàra, que elle tambem foſſe morto a traiçaõ.

Se queremos exemplo da Sagrada Eſcritura tambem nos poderá enſinar, quam prejudicial couſa he aos Principes o odio do povo. A ElRey Ariſtobulo dos Judeos ſuccedeo no Reyno ſeu irmão Alexandre, o qual ſendo magnanimo, e valente

Ca-

Cavalleiro por tratar mal a ſeu povo, e lhe fazer muitas injurias, e vexaçoens veio a cahir em grande, e geral odio, em muitas dezaventuras: foi taõ mal quiſto, que ouſava o povo eſquecido de ſi meſmo, e do acatamento devido á Real Mageſtade em ſua prezença delle rogar-lhe em vozes altas a morte. Naõ foi iſto ſem cauſa, porque em hum ſò dia fez Alexandre crucificar perante ſi 800 Judeos dos principaes do povo mandando primeiro matar ſuas mulheres, e filhos diante delles. Eſcreve-ſe d'Amaſias Rey de Judà filho d'ElRey Joàs, que começou a reynar temperadamente, mas depois alterado com a victoria dos Amalecitas adorou os idolos, e tratou mal o povo, por onde eſtando para dar batalha a Joás Rey de Samaria alevantou Deos em ſeu Exercito hum grande eſpanto, ſem nenhuma cauſa, em que todos foraõ deſbaratados, e elle ficou prezo em poder de ſeus inimigos, e aſſi ſeu filho ElRey Ozias começou tambem, e venceo os Arabes, e Amonitas, e muitas outras gentes, mas ſeguindo o màu exemplo de ſeu pai e tornando-ſe inimigo de Deos, e de ſeu povo ouve mà fim

co-

como ſeus máos coſtumes mereciaõ. Eſcrevem delle, que querendo em huma feſta principal entrar reveſtido como Sacerdote no Templo a offerecer no altar do ouro, ou incenſo a Deos, e indo-lhe à mão Azarias, com outros oitenta Sacerdotes, dizendo iſto naõ ſer dado ſenaõ aos que vinhaõ da caſta, e ſangue de Aaraõ. ElRey os ameaçava, que os mandaria matar ſe ſenaõ calaſſem. Eſtando niſto ſe levantou hum terremoto, e defronte da Cidade no lugar chamado Eroge arrebentou ametade de hum monte, que eſtava contra a ponte, e com grande impeto correo a terra por eſpaço de quinhentos paſſos, e foi alagar as hortas d'ElRey, nas quaes ſe deteve ſem paſſar mais adiante, e onde eſtava Ozias, a claridade do Sol ſe fez muito mais clara, e reſplandecente, e dando-lhe no roſto ficou cheio de lepra, de que depois morreo, e por eſta enfermidade lhe foi neceſſario ſahir-ſe de Jeruſalem. Que direi da maldade de Joraõ Rey de Judà, que certo naõ mereceo ſer filho de tal Principe, como foi ElRey Jozaphat, matou ſeus irmaõs, e quantos amigos tivera ſeu pai, e foi o primei-

meiro, que fez adorar os idolos em Jeruſalem, conſtrangia ſeu povo ſobir aos montes altos, e adorar os Deozes falſos, e naõ conhecidos? Nem foi menos preverſo ElRey Ochozias ſeu filho, e elle, e Joraõ foraõ depois mortos por hum Capitaõ Gentio.

Naõ me quero deter em huma couſa taõ clara, como he a prova de hum taõ grande vicio, o qual ſem duvida he tamanho, quam grande virtude ſempre foi, e ha de ſer hum Rey, e Senhor natural de todos poderſe com razaõ chamar Pai de todos. Naõ hade viver o Principe para ſi ſó, nem para ſua deleitaçaõ, mas para com muito trabalho, e continua vigia ganhar o amor de todos ſeus Vaſſallos, como fez o mui esforçado, e prudente Rey David, de quem ſe eſcreve, que tendo vencido ſeu filho Abſalaõ, que ſe lhe erguera com todo o Reyno, e tornando-ſe com victoria para Jeruſalem, encontrou o Tribu de Judà ao Rio Jordaõ, que ſe adiantàra ao hir receber, e queixando-ſe diſto os outros Tribus, que ficaraõ mais atraz no lugar que chamaõ Galgalà, o Tribu de Judà ſe eſcuſava polo parenteſco que tinha

nha com David, a iſto reſponderaõ os principaes dos outros Tribus eſtas palavras: *Eſpantados ſomos de vòs irmãos, cuidares, que ElRey ſò he voſſo parente, por quanto quem ſobre nòs todos recebeo o mando de Deos, eſte com noſco todos tem igual parenteſco, e ſendo nòs as onze partes do povo, e vòs a huma, e aſſi ſendo mais antigos, que vòs, naõ fizeſtes bem em nos querer tomar a dianteira eſcondida, e malicioſamente*; ſem duvida, razaõ tinhaõ neſtas palavras os onze Tribus, que tanto que huma peſſoa he Principe, logo ceſſaõ os reſpeitos particulares, e obedecem ao proveito commum, e he para notar o grande amor, que os Judeos tinhaõ a ElRey David, que elle merecia por ſuas grandes bondades, e affeiçaõ que tinha a ſeu povo.

Naõ cuide alguem que as mercês, e liberalidades dos Principes tem mais força para os fazer bem quiſtos, que a ſantidade da vida: porque naõ hà couſa (ſe me naõ engano) mais poderoſa, nem de mór efficacia, para ganhar a vontade dos Vaſſallos, que os bons coſtumes. Felipe Rey de Macedonia, ſabendo que ſeu filho Alexandre

por

por ganhar a vontade d'alguns Fidalgos lhes fazia mercê de dinheiro, dizem que ouve graõ merencoria, e lhe eſcreveo huma breve carta por eſtas palavras: *Qual razaõ, filho, te demoveo a cuidares, que te haviaõ de ſer fieis amigos os que por dinheiro forçaſſes athe quererem bem? Enganaſ-te, o verdadeiro amor naõ ſe compra por dinheiro.* E tinhaõ por coſtume os Reys de Macedonia, de chamarem às peſſoas notaveis, e de ſeu conſelho, ſeus amigos, o que V. Alteza tambem uza, nem ſe póde dar mais honrado premio à virtude, que o titulo d'amizade, e para que todos vejaõ quam perfeitamente, e com quanta conſtancia ama a ſeu povo, ainda que a todos ſeja notorio, direi duas principaes couſas, que em ſeu reinado tem feitas, de que ſe poſſa comprehender facilmente com quanto amor, e com quanto zelo trabalhou ſempre pola conſervaçaõ, e deſcanço geral de ſeus Vaſſallos.

Huma dellas he cazar-ſe com a mui poderoſa Rainha Dona Catharina Noſſa Senhora, e a outra no tempo das grandes fomes, e eſterilidades deſtes Reynos,

nos, trabalhar tanto, que seus subditos vivessem abastados. Ardia este Reyno em grandes suspeitas, e receos de males, que se esperavaõ, a guerra parecia certa, os tempos naõ permetiaõ descanço, a vontade dos homens naõ achava repouso algum. Naõ pòde V. Alteza naõ sómente sofrer os males de seus Vassallos, mas nem a suspeita delles, por onde logo no principio de seu reynado, sendo muito maior seu muito saber, e prudencia do que se podia esperar dos annos, e idade, se cazou com a Rainha nossa Senhora, Irmãa do Emperador Carlos V. deste nome, e para mais liança, e remate de taõ santa amizade, maiormente antre Reynos vezinhos, e comarcaõs, dahi a hum anno lhe deu pro mulher a Infanta Dona Izabel sue Irmãa, dando-lhe com ella taõ grande, e magnifico dote, digno de seu Real coraçaõ, que com razaõ se pòde comparar com as promessas d'ElRey Dario, e liberalidades de Alexandre Magno. Assim que lançado o fundamento da paz, o povo dantes suspenso, e solicito descançou, e vendo mostra de tanto amor o começou com mais razaõ d'amar, e tanto cada dia mais o ama, quanto as obras de V. Alteza me-

re-

recem cada dia mais de ſerem amadas. Mereceo, que lhe deſſe Deos a Rainha Dona Catharina noſſa Senhora por mulher dotada de toda a perfeiçaõ, a ſantidade de vida, cujas virtudes ſaõ tantas, e taõ grandes, que melhor ſe pòdem cuidar, e ver no penſamento, que louvar ſegundo ſeu alto merecimento polo qual nem eu me acho aſſaz eloquente para as poder dizer, e ainda que foſſem, ſe deve iſto guardar para outro tempo, em que mais conveniente, e copioſamente em ſeu proprio lugar ſe poſſa fazer.

Mas como poderei eu dizer a eſtremada diligencia, que V. Alteza ozou nos tempos das grandes eſterilidades de ſeus Reynos, mandando vir trigo de diverſas partes do Mundo, aventurando grande ſoma de dinheiro, e ſuas armadas a tantos perigos, vencendo as dezordens dos tempos, e contraria conſtellaçaõ do Ceo, porque ſeu povo naõ ſentiſſe fome, e viveſſe contente, e abaſtado, com taõ verdadeira piedade, e amor, como ſe elle ſómente fora o que ſentira? Grande mal he a mingoa das couſas, que muito importaõ à vida, de que naſcem mil queixumes, e deſcontentamento, e por iſſo tan-

tanto mòr louvor merece o Principe, que atalha as neceſſidades de ſeu povo. ElRey Herodes filho de Antipatro, por ſoccorrer a huma tal eſterelidade ao Reyno de Judéa, mandou vir muito trigo do Egipto com que abaſtou aos naturaes e eſtrangeiros. Foi amado, e julgado por Rey excellente, poſto que no tempo atraz, tiveſſe feito grandes males, e cruezas, e delle ſe eſcreve, que em outra eſterilidade, quitou a terça parte das rendas, que lhe eraõ devidas; pois com quanta mòr razaõ merece V. Alteza ſer louvado, e quanto mais evidente nos moſtra o amor, que nos tem, o qual nas neceſſidades, e careſtias deſte Reyno, naõ de terra taõ vizinha, e comarcãa, como era o Egipto de Judèa, mas de Reynos taõ afaſtados, como ſaõ Sicilia, e Alemanha mandou trazer à ſua propria cuſta tanta abaſtança de paõ, e aſſim a ſeus rendeiros, naõ ſómente em hum anno, mas em todo o tempo tem feitas, e faz cada dia grandes, e mui liberaes quitas? Louva-ſe o Emperador Trajano, que havendo eſterilidade no Egypto por naõ encher o Nilo ordenou que levaſſem là d' outras partes muita ſoma de trigo, e aſſi

o Emperador Octaviano, nas fomes de Roma provia com muito cuidado as neceſſidades do povo, fazendo vir paõ de muitas partes, o qual mandava dar de graça, ou vender por baixo preço. Mas quanto a eſta parte ſobre todos he louvado o Emperador Severo, que naõ ſómente em quanto foi vivo, trabalhou que em Roma naõ houveſſe tal neceſſidade; mas ainda foi cauſa, que depois de ſua morte, pola proviſaõ, que leyxou, viveſſe ſete annos o Povo Romano abaſtado. A fartura, que he dada polo Principe, como verdadeiramente diz Plinio, he huma mercê perpetua, que ſempre dura nas vontades, e o Principe liberal naõ menos aproveita a propria fazenda, que a fama: por iſſo dizia o Emperador Aureliano, que naõ havia couſa no mundo mais para folgar de ver, que o Povo Romano, quando era abaſtado, nem deu menos gloria ao grande Pompeo a empreza de fazer vir paõ a Roma, que os Triunfos, e Victorias, que trouxe d'Oriente.

Sem duvida todos eſtes louvores cabem em V. Alteza, e niſto ſe pode ver com quanta razaõ merece ſer amado de

ſeu

ſeu Povo, o qual tanto mais verdadeiramente o ama, quanto mais certo vé, e ſabe, que as mercês, que lhe faz, vem de ſua propria bondade, ſem algum ſeu particular reſpeito, que entaõ he verdadeiro o amor quando as boas obras naſcem delle ſó, e naõ da eſperança d'algum intereſſe, mas nem com iſto ſatisfaz ainda o ſeu mui virtuoſo zelo, e ſanta inclinaçaõ. Novas maneiras, novos caminhos buſca cada dia com que tenha mais contente ſeu Povo, e naõ tendo nos mais, que dezejar, todavia o ſeu dezejo creſce, e nunca cança, e ſatisfazendo a todos, ſómente a ſi nunca ſatisfaz. Era entrado neſte Reyno, polo coſtumes das ſedas, hum mais deſordenado gaſto no veſtir do que cumpria ao bom enſino, e honeſtidade, e trajo antigo deſta Naçaõ, o que vendo V. Alteza de tal maneira o atalhou, e remediou, que elle meſmo foi a ordenaçaõ, ſometeo ſua Real authoridade a trajo temperado, e commum, digno da gravidade de ſeus antepaſſados, porque naõ ſómente com as virtudes d'alma, mas com o exemplo de fóra aproveitaſſe ao Povo, e lhe moſtraſſe tambem niſto o

grande amor, que lhe tinha. O' quanto mais luzem, e reſplandecem nelle os temperados, e honeſtos veſtidos, que em outros muitos Principes brocados, e forros, e golpes demaſiados! Sem duvida tanto mór verdade he o que digo, quanto no Principe he mais louvada a temperança, que a deſordem do appetite. Com razaõ deve ſer reprehendido Aureliano Emperador Romano, que uſou primeiro por Diadema na cabeça à maneira dos Principes barbaros, e veſtio Opas d'ouro tirado, cubertas de perolas, e pedras precioſas, as quaes inſignias leixaraõ depois os Reys Chriſtãos em final de humildade!

Que direi dos Moços, que V. Alteza à ſua propria cuſta mandou, e cada dia manda à Univerſidade de Pariz aprender as Artes liberaes, e Santa Theoligia, porque a honra de ſeu Reyno naõ menos nas Letras, que nas outras virtudes ſeja por elle acreſcentada? Louvado he o Emperador Trajano, por mandar criar cinco mil meninos Romanos pobres à ſua cuſta, mas tanto V. Alteza he digno do mór louvor, que Trajano, quanto a doutrina, e enſino das Letras

ſe deve mais eſtimar, que toda a outra criaçaõ. Nomeada he nas hiſtorias a memoria d'ElRey Cyro, que ſabia o nome a todos os ſeus Soldados, e d'ElRey Mitridates, que ſabia vinte e duas linguas de vinte e duas Provincias de que era Senhor: tambem Temiſtocles Capitaõ Athenienſe ſabia o nome a todos ſeus Cidadãos. V. Alteza naõ ſomente ſe lembra dos nomes, mas do merecimento, e preço das peſſoas, nem ganha menos a vontade de ſeus Vaſſallos com a viveza da memoria, que com a perfeiçaõ das obras. Aquelle verdadeiramente ſe póde chamar bom, que ſe preza de boas obras.

A virtude, ſegundo diz Ariſtoteles, conſiſte no obrar, o qual tem jà. A bemaventurança do homem naõ he outra couſa ſenaõ uſar a noſſa alma ſegundo a razaõ quer em toda a vida. Que mòr teſtemunhò do que digo queremos, que o que eſte dia, e tempo prezente nos póde dar, em que naõ ſómente faz mais rica, e populoſa com ſua preſença a ſua Cidade d'Evora, mas ainda mui dezejoſo de lhe ſer cauſa de mòres bens lhe traz novamente a agoa de mui longe

com

com muita abaſtança, vencendo com arte à natureza, reſtituindo o cano d'agoa taõ neceſſario, e tantos tempos hà eſquecido, e com grande animo ſuprindo os defeitos do lugar por dar ſaude, e contentamento aos homens. O' quam bem ſe pode applicar a V. Alteza aquelle conſentimento geral, que o povo Romano deu ao Emperador Helvio Pertinaz em eſtas palavras: *Reynando o Emperador Helvio Pertinaz ſeguros vivemos, ninguem tememos, ao Pai piedoſo, ao Pai do Senado, ao Pai de todos os bens.* Eſte he o verdadeiro officio do Principe viver para proveito dos homens, iſto he, que Deos, e o mundo, e a obrigaçaõ do Sceptro Real requerem.

Por iſto vendo alguns, que grande trabalho era reinar bem, eſcolheraõ antes viver deſcançados ſem Reynos, que reinando ſerem obrigados, e ſugeitos a tantos cuidados. Le-ſe do Emperador Diocleciano, que vencido do grande trabalho ſoltou o Imperio Romano, e ſe recolheo a huma ſua quinta perto de Veneza, e ſendo-lhe requerido por parte do Senado por Herculeo, e Galerio peſſoas principaes, que quizeſſe tor-

tornar a aceitar o Imperio lhe reſpondeo eſtas palavras: ſe viſſeis meus amigos as ervas que eu por minhas mãos tenho poſtas, e na minha orta, certo ſaõ; que me naõ darieis tal conſelho: e naõ ha muito tempo, que Luiz Landrasî Principe de hum Eſtado em Alemanha ſendo eleito Emperador o naõ quiz aceitar, e quiz antes viver em ſeu pequeno Eſtado, que governar o Imperio de Alemanha; antre as eſcuſas, que dava para o naõ poder ſer, era naõ ſaber letras, as quaes dizia ſerem mui neceſſarias para o governo da Republica Chriſtãa, eſte foi taõ amigo das leys que as fez tirar de latim em ſua lingoa por melhor as poder entender.

Convida-me neſte lugar o tempo a fallar da liberalidade de V. Alteza, que como dizem os Filoſofos he graõ parte da juſtiça, e propriamente pertence aos Reys, e Grandes Senhores, e ſabido eſtà com quanto animo uſou ſempre deſta virtude, mórmente em tempos taõ contrarios merecendo todo o louvor, que ſe pode dar a hum Rey Magnifico, e liberal. Acho eu, que os mais dos Excellentes Principes foraõ

liberaes: liberal foi Alexandre Magno; e iſto em tanto grão que nos ficou em proverbio. Liberal foi ElRey Cyro, o qual como eſcreve Xenofonte, dizia que o ſeu Theſouro eſtava nos amigos, e aſſi Julio Cezar o foi tanto que partindo-ſe de França, Provincia taõ rica, aonde eſtivera dez annos por Governador, e naõ tendo com que fazer a guerra Civîl a Pompeo, que pouco antes começara, lhe foi forçado pedir dinheiro empreſtado aos Capitães, e Soldados de ſeu Exercito. Por certo mais real couſa he enrequecer o Principe a outrem, que fazer-ſe elle a ſi meſmo rico, e por iſſo bem dizia ElRey D. Pedro de Portugal, que o dia que naõ dava, ſe naõ tinha por Rey. Deve-ſe com tudo ter reſpeito, que eſta virtude ſeja empregada em quem merece, e ſe verdade he, que toda a liberalidade he juſta, quem deſte meio fugir, darà conſigo em hum dos extremos, e ou ſerà avarento, ou prodigo. Eſcreve-ſe de Archelao Rey de Macedonia, que pedindo-lhe hum homem de màos coſtumes, que lhe fizeſſe mercê d'hum vaſo d'ouro, ElRey mandando-o dar ao Poeta Euripedes, lhe diſſe: Tù es digno,

gno, que peças, e naõ te dem, e eſtoutro he digno, que naõ pedindo lhe ſeja dado. Por iſſo reprehende muito Plutarcho aos Principes, que naõ ſe lembrando dos Criados vergonhoſos, e bem enſinados, fazem ſòmente mercê aos importunos, que naõ tem vergonha, e lhes daõ naõ o que lhes querem dar, ſe naõ o que lhes naõ pódem negar. Mas V. Alteza em todas as partes guarda mui inteira temperança, deſpreza o dinheiro mas ſómente o deſpreza nos lugares, e tempos onde he razaõ, edifica Templos ſumptuoſamente, mas naõ como o Emperador Domiciano, e alguns outros Principes, que neſta parte excederaõ o modo.

Finalmente de tal maneira he magnifico diſtribuidor de ſuas riquezas, que ſempre ſe guarda dos extremos, e aſſi como naõ ſe eſquece da conſervaçaõ, e acreſcentamento de ſua fazenda, aſſi a fonte de ſua magnificencia eſtà ſempre aberta para todos ſeus amigos, e Vaſſallos. Naõ póde mais claro final ſer do que digo, que o cuidado, que teve ſempre, e hoje em dia tem dos Infantes ſeus Irmãos, naõ receando couſa alguma por onde ſe

ve-

veja, que naõ menos os tem por filhos, que por irmãos, e certo nas obras, e amor, que lhes moſtra, naõ hà diferença para elles de Pai para Irmão. Saõ elles bemaventurados carecendo de taõ excellente Pai naõ carecerem de hum tal Irmão, o que poſto que cada hum mereça por ſuas muito grandes virtudes, e lealdade, e amor, que lhe tem; com tudo a mòr parte deſte louvor ſe deve atribuir à liberalidade de V. Alteza. Huma das grandes virtudes mais eſtimadas de Marco Antonio Emperador dos Romanos, chamado por ſobrenome o Filoſofo, foi eſta de quem ſe eſcreve, que ſendo o Thezouro de Roma gaſtado, e naõ havendo com que pagar huma grande ſoma de dinheiro, que ſe devia aos Exercitos, elle por naõ lançar nenhum pedido, nem dar oppreſſaõ às Provincias, mandou vender, e pòr em pregaõ toda a ſua baixella, vaſos, d'ouro, joias, e tapeçaria, com que ſatisfez e pagou a todos inteiramente.

Muito bem dizia Julio Ceſar, que os outros Capitaens venciaõ ſeus inimigos com crueza, e que elle tinha achado huma nova maneira de vencer, que era clemen-

mencia, e liberalidade, e de maneira; que o bom Principe, he hum ſó remedio da gente pobre, e aſſi fazendo muitas mercês, naõ menos aproveita a ſi, que aos outros; porque àlèm de ganhar verdadeira gloria, dà o dinheiro que ſempre ha de ter preſtes, e achar em ſeus Vaſſallos quando cumprir, e a eſte propoſito diſſe mui bem o Poeta Rabirio: Naõ tenho outra couſa de meu, ſenaõ o que dei. Verdadeiramente diz Tulio naõ ha virtude que mais faça os homens converſaveis antre ſi, que juſtiça, e liberalidade. A natureza dos homens he eſta, aſſi ſe obrigarem polas boas obras que fazem, como polas que recebem. Bem vejo quam eſcuzado he querer eu confirmar com authoridades de fóra as virtudes de que V. Alteza he taõ novel exemplo; mas he tamanho o meu contentamento, fallando nellas, que pòde mais em mim eſte appetite, que o receio de ſer polixo, e vendo bem quam poucas vezes ſe acha hum tal Principe taõ acabado em tantas partes, ſaõ forçado a me deter em cada huma dellas particularmente.

Tornando a meu propoſito, he tamanha virtude eſta de que fallo, que muitos

tos Principes vicioſos, e perverſos com ſerem ſómente liberaes, foraõ bem quiſtos de ſeu povo. Herodes filho de Antipatro Rey de Judèa foi cruel contra ſeus filhos, e de forte condiçaõ, com tudo porque foi liberal mereceo ſer obedecido dos ſeus, e naõ de todo malquiſtos ſohia dizer delle o Emperador Octaviano, e Marco Agrippa, que era mòr o eſtamago d'ElRey Herodes que o Reyno, e que era digno taõ liberal Principe do Reyno de Egypto, ou da Syria. Deve com tudo o bom Rey ſaber naõ menos acquirir, que deſpender, e de tal modo temperar eſta virtude, que querendo ſer muito liberal, naõ venha a dar em prodigo, e desbaratado. Do meſmo Herodes ſe lè que naõ podendo ſuprir ſeus demaſiados gaſtos, e tendo jà deſpezo todo o ſeu Thezouro, trabalhava com todos os modos, e vias illicitas roubos, e cruezas para ajuntar outro de novo, e naõ ſómente roubava o povo, mas os lugares, e ſepulturas antigas. Contaõ delle que ouvindo dizer, que na ſepultura d'ElReyDavid fora metido hum graõ Theſouro por mandado d'ElRey Salamaõ, e que Hircano Principe dos Sacerdotes nos tempos paſſados

ti-

tiràra della tres mil talentos, que era hum conto d'ouro, e oito centos mil cruzados, Herodes cuidando, que ainda là ficaſſe muito mais, entrou huma noite ſecretamente na cova, e ſendo chegado aos muimentos da pedra em que jaziaõ os oſſos d'ElRey David, e d'ElRey Salamaõ, ſupitamente da mais derradeira parte della ſe alevantou huma chama de fogo, que queimou dous homens da ſua guarda, que hiaõ diante delle, o que vendo Herodes tornou atraz com grande medo, e em ſatisfaçaõ da culpa, mandou depois à entrada da ſepultura edificar hum muimento de marmore branco de magnifica obra, e deſpeza, e aſſi foi caſtigada a cobiça d'ElRey Herodes.

Eſte vicio foi a cauſa, por onde o Emperador Nero veio a ſer taõ màо, e cruel tiranno, como foi. Mas naõ deve menos fugir todo ó bom Principe do outro, extremo da avareza, que em todolos tempos foi mui reprehendido, e cauſa de muitos males, e inconvenientes, nem ha couſa que peor eſteja a hum graõ Senhor, que ſer eſcaço, polo qual o Idolo de Apolo Delphico em huma repoſta, que deu diſſe, que a Republica dos Lacedo-

mo-

monios ſe perdèra por avareza. E Perſeo derradeiro Rey de Macedonia por ella ſe perdeo. O Emperador Veſpaſiano, ſendo em muitas couſas louvado de bom Principe, neſta ſó foi vituperado. Acha-ſe nas hiſtorias antigas que havia no Reyno da Perſia huma ley, que ElRey Cyro fizera, que quando ElRey entraſſe em alguma Cidade de ſeu Reyno, mandaſſe dar a cada mulher cazada huma moeda d'ouro. Depois Reynando Ocho Principe mui avaro, e querendo entrar na Cidade d'Eſpecio; por naõ pagar a moeda d'ouro, que ſegundo a ley era obrigado, rodeou os muros, e paſſou adiante. Foi eſta naõ pequena infamia para hum Principe taõ poderoſo, e taõ rico. Por certo digno de louvor foi Alexandre Magno, o qual entrando duas vezes na meſma Cidade, de ambas mandou pagar a ſua moeda às mulheres, e às prenhes mandou que foſſe pago o dobro. Pola meſma cauſa ſe louva o Emperador Octaviano, porque vizitando como Pai geral de todas as Cidades, e lugares de Italia, aos Cidadãos, que faziaõ certo terem filhos, ou filhas, mandava dar hum ſextercio, que eraõ vinte, e finco cruzados.

Por

Por iſſo trabalem os Principes por ſerem liberaes, e tomem exemplo de V. Alteza, nem cuidem que he taõ pouco ſaberem no ſer, e por quanto às vezes com menos trabalho ſe vingaõ as injurias, do que ſe fazem as boas obras; a razaõ diſto he: porque a boa obra, quando ſe faz, ſoe carregar muito, e a vingança ella conſigo tras contentamento. Lembrem ſe que ſe Pompeo, e Scipiaõ triunfaraõ taõ mancebos, e ſe Valerio Corvino foi feito Conſul de vinte, e tres annos, que naõ ſómente com ſerem Cavalleiros, mas com ſerem liberaes ſobiraõ em taõ pouco tempo a tanta honra, e authoridade. Tenhaõ porèm na lembrança, e avizo que fujaõ, como diſſe dos extremos, nem ſendo avarentos, nem prodigos, o que ſe olharaõ os mais antigos Emperadores d'Alemanha, pola ventura naõ conſentiriaõ, que Cidades por taõ pequeno cenſo, e tributo ſe fizeraõ livres, donde naſceo ouſarem depois os ſocios alevantarem-ſe contra o Duque d'Auſtria, e os povos cobrarem tanta ouzadia, e coraçaõ contra o meſmo Emperador, porque ſendo partida Alemanha em quatro partes Soi-

ços Terras francas, ..... e Terras Impereaes, por esta sobeja liberalidade, que a todos foi comunicada, vieraõ a estimar pouco o Emperador, e a terem huns com outros mil guerras, e differenças, dos quaes males, como jà disse, foraõ causa os primeiros Emperadores, que querendo fazer grandes mercês ao povo excederaõ o modo, e cuidando de aproveitar os Vassallos, fizeraõ muito danno a si, e a seu estado, e authoridade. Nem me póde a mim parecer bem aquella opiniaõ do Emperador Tiberio Cesar, que os Governadores depois de ter governado muito tempo eraõ melhores, que os que entravaõ de novo, e dizia que os de muito tempo, sendo já ricos, roubavaõ menos, os que começavaõ indo pobres metiaõ mais a mão, e era mais prejudicial ás Provincias. Máo Regimento, e mà atençaõ (segundo meu fraco entender) era esta tomar por remedio do roubo, e tirannia a continuaçaõ do tempo, e naõ bom ensino das leis, sem duvida mais louvor merecèra Tiberio, ordenando sua Republica de maneira que ninguem fora ousado de roubar. Que louvor darei à bondade, e san-

tá inclinaçaõ, e ao trabalho continuo ſem nenhum ropouſo, à clemencia, e humanidade de V. Alteza?

Se eu eſte Panegyrico eſcrevera em alguma terra mui afaſtada de nós, onde o ſeu nome ainda naõ chegàra, pola ventura receando de me naõ darem credito, ou temperara taõ grandes louvores, ou os leixara de dizer. Mas fallando iſto em parte aonde ſaõ taõ claros, e manifeſtos, naõ recearei dos celebrar em quanto puder, porque ſei que aſſim como naõ poſſo dizer tanto que ſatisfaça a verdade, e contente meu dezejo, aſſim heide ter a todos por teſtemunhas, e aſſaz me parecerà, quam ditozo ſom, ſe vir, que neſta obra ao menos he recebida minha vontade, que do mais bem vejo que naõ póde o eſtillo ſer igual a taõ alto merecimento, poſto que naõ ſinto eu parte, em que já ſe naõ achem muitas teſtemunhas do que digo. Cheio eſtâ o Mar Occeano, cheio eſtà Levante, e Ponente da grandeza de ſuas obras, e aſſim de ſeu louvor. Naõ ſe póde hum Reyno proſperamente governar, ſem muito trabalho, aſſi na juſtiça, e partes della, como em

todalas outras virtudes. E ſe a vida do homem, como dizem alguns, lhe vigia, quanto mais o deve ſer a do Principe. Por tanto V. Alteza mui ſolicito, e diligente, na conſervaçaõ do ſeu povo, depois que entrou na governança delle, naõ em huma ſó parte de negocio, mas em quantas occorrem, e cumprem a ſeu eſtado, nunca cançou, nem cança, com que ſendo aceito a Deos poſſa aproveitar aos homens, e ganhe memoria para ſempre.

Naõ he piqueno trabalho o que tem todo o bom Principe no tempo da paz, e quanto o repouſo, e deſcanço, que della naſce he maior, tanto os homens pola maior parte ſaõ peores, ſenaõ ha quem continuamente os poſſa, e ſaiba emmendar, e he iſto taõ neceſſario, que às vezes a huma Republica, que vive em muita ociozidade, aproveita verſe em alguma fadiga, porque com os trabalhos, e preſeguiçoens a gente ſe emmende, e leixando os màos coſtumes, ſe torne ao verdadeiro caminho, como dizem que aproveitou muito a Roma ſer tomada dos Francezes em tempo de Camillo, com que os Romanos eſperta-

raõ

raõ, e tornaraõ, a renovar a virtude antiga, que jà nelles hia faltando, e porque naturalmente todalas couſas vaõ demenuindo, cumpre naõ huma vez, ſenaõ muitas, ſerem as Reſpublicas tornadas a ſeu principio, quero dizer, ſerem tornadas aos bons coſtumes com que foraõ fundadas. Antigamente ſohia dizer Apio Claudio Cidadão Romano, que melhor hia ao povo Romano no tempo da guerra, que no da paz, naõ porque naõ ſoubeſſe quanto melhor eſtado era o da paz, mas porque via os grandes Reynos, e Imperios com o trabalho, e exercicio das armas hirem por diante, e com boa vida tornarem atras.

Da meſma tençaõ era Quinto Mettelo, Pai de Mettelo, chamado o piedoſo, quando diſſe, que ſe naõ ſabia determinar, ſe terem os Romanos vencido a Cidade de Carthago era mais damnoſo à Republica, ou mais proveitoſo, porque com a vida de Anibal Italia eſpertara do ſono, e depois da victoria havia medo que tornaſſe a dormir. Por iſſo cumpre ao bom Principe no tempo da paz ſer taõ diligente que a juſtiça,

e bons coſtumes ſe conſervem, e ſejaõ afaſtados os males, que o deſcuido da longa paz ſoe trazer conſigo. A muita confiança naõ o faça deſapercebido, e a muita confiança naõ o faça mão de ſofrer: nas couſas proſperas naõ uſe menos do conſelho de ſeus amigos, nem lhes dè entaõ menos credito, que nas contrarias. E no meſmo tempo ſe deve guardar dos lizongeiros, e iſto tanto mais, quanto eſte engano he mais ſutîl, porque as mais vezes os homens quando ſaõ lizongeados, cuidaõ que lhes fallaõ verdade, e deſta preſumpçaõ, ou opiniaõ falſa naſcem muitos erros, que cada dia creſcem, quando naõ ſaõ atalhados. E Porque a prudencia he ſaber o homem as couſas, que ſe devem fazer, e o ſaber conſiſte no entendimento das couſas divinas, e humanas, cumpre muito ao bom Principe, que dè alguma parte do ſeu tempo, e cuidado ao conhecimento deſta virtude mórmente tirando-ſe della grande fruto, e dizia Plataõ, que entaõ ſeriaõ bemaventuradas as Reſpublicas, quando, ou os Filoſofos reinaſſem, ou os Reys foſſem dados à Filoſofia. Mas poſto que todo o bom Principe ſeja obriga-

gado a ſaber todas as partes do bom governo, muito mais obrigado he aquelle a que eſte cuidado vem como por herança de ſeus Avòs: porque aſſi como os Pais naõ podem leixar aos filhos mais honrado patrimonio, que a gloria de virtudes, e feitos excellentes, aſſim os filhos com todalas ſuas forças devem ſeguir o exemplo dos bons Pais, e fazendo o contrario naõ ha culpa, nem infamia de que naõ ſejaõ dignos.

Deve o prudente Governador, quanto nelle for poſſivel, tirar os màos coſtumes da terra, antes que criem raiz, que depois naõ lhe aconteça, como aos Fiſicos na cura dos Eticos, cuja enfermidade no começo he boa de curar, e mà de conhecer, e no fim he boa de conhecer, e mà de curar. E quando os Cretenſes antigamente queriaõ rogar alguma grande praga a ſeus inimigos; diziaõ, que ainda os viſſem folgar com màos coſtumes. Naõ deve o Principe ſer eſquecido do que toca a toda huma Republica, e ſe eſte defeito em huma peſſoa particular ſe eſtranha tanto, que deve ſer em quem repreſenta todo o povo? Dizia Scipiaõ Africano, que era

mà eſcuſa no tempo da guerra dizer o Capitaõ quem houvera iſto de cuidar? O que tambem ſe póde aplicar ao tempo da paz; porque na guerra a muita diligencia faz às vezes danno, e por iſſo dizia o meſmo Scipiaõ, que nunca ſe devia dar batalha, ſenaõ com grande ventagem, ou neceſſidade, mas no tempo da paz naõ he aſſi, no qual nunca a diligencia póde ſer tanta, que naõ ſeja toda neceſſaria, para a conſervaçaõ dos bons coſtumes. Trabalhe o bom Principe, que a ſua vida ſeja aos ſubditos, como huma regra direita de bom viver, como dizia o Filoſofo Xenocrates. Naõ ha couſa mais fóra da razaõ, nem que peor pareça, que vivendo bem os Vaſſallos, viverem os Senhores mal, e como acima diſſe as mais vezes vemos, que as Cidades, e Povos ſeguem a vida, e coſtumes de ſeu Senhor. Quanto a peſſoa he mais illuſtre, tanto o erro, que cõmete, he havido por maior. E como diz S. Joaõ Chryſoſtomo, as culpas ſe ſóem a medir naõ pola quantidade do peccado, mas pola dignidade do que pecca.

Que grande contentamento deve ſer

o do bom Principe, vendo-ſe limpo, e apartado de todo o vicio, e naõ tendo feito, nem fazendo couſa alguma, de que naõ poſſa dar boa conta de ſi, e mui digna de ſer recebida, darlhe-há contentamento ſua meſma conſciencia: dar-lhoaõ ſeus amigos, ſendo delles louvado verdadeiramente, dar-lhoaõ ſeus Vaſſallos em o ſeguirem, e tomarem ſeu exemplo, finalmente dar-lhoaõ ſeus contrarios, e os que lhe quizerem mal, os quaes buſcando em que o poſſaõ reprehender, tanto mòr paixaõ haõ de levar, quanto menos acharem couſa em que com razaõ o poſſaõ fazer. E quem eſtas partes no Regimento da Republica prudentemente conſervar, ſem duvida terà muito, e continuo trabalho, mas elle conſeguirà o verdadeiro fim de bom Principe. Por iſſo naõ ſem cauſa V. Alteza ſendo como he em tudo taõ acabado, vigia continuamente aplicando ſeu entendimento a todos os cuidados, porque nòs vivamos deſcançados: o fruto, que jà diſto recebe he taõ grande, que o eſperta a paſſar eſta carreira animoſamente, o trabalho ſe ajuda da vontade, o bom natural ſe aproveita de

mui-

muita arte, e assi como o bom Capitaõ deseja sempre novas victorias, e o bom Piloto naõ se contenta com o que sabe, vai por diante descobrindo novos mares, e terras, o que nada hum destes faz pela gloria, que espera, assi o bom Principe naõ receando nenhum trabalho, nunca cança, nunca repousa, ora fazendo leis, ora inventando novas maneiras proveitosas ao bem do seu povo, e Estado, ora competindo os melhores Principes, e trabalhando por lhes levar ventagem: o que tudo faz naõ por algum interesse desta vida, mas polo fim, e bemaventurança, que na outra deste trabalho espera.

Artaxerxes Rey da Persia, filho d'ERey Xerxes, a que os Gregos chamaraõ Cyro, e os Judeos Assuero, foi muito nomeado antre os Persas, delle se conta, que jazendo huma noite na cama, e naõ podendo dormir por naõ perder aquelle tempo mandou, chamar hum Secretario, e que troxesse os livros dos memoriaes, em que estava escrito o merecimento, e galardaõ de cada pessoa, o qual vindo se achou, começando a ler logo hum, que por serviços, que fizera a ElRey houvera hu-

humas terras em satisfaçaõ, e mais adiante acharaõ outro, que recebera mercê de dinheiro, e estes ambos tinhaõ assignado no livro como he costume, e chegando a hum Mardocheo, que os tempos passados descobrira huma traiçaõ, que estava ordenada contra ElRey; perguntou Artaxerxes se a este fora feita alguma mercê, e respondendo o Secretario, que o livro estava em branco, fez ElRey a mesma pergunta a hum grande seu privado, que estava prezente chamado Amaõ, o qual tambem naõ sabendo nada, Artaxerxes espantado de tamanho descuido, mandou logo chamar ao mesmo Mardocheo, e o fez vestir de vestiduras Reaes, e lançarlhe hum Colar de ouro ao pescoço, e no dia seguinte quiz, que fosse levado com grande pompa por toda a Cidade, e porque seu privado Amaõ fora taõ descuidado em cousa, que tanto lhe cumpria, mandou, que elle mesmo fosse pellas ruas diante de Mardocheo, apregoando, que o mòr premio da honra se dava a Mardocheo polo mòr serviço. A mesma diligencia teve em governar o mundo o Emperador Cesar Octaviano, porque em quanto viveo, sempre ordenou

nou couſas mui proveitoſas à ſua Republica, e antre outras eſcolhendo por authoridade do Senado dez peſſoas, que o ajudaſſem, conſtrangeo a todos os Cavalleiros de Roma, que vieſſem perante elle dar conta, e razaõ de ſua vida, e os que a naõ deraõ boa, parte caſtigou com pena e parte fez infames, e outros reprehendeo de palavras: o mais brando caſtigo de todos foi meter na mão, a quem naõ achava taõ culpado, hum pequeno eſcrito de reprehenſaõ, que logo o meſmo havia de ler antre ſi em preſença do Emperador, e niſto Octaviano ſeguio o exemplo de Amaſis Rey do Egypto, ſegundo conta Herodoto, que fez huma lei, que ſobpena da vida, todo o homem cada anno perante Juizes Deputados foſſe obrigado a dar razaõ de ſua vida, e omeſmo coſtume paſſou depois Solon Filoſofo às leis dos Athenienſes. Mandou Ceſar Auguſto ſoltar todos os devedores a que ſeus acredores tinhaõ preſos na cadea naõ por eſperar paga alguma, naõ tendo elles de ſeu nada, mas para tomar huma ſobeja, e dura maneira de vingança, e foi em tudo taõ prudente, que naõ ſómente na vida, mas tambem na morte teve reſ-

pei-

peito ao bem cõmum. Eſcreve-ſe, que leixou tres livros feitos por ſua mão, o primeiro do que pertencia a ſeu enterramento, o ſegundo lembrança de todas as couſas, que fizera, no terceiro ſó continha huma breve inſtrucçaõ de todo o Imperio, quanta gente de peleja ficava no campo, quanto dinheiro deixava, quanto ſe devia das rendas publicas, e aſſi o que deviaõ ſeus criados, e procuradores à Republica, para que em todo o tempo por eſte livro lhe podeſſe ſer tomada conta.

Quem leixarà de louvar a verdadeira clemencia, e humanidade de V. Alteza, que naõ menos uſa com osgrandes, que com os pequenos em tudo ſempre conſervando, o que cumpre a ſua real authoridade? Proprias virtudes ſaõ eſtas de bom Principe Chriſtão, que ſempre deve trabalhar de naõ ſer aſpero, nem ſoberbo ao povo, nem lhe dar mais opreſſaõ daquella, que cumpre para o bem, e conſervaçaõ da juſtiça, e polos males, que do contrario diſto em algumas partes naſcem, ſe pòde ver bem, quanta verdade digo. Huma das mòres virtudes, que houve em Julio Ceſar foi a Clemencia,

e a maior, que houve em Tito filho de Veſpaſiano, foi a manſidaõ de que naſce toda a liberalidade, e comedimento. Sóhia dizer eſte Emperador Tito aſeus amigos, quando paſſava algum dia, ſem fazer mercê, que perdera aquelle dia. Octaviano foi taõ clemente, e piedozo, que mandou queimar todas as obrigaçoens, e conhecimentos de dividas velhas, que ſe deviaõ à Republica, donde claramente ſe póde ver, que aſſi como das palavras áſperas, e ſoberba condiçaõ naſce crueza, aſſi da clemencia, e manſidaõ vem todo o bom reſpeito, e liberdade.

Differentes couſas ſaõ antre ſi, como diz Plinio, Senhor, e Principe, nem ha Principe que mais contente ao povo, que o que menos ſe lembra que he Senhor. Antigamente eſte nome de Senhor era odioſo, e offendia muito, e polo contrario o nome de Principe era aceito Por onde Alexandre Emperador Romano defendeo que o naõ chamaſſem Senhor, e como diz Seneca, os antigos querendo abrandar dos nomes áſperos, que eraõ eſcravo, e Senhor, chamavaõ Pai de Familia ao Senhor, e ao eſcravo chamavaõ famaliar. Eſcreve-ſe de Octaviano,

que

que mandava ter as portas abertas, a quem o quizeſſe vizitar, e recebia com tanta humanidade, e taõ boa acolhença os homens, que chegando hum dia a elle hum Romano pouco deſenvolto, e dando-lhe huma petiçaõ com muito pejo, o Emperador lhe diſſe rindo-ſe que parecia homem, que dava ceitil a Elefante. Antre os principaes louvores de Trajano era hum que todos podiaõ entrar onde elle eſtava, e louva Pacato em hum ſeu Panegyrico ao Emperador Theodoſio de mui brando, e humano para todos. Com a meſma humanidade ſohia Ceſar Auguſto hir vizitar, e conſolar a muitos em peſſoa ſabendo bem a conſolaçaõ do Principe ſer de muita força, e virtude para abrandar os coraçoens dos homens.

Que direi da bondade de V. Alteza, que naõ ſómente em ſeu reinado, mas em todo o tempo de ſua vida nos moſtrou, naõ fallo agora d'quella bondade que he nome, geral, e vem a ſer huma meſma com a virtude, mas da outra particular bondade, que tambem ſe chama ſanta inclinaçaõ ou zelo virtuozo e deſta V. A. tem tanta parte, que a exe-

cu-

ecuçaõ della tem convertido em ſua propria natureza? Xenocrates excellente Filoſofo da Seita dos Stoicos, que ſegundo diz Tulio melhor fallaraõ das virtudes, que todos os outros, ſendo perguntado que podiaõ delle ſeus Diſcipulos aprender? Reſpondeo: fazerem por ſuá vontade o que os outros fizeſſem com medo das leys, e Xenocrates, cuidava, que naõ podia alcançar perfeita virtude ſem muita doutrina. Quanto mais de louvor he, quem de ſeu natural, e ſem nenhum meſtre, nem preceitos de Filoſofia póde alcançar per ſi o que poucos ſabedores, ajudados de tantos meſtres em muito tempo, e com grande trabalho ſe poderaõ alcançar?

Eſta tamanha ventagem naſce (ſe me eu naõ engano) da bondade que digo, e venturoza inclinaçaõ das peſſoas, a qual ſe em todo o homem he louvada, quanto mais no Principe o deve ſer? Com muita cauza he nomeada a bondade do Emperador Trajano, que foi tanta, que ficou em proverbio, taõ bom como Trajano, e acho eu, que ſendo elle hum dia publicamente louvado no Senado, e ſofrendo mal por ſua tempe-

ran-

rança tal maneira de louvor, hum Senador lhe diſſe em vós alta? Emperador Trajano lembrate do que fazes, e veràs o que dizem de ti; eſcreve-ſe delle, que naõ quiz nunca ſer Cenſor, ſendo eſte hum dos principaes Officios de Roma? e de mais authoridade, que os mais de ſeus anteſſores o quizeraõ ſer, e com elle ſe caſtigavaõ os màos coſtumes dos nobres, e da outra gente. Mas Trajano, vendo que o exemplo de ſua vida aproveitava mais ao povo, que nenhum Càrrego de Cenſor, ouve por eſcuſado querello aceitar, e poriſſo ſe diſſe, que a vida honeſta do Principe he cenſurà, a eſta olhaõ os Vaſſallos, a eſta ſeguem, nem tem tanta neceſſidade de Officiaes que os caſtiguem, quanto do bom exemplo de quem os manda. Meſtre aſpero, e pouco fiel da gente he o arreceio das leys, melhor aprendem os Vaſſallos dos bons coſtumes, e virtuoſa attençaõ de ſeu Principe, o qual antre outros bens tem eſte, que confirma com ſeu exemplo poder-ſe fazer o que mandaõ as leys que ſe faça, e naõ a outro fim os antigos Romanos ſohiaõ a pòr nas ſallas e cazas dian-

tei-

teiras as imagens, e eſtatuas de ſeus Avòs, que em alguma virtude, ou parte da vida foraõ dignos de memoria, porque com iſto ſendo elles mais lembrados, trabalhaſſem por ſeguir, e reprezentar o que os taes fizeraõ. O Rey viciоſo todas as boas partes lança do Reyno, naõ menos com lhes querer mal, que com perder muito, e com ſeus Vaſſallos naõ ouſarem a hir-lhe à mão.

V. Alteza todas as virtudes tem abarcadas conſigo nos ſeus olhos, nas ſuas orelhas, no ſeu coraçaõ as traz ſempre, uzando do que ellas mandaõ, e tanto as ama, tanto quanto ſe prezaõ delle. Já vemos por experiencia a principal defençaõ do Reyno pender da bondade, e ſanta inclinaçaõ do Principe. Já vemos por de mais ſer cercado de armas, o Rey que naõ he cercado de amor de ſeus Vaſſallos; mas porque as mercês quando ſaõ feitas aos bons acreſcentaõ a virtude, e polo contrario ſe ſaõ feitas aos màos a maldade creſce, e a virtude perde ſua força, elle neſta parte uza daquelle eſtremado juizo, e diſcriçaõ, que delle ſe eſpera, naõ ſe apartando nunca da temperança, e afaſtando-ſe dos

ex-

extremos. D'ElRey D. Sancho de Portugal, chamado Capelo, ſe eſcreve, que por ſer muito bom, e piedozo, foi mão a eſte Reyno, e ſe perdia em ſeu tempo a juſtiça, nem cuido eu que Alexandre Magno foſſe movido de verdadeira bondade, quando fez a hum Ortelaõ Rey de Sidonia. Por certo melhor exemplo poderiamos tomar da vida de Antonino Emperador de Roma, que foi chamado piedozo, o qual com a fama da ſua virtuoza inclinaçaõ, e perfeita vida governou tamanho Imperio pacificamente vinte e tres annos, por iſto todos os Reys, Povos, e Naçoens o temiaõ, e amavaõ mais como o Pai, e defenſor, que como a Senhor, e Emperador: a elle ſendo uivo ſe encomendavaõ como a Deos, a elle tomavaõ por Juiz em todas as ſuas differenças: os Reys da India, os Reys da Perſia, e de todo o Oriente, ouvindo ſua fama o mandavaõ vizitar por ſeus Embaixadores com ricos prezentes, naõ por medo, ou neceſſidade, que delle tiveſſem, ſómente polo goſto, que levavaõ de ter amizade com taõ virtuozo Principe. Naõ erraraõ os que em Caſtella, e Portugal fizeraõ

hiſtorias de Cavalleiros d'aventura em os fazerem zelozos, e inclinados à virtude, tirando as ſem razoens da terra, defendendo, e emparando as Viuvas, e Donzellas, o que tambem ſegundo muitos eſcrevem, fizeraõ Theſeo, e Hercules, e outros muitos, floreſceraõ nos tempos, a que os Gregos chamaraõ heroicos. Mas antes que deſte lugar me parta, naõ leixarei de trazer à memoria o Cid Ruy Dias, cuja bondade, e cavallaria foi tanta, que mereceo, que o graõ Soldaõ do Egypto o mandaſſe vizitar com ricos prezentes, e que ſuas filhas, que os Infantes de Carriaõ primeiro engeitaraõ, vieſſem depois a ſer cazadas com os Reys de Aragaõ, e de Navarra.

Se taõ louvado foi hum bom Cavalleiro, quanto mais o deve ſer hum bom Principe, e ſe hum màõ Principe ſem embargo de ſer tal, toda via pola dignidade real he mui acatado, que veneraçaõ, que honra, que gloria merecem todalas partes da juſtiça, cuja parte he eſta virtude de que trato? Eſcreve-ſe dos Romanos, que ſendo grandes contrarios, e inimigos do nome real, com tudo

do acataváõ muito aos Reys, e ſe algum Rey era prezo em guerra, ou batalha, lhe naõ daváõ morte, mas depois de triunfarem delle o tinhaõ prezo, avendo por grande mal pôr a mão em peſſoa de tanta authoridade; por iſſo trabalhe todo o bom Principe, pois o ſeu officio he de tamanho pezo, de tanto mais ſer limpo, e apartado de todo o vicio, quanto ás virtudes, e culpas ſe vem nelle mais claro: peor eſtà huma nodoa em huma Oppa de brocado, que em hum veſtido mais baixo, e peor a hum grande Senhor, que a hum homem do povo.

Tem alguns que as Reſpublicas, e Cidades ſe devem fundar em lugares eſteriles, porque todos trabalhem, e fujaõ à ocioſidade; outros tem que he melhor edificarem-ſe nos lugares fertiles, e abaſtados, e dizem que neſtes póde haver Leys com que ſe atalhe o muito folgar, exercitando-ſe a gente nas couſas que cumpre a guerra, como fizeraõ os Mamelucos no tempo que havia graõ Soldaõ, os quaes povoando terra taõ vicioſa, e farta, com tudo naõ leixaraõ nunca ſer avidos por valen-

tes homens, e com iſto puderaõ ſuſtentar o eſtado do Egypto por eſpaço de quatrocentos annos.

Mas leixando eſta queſtaõ para outro tempo como agora naõ muito neceſſaria eu para mim tenho que nenhuma couſa póde fazer bemaventurada huma Republica, ſenaõ o bom Principe, o qual entaõ póde, e merece ſer chamado bom, quando for juſto, e porque como diz Ariſtoteles, a vida do que bem obra ella por ſi lhe dà inteiro contentamento nem he bom o que naõ leva goſto de bem obrar, ſem duvida leixando à parte a gloria deſte Mundo, tanto mais contente deve viver o bom Principe obrando bem quanto mais, e mòres couſas obra que os outros. Iſto, e iſto dezejaõ as leys, que os Vaſſallos, e Cidadoens antre ſi ſejaõ conſervados, e vivaõ ſem nenhum perigo huns como os outros, e os que o contrario fizerem, que ſejaõ punidos com morte, e deſterro, prizaõ, e perda de ſua fazenda, Iſto muito mais requere a meſma razaõ da natureza, que he huma ley Divina, e humana, e quem lhe obedecer (o que todos devem fazer) nunca dezejarà o alheio; nem quererà

ver

ver a outrem, o que naõ queria ver a ſi meſmo. Em fim iſto dezeja aquella juſtiça Senhora, e Rainha de todas as virtudes, que o proveito ſeja univerſal, o qual naõ ſe póde chamar proveito, quando naõ for juſto; por iſſo ſe os Filoſofos antigos vendo, que naturalmente os homens naſceraõ para obrar bem tinhaõ eſta opiniaõ, quanto mais a devemos nós ter, que ſomos alumiados da verdadeira Fé de Chriſto? O Principe, que eſtas partes tiver, eu naõ ſei como naõ viverà mui contente. Mui contente vivia o Emperador Antonino, quando diſſe, que queria antes dar a vida a hum Cidadão ſeu, que matar a mil de ſeus contrarios. E contente era Licurgo quando ordenou as Leys da Republica Spartana, o qual ſem duvida mereceo mòr louvor em as ordenar, do que Lizandro, e Pauſanias Nobres Capitaens da meſma Cidade mereceraõ em pellejar valentemente.

Havia entre os Gregos hum proverbio, que a ſaude era a melhor couſa, e a juſtiça a mais fermoza, e alcançar o homem a couſa mais deſejada he de mór contentamento, mas Ariſtoteles todas eſtas tres couſas dà à bemaventurança do ho-

homem, que ſegundo elle affirma he obrar virtude em todo o tempo da vida. Que mais fermoſa couſa póde ſer, que a juſtiça, e partes della, as quaes todas luzem em V. Alteza como em hum claro eſpelho, ſe naõ cuidamos, que ha hi outra fermoſura ſenaõ a que parece aos olhos bem, mas (ſe naõ me engano) mais fermoſa he a virtude, que com os olhos d'alma ſe contempla, polo qual bem diſſe Marco Tulio, que ſe a virtude d'alma pudeſſe ſer viſta com os olhos de fóra, que naõ haveria ninguem, que por ella ſe naõ perdeſſe, e ſe eſta geral fermoſura das peſſoas naõ tem mais credito, naõ he por defeito da virtude, mas por falta do noſſo entendimento, o qual andando cego, e envolto na prizaõ deſte corpo as mais vezes ſe engana, e aſſi os olhos de fóra podem mais, e tem mòr juriſdiçaõ, que os d'alma. Chamava Socrates à fermoſura das mulheres tirannia de pouco tempo, e Theofraſto engano diſſimulado, e Plataõ privilegio da natureza, e Theocrito engano de marfim, e Carneades Reyno ſolitario, todas eſtas diffiniçoens quadraõ à fermoſura do corpo, e porèm a da virtude

du-

dura para ſempre, e naõ ha nella engano, nem tirannia, nem diſſimulaçaõ, mas quanto mais velha ſe faz, tanto melhor parece, e tanto mais verdadeira, e amiga ſe moſtra do homem. Que melhor couſa póde no mundo haver, que juſtiça, que fé, que liberalidade, que ſerem os màos caſtigados, e os bons haverem galardaõ. E aſſi como o homem uſando da virtude he neſta vida bemaventurado, aſſi para ſer mal aventurado abaſta, que queira mal, e que ſeja contrario à juſtiça.

Eu bem vejo, que naõ he piqueno trabalho vencer os apetites; pola màr parte ſe ſoem de vencer, quam mal as grandes dores ſe podem diſſimular. Com tudo lembre-ſe o bom Principe, que nunca muito cuſtou pouco, e que a virtude de ſua natureza he trabalhoſa, da qual como dizia Ariſtoteles, a raiz he amargoſa, e o fruito he doce. O meſmo zombava dos Athenienſes, porque gabando-ſe, que foraõ os primeiros inventores do Paõ, e das Leys, dizia Ariſtoteles, que do Paõ ſe ſabiaõ aproveitar, e das Leys ſe leixavaõ eſquecer, e por iſſo mal póde hum Principe fazer juſ-

juſtiça, ſe elle meſmo naõ for juſto. E he tanta a força da virtude, que atè Epicuro, que poz a bemaventurança na deleitaçaõ, leyxou dito, que naõ podia ninguem viver contente naõ ſendo juſto. Mal me poderà a mim enſinar quem naõ olha o que faz, e mal me poderà moſtrar o caminho, quem vai errado como eu. Naõ deve o Rei peccar com intençaõ de que depois ſe emmendarà, que quanto mais tarda o remedio, tanto os vicios criaõ mòr raiz, e ſaõ peores, e guarde-ſe naõ lhe aconteça, como ſoe d'acontecer a quem por algum dezaſtre cahe d' algum lugar d'alto, porque vendo-ſe cahir, e querendo-ſe valer d' alguma couſa, ou pegar, que o tenha jà naõ póde reſiſtir ao grande impeto da queda, que o leva. Antre as virtudes, que ſaõ neceſſarias para naõ ſómente o Principe, mas qualquer homem ſer juſto, ſempre o primeiro lugar foi dado à prudencia: eſta conſiſte no conhecimento da verdade, e em naõ cuidar o homem, que ſabe o que naõ ſabe, e o deſpender o tempo em couſas, que naõ relevaõ, nem ſervem de nada. Grande perfeiçaõ dà eſta virtude ao entendimento eſpertando a vontade ao bem obrar,

obrar, e ſem elle nenhuma das outras ſe poderà ſoſter.

Por iſſo opiniaõ he dos Filoſofos, que quem tiver diſcriçaõ, que terà todas as virtudes, mas porque a prudencia eſtà partida em tres partes; aconſelhar bem, julgar bem, e mandar bem, tanto ellas em ſi ſeraõ mais eſtimadas, e aceitas, quanto o proveito, que dellas naſcer, for mais univerſal, e por iſſo o Principe prudente de que pende o bem, e deſcanço de todo o povo, he digno de mòr louvor, que os outros homens. Diz o Poeta Heſiodo, que aquelle ſe póde chamar perfeito, que ſem ajuda de ninguem por ſi conhece a verdade, e logo a poz eſte, o que ſabe tomar o bom conſelho, mas quem naõ alcança nada per ſi, nem quer ſer aconſelhado d'outrem, que eſte tal naõ tem ſaber, nem aproveita a ſi, nem à Republica. Em todalas partes da prudencia V. Alteza he taõ perfeito, como nas outras, que jà diſſe da juſtiça, nem poderia ſer taõ juſto, ſenaõ foſſe taõ prudente. Notorio he a todos com quanto ſaber, com quanta diligencia ſe aconſelha em todalas couſas importantes a ſeu Eſtado, e a o bem deſtes Reynos,

co-

como eſquecido de todo folgar, e paſſatempo, al naõ cuida, em al naõ trabalha, ſenaõ em buſcar meios para conhecer o que he bom, e em ſaber qual he melhor, e depois de ſabido em o pòr por obra. Com tal aviſo Themiſtocles Athenienſe conſervou a liberdade de Grecia, e os Romanos poderaõ conquiſtar, e governar tamanho Imperio, e muito bem diz o Poeta Homero, que o Principe, que tem grandes negocios, naõ deve dormir toda a noite.

O Rey, como diz o Filoſofo Xenocrates, que naõ menos reina para ſi, que para os outros, o Rey que ha de ter ſeu povo livre de todo mal, e deſcançado, cumpre-lhe, que naõ creia nenhum falſo contentamento, e de tal maneira vença ſeus appetites, que os Vaſſallos obedecendo a elle, obedeçaõ à virtude, e naõ he menos couſa real vencer-ſe o Rey a ſi meſmo, que vencer batalhas campaes, e cumpre-lhe naõ dezejar, nem buſcar louvor daquellas couſas em que os màos homens podem ter preço, por quanto o caminho do verdadeiro louvor he a meſma virtude. Cumprelhe trazer muitas vezes à memoria os aquecimentos, e feitos

tos paſſados, aſſi dos Reys, e Principes, como das peſſoas, que o naõ ſaõ. E deſta maneira quem ſouber o paſſado, julgarà mais prudentemente o que eſtà por vir. Finalmente cumpre-lhe lembrar ſe em todo o tempo, que he Rey, a conſelhar-ſe naõ ſómente do que ha de fallar, e porque os lizongeiros ſaõ mui contrarios do verdadeiro conſelho, naõ nos ha de ſofrer em ſua caſa, mas ha de lançallos de ſi. O Emperador Trajano a quantos ſoube, que ſohiaõ no tempo paſſado, por pedir a fazenda alhêa mexiricar alguem com o Principe, deſterrou, e fez embarcar em Navios, e paſſar por huma grande tormenta humas Ilhas deſertas. Tiberio Ceſar em quanto foi vivo Octaviano nunca fez couſa ſem conſelho, ſeguindo o exemplo, e authoridade de taõ ſingular Principe, por onde ſuas couſas hiaõ à vante, aſſi na guerra, como na paz era bem quiſto, e dava de ſi muita eſperança, mas depois que morto Octaviano veio elle a ſer Emperador, uſando mal do grande poder (porque quem muito póde as mais vezes muito erra) e naõ ſe aconſelhando como d' antes, veio a dar conſigo em toda a crueſa, e deshoneſ-

neſtidade da vida, e apparecer nelle os grandes vicios, que a reverencia, e acatamento do Emperador Auguſto, e o conſelho dos ſeus amigos muito tempo tiveraõ encubertos.

Sohia dizer Marco Antonino Emperador Romano, quando entrava em conſelho, que mais razaõ era, que elle ſó ſeguiſſe o conſelho de tantos, e taes ſeus amigos, que naõ que elles ſeguiſſem o parecer delle, e Agamenon Rey dos Gregos no cerco de Troia, pedio a Deos, que lhe deſſe outros taes dez conſelheiros, como era Neſtor, o qual por ſua longa idade, e experiencia excedia no arrayal dos Gregos. Se Pithagoras manda, que todo o homem tenha na vida reſpeito a dous tempos, que ſaõ manhãa, e tarde, quer dizer que pela manhãa nos lembremos do que havemos de fazer aquelle dia, e à noite do que jà temos feito, e ſe Cleobulo hum dos ſete ſabedores leyxou dito, que antes qne ſahiſſemos de caſa, cuidaſſe-mos o que haviamos de fazer, e depois de tornados tomaſſe-mos conta a nòs meſmos do que tinhamos feito, ſe eſtes preceitos foraõ dados a qualquer peſſoa particular,

que

que conſelho, que cuidado deve ſer o do bom Principe, a quem toca o Regimento de tanto numero de gente? Naõ diz em balde o proverbio mais vem dous olhos, que hum, o que Ariſtoteles confirma, e o meſmo diz, que poucas vezes acontece, quando muitos daõ conſelho, que algum delles naõ acerte. Se pudeſſe ver o Principe os defeitos, males, e fraquezas dos homens, e ſe por alguma graça, ou privilegio Divino pudeſſe entrar nos penſamentos, e julgar taõ claramente as vontades, como julga o que vè de fóra, ſem duvida acharia ſer verdade o que digo, e veria quam neceſſario he ao bom Governador entrar muitas vezes em conſelho para com elle ſoccorrer, e acodir a todos os perigos, e neceſſidades de ſeu povo. Eſcreve-ſe de Solon hum dos ſete Sabedores de Grecia, que vendo andar hum ſeu amigo mui triſte, e enojado por grandes paixoens, o levou ao Caſtello de Athenas, que era no mais alto da Cidade, e dahi lhe rogou, que lançaſſe os olhos, por todos edificios, e cazas, que daquelle lugar podia ver, e entaõ lhe diſſe: cuida agora meu amigo, quantos trabalhos, quantos cuidados, quantas

tribulaçoens ouve ſempre de baixo daquelles telhados, e os que agora tambem ha, e os que ao diante ſeràõ, e cuidando bem iſto, naõ chores os males, que a todos ſaõ geraes, como ſe a ti ſó foſſem particulares, e com eſta conſolaçaõ nos moſtrou as Cidades, e Reſpublicas ſerem huns parques, e encerramento de muitos cuidados. O meſmo Filoſofo dizia que ſe os males de todos os homens ſe ajuntaſſem para depois igualmente ſe averem de repartir antre todos os homens, que antes cada hum tomaria, e eſcolheria levar os ſeus para ſua caza, que tomar todos juntos a parte, que a cada hum coubeſſe.

Outro grande Filoſofo, chamado Eraclito, doendo-ſe das mizerias dos homens, nunca outra couſa fazia, ſenaõ chorar. He cauſa clara, que nenhum Reyno naõ póde durar muito ſem ajuda de Principe, que tenha bom conſelho, mas cumpre que os conſelheiros ſejaõ verdadeiros, e amigos de Deos, e que ſaibaõ, e naõ ſejaõ de pouca idade. Sohia dizer Socrates mui prudentemente, que a Deos deviamos ſómente pedir que nos deſſe o que foſſe bem, porque el-

el-

le ſómente via o que era bem, mas que os homens pola mòr parte dezejavaõ o que ſeria melhor que naõ ouveſſem, e o meſmo dizia que era grande atalho para a verdadeira gloria, que foſſemos taes, quaes queriamos parecer a outrem, porque com Deos naõ he neceſſario eſtar em muitas praticas, nem dar-lhe razoens do noſſo dezejo; mas a verdade de leixar tudo em ſuas mãos, e quanto a eſta parte brevemente lhe pedir, que faça o que mais vir, que he neceſſario, que he ſeu ſerviço, mas no negocio dos homens, por andar a verdade as mais vezes encuberta, cumpre primeiro que ſe a couſa ponha em obra, que ſeja comunicada, e examinada, com os amigos, e comparando os tempos, e aquecimentos, que ſe vejaõ as razoens, e buſquem os meios, e dos meios qual ſerà o melhor, e depois que ſe ponha em obra, porque deſta maneira, ſendo diſcutidas, e praticadas as couſas, ſe vem a cahir no conhecimento da verdade, e para iſto mui neceſſarios, como dizem, ſaõ ao bom Principe bons, e verdadeiros Conſelheiros. Nem cuido eu que por outra cauſa a Republica de Veneza paſſa jà de mil annos, que

que florece ſem nunca ſer tirannizada. Neceſſario he que no Conſelho naõ entre paixaõ, odio, nem cobiça, nem pouco amor de Deos, nem lizonjaria, porque ſempre ſe vio as peſſoas, que taes vicios, ou partes delles tiveraõ, ſerem prejudicias às Reſpublicas.

Naõ deve ſer o Conſelheiro muito moço, que aonde naõ ha idade, naõ pòde haver muita prudencia, e os mancebos naõ tendo experiencia do mal, naõ pòdem entender o bem, nem o ſabem aconſelhar, e entaõ conhecem o erro, quando o mal he preſente, e a culpa naõ tem remedio. Eſcreve-ſe que ſuccedendo Roboaõ filho de Salamaõ no Reyno de ſeu Pai, e ſendo-lhe requerido em ajuntamento geral polos doze Tribus, que quizeſſe ſoltar alguma parte dos tributos, que ElRey ſeu Pai lhes puzera, quiz Roboaõ antes que nada fizeſſe praticar iſto em Conſelho em que aos velhos parecia, que ElRey no começo de ſeu Reynado devia contentar ao povo. Os mancebos polo contrario o aconſelharaõ, que pois o povo fora taõ deſcortès, que ouſara pedir couſa, que jà eſtava taõ aſſentada, que Roboaõ lhe devia reſponder aſ-

aſperamente, porque outra hora viſſem com quem o haviaõ, e naõ ouzaſſem entrar em taõ doudo requerimento. Pareceo melhor o Concelho dos mancebos a Roboaõ, por ſer tambem mancebo, e pondo-o aſſi em obra, foi cauſa de que dez Tribus ſe alevantaſſem logo contra elle, e fizeſſem outro Rey, chamado Jeroboaõ, ficando ſómente com Roboaõ dous Tribus Benjamim, e Judà, por iſſo os Romanos, como os Perſas, como todos os outros Eſtados deraõ ſempre muita authoridade, e credito aos mais velhos, o que o meſmo nome de Senador nos repreſenta.

Do Emperador Octaviano ſe eſcreve que naõ podendo ſofrer a pouca vergonha, e deshoneſto viver de ſua filha Julia vencido de muita ira, contou publicamente todas ſuas deshoneſtidades, que della ſabia ao povo, em que foi digno de muita reprehenſaõ, que poſto que (ſegundo delle eſcrevem) queria mais ver morte aos ſeus, que deshonra, com tudo as culpas de ſua filha mais eraõ para elle as callar, e caſtigar ſecretamente, que naõ para as dizer ao povo:

mas depois, que a merencorîa ſe lhe foi, e em lugar da ſobeja colera ſuccedeo o conhecimento da verdade, doendoſe Auguſto de ſua infamia, e queixando-ſe de ſi meſmo, dizem que diſſe em voz alta com grande dor de ſua alma eſtas palavras: naõ me acontecèra a mim iſto, ſe Agrippa, e Mecenate meus Conſelheiros foraõ vivos; eſtes foraõ dous grandes ſeus privados ambos peſſoas de muito preço, e de muita virtude, que o Emperador deſde ſua mocidade tomàra por amigos, e achandoos dignos de ſua amizade os amàra conſtantemente; porque Auguſto antre outras virtudes teve eſta, que aſſi como era màõ de tomar amigos, e amizades novas, aſſi as que huma vez tomava, nunca mais ſoltava até morte, e ſe o Emperador Auguſto, ſendo tal Principe, por ſe naõ aconſelhar, cahio em tamanha culpa, em tanto màres erros ſe deve crer; que cahiràõ os Principes, que naõ ſaõ iguaes a Octaviano, ſe quizerem ſóomente reger por ſeu Conſelho. Mas tornando a meu propoſito, V. Alteza faz tudo o que ſe eſpera de hum virtuoſo Principe, e aſſi como Noſſo Senhor o dotou de mui

al-

alto, e experto juizo, e vivo entendimento, e assi os do seu Conselho saõ merecedores de tamanha honra como he confiar delles o pezo dos negocios, que tocaõ a seu Ceptro Real, nos quaes elle he taõ occupado, que posto que a idade o convida a folgar, e a tomar algum descanço, e recriaçaõ do trabalho; com tudo o amor, que tem à sua Republica he de mais força, e póde mais que nenhum seu particular contentamento. Louvado he o exercicio da caça, e monte aos Principes, e grandes Senhores, o qual, como diz Xenofonte, ha de ser temperado, e antigamente os filhos dos Reys se criavaõ nos bosques, e caças, e tinhaõ quem lhes ensinava muitas cousas necessarias para a guerra: tambem o sitio, e disposiçaõ dos lugares se sabe pola mór parte, porque havendo nas terras todas alguma conformidade facilmente polo conhecimento de humas, se vem a saber as outras; mas posto que este exercicio seja louvado, e V. Alteza use delle temperadamente, e a seus tempos, com tudo muito mòr louvor sem nenhuma comparaçaõ merece o seu continuado exercicio, e traba-

lho de governar bem, e ter em muita paz, e juſtiça ſeu Reyno, levando elle ſóo mà vida, com que nòs todos vivamos deſcançados. A todos he notorio quanto amor às Letras, quanto favor, quanto amparo, quanta mercê recebem delle os Letrados de toda a ſciencia: eſte amor he cauſa de ſua Corte florecer hoje tanto em Letras como florece, eſte meſmo o faz cuidar novas maneiras, e novas invenções d'Eſtudos geraes, por onde as ſciencias em ſeu Reyno naõ menos creſçaõ, e vaõ adiante, que as outras virtudes. Verdadeiramente as Letras dizem bem com as armas. Bem ſei, que ſaõ muitos d'outra opiniaõ, mas a cauſa diſto (ſe me naõ engano) he por naõ confeſſarem ſeu defeito, louvando a virtude de que carecem. Mal iria ao Capitaõ ſe naõ foſſe prudente, e mal à Republica em que naõ houveſſe armas ſem conſelho, e authoridade de Letras; mas fique eſta queſtaõ para outro tempo, e agora ſómente direi, que os mais dos Emperadores, e Reys, e Capitaens de grande fama foraõ Letrados.

Coſtume era no Egypto (como eſcreve Plataõ) dos Filoſofos, ſe elegerem

rem os Sacerdotes, e dos Sacerdotes os Reys. Deſtes foi aquelle graõ Rey Mercurio chamado Trimigiſtro, que quer dizer tres vezes grande, por quanto em Filoſofia excedeo a todos os Filoſofos, na Religiaõ a todos os Sacerdotes, e em ſaber governar ſeu Reyno a todolos Reys, e do meſmo ſe eſcreve, que começou a Theologia antiga, que depois acabou Plataõ. Quem bem eſta ordem de eleiçaõ atentar, verà quam bom Regimento era o do Egypto, e quam bem eſtà ao Pirncipe ter conhecimento das couzas Divinas, e humanas. De Pericles Athenienſe ſe lè, que foi grande Capitaõ grande orador, e grande Filoſofo, e Diſcipulo muito tempo do Filoſofo Anaxagoras. Epaminondas Thebano foi graõ Capitaõ, e graõ Filoſofo. ElRey Philipe de Macedonia, filho d'ElRey Amintas, e Pai de Alexandre Magno, foi Letrado e Diſcipulo de Epaminondas. O meſmo Alexandre foi Filoſofo, e mui dado às Letras, e antre tantos trabalhos, e occupaçoens de conquiſtar o mundo, cada dia tomava algum tempo para ler, e delle ſe eſcreve, que nunca

ca ſe lançou na cama, ſem hum punhal, e o livro de Poeta Homero à cabeceira. Iſicrates Athenienſe foi graõ Capitaõ, e Orador.

Que direi de Julio Ceſar, Sylla Pompeo, Octaviano, Adriano, e dos outros Emperadores Romanos, que naõ menos em armas, que em Letras floreceraõ? Finalmente Carlos Magno Emperador d' Alemanha foi Letrado, e compoz algumas obras, por iſſo quem ouſar de reprehender algum Principe por ſer dado ás Letras, he-lhe neceſſario, que reprehenda tambem a eſtes todos, os quaes ſendo nellas naõ menos excellentes, que nas armas, veja com quanta ſua honra a ſeu ſalvo o poderà fazer? Se naõ foſſem as Letras, e o conſelho, que dellas ao Principe naſce por onde ſe governaõ, ſem duvida muita tormenta naõ poucas vezes paſſariaõ as Reſpublicas.

Por tanto o bom Rey he comparado ao bom Piloto, o qual naõ ſómente na parte de Náo em que eſtà faz proveito, mas com ſeu conſelho, e ſaber em hum meſmo tempo provè, e manda o que ſe faça em toda a Nào, e dizia Cataõ Uticenſe, que naõ fizeraõ

os

os Romanos a ſua Republica de pequena tamanha com força d' armas, mas com uzarem em caſa de muito ſaber, e governarem fóra perfeitamente, e com ſerem livres em dar conſelho, e afaſtados de toda a reprehenſaõ, donde cuido eu, que naſceo o Proverbio, que por elles ſe diſſe, o Romano eſtando aſſentado vence. Bem eſtà a todos os Principes ſerem grandes, e prudentes, e amadores das Letras, mas muito melhor eſtà iſto aos Reys de Portugal, e a razaõ he porque a naçaõ Portuguez hoje mais, que nenhuma (ſe me naõ engano) conſerva a gravidade, e deſejo de honra, que antigamente ſohia ter o Povo Romano. O Emperador Ceſar Auguſto, quando lia por algum livro latino, ou Grego, achando algum exemplo, ou preceito, que pudeſſe aproveitar ao Regimento da Republica o fazia logo tirar, e o mandava, ou a ſeus Criados, ou a ſeus Exercitos, ou Governadores das Provincias, ou aos Officiaes de Roma, aſſi como via, que delle cada hum tinha neceſſidade.

Deſte, e taõ grande Principe ſe eſcreve ſer homem de poucas palavras, e

que

que nunca fez falla ao Senado, ao Povo, nem o Exercito, que a naõ levaſſe primeiro cuidado de caſa: com taõ ſingular prudencia fez muitas couſas, mui proveitoſas, e neceſſarias à ſua Republica: ordenou que naõ houveſſe mais de trezentos Senadores no Conſelho de Roma, havendo d'antes mais de mil: eſtando em conſelho nunca perguntou por ordem ſeu parecer aos Senadores, mas ora a huns, ora a outros, porque cada hum eſtiveſſe mais apercebido, e reſpondeſſe melhor quando foſſe perguntado; favoreceo muito os Lavradores, trabalhou que eſtiveſſe Roma farta, ennobreceo-a de muitos edificios, teve grande cuidado da ſegurança, e paz geral, e naõ menos cuidado dos Exercitos. Renovou, e ornou os Templos, acreſcentou o numero, e dignidade dos Sacerdotes, emmendou todas as couſas de máo exemplo, ouvio partes, e elle per ſi determinou muitas demandas, e proveo como naõ ardeſſem os edificios em Roma. Teve ſempre hum memorial em ſua camera de todo o Imperio, ordenou homens em paràdas, para ſer mais cedo avizado do que ſe paſſava,

e

e eſtes depois tirou, e poz Cavallos em poſtas, porque os meſmos, a que foſſem dadas as cartas, lhas podeſſem trazer, e deſſem razaõ do que foſſem perguntados. Eſcreve-ſe, que ElRey Cyro foi o primeiro, que ordenou Correios, de tal maneira, que hum menſageiro correſſe todo hum dia em hum ſó Cavallo, e o ſeguinte noutro, e aſſim atè o cabo; e finalmente Octaviano todalas couſas fez prudentemente como cumpria ao bem, e conſervaçaõ da Republica Romana, moſtrando-ſe em tudo mais virtuoſo, que todos, e Pai verdadeiro de ſeus Cidadãos, aos quaes teve tanto àmor, que duas vezes eſteve determinado para ſoltar a Republica, e reſtituir à Cidade a ſua liberdade, e ſempre o fizera, ſe lhe naõ parecera mais perigoſo ſer jà governada por muitos, que hum ſóo.

Os Principes, que querem ſer juſtos, e prudentes, e pacificos devem ſempre imitar tal Emperador, nem finto eu, que gloria ſe poſſa comparar com a juſtiça, e paz de Octaviano: mas naõ menos ſantas, e proveitoſas invençoens a eſtes Reynos naſcem cada dia da prudencia de V. Alteza, com as quaes vi-

ve-

vemos taõ deſcançados, como na mais ſegura Republica do mundo: já naõ hà morte, já naõ hà ladroens, já naõ hà ſalteadores, todos os males com ſua juſtiça, e prudencia ſaõ de tal maneira apagados, que quando ouvimos, que foraõ, nos eſpantamos como poderàõ ſer. O' grande bemaventurança deſtes tempos, pola comparaçaõ dos bens preſentes, naõ podemos dar credito aos males, que já paſſaraõ! Sem duvida eſtes bens ſe devem atribuir à grande virtude de V. Alteza, o qual aſſi como tem ſua conſciencia mui limpa, e apartada de todo'o vicio, aſſi trabalha, que ſua terra eſteja limpa de todos os males; eſtas virtudes taõ excellentes acompanha V. Alteza de grande fortaleza, e magnanimidade: forte he quem defende a boa razaõ, e igualdade, as quaes nunca pòdem eſtar: forte he quem ama a virtude, naõ por intereſſe algum deſte Mundo, mas pola gloria do outro, que eſpera: forte he quem ſempre moſtra hum meſmo roſto à fortuna, nem ſe eſpantando com nada, nem ſe leixando vencer d'algum appetite. Fortaleza he procurar as couſas da paz, naõ menos

que

que vencer batalhas campaes, por quanto as ordenaçoens da paz aproveitaõ para ſempre, os males da guerra ſaõ muitos, e o bem da victoria as mais vezes dura pouco. Magnanimo he quem reſiſte à ira, e menencoria, e quem ſoffre temperadamente a proſpera, e adverſaria fortuna, nem ſe alterando com as proſperidades, nem ſe a baixando com as adverſidades.

Finalmente a magnanimidade eſtà no cume de todas as virtudes, a todas dà muita perfeiçaõ. Quem bem quizer olhar todo o tempo do Reynado de V. Alteza, acharà que todalas partes deſta virtude ſe pòdem nelle verificar. O zelo de toda a virtude, a boa razaõ, e a igualdade tem nelle taõ forte, e conſtante defenſor, que o que em outras partes ſe faz com medo da pena, ſe faz neſte Reyno ſeguindo ſeu virtuoſo exemplo. Quem naõ ſabe quam forte foi no principio de ſeu reinado, vendo logo couſas em que bem moſtrou quam acabado em tudo era, e ao diante havia de ſer, as quaes eu cuido que Deos permitio, que viſſem eſtes por experiencia qüamanha mercê delle receberaõ em ſe lhes dar tal

Prin-

Principe, e que de taõ pouca idade, e ſendo taõ novo em tamanho officio, aſſi reſiſtio a muitas couſas, a que outros pola ventura de mais tempo naõ puderaõ reſiſtir, raſaõ era que delle ſe eſperaſſem todos os bens, naõ nos enganou eſta eſperança: paſſa de doze annos que V. Alteza reyna, nos quaes ſendo ſempre taõ excellente Rey, nunca cançou, nem cança d'o ſer cada dia melhor: notorio he ao Mundo com quanto reſpeito, com quanta igualdade, ſe ouve com a Rainha de França Dona Leonor uſando com ella toda a virtude, e magnificencia, que hum Rey Chriſtianiſſimo, e magnanimo podia uſar.

Naõ ſómente como dizem os Filoſofos, o que peleja he bom Cavalleiro; mas tambem merece eſte meſmo, quem no tempo dapaz pòde levar ao cabo as couſas fundadas em bom conſelho, e raſaõ, nem foi menos forte Salamaõ no tempo da paz, do que foi ſeu Pai David no tempo da guerra: venceo o Gigante Philiſtheo d'altura de ſeis covados, venceo outras muitas Naçoens poderoſas, e apartadas do Reyno de Judèa, Salamaõ eſtando em paz com naõ menos fortaleza, fundou em

em louvor de Deos aquelle Templo taõ nomeado de Hieruſalem, manteve os doze Tribus em muita juſtiça, enriqueceo ſeu Reyno, e Vaſſallos ſem nenhuma comparaçaõ: edificou Cidades em muitas partes, e mui longe de Judèa: foi Senhor pacifico da Arabia, e mòr parte da Suria: eſtendeo ſua fama pola Aſia, Perſia, Ethiopia: mandou fazer no Mar-Roxo Nàos em hum porto, que entaõ ſe chamava Aſion Gaber perto da Cidade de Helena, que depois foi chamada Beronica, e pòde ſer que ſeja agora porto Judà, porque toda eſta terra, e coſta foi naquelle tempo dos Judeos, e eſtas Nàos ſendo mandadas por ElRey Salamaõ à India, e governadas por Marinheiros, e Pilotos da Cidade de Tyro, que entaõ eraõ grandes homens do mar, chegaraõ a hum lugar chamado Ophira, que depois ſe chamou Terra d'ouro, donde trouxeraõ a ElRey mil e cem arrobas pouco mais, ou menos, e muita madeira de pinho alvo, de que Salamaõ mandou fazer Violas e Pſalterios, com que os Levitas tangeſſem a Deos no Templo.

Quem comparar ambos eſtes Reys Pai,

e

e Filho, achará que naõ menos forte foi Salamaõ na paz, do que foi David na guerra. Bem sabia David, sendo Profeta, e taõ aceito a Deos que seu filho Salamaõ havia de reynar pacificamente, e com esta certeza lhe mandou edificar o Templo. Com tudo estando já para dar a alma a Deos, nenhuma cousa lhe encomendou mais que fortaleza, porque via que tambem os Reys na paz tinhaõ della muita necessidade. Mas V. Alteza igualmente se serve da Fortaleza em ambos os tempos: a guerra feita por seus Capitaens contra os Mouros d'Africa, contra a India, contra a Persia, contra a Arabia daõ claro testemunho do que digo: nas mòres fortunas mostra mòr animo. Constantemente leva àvante por mar, e por terra o que huma vez começou, nem me espantaõ grossas armadas de Rumes, nem Reys da India, porque a graõ fortaleza, acompanhada de muita fé, naõ pòde ser desbaratada, pouco aproveita começar huma, a quem a naõ hade levar àvante, e muito mòr infamia lhe fica leixando-a do que mereceo louvor em a começar, e tal foi o Emperador Tiberio, o qual sendo graõ Capitaõ

taõ em principio, depois que veio a reinar, faltou no melhor tempo, e por sua fraqueza, ou descuido leixou perder muitas terras do Imperio Romano. Deve-se fugir à guerra quanto for possivel, mas depois que justamente for cometida, mais aproveita a huma Republica levalla àvante com perigo, que desistir della com vergonha, e por isso se escreve, que sabendo os Lacedemonios, que o Poeta Archiloco dissera que era melhor tenderse, e leixar as armas, que morrer, que logo no mesmo ponto o lançaraõ fóra da sua Cidade.

Esta fortaleza mostrou Alexandre Magno na Conquista da Persia, porque sendo cometido por ElRey Dario com grandes promessas a que soltasse a empreza, que levava, e parecendo isto bem a alguns seus privados naõ quiz Alexandre por nenhum interesse soltar a guerra, que sómente por dezejo de gloria começára, assi que levou á vante sua tençaõ, nem descançou athé por força lhe naõ tomar todo o Estado, e senaõ fazer Senhor de mòr parte da India, e de toda a Asia, e se a morte o naõ estorvara, opiniaõ he de muitos, que se fizera Senhor do Mundo; mas a ventura contraria (pola mòr par-

parte) dos grandes começos; e grandes pensamentos, ordenou que aquelle Principe que jà em seu titulo se chamava Rey do Mundo, a que nenhum Exercito pudera resistir, que nenhuma Cidade cercàra, que naõ tomasse, que em nenhum Reyno entràra, qua naõ sojugasse, que tanto esforço dava aos seus, que em sua prezença, e dezarmado, naõ temia nenhuma gente armada aquelle, a quem o mar de Pamphilia (segundo escreve Jozepho) milagrosamente se abrira como a Moysés o Mar Roxo, quem em sonhos por revelaçaõ Divina foraõ ensinados remedios para curar feridas, que tantas Cidades edificàra, que acabára cousas, que Hercules naõ pudera acabar, quiz (como disse) a ventura que este tamanho Rey, e Capitaõ depois de tantas victorias, tantos titulos, tantos triumfos, fosse na flor de sua idade morto com peçonha por traiçaõ dos seus, e a causa desta morte foi por se fazer adorar à maneira dos Reys da Persia, contra vontade de seus naturaes.

Escreve-se delle, que athè o fim se alembrou da grande fortaleza, que em toda a sua vida mostràra, porque estando jà para espirar, e sendo-lhe pergun-

ta-

tado por ſeus privados, e amigos, que de redor delle eſtavaõ, quem queria leixar por ſeu erdeiro, reſpondeo, que o mais digno, e eſta foi a ſua derradeira palavra. Foi tanta a ſua grandeza, que tendo hum filho chamado Hercules, que fora avido em Marſine ſua eſcrava, e hum ſeu irmaõ por nome Arido, e aſſi leixando prenhe a ſua mulher chamada Roxane, todavia eſquecido do ſangue, e das razoens de todo o parenteſco, quiz ſómente nomear por ſeu erdeiro o que foſſe mais digno, mas depois de morto Alexandre, aquelle grande Imperio, que em taõ breve tempo fora ganhado, em breve tempo foi desbaratado, deſfeito, porque ſuccedendo no Reyno Arideo, Irmaõ de Alexandre homem fraco e para pouco, os Capitaens, a que fora cometida a governança das Provincias, ſe alevantaraõ cada hum com a ſua, ao que ſómente reſiſtio a Rainha Euridice mulher de Arideo: eſta naõ podendo ſofrer a fraqueza de Arideo ſeu marido, e ſendo mui conſtante, e valeroſa com ajuda de Caſſandro ſeu Capitaõ fez muitas couſas de esforço, cobrou muitas Cidades de Grecia; conſtrangeo os Lace-

demonios que cercaſſem novamente a ſua Cidade, couſa, que athè entaõ nunca fizeraõ; mas porque huma mulher naõ podia reſiſtir a tantos males, que ſe levantavaõ de cada parte, em fim foi neceſſario que perdeſſe tamanho Imperio. Tambem aquelles vitorioſos Soldados, chamados Argiras, e Pidas, que quer dizer eſcudos de prata, com que Alexandre conquiſtàra o Mundo, tanto que o perderaõ, perderaõ logo toda ſua força, e ſendo pouco antes eſpanto de todas as gentes, foraõ por Antigono deshonradamente desbaratados, e poſtos em cativeiro, donde ſe póde ver quamanha verdade he o que ſohia dizer ElRey Philipe de Macedonia que era melhor, e mais forte hum Exercito de cervos com hum Leaõ por Capitaõ, que de Leoens tendo por Capitaõ hum Cervo. E foi tanta a fama, que leixou Alexandre de ſua fortaleza, que ainda agora depois de tantos tempos, e idades he nomeado em todo o mundo. Eſcreve-ſe do Emperador Ceſar Auguſto, que achando-ſe em Alexandria, Cidade do Egypto, e dezejando ver o corpo de Alexandre, que nella jazia ſepultado, foi à ſepultura, e a man-

mandou abrir, e vendo o corpo o adorou, lançando-lhe em cima muitas flores e pondo-lhe na cabeça huma Coroa de ouro, que era a mòr honra, que entaõ a hum corpo morto se podia fazer, e sendo perguntado se queria tambem ver o Corpo d'ElRey Ptolomeo, respondeo, que elle viera alli para ver o Rey e naõ para ver os mortos.

Havia em Roma huma nobre linhagem dos Macrianos, os quaes tinhaõ por devoçaõ, e bençaõ de seus Avòs trazerem sempre a imagem de Alexandre consigo, e os homens a traziaõ d'ouro, ou prata, as mulheres sómente d'ouro na cabeça, ou em manilhas nos braços direitos, e em aneis, e tinhaõ antigamente como escreve Julio Capitolino, que quem consigo trouxesse a Imagem de Alexandre em ouro, ou em prata, que todas suas cousas succederiaõ bem, e hiriaõ àvante. Esta honra mereceraõ os feitos, e fortaleza de Alexandre o qual naõ sómente teve respeito ao tempo da vida, mas como mui prudente Principe trabalhou por haver Chronistas excellentes, que pudessem (como era razaõ) encomendar à memoria seus grandes aqueci-

mentos. Deſta opiniaõ era Themiſtocles Athenienſe, que ſendo perguntado qual era a voz, que mais folgàra de ouvir, reſpondeo: que aquella de quem viſſe ſuas couſas mais eloquentemente ſerem tratadas. Foi Alexandre magnanimo nas adverſidades, e de tal maneira cõmetteo a guerra que naõ pareceo, que dezejava a paz: foi magnifico, e deſprezador das riquezas ſabendo certo, que querer bem ao dinheiro naõ havia mòr final de coraçaõ fraco, nem polo contrario couſa mais real, nem mais digna de hum graõ Principe, que deſprezalo, quando o naõ tiveſſe, e quando o tiveſſe deſpendelo magnifica, e liberalmente. Em fim teve Alexandre as mais das partes, que deve ter hum Capitaõ forte, e magnanimo com que naõ ſómente foi aceito aos homens, mas inda obrou Deos por elle couſas de grande admiraçaõ. Se a virtude da fortaleza naõ fora aceita a Deos naõ edificàra ElRey Salamaõ no Templo o Armazem das armas junto à Sede Real, em que eraõ levantados os Reys depois de ſerem ungidos pelo Principe dos Sacerdotes.

O Principe, que quer ſer forte ha

de

de guardar inteiramente ſua fé, e porque iſto naõ teve ElRey Philipe de Macedonia, antes uſou de enganos, e falſidades poz mui grande nodoa em muitas partes da fortaleza, que nelle havia: deve tambem ſer lido, e folgar de ouvir as hiſtorias, e vidas dos grandes homens, olhando como ſe governaraõ na guerra, examinando as cauſas da victoria, e perda das batalhas, e ſeguindo o exemplo de algum notavel Capitaõ. O meſmo Alexandre ſeguio Achiles, Julio Ceſar ſeguio Alexandre, e aſſi Scipiaõ Africano ſeguio tanto a ElRey Cyro, que quem bem ler a hiſtoria, que Xenofonte eſcreve delle, acharà, que todas as virtudes, e liberalidade, e humanidade d'ElRey Cyro foraõ repreſentadas por Scipiaõ de maneira, que bem ſe poderia dizer, que ou Cyro foi Scipiaõ, ou Scipiaõ foi Cyro. Dizia eſte Rey, que o Principe no tempo da paz devia ter cuidado das couſas da guerra e porque iſto fez (naõ muitos tempos hà) Franciſco Sforcia foi em quanto viveo Duque de Milaõ, e os filhos polo contrario naõ tendo nenhuma lembrança da guerra vieraõ a perder aquelle Eſtado, que ſeu Pai lhes leixara

a elles mui pacifico. Por mui desaventurado se deve ter o Principe a que nunca aconteceo dezaventura, na qual alèm de se provarem os homens para quanto saõ a experiencia dos trabalhos os faz mais prudentes, e avizados, e sempre ter passado algum mal aproveitou muito para a conservaçaõ do bem presente. De Policrates poderoso tiranno da Ilha de Samno se lê, que sendo em tudo mui prospero, e bemaventurado, veio no cabo a ser prezo por Orontes Capitaõ d'ElRey Dario, e a ser enforcado no mais alto outeiro da montanha de Micale sobre o mar: a fim soube Policrates quanta verdade lhe fallava Amases Rey do Egipto grande seu amigo, porque vendo, que se prezava muito de sua boa fortuna lhe escrevera por algumas vezes, que se guardasse do fim.

Fortes foraõ muitos Capitaens Romanos, nem se devem as victorias, que ouveraõ d' atribuir mais à sua boa fortuna, que à sua virtude, que posto que a guerra tenha necessidade de tres cousas, boa gente, bons Capitaens, e boa fortuna, com tudo a mòr parte della consiste nas duas primeiras, e por isso bem diz hum

Pro-

Proverbio latino, que a fortuna ſuccede ſegundo ſaõ as manhas, e coſtumes de cada hum. Teve Roma grande Eſtrella, mas naõ teve menos fortaleza, e com ambas pode alcançar tamanho Imperio, o qual logo em ſeu principio creſceo tanto, que em tempo do ſexto Rey de Roma havia jà nella oitenta mil homens para tomar armas, e foi tanta a bondade, e nome deſta Republica, que os Reys antigamente trabalhavaõ por ſerem Senadores della. Naõ deſprezou eſta Dignidade o Infante D. Henrique Irmaõ delRey D. Afonſo de Caſtella decimo deſte nome, naõ a deſprezou Carlos Rey de Napoles, e Sicilia, e Conde de Andegavia, e Proença, em cujo tempo no anno de Noſſo Senhor do naſcimento de mil e duzentos e oitenta e hum foi aquella conjuraçaõ taõ nomeada dos Sicilianos, em que foraõ mortos em hum ſó dia todos os Francezes, que polo Reyno de Sicilia foraõ achados, e levantando-ſe logo toda a Ilha ſe deu a D. Pedro de Aragaõ. Mas tornando ao meu propoſito ſe no tempo, que Roma era jà desfeita, e deſtruida, com tudo os Reys deſejavaõ ſerem Senadores del-

la,

la, que devemos cuidar, quando prosperava, e mandava o mundo?

O Emperador Octaviano nenhuma cousa depois de Deos estimava tanto, como a memoria dos Capitaens por cuja industria, e fortaleza o Imperio Romano de pequeno fora feito taõ grande, e para isto melhor mostrar, renovou as obras, e edificios, que cada hum delles fizera, e mandou levantar a todos estatuas em habito triunfal de redor da sua praça com hum pregaõ, que dizia, que isto fazia Octaviano para que o Povo Romano assi a elle, e aos Emperadores, que viessem depois obrigassem a darem de si taõ boa conta, como elles deraõ. Este taõ grande Imperio houve fim, e acabou como naturalmente acaba tudo, e segundo a opiniaõ de alguns o principio de sua destruiçaõ foi quando os Romanos esquecidos de quem eraõ, se começaraõ a ajudar da gente de fóra, e deraõ soldo aos Godos, naçaõ barbara, e estrangeira, e sem duvida naõ hà remedio menos firme para a conservaçaõ de hum Estado, que a potencia fundada nas forças alheias, por tanto os Principes, e Republicas devem fa-

fazer guerra com os ſeus naturaes, e aventurar-ſe antes com elles, que tomar ajuda d'outra parte, e ſe bem queremos olhar, eſta foi a cauſa, por onde poucos tempos hà Italia foi deſtruida, porque ſendo o Imperio de Roma lançado della, e alevantandoſe muitas Cidades principaes contra os nobres, que com favor do Emperador as tirannizavaõ, e tendo muita neceſſidade de ajuda parte dellas, ſe encomendavaõ ao Papa, e parte de algumas Reſpublicas principaes de Italia, mas polo Papa ſer Eccleſiaſtico, e as Reſpublicas ſerem pouco uſadas nas armas começaraõ entaõ para defençaõ de ſeus Eſtados de darem ſoldo aos de fóra, e o primeiro, que deu authoridade, a gente, e armas eſtrangeiras foi Alberico de Romanha, mas porque poucos homens de pè aproveitavaõ pouco, e muitos eraõ màos de manter, ordenaraõ entaõ em lugar deſtes gente de cavallo para fazerem corpo com poucos de cavallo, o que com poucos de pè naõ podiaõ fazer, e fazer-ſe com muitos era graõ deſpeza, dahi por diante ſendo dado tanto favor à gente de fóra tiveraõ occaſiaõ os Eſtrangeiros de ſe hirem fazen-

zendo Senhores de Italia, até que finalmente aquella Italia ſenhora do mundo veio a ſer eſcrava de muitas Naçoens, corrida por ElRey Carlos, roubada por ElRey Luiz, vencida por ElRey D. Fernando voſſo Avò, e deshonrada por Soîços.

Se quizermos olhar França, tambem ella nos ſerà exemplo de quam prejudiciaes aos naturaes ſaõ as Armadas de fóra. ElRey Carlos de França VII. deſte nome Pai d'ElRey Luiz Onzeno depois de livrar ſeu Reyno com muito trabalho das mãos dos Ingleſes conhecendo eſta neceſſidade fez em França ordenança de gente de pè, ou Infantaria, depois ElRey Luiz ſeu filho tirou a Infantaria e começou a dar ſoldo aos Soîços, e eſte erro continuado foi cauſa dos perigos, e males daquelle Reyno, porque ſendo dada a authoridade aos Soîços, o partido dos Franceſes ſem gente de pè ficou baixo, e a ſua gente d'armas veio a ter neceſſidade da gente eſtrangeira, donde vem, que os Franceſes aos Soîços naõ podem reſiſtir, e ſem elles naõ valem muito. Se Capua naõ recebera a gente de Anibal, naõ fora deſtruida pe-

los

los Romanos, ſe Grecia naõ chamara a Philipe Rey de Macedonia, naõ viera a ſer ſugeita dos Macedonios, nem paſſara os males que paſſou. Se o Emperador de Conſtantinopla Michael Paleologo naõ metera os Turcos de Notalia em Grecia, naõ ſe perdera aquelle Imperio como ſe perdeo Finalmente ſe neſtes tempos d' agora Joaõ Vaivoda naõ chamàra os Turcos, Ungria ſenaõ deſtruira, e elle eſtivera mais honrado, que eſtà: aſſi que claro ſe vè de quantos males, e perdas as armas eſtrangeiras ſaõ cauſa, e ſempre foraõ; por iſſo o Principe que dezeja, que ſeu povo ſeja forte, faça a guerra com os ſeus naturaes, lembrando-ſe que nenhum Capitaõ conquiſtou muito, ſenaõ com a propria gente, e ſe o Emperador Carlos V. deſte nome ouve em noſſos tempos tantas victorias contra ElRey de França, e o prendeo em batalha por ſeus Capitaens, que a principal cauſa diſto foi, por fazer a guerra com os Eſpanhoes ſeus naturaes, e ElRey de França polo contrario com muita parte de Soiços, e Italianos: grande inconveniente he ajudarſe o Principe do Exercito, que ſómente

te anda por roubar, porque aſſi como a gente natural peleja por amor, aſſi a eſtrangeira ſó por intereſſe, o qual faltando, tudo falta, e a tal gente ſe leixa vençer por ſer peitada, ou por eſperança de mòr proveito, e o peor he que muitas vezes por eſte caminho os Eſtados ſe vem a perder, e a ficarem ſugeitos daquelles, que os ajudavaõ.

Diz Ariſtoteles, que os Athenienſes levantaraõ a Codro por ſeu Rey por lhes conſervar a liberdade, e ElRey Cyro mereceo antre os Poetas a meſma honra: outros foraõ feitos Reys, ou por conquiſtarem Reynos, ou por fundarem Cidades de novo, como foraõ os Reys dos Mecedonios, dos Spartanos, e dos Moloſſos. Tambem os Reynos, que neſte tempo por legitima ſucceſſaõ ſe herdaõ, antigamente foraõ aos grandes merecimentos das peſſoas, ou por virtudes, ou boas obras, ou grande fortaleza. O meſmo Ariſtoteles diz que o mòr penſamento dos Principes antigos era levantarem o Ceptro Real, em final da fé, que direitamente haviaõ de guardar e pois que aos Reys antigos, os povos deraõ ſobre ſi tamanho poder, e autho-

thoridade polos bens que receberaõ delles, e principalmente pola liberdade, e aſoſego comum, devem todos os Reys ſeguir os exemplos de ſeus avòs, e da caza donde vem, de maneira, que os Reynos, que herdaõ por ſangue, tornem a merecer de novo por grande virtude, e fortaleza, e ſobre tudo devem conſervar a honra, deſcanço, e liberdade de ſeus Vaſſallos, uſando verdadeira fortaleza, e naõ confiando mais na gente de fóra, que na força, e valentia de ſeus naturaes, por quanto ſempre ſe vio com a gente natural ſe conquiſtarem os Reynos alheios, e com a de fóra ſe perderem os proprios, e jà ganhados.

Tudo iſto que diſſe de fortaleza, e partes della, foi porque viſſem todos comparando as couſas antre ſi, quam excellente Principe em todas he V. Alteza quam forte quam conſtante, quam afeiçoado á lembrança dos feitos, que ſaõ dignos de memoria, Quantas Conquiſtas tem contra os infieis em diverſas partes do Mundo, e aſſi quanto mais confia no eſforço, e bondade de ſeus naturaes, que nas armas, e ajuda de nenhuma gente eſtrangeira: mas naõ ſe contenta com ſómente

te ſer forte (ſendo eſte em ſi tamanho louvor) mais ainda vai mais por diante, merecendo mòr nome, que o da fortaleza, e ſua natureza he naõ deſcançar nunca athè naõ chegar ao mais alto ponto, e cabo de toda a virtude. Grande louvor ſeria a todo o Principe ſer chamado forte; V. Alteza de tal maneira o he, que tambem com muita razaõ póde ſer chamado magnanimo. Quem o vio nunca menancorio, ou deſviado daquella humanidade, e brandura, que mais repreſenta homem Divino, que humano? Quem vio nunca ſeu roſto alterado, nem vencido de alguma paixaõ, por nenhuma grande adverſidade, que fóra deſtes Reynos (tantas eſterelidades, tantas fomes, tantos terremotos, e peſtes em quantos annos atraz foraõ) ſe elle com ſeu grande, e magnanimo eſforço, e bondade lhes naõ acudira.

Eraõ perdidas muitas Nàos de V. Alteza que vinhaõ carregadas da India de muita riqueza, naõ ceſſavaõ diferenças muito importantes com grandes Principes, com tudo ſentindo ſem comparaçaõ mais os males preſentes, que ſeus Reynos padeciaõ, e diſſimulando a paixaõ

xaõ com muito esforço, naõ cessava com igual prudencia, e magnanimidade de socorrer continuamente as necessidades de todo o seu povo, muito mais do que a qualidade dos tempos parecia, que pudesse soportar; mais he isto que fortaleza, e mòr louvor merece, porque saõ estas as partes do coraçaõ alto, e segundo dizem os Filosofos, heroico, que assi como nas prosperidades se vem os homens para quanto saõ, assi nos grandes males, e perdas se conhecem os magnanimos. Em tempo do Emperador Marco Antonio o Imperio Romano padeceo todos os males, que se podiaõ cuidar, toda a terra de Levante toda Esclavania, toda aFrança ardiaõ em guerra, havia fomes, esterilidades, tremia a terra em muitas partes, cahiaõ Cidades, e lugares com perda de muita gente, vinhaõ grandes cheas de rios, que alagavaõ os campos, e faziaõ grande danno, andava por todas as partes graõ pestilencia, com outras muitas doencas, desciaõ polo ar nuvens de Gafanhotos, que aonde pousavaõ, destruiaõ tudo, em fim nenhum mal, nenhuma desaventura se poderia imaginar, que entaõ ouvesse, mas Deos

que

que nunca ſe eſquece dos homens, tanto que naõ lhes dè algum remedio, quiz por ſua miſericordia, que foſſe naquelles tempos Emperador de Roma Marco Antonino Principe dotado de tantas virtudes, e de taõ excellente engenho, e ſaber, que pode com ſeu esforço repairar, e ter o roſto quedo a tamanha fortuna, e bem ſe pòde dizer, que ſe naquelles tempos naõ fora Antonino, que o Imperio Romano ſe perdera. Com muita razaõ póde V. Alteza ſer comparado a eſte taõ virtuoſo Principe, poſto que niſto lhe faz ventagem, que tendo recebidas mòres perdas em ſua fazenda naõ leixou por iſſo, nem leixa de ſer taõ liberal, como elle foi; mas quanto mais me eſtendo por ſeus louvores, e grandes virtudes tanto ſe faz o caminho mais comprido. Aconteceme como àquelles, que entrando polo mar Occeano, quanto mais vaõ por diante, tanto mais ſe metem no alto, por iſſo em tanto perigo, melhor, e mais ſaõ conſelho ſeria recolherme, e aſſi o quero fazer ſe primeiro diſſer algum pouco da grande temperança que ha nelle: claro remate de todas ſuas virtudes, ſugigando ſempre o appetite à razaõ,

zaõ, guardando inteiramente o que cumpre, e fòmente eſtà bem a ſeu Real Eſtado. Grande jurisdicçaõ tem eſta virtude em toda a vida do homem, e com todas as outras eſtà abraçada de maneira, que de nenhuma ſe pòde apartar, nem pòde haver perfeita virtude, em que naõ haja temperança, com que nada repugna à razaõ; mas he tudo confórme, e conveniente antre ſi. Naõ me he a mim neceſſario para prova diſto allegar muitas razoens, por quanto o exemplo de V. Alteza baſta para verificar o que digo, no qual naõ menos todas as outras virtudes, que eſta, e ſuas partes ſe repreſentaõ. Qual homem por mais rude, e idiota que ſeja, vendo a ſua muita temperança, naõ cuidarà que vè hum daquelles Principes antigos cheios de toda a humanidade, e comedimento, que deſi nos leixàrão memoria para ſempre?

Todo eſte louvor he ſeu proprio, e por iſſo tanto mais digno de ſer neſte lugar louvado, quanto mais a elle ſó he devido, porque tirando algumas couſas que neceſſariamente requere a dignidade Real para ſua conſervaçaõ, em tudo o mais ſe ha para ſeus vaſſallos com tanta

moderaçaõ, que mais parece Pai de todos, que Rey, e Senhor. Oh quam grande força he a da virtude! Quanto mais temperado he V. Alteza, tanto de nòs he mais venerado, e quanto mais obedece à razaõ, tanto mais o alevanta Deos, de maneira que o acatamento, que muitos outros Reys com moſtra de muita gente, com pompa de Real Eſtado, com luzentes Alabardas diante de ſi naõ pódem alcançar, elle ſó com muito comedimento, com muita brandura, e humanidade naõ menos alcança do que merece. Bem eſtà eſta tal virtude a hum tal Principe, e tanto melhor lhe eſtá, quanto he mais nova, naõ digo, porque o conhecimento das virtudes naõ ſeja couſa velha, mas porque a pratica, e uzo dellas, as mais vezes he couſa nova, mas elle naõ ſe contenta de louvor geral, os ſeus altos penſamentos dezejaõ merecimentos novos, o ſeu Real Coraçaõ desprezador de honras demaſiadas, e amanſador de deſejos ſem nenhum fim, mais do que Deos manda, alcança mais do que deſeja. Naõ leixarei de pôr aqui as palavras, que Moyſés Secretario do mui alto Deos leixou di-

ditas a ſeu Povo. Se quizerdes em algum tempo ſer governados por Rey, olhai que ſeja voſſo natural, e que tenha ſempre cuidado da juſtiça, e que ſaiba que aſabedoria conſiſte principalmente em temer a Deos, e em guardar as Leys, naõ faça nada ſem vontade do Principe dos Sacerdotes, e dos mais anciaõs do Povo, naõ caze com muitas mulheres, naõ trabalhe por acquirir muitos theſouros, nem por ter muitos cavallos ajaezados, por quanto ſe eſtas couſas deſejar, e tiver, ſerà ſoberbo, e pouco obediente às Leys. Eſta virtude taõ louvada de Moyſès os mais antigos Romanos, ſeguidores da Ley da natureza, guardaraõ inteiramente, e em quanto a elles guardaraõ, e com ella juntamente amàrão pobreza, o Imperio Romano aſſi na paz, como na guerra creſceo, e foi por diante. Lucio Quincio Cincinato Capitaõ, e Senador Romano com quatro geiras de terra vivia, e nellas andava lavrando, quando foi chamado para ſer Dictador de Roma, que era entaõ a màr honra, edignidade que naquella Republica ſe podia dar, e delle ſe eſcreve, que fez no ſeu tempo ſeu Meſtre dos Cavalleiros a hum Curio, ou

Lucio Tarquino, que athè entaõ por ſer mui pobre ſervira na guerra a pè, e aſſi Marco Athilio Regulo Nobre Capitaõ, que como jà em cima diſſe, foi prezo pelos Carthaginenſes, teve o dezejo taõ curto, e limitado, que ſendo em Africa Capitaõ d' hum grande Exercito mandou pedir ao Senado licença para vir a Roma olhar por huma ſua Quintãa, que entaõ era maltratada de ſeus Lavradores: ſem duvida quem iſto pedia, naõ deſejava de enriquecer na guerra, que entaõ pouco lhe lembràra o danno da ſua erdade, mormente andando em tal parte, e com tal carrego, donde pudera tirar grandes intereſſes, mas aquelle fim certo da bondade, que nunca póde exceder às leys da temperança, foi cauſa, que aſſi como Regulo fazia guerra por gloria, e ſerviço da ſua Republica, que aſſi em tamanha Capitanîa ſenaõ eſqueceſſe de ſua pobre fazenda.

He certo para notar a grandeza de coraçaõ dos Cidadãos Romanos, os quaes ſendo em alguma parte Capitaens, eraõ magnanimos ſobre todos os Principes, desbaratavaõ poderoſos Reys, e grandes Exercitos em batalhas campaes, e eſtes meſ-

meſmos depois, que ſe tornavaõ à patria, tornavaõ a ſer como d'antes Cidadãos particulares, temperados, contentes de ſuas pobres fazendas; obedientes aos Officiaes de Roma, e aos mais velhos, quaſi de maneira, que parece couſa impoſſivel, em hum meſmo coraçaõ caber tamanha diverſidade de coſtumes. Durou iſto atè o tempo de Paulo Emilio, o qual vencendo a El-Rey Perſeo de Macedonia, e triumfando delle trouxe a Roma tanto, ouro, e prata com que o Povo Romano aprendeo a ſer cobiçoſo mas Paulo Emilio lembrado dos coſtumes em que fora criado, ſe lembrou ſómente da victoria, e viveo como dantes pobremente: dahi por diante creſcendo a cobiça nos Romanos chegou a tanto extremo por onde aquella Republica, que o que com temperança ſe ganhàra, ſe veio a perder com ſeu contrario, e como diz hum Poeta a cobiça, e deſordem dos Romanos deſtruio Roma, e deu della vingança ao mundo: mas V. Alteza naõ ſómente no que toca à dignidade Real, mas à maneira, e coſtumes de ſua vida he mui temperado. Já diſſe em cima quam ſumptuoſamente e dificava, o que porèm faz com tanto reſpeito,

que

que naõ póde ſer a iſſo reprehendido, como foraõ Pericles, e Pompeo. ElRey Herodes de Judèa filho de Antipatro, e Domiciano Emperador de Roma, e ElRey D. Fernando de Portugal por eſte demaſiado appetite, de ricos Principes, que eraõ d' antes, deraõ conſigo em muita pobreza. A Meſa Real de V. Alteza aſſi como he ſervida como cumpre a ſeu Real Eſtado, aſſi naõ excede o modo na muita ſobejidaõ dos manjares, que ſe agora em outras partes uſaõ, os quaes naõ ſendo bons para a vida, trazem conſigo outro dano, que empecem com ſeu exemplo ao Povo, que como jà diſſe, ſempre folga de fazer o que vè, e que ſeu Principe faz.

De Julio Ceſar ſe conta, que fez huma Ley, que naõ ſe comeſſe em Roma mais de certas viandas, e a fez guardar taõ inteiramente, que alèm de mandar olhar ſempre o que ſe vendia nas Praças, mandava diſſimuladamente ſaber o que ſe comia nas Caſas dos principaes. Eſta Ley foi tomada das Leys de Licurgo, que em nenhuma couſa trabalhou mais, que fazer, que a ſua Republica foſſe temperada no comer, e beber, e ſem duvida os homens devem de comer para viverem, e

naõ

naõ viverem para comer. Quem bem olhar quanto a ſobejidaõ da gula repugna às Leys da natureza, e encurta a vida, e aſſi as muitas enfermidades, e naõ boas diſpoſiçoens, que della naſcem achará quam pouca ceceſſidade tem os homens de muito comer. D'ElRey Dario ſe eſcreve, que hindo fugindo de Alexandre, e levando grande ſede, foi dar em hum regato d'agoa turba, trilhada de gente, e envolta em ſangue de homens, que nella jaſiaõ mortos, e fartando-ſe entaõ aquelle graõ Rey Dario deſta ſorte d'agoa, confeſſou, que nunca bebera com tanto goſto. Tambem ElRey Ptolomeo caminhando pelo Egypto, e naõ tendo huma noite que cear, ſenaõ paõ de toda a farinha diſſe, que nunca couſa melhor lhe ſoubera. Deſta temperança louva Mamertino em hum ſeu Panegyrico ao Emperador Juliano, o qual, ſegundo diz, as mais vezes comia, e bebia em pè o que lhe mandavaõ, e aſſi por eſte reſpeito louvaõ em ſeus Panegyricos Auſonio ao Emperador Graciano, e Plinio a Trajano. Pacato em hum Panegyrico, que fez ao Emperador Theodoſio, diz, que ſendo elle Senhor das terras, e dos mares, era no comer mui tem-

temperado contentandoſe de toda a vianda, nem ſe prezando de manjares delicados de muito preço, e traſidos de longe, e no meſmo lugar reprehende a hum Principe, cujo nome calla que foi taõ dado à Gula, que muitos comeres ſeus foraõ avaliados, e eſtimados cada hum em dez mil cruzados. Finalmente do Emperador Ceſar Auguſto ſe eſcreve, que nunca fez gaſto demaziado em comer.

Naõ he V. Alteza digno de pequeno louvor em beber agoa, poſto que eſta taõ venturoza manha lhe venha a elle, e naõ menos aos Infantes ſeus Irmãos, como de herança leixada por ElRey D. Manoel ſeu Pai de glorioza memoria. Diz Salamaõ nos Proverbios naõ queiras aos Reys dar vinho, porque onde reyna o vinho, naõ reyna nenhum ſegredo, ſem duvida aſſi como o entendimento dos que bebem agoa eſtà inteiro, e claro, aſſi o ſentido dos que bebem vinho, anda mais bruto; e remoto, e vè menos, porque a luz natural da razaõ natural he impedida, por iſſo he proverbio antigo que o vinho traz aſſombrada a ſabedoria. Manda Platão em ſuas Leys, que os Principes das Cidades, e Of-

fi-

ficiaes, e Conſelheiros das Reſpublicas naõ no bebaõ e naõ dà outra razaõ, ſenaõ parecer couſa de eſcarneo, quem ha de mandar a outrem, aver elle miſter de ſer mandado: o meſmo diz aſſi Ariſtoteles louvando a Ley dos Carthaginenſes, que nenhum Soldado ſobpena da vida podeſſe durando a guerra beber vinho, e Moiſés mandou aos Sacerdotes, que quando houveſſem de Sacrificar o naõ bebeſſem. Em fim Salamaõ o defende naõ ſómente aos Reys, mas aos Officiaes, e Juizes de ſeu Povo: e diz Plutarcho, que antigamente era defezo aos Sacerdotes do Egypto.

Eſcreve-ſe d'ElRey Cyro, que chegando a caſa de hum ſeu hoſpede, e ſendo-lhe perguntado familiarmente, que queria comer, reſpondeo, que lhe buſcaſem paõ, por quanto eſperava hir comer a huma fonte. Tambem o Emperador Octaviano ſendo em tudo mui temperado, e queixando-ſe o Povo Romano a elle de o vinho valer mui caro em Roma, reſpondeo com mui grande merencoria eſtas palavras: aſſaz trabalhou meu genro Marco Agrippa para que naõ houveſſeis ſede em vos trazer tan-

tas

tas agoas de fóra. Sohia dizer ElRey Cyro a ſeu Exercito, que ſe coſtumaſſem a beber agoa, e de Peſcenio Nigro Capitaõ dos Romanos ſe lè, que andando no Egypto com Exercito, e pedindo-lhe os Soldados vinho, reſpondeo como póde ſer, que dezejeis vinho paſſando o Rio Nilo taõ perto de vòs?

Olhemos Portugal, e o que ſe agora nelle uſa, e acharemos, que a temperança dos homens nos trajos, e veſtidos naſce toda do bom exemplo de V. Alteza. Diſſe em cima do ſeu grande comedimento no modo de veſtir, agora ſómente direi, que poſto que Xenocrates tenha, que os Reys para ſerem mais conhecidos devem d'andar ricamente veſtidos, com tudo para iſto ſer aſſi, mais verdadeiro caminho parece ſer o Rey em tudo temperado, porque deſta maneira ſua bondade o farà ſer mais conhecido, que nenhuma moſtra de fóra, nem inſignias do Real Eſtado. Eſta virtude foi cauſa, que a Republica dos Spartanos duraſſe tanto tempo, e creſceſſe tanto com as Leys de Licurgo, o qual mandou, que na ſua Cidade correſſe moeda de couro, porque

naõ

naõ vindo mercadorias de fóra, que aſ mais vezes fazem a gente afeminada, os bons coſtumes della ſe podeſſem melhor conſervar.

Eſta foi a cauſa, que o eſtado de Perſia foſſe tanto àvante em tempo d'El-Rey Cyro, que nenhuma couſa mais ſe preſava, que de muita temperança, e humanidade, e os Romanos, como jà diſſe, em quanto tiveraõ iſto, creſceraõ, e couſa ſabida he, que Caio Fabricio Cenſor lançou fóra do Senado a Publio Cornelio Rufo da linhagem dos Patricios, porque em hum convite, que deu, poz em huma ſua baixella ſómente quinze marcos de prata lavrada. Tem Ariſtoteles, que os Reynos para durarem muito haõ de ſer temperados, e allega com os Lacedemonios, e com os Moloſſos, e para iſto ſer aſſi; diz que cumpre muito ao Rey ſer temperado. Naõ buſquemos prova diſto longe, que neſte Reyno a temos, o qual de ſeu principio atè eſtes tempos foi àvante, naõ menos por eſta virtude, que polas outras: mas tanto agora nos he mais neceſſaria, quanto a riqueza, e mercadorias, que vem da India, ſaõ de mais

for-

força para fazerem mà impreſſaõ em noſſos coſtumes. Eſtes inconvenientes tira voſſa Alteza, e com o virtuoſo exemplo, que de ſua peſſoa, e vida nos dà, faz guerra continua aos appetites alheios, o qual podendo andar cuberto de joias, e perolas, tem mais reſpeito aos bons coſtumes de ſeus Vaſſallos, que naõ à qualidade, e grandeza de ſua Real peſſoa. A eſta tamanha temperança reſponde a Rainha Noſſa Senhora, vivo exemplo de toda a bondade, antre a qual, e V. Alteza ſe vè ſempre andar hum famoſo, e notavel competimento, de qual delles ſerà mais virtuoſo. Eſcreve-ſe da Emperatriz Pompeya Plotina, mulher do Emperador Trajano, que foi taõ virtuoſa, que acreſcentou a gloria do meſmo Trajano, à qual com muita razaõ póde ſer comparada a Rainha N. Senhora, cuja virtude, e em todas as partes de ſua vida perfeita temperança levantaõ mais a gloria, e alto merecimento de V. Alteza.

Que direi no comedimento que tem no jogo, e feſtas publicas, que pola mòr parte, ſe faõ feitas amiudo, aprende o povo a ſer ocioſo, e ſe aparta do exercicio da virtude? Se antigamente a

Gre-

Grecia ſenaõ dera a ver repreſentaçoens, e feſtas, naõ perdera a gloria, que tinha ganhado com armas, e em quanto andava occupada em ver autos, e fazer comedias, ElRey Fillipe de Macedonia teve tempo de ſe fazer forte contra ella, e em fim a ſojugou, e fez tributaria. Por iſſo Ariſtoteles, e Tullio naõ querem que haja muitas feſtas nas Republicas, e reprehende a Theophraſto Filoſofo por ſer neſta parte d'outra opiniaõ, Tem Ariſtoteles, que o Rey ſobre tudo deve ſer temperado, e daqui naſceo o proverbio, que diz: a metade do feito he mais que o todo; porque quem enfrear a vontade a naõ exceder aos fins da temperança, a qual ſempre guarda o meio de toda a bondade, eſte tal jà tem conſeguido todas as virtudes; em algumas cartas que eſcreveraõ ElRey Fillipe de Macedonia a Alexandre ſeu filho, e Antipatro a Caſandro, e Antigono a Fillipe, que foraõ tres notaveis Capitaens, lhes encomendaõ muito, que ganhem a vontade ao Povo, com boas palavras, em que haja huma temperada gravidade, e dizem que nenhuma couſa póde haver no

Prin-

Principe mais proveitoſa a ſi, e a ſeus Vaſſallos. Iſto guarda V. Alteza inteiramente, cujas palavras, e reſpoſtas, aſſi como ſaõ vivas, ſignificantes, aſſi ſaõ temperadas, e graves, e nellas todas luz, e reſplandece a grande bondade de ſeu Real Coraçaõ.

Finalmente ſaõ certo, e verdadeiro exemplo para a vida dos Principes. Acho eu, que ouve antigamente em Sicilia hum Rey por nome Anixilào, que por ſua juſtiça, e temperança veio a ſer tambem quiſto, e amado do povo, que leixando por ſua morte filhos pequenos, e por ſeu Tutor delles a hum eſcravo de graõ virtude chamado Micitho, tanto foi o amor, que os Sicilianos tiveraõ à memoria de Anixilào, que quizeraõ antes ſer governados por hum eſcravo, que dezamparar os filhos de hum taõ bom Rey, e aſſi os principaes Senhores da Ilha eſquecidos de quem eraõ, ouveraõ por bem que a Mageſtade Real foſſe adminiſtrada por mãos do meſmo eſcravo. Huma das propriadades deſta parte he reſiſtir ao appetite, e ſometelo em tudo à razaõ. Entaõ hum Principe ſe póde chamar perfeitamente tem-

pe-

perado, quando naõ menos obedece a ſi meſmo, do que ſeus Vaſſallos obedecem a elle, quero dizer, quando obedece à juſtiça, e às Leys, que ſaõ repreſentadas no Ceptro Real, e bem ſe diz que a fonte de toda a temperança conſiſte em ſer o appetite ſugeito à razaõ. Qual Principe ſe póde achar, que mais obediente lhe ſeja? Qual Principe ſe lembrou mais de ſeu Povo, e ſe eſqueceo de ſi? Qual teve nunca mòr reſpeito às virtudes, e menos foi tocado de merencorîa, ou ſem razaõ, que V. Alteza?

Naõ ha couſa mais contraria ao conhecimento da verdade, que o appetite da ira, e como diz S. Joaõ Chryſoſtomo, o coraçaõ naõ Senhor de ſi, e ſugeito à continuaçaõ do primeiro impeto he huma das couſas, que mais eſtrovaõ, e privaõ a luz do entendimento. A merencorîa muitas vezes vence os ſabedores, e os olhos d'alma eſcurecidos como quem peleja às eſcuras naõ ſabem fazer diferença dos amigos, a quem lhes quer mal. Lembrame que eſcreve Tullio em huma ſua carta a Cataõ Uticenſe, que ſempre em todalas idades foi mais trabalhoſo vencer o homem a ſi meſ-

meſmo, que a ſeus contrarios, e que mais peſſoas ouveraõ victoria de ſeus inimigos, que de ſeus appetites; mas quanto iſto he mòr verdade, tanto V. Alteza he digno de mais verdadeiro louvor, vencendo como faz os vicios, que pola mòr parte naquellas peſſoas pòdem mais, que tem mòr liberdade para peccar. Grande fama mereceraõ ElRey Cyro, e ElRey Ageſilão, por nunca dizerem mà palavra, e a muita temperança do Infante D. Henrique, filho d'ElRey D. Joaõ o primeiro deſte nome, ainda hoje he nomeada, que foi tanta, que aſſi como em ſeu coraçaõ nunca entrou odio, nem ira, aſſi de ſua boca nunca foi ouvida palavra, que naõ foſſe ſanta, e fundada em zelo, e amor de Deos. Quem bem olhar a torvaçaõ do homem enfunado em grande colera e eſcuridaõ do roſto, e mudança de cor, o tremer da falla, a paixaõ do eſpirito, o movimento, e eſquecimento da razaõ, ſem duvida acharà quam mà couſa he ſer vencido della, e naõ lhe reſiſtir muito.

Diz Xenofonte que o Principe juſto, e temperado hade cuidar que a ſua Republica he ſua caza, e a ſeus ſubditos

ha

hade ter em conta de filhos, donde cuido eu que naſceo antigamente os Reys ſerem chamados Pais do Povo, repreſentando tambem niſto a Deos, o qual he chamado Padre noſſo, e ſe eſte he o officio dos Principes tratar os naturaes como ſeus filhos, tanto com mór cuidado devem reſiſtir à ira, quanto eſte appetite os afaſta mais do verdadeiro juizo, que he neceſſario para a boa conſervação de qualquer eſtado. O Emperador Theodoſio era vencido algumas vezes da merencoria, mas hiaſe-lhe logo, e dezejando arredarſe em vencer de todo eſte primeiro impeto, foi aconſelhado de hum Filoſofo, que quando ſentiſſe vir a paixaõ, coſtumaſſe a dizer antre ſi as letras do A. B. C. porque deſviando, e detendo com iſto a fantezia, antre tanto que aquelle ſubito movimento paſſaſſe.

Mas V. Alteza he ſempre taõ ſenhor de ſi, e eſtà nelle em todo o tempo taõ viva, e inteira a razaõ, que naõ tem neceſſidade de algum remedio contra eſte, nem outro nenhum appetite, aſſaz lhe baſtarà para ſer excellente Principe obedecer (como faz) às proprias Leys, poſto que ſobre o Principe naõ tenhaõ po-

der algum, mas elle nem contente diſto, ſendo aſſi tanto, juntamente obedece às Leys de toda a boa razaõ, aſſi como que nada lhe ſeja licito, mais que a nós, e aſſi nos dà de ſi exemplo, com que vencendo a nós meſmos, naõ queiramos mais, do que he juſto, como diz hum Poeta. Eſta diferença vai dos bons aos màos, que os máos fógem da culpa com medo da pena, e os bons da pena com medo da culpa, e ſem duvida onde naõ entra amor, mal ſe póde conſervar a boa razaõ, por mòr que ſeja o receio da pena. Mandando V. Alteza ſeu Reyno, juntamente o mandaõ as Leys, a virtude, e todo bom reſpeito, poſto que em alguns outros Reynos mais mandaõ, e pòdem os Principes, que o bom reſpeito; mas o Rey que obedecer à juſtiça facilmente uzarà toda a virtude, e polo contrario quem a naõ ſeguir, nem quizer dar credito às Leys que ordena, mais deve ſer chamado tyrano, que Principe. Bemaventurança commummente ſe chama poder hum Rey quanto quer, mas grandeza ſòmente ſe deve chamar, naõ querer mais do que he bom, em fim tal he V. Alteza neſte ſeu glorioſo Reynado,

qua-

quaes outros muitos Principes prometem, que haõ de ser, e tal he qual deseja ser havido, o que (como dizia Socrates) he grande atalho para a verdadeira gloria, e tamanha a força da razaõ, que a quem somos mais obrigados, a esse temos mòr afeiçaõ, e amor, e athè os ladroens guardaõ antre si, e tem leys que seguem, sem as quaes huns sem os outros se naõ poderiaõ suster. Achase que foi hum famoso ladraõ na Esclavonia chamado Bargulo, que por se haver justamente coñ os outros ladroens seus companheiros, partindo antre elles o roubo igualmente, veio a ter muito credito com elles, e possuir grandes riquezas, e dos Persas se escreve, que sohiaõ fazer os moços juizes d'outros moços para logo de pequenos se exercitarem no uzo da razaõ.

Siguaõ os Principes o exemplo de Hercules, o qual como escreve Xenofonte, passeando hum dia em hum lugar sò apartado, vieraõ a elle a virtude, e a deleitaçaõ, ambas em habito de mulheres, mas a virtude vinha como mulher grave, e a deleitaçaõ era Dama muito fermosa, e porfiando com muitas razoens cada huma polo converter a si, sendo elle man-

cebo, e naquella idade, em que naturalmente as vontades ſe ſoem de entregar a bem, ou mal; Hercules poſto que a deleitaçaõ lhe prometeſſe grandes prazeres, e polo contrario a virtude lhe moſtraſſe grandes trabalhos, ou vida trabolhoſa, com tudo depois de lançar ſuas contas, e cuidar tudo antre ſi, prudentemente eſcolheo a virtude com razaõ, e trabalho, que a deleitaçaõ com falſo contentamento: mas quando a virtude por ſi naõ abaſtaſſe para ſe aver de ſeguir, ao menos ſe devia fugir da infamia, que de naõ ſe fazer o que era razaõ naſce aos homens. Quem he taõ preſumpçoſo, ou eſquecido de ſi meſmo, que naõ eſtima o que outrem póde dizer delle, como diz S. Joaõ Chryſoſtomo? A multidaõ dos homens toda traz os olhos nos coſtumes de ſeu Principe, dos quaes como de huma pintura cada hum tira o debuxo, e modo do ſeu viver, e os peccados das peſſoas baixas ſómente empecem a quem os comete, as culpas dos grandes polo màо exemplo trazem danno geral a muitos. Se como dizem os Filoſofos na temperança principalmente ſe olha, que tudo diga, e eſte bem, em nenhum tempo pòde ſer

afaſ-

afaſtado da virtude, porque tudo o que diz, e eſtà a bem por certo, em todas as partes da vida. V. Alteza guarda perfeitamente o que cumpre, e eſtà bem ao preço, e authoridade de ſua Real peſſoa.

Sempre atençaõ de toda a peſſoa virtuoſa, e mòrmente do Principe aſſim meſmo deve ſer, conforme a todalas partes da vida, naõ deve ter os apetites ſoltos, ou ſobejamente dezejando, ou ſendò muito negligente, que iſto he que naõ eſtà bem, nem ha de haver nella vozes falſas, nem deſacordadas, o que tanto mais ſe deve fugir, quanto eſta muſica he mais ſuave, que todas as outras, e quanto o diſconcerto della offende mais, e parece peior. Bem eſtà ao Principe ſer vergonhoſo, que aonde naõ hà vergonha, naõ pòde haver nenhuma virtude, e eſte louvor foi dado a Hercules: bem eſtà ſer humano, e chaõ, porque mais louvada foi a humanidade de Valerio Corvino Capitaõ Romano, que a muita aſpereza de Anibal, e Manlio Torcato, que matou ſeu filho. Bem lhe eſtà guardar o que promete, porque de Hercules ſe eſcreve, que nunca mentio, nem quebrou juramento;

e que huma ſó vez jurou em toda a vida, e parecia taõ mal aos Romanos quebrar o juramento, e a fé, que ſe dava, que defenderaõ aos ſeus Sacerdotes, que naõ juraſſem. Em fim bem eſtà ao Principe naõ querer mais honra daquella, que a razaõ, e authoridade de ſua Real Peſſoa requere.

Que couſa póde eſtar peior a quem governa, que gabar-ſe a ſi meſmo muito, ou dar credito a liſongeiros, como dizia Ariſtoteles? Quem a ſi meſmo ſe gaba, he vaõ, e quem diz mal de ſi, he Sandeo, por iſſo a verdade he nem ſe louvar homem, nem menos dizer mal de ſi, e o meſmo dizia, que os contentamentos falſos ſe deviaõ de olhar no fim para taõ aſinha ſe naõ tornarem a deſejar. Eſcreve-ſe nos Livros Sagrados, que eſtando Acab Rey dos dez Tribus para dar batalha a ElRey Adado da Suria, mais de quatro centos Profetas falſos, que havia no Paço, por contentarem ao Rey lhe diziaõ, que pelejaſſe ouſadamente, que Deos lhe tinha prometido a victoria, antre eſtes todos havia hum ſó Profeta verdadeiro chamado Micheas, o qual o deſenganava, dizendo, que ſe là foſſe, ha-

havia de ser morto ; mas ElRey dando mais credito à falsa esperança dos lizongeiros , que ao dezengano de Micheas , depois de o mandar prender , sahio à batalha , em que foi morto , e este he o proveito , que tiraõ os Reys de quem lhes naõ falla verdade. Quem estas cousas bem olhar , acharà claramente pola comparaçaõ dellas , quam afastado he V. Alteza de todos estes males. e como em tudo segue , o que sómente està bem à qualidade de pessoa , e grande mando , que tem.

Finalmente todas as partes , que tem da temperança , saõ em si perfeitas , despreza as vaidades , e honras sobejas , he mui temperado em toda a maneira , e costumes de sua vida , póde nelle mais a razaõ , que o appetite , naõ se esquece nunca do que cumpre , e està bem a seu Real Estado , porque segundo Aristoteles , a temperança he dividida em tres partes , em obedecer o appetite à razaõ , e naõ haver nas cousas mais diligencia , nem menos da que cumpre em ser guardada em tudo a dignidade , e estado de qualquer pessoa. Quem com juizo verdadeiro tudo isto bem olhar achará , que

em

em V. Alteza ſe póde verificar toda eſta diviſaõ. Com eſtas manhas, com eſtes coſtumes, com eſta tal muſica, e harmonia de tantas virtudes, he tambem quiſto, naõ ſómente de ſeus leaes ſubditos, e naturaes, mas das Provincias, e Naçoens Eſtrangeiras. Eſte he hum dos premios da virtude ſerem por ella naõ menos amados os abſentes, que os prezentes, e polo contrario, quando o Principe he o que naõ deve: aſſi os eſtranhos, como os ſeus lhe querem mal, e lho moſtraõ por obra, quando pódem, e achaõ tempo para iſſo, e por força he, que hajaõ medo a quem querem mal, e a quem haõ medo, que lhe dezejem a morte. Que maior imfamia póde ſer de hum Principe do que foi do Emperador Cayo Ceſar Caligula, que foi taõ mào, e crù tyranno, que ouzou dizer, que de nenhuma couſa ſe prezava mais, que da pouca vergonha? Mas ſeus màos coſtumes, e crueza lhe deraõ o fim, que elle merecia.

A pouca temperança, e comedimento dos antigos Reys de França foi cauſa, que perdeſſem aquelle Reyno, e a ſucceſſaõ delle paſſaſſe a outrem: porque

ſen-

ſendo Theodorico Rey em França, e leixando governar o Reyno a outrem, nem ſe moſtrando ao povo mais que huma vez no anno, naõ poderaõ iſto ſofrer os Grandes, e o lançaraõ do Reyno: neſſes tempos a ſegunda dignidade de França depois d'ElRey era Mordomo Mòr, que pela fraqueza dos Reys mandava tudo, por onde ſendo, como diſſe, lançado Theodorico, foi entregue o Reyno a Pepino Martel, filho de Pepino, o qual pola grande authoridade do ſeu cargo governou França muito tempo, e por ſua morte leixou ſeu filho Carlos Magno, que depois fez grandes coulas em armas.

Coſtume he dos que compoem Panegyricos louvarem nelles a boa preſença, e peſſoa do Principe, por iſſo dezejando eu fazer o meſmo, mòrmente, ſendo eſtas partes em V. Alteza taõ dignas da Mageſtade Real, por duas cauſas o leixo de fazer, a primeira porque a dignidade da lingoa Portugueza ſofre mal eſta maneira de louvor, e a outra por ſer iſto taõ notorio, que naõ tem neceſſidade de ſer por mim mais repreſentado, e aſſi

co-

como no tempo dos Gentios em algumas partes, aonde era adorado o Sol haviaõ por eſcuſado fazer-lhe imagem, porque o viaõ ſempre andar no Ceo, aſſi a Real Peſſoa, e preſença de V. Alteza, ſendo de nòs viſta cada dia, naõ ha miſter outro teſtemunho, que o dos olhos, e contentamento geral de todo o ſeu Povo. Mas jà he tempo, muito Poderoſo Rey, e Senhor de me recolher ao porto, e amainar as vellas: metime no Mar Occeano: grande atrevimento foi o meu: hei medo de me perder, faz-ſe o caminho cada vez mais comprido, e com tudo queria meu deſejo paſſar adiante, e fallar nas heroicas virtudes de V. Alteza, cujo officio he moſtrar-ſe nas mòres couſas, e trabalhos, aſſi como nas outras he fugir, e arredar-ſe dos extremos. Vejo quam grande empreſa tomei, e quam trabalhoſo me ſerà querer dar perfeito louvor em Panegyrico a ſeus altos merecimentos, e naõ he igual trabalho dos que geralmente tratãõ das partes, e officio de bom Principe ao daquelles, que particularmente querem repreſentar as virtudes, e feitos de hum Rey

Ex-

Excellente. Os que fallaõ geralmente dos Reys naõ saõ obrigados a nenhumas Leys, nem delles se espera mais do que pódem. Tem a liberdade, que querem, tomando, e leixando o que lhes parece, sem merecer nenhuma reprehensaõ: por isso muitos Filosofos fizeraõ isto com muito seu louvor, como foraõ Plataõ, e Theofrasto, Antistenes, Xenofonte, Dion, Xenocrates, Aristoteles, e outros muitos, mas no Panegyrico naõ he assi, o qual, ou senaõ hade começar, ou já que se começa, ha de se dar igual louvor ao merecimento das pessoas, e naõ se dando, he digno o author de muita culpa, ou por tomar empreza desigual a si, ou por naõ querer louvar como he razaõ, e naõ merece menos culpa, quem louva o bom Principe menos do que he, que quem diz mal delle. Neste tamanho perigo, em que me fui meter, huma só escusa tenho por mim, o grande dezejo de tratar os louvores de V. Alteza; senaõ como elle merecesse, ao menos como eu podesse. No fim desta obra peço ao muito alto Deos, que este tamanho bem, que nos quiz dar dando-nos tal Rey, e

Se-

Senhor, nos queira conſervar por muitos annos, dando-nos a nòs tambem vida, naõ tanto pola vida, quanto polo contentamento deſte ſeu glorioſo Reynado de V. Alteza.

# FIM DO PANEGYRICO

## *A ELREY D. JOAM III.*

*Por Joaõ de Barros.*

# PANEGYRICO
## A' MUI ALTA,
## E ESCLARECIDA PRINCESA INFANTA
# D. MARIA
## NOSSA SENHORA.
### POR
# JOAÕ DE BARROS.

COMMUM ſentença dos Filoſofos he viſto por experiencia (Illuſtriſſima Princeſa noſſa Senhora) o demaſiado prazer cauſar nos coraçoens dos homens mui grandes alteraçoens, que naõ podendo o eſpirito ſuſter em ſi o alvoroſo, que dentro concebe, parece que abafaria, ſenaõ o communicaſſe, manifeſtando a todos a novidade do que em ſi ſente. De que vem algumas vezes, que os homens eſque-

quecidos de ſi meſmos, ſahem fóra dos limites, que a gravidade de ſeus officios poz em ſuas peſſoas, como lemos d'ElRey David, vencido do prazer, que tinha de levar a Arca do Teſtamento para ſua caſa, hia diante della dançando, e fazendo taõ deſordenados movimentos com o corpo, que ſua mulher Michol teve paixaõ, parecendo-lhe, que naõ guardava o decoro, que ſe devia à Dignidade Real com aquelles ſaltos, que via fazer a ſeu marido, de huma parte para outra.

2 E naõ ſómente vemos cauſar o prazer eſtas operaçoens nos actos corporaes, mas ainda nas fazendas, taõ eſtimadas dos homens, que por ellas perdem as vidas, e aventuraõ as almas. Cà huns em alviſaras, outros em feſtas, que cada hum faz como póde, gaſtaõ muitas vezes em hum dia o que ganhaõ em muitos. Alguns em vez de rir, choraõ com prazer, e de muitos lemos, a que o ſobejo, cauſou morte ſubita, naõ podendo com a força delle ſuſter a vida.

3 De todos eſtes movimentos, que aſſima diſſe (mui alta, e excellente Princeſa) maior foi o meu, que com o prazer,

zer, que ao preſente tenho, ou temos todos os ſeus Vaſſallos em ElRey nos dar a vós por Senhora, fiquei como quem de grave enfermidade ſe levanta com grande detrimento, taõ ignorante, ou taõ ouſado, que me pareceo poder louvar a V. Alteza, que he o maior aballo, que no coraçaõ de hum homem muito contente ſe podia fazer. Que gaſtar minha fazenda em celebrar couſa taõ grande, manifeſto he, que fora pouco, e muito menos morrer, pois a morte de huma peſſoa taõ baixa naõ podia manifeſtar prazer taõ alto.

4 Mas querer encher de papeis de ſeus loúvores, he dar a entender, que em alguns ſe podiaõ elles comprehender. Cà certo conſiderando a grandeza de ſeu eſtado, e a baixa qualidade de minha peſſoa, o alto cume das ſuas virtudes, e a fraqueza de meu engenho, a gloria de ſua fama, e a pouca noticia da minha, naõ he outra couſa querer louvar a V. Alteza, ſenaõ cuidar, que ſómente com eſtender as mãos aos que eſtaõ da outra banda de taõ largo rio o poſſo paſſar a meu ſalvo como pelos penitentes das ribeiras ſtygias dizia o Poeta Virgilio: *Ten-*

*Tendebantque manus ripæ ulterioris amore.*

Que eſtes enganos, e falſas imaginaçoens, às vezes cauſa, ou o grande deſejo de haver huma cauſa, ou o goſto de a ter alcançada; que faz eſtimar as outras pouco. Donde vem que as grandes victorias, que alguns Capitaens houveraõ, foraõ cauſa de ſua deſtruiçaõ, eſquecidos com o vencimento prezente, do futuro provimento, e forças de ſeus inimigos. Aſſim eu tranſportado no alvoroſo deſte prazer, e eſquecido de taõ alta impreza como he a que tomei, naõ ſe deve haver por muito ficar vencido della, como aquelle, que com falſas azas de cera ſe meteo no fogo de ſuas penas, e querendo tomar o Ceo com a mão, cahio no mar da ſua ignorancia.

5 Mas jà que niſto heide ſatisfazer ao deſejo, jà poſto de huma parte, fique vencido meu engenho, ao menos da outra enganarei por hum breve eſpaço a vontade, até que a experiencia me moſtre, o que enſina aos enfermos, que tanto trabalhaõ por apagar com agoa o ardor da febre, tanto mais aumenta as chamas do fogo, que os queima, e parecen-

cendo-lhe que satisfazem a seus desejos, com isto os acrescentaõ mais. E polo mesmo modo, querendo eu mostrar a razaõ, que todos seus Vassallos temos de ser o dia de hoje muito contentes, quanto mais quizer subir ao cume de seus merecimentos, tanto me acharei mais afastado de os poder entender. E desta mingoa hum louvor me fica em naõ dizer os de V. Alteza, que naõ serei avido por lisongeiro dos que virem que minhas palavras naõ chegaõ ao verdadeiro louvor de suas cousas. Nem recearei o que dizia Horacio a Marco Agrippa nestes versos,

*Imbellisque Lyræ Musa potens vetat*
*Laudes egregii Cæsaris, & tuas*
*Culpa deterrere ingenii.*

Dando-lhe a entender, que louvando mais a elle, e a Cesar seu sogro desfazia em seus louvores com falta de seu engenho, porque a pureza, e a claridade dos de V. Alteza, he taõ excellente, que se lhe naõ póde pegar a ferrugem de minhas palavras, mas estaràõ taõ limpos entre ellas, como a luz do Sol, anda livre, e izenta dos pestiferos, e baixos vapores, que acla-

ridade desfaz, sem deste ajuntamento ficar mascavada sua perfeiçaõ. Ou como o outro, que lançado nos curruptos humores da terra fica taõ puro em seus quilates, que nenhum perde de quantos tinha.

6. A'lèm disto alguma ousadia me dà ser o genero desta causa de sua natureza tal, que poderei escusar, o que costumavaõ os antigos, aquelles que floreceraõ na Arte da Eloquencia, que exercitavaõ o estillo em louvor de cousas, que naturalmente careciaõ delle. Ao modo do bom Lavrador, que a terra a quem os beneficios da natureza fizeraõ escaça, faz elle com os da agricultura, tirando com seu industrioso artificio da esterilidade, proveito, e fruito, donde o naõ avia.

7 Nem tenho necessidade dos aguilhoens, que Pericles Atheniense deixava pregados nos coraçoens dos ouvintes, com que forçosamente os levava ao desejado fim de suas palavras. Nem tanta efficacia nas minhas, quanta tinha Thimoteo na musica, que com as cordas de sua viola levantava a colera ao grande Alexandre, ou lha abaixava,

pro-

produzindo em ſeu coraçaõ taõ diverſos movimentos, como ſaõ paz, e guerra.

8 E aſſim poſſo eſcuſar neſte exordio o captar benevolencia, e outras inſinuaçoens do artificioſo Orador das couſas aſperas: as orelhas dos ouvintes, como era o louvor dos tyrannos, e o da febre, e da moſca, e da calva, que alguns antigos louvaraõ: e em noſſos dias, o da Sandice. As quaes couſas ſendo em ſi mui eſtreitas, para nellas hum Orador ſe poder eſpraiar com ſuas palavras, como ellas lhe fizeraõ aquelles doutos Baroens, taõ largos campos, que ſem nenhum impedimento ſe poderaõ com louvores por elles eſtender, porque a verdade naõ ha miſter pincel de Apelles, para acreſcentar em ſua fermoſura, cà nua ſem mais outro algum trajo eſtà ella nò verdadeiro primor de ſua bondade. E como dizia hum ſabedor a ElRey Dario: todas as couſas vence a verdade. A qual ſem os ſylogiſmos de Fabio, e ſem as palavras empoladas de Demoſthenes, ou Tullio eſtende ſuas raizes nos frios coraçoens da gentilidade. Aſſim que dado

que me faltem as flores da Eloquencia, ellas duraõ taõ pouco, que por derradeiro ficaõ pizadas, quando ſe colhe o fruito da verdade.

9 Diz Marco Tullio, que os brutos naõ ſe movem, ſenaõ para as couſas, que diante lhe ſaõ preſentes, ſentindo pouco as paſſadas, e futuras, e que os homens, como participem da razaõ, entendendo os effeitos, que de outros ſe ſeguem, e vendo os principios, e cauſas, comparaõ as ſemelhanças das couſas, cotejando as paſſadas com as preſentes, com que facilmente alcançaõ o curſo de toda a vida. Pois vendo o que V. Alteza até aqui tem feito na ſua, quaſi vou entendendo, o que della póde ſer ao diante; e porque eſte diſcurſo que tenho feito, me vai deſcubrindo grandes couſas, creſceme cada vez tanto a admiraçaõ dellas, que naõ pude deixar de a pôr em tinta, e papel, pois com turvaçaõ, e alvoroço, o naõ poſſo fazer com a lingoa. Porque naõ he de crer, dando-lhe a Divina Providencia, tantos, e taõ excellentes dotes, que foſſe para lhe negar o ſummo, e maior de todos.

He

10 He certo que nos bens da fortuna; que os Filoſofos chamaõ extiriores commummente, V. Alteza, os tem taõ perfeitos, que alguns de que os antigos ſe eſpantaraõ, diante dos ſeus perdem toda ſua admiraçaõ. Là Plinio entre os milagres da bemaventurança humana, conta de huma Rainha, que foi filha, mulher, e mãy de Rey, avendo por muito eſtas qualidades juntas em huma peſſoa. A qual bem creio que de ſeus avoengos naõ tiveſſe a nobreza, e real limpeza de ſangue, que V. Alteza tem de todas as partes, de taõ altos, e taõ eſclarecidos Reys, de que a Chriſtianiſſima Rainha de França voſſa mãy, vem deſcendendo. Em a qual, e em outras muitas Rainhas de voſſa genealogia reſplandece melhor eſta gloria de bemaventurança, que Plinio achou na outra de que faz mençaõ, que naõ ſómente he filha de hum taõ glorioſo Principe, como foi ElRey D. Fellippe voſo Avô, e mulher de outro, taõ poderoſo, e Chriſtianiſſimo, como ao preſente he ElRey de França, mas para melhor remate a fez Deos mãy de voſſa Alteza.

11-

11 Pois vindo a ElRey de gloriosa memoria vosso Pai, de quem tendes o sangue dos poderosos, e Catholicos Reys de Portugal, taõ antigos, que olhando para traz, nos cansaria a memoria, naõ achando termo, onde descansasse, cujos louvores, e vitorias taõ cheio he o Mundo; acharemos que do principio, e fundamento destes Reynos, sempre tendes Reys vossos Avòs; e ainda nestes naõ tem nascimento seu sangue, que para chegarmos a esta fonte, avemos de rezolver a antiguidade, e nobreza dos Reys de Ungria, de Castella, e de Aragaõ, de Leaõ, e de Navarra, e os triumfos da guerreira gente dos Godos, juntamente com os Reynos de Inglaterra, Boemia, França, e do sacro Imperio de Alemanha, em que de todos tendes parte, e naõ passarei por o que dizia o Emperador Maximiliano vosso Vizavô, que muitas vezes se louvava ter mais limpo sangue, que todos os outros Principes. Porque naõ o tendo de menos valia que elles, tinha mais hum quilate, que fora criado aos peitos da Emperatriz Dona Leanor vossa Tresavò.

12 Pois quem foi ElRey vosso Pai?

Por

Por ventura hum Phalaris, ou Dionisio Siracuſano? Certo naõ, mas aquelle em cujo coraçaõ ferveo ſempre tal zelo da Fè, que com muito gaſto de ſua fazenda, mortes de ſeus naturaes, trabalhos de ſua vida, e cuidados de ſeu eſpirito, fez adorar o precioſo Sangue de Chriſto, onde o dos brutos animaes ſe ſacrificava. E iſto taõ longe de ſeus Reynos, e Senhorios, quam perto elle eſtava da gloria, que por iſſo mereceo. Deſpregando bandeiras, tomando Cidades, ſugeitando Reynos, onde nunca o vitorioſo Alexandre, e grande Hercules, de cujas façanhas ſe eſpantaraõ os antigos, puderaõ chegar. Achando novas Eſtrellas, navegando mares naõ conhecidos, deſcubrindo a ignorancia dos Filoſofos antigos, que o Mundo tinha por meſtres de verdades occultas.

13 Cà depois de ſeus pilotos abriraõ o mar Atlhantico, por tantas centenas de annos cerrado, todos aquelles que na Filoſofia natural tinhaõ gaſtado ſeu tempo, elle lhe gaſtou ſeu louvor. Pois dos Geografos, cuidavaõ ter o Mundo aſſoalhado com ſuas pinturas, aos olhos dos que naõ andavaõ por elle

que

que posso dizer? Senaõ o que se vè, que rusticos pilotos sem mais letras especulativas, que huma só doutrina praticada no convez de hum Navio endireitaõ as derrotas, diminuem, ou acrescentaõ os gràos, emendaõ as alturas, de tal maneira reprovaõ as taboas do Illustre Ptolomeo, como se estudaraõ em alguma Universidade, e elle naõ em Athenas, onde gastou seus dias?

14 Naõ fallo nas vitorias de Africa, cujo temor fez fugir os Mouros da faldras, e da fertilidade dos mares Gaditano, Atlhantico, e meteõ por dentro das secas areas do Sertaõ da Mauritania nem o que fez em Guiné, e toda a Costa de Ethiopia, pois he notorio, que os negros que viviaõ fóra de toda a policîa, habitando as cavernas da terra, sem ley, sem justiça, sem direito humano, ou Divino, vivendo ao modo de brutos animaes, agora deixadas as trevas, e tornados à luz com a prègaçaõ d'ElRey vosso Pai, que para elles foi novo Apostolo, levantaraõ Templos a Christo, e à Santissima Virgem sua Madre, e nelles pulpitos, em que publicaõ, e exalçaõ seu nome, e Altares, em

que

que offerecem ſeu Corpo Santiſſimo, e Sangue precioſo, com que parece (Illuſtriſſima Princeſa) ſer comprida a profecia do Pſalmo, que diz, que os Eſtrangeiros, e Tyro, e o Povo dos Ethiopes conheceriaõ a Deos: e pòdeſe dizer que ſeu nome lhe foi poſto por Divino Miſterio, como lemos de alguns Santos Varoens, cujas futuras obras conhecidas por Deos, lhe deraõ nome, confórme o que elles aviaõ de obrar. S. Joaõ Bautiſta pelos Prophetas foi chamado, e por ſeu pai Zacharias: Joanne, nomes que convinhaõ a ſuas obras. E o Meſſias prometido na ley, jà tinha ſeu nome eſcrito nos livros de Iſaias, que diſſe Manoel ſe chamarà, que em noſſa lingua quer dizer: Deos he com noſco, pela vinda, que fez a eſte mundo, onde tomou carne humana, por nos remir do peccado de noſſo primeiro Pai Adaõ. Pois aſſim meſmo eu diria, que eſte Chriſtianiſſimo Rey Emanoel levou à India, e Ethiopia ſua Fè, com que os infieis com muita razaõ là pódem dizer: Deos he com noſco.

15 Paſſo pelas victorias dos Rumes, pelos tributos que poderoſos Reys da India lhe pagaraõ, de que a Coroa

deſte Reyno naõ tem pequenos proveitos. Que tudo iſto celebrado he por Poetas, e Oradores, que em Roma, e outras partes publicaraõ taõ excellentes victorias. Teſtemunha he do que digo Camillo Porcio, que em huma magnifica Oraçaõ, que fez ao Papa Leaõ X. celebrou a tomada de Malaca, cujo treslado veio a eſtes Reynos, por induſtria do Doutor Joaõ de Faria, que naquelle tempo ſervia de Embaixador em Roma. Teſtemunhas ſaõ Policiano, Filippe Beroaldo, Bloſio, Paladio, Pierio, Caſalio, e outros, que em metro, e proſa eſpalharaõ pelo mundo eſtes triumphos delRey voſſo Padre, em cujo tempo ſe fora o grande Homero, que tanto caſo fez de huma taõ pequena navegaçaõ, como he a do Heleſponto atè Sicilia, que pòde comprehender pouco mais de trezentas legoas, em que miſturou tantas fabulas, e acontecimentos, quam pouca conta fizera dos orrores de Ulyſſes, ſe vira tantas mil legoas de mar, e coſta ſenhoreadas de hum ſó Rey, nas quaes ſe contem as Indias, a quem, e àlem do Gange, e grande parte de Ethiopia, Arabia, e Perſia, cujas forças afaſtaraõ

os

os Mouros, e Turcos, e os lançaraõ atè os fins do eſtreito Arabico, onde tem ſeus Navios varados em a pobre Villa de Suès, ſem uſarem de levantar ſuas vellas, que a força Portugueſa tantas vezes amainou.

16 Que fizeraõ os Poetas Orpheo, e Apollonio, quam pouco eſtimaraõ a conquiſta do vellocino douro, e daquelle primeiro Navio Argos, que tanta admiraçaõ naquelle tempo fez ao mundo, navegando o eſpaço, que hà de Theſalia, atè Colchos, que ao mais podem ſer trezentas, e cincoenta legoas. Em o qual mar por ſer muito povoado podiaõ tomar muitos refreſcos, e fazer muitas agoadas, com que teriaõ mais paſſatempo neſte caminho, que trabalhos dignos de canſar nelles os Poetas ſeu engenho? Vendo ſeis mil legoas de mar, taõ hermo, e deshabitado, navegadas, e ſenhoreadas por a gente Portugueſa, que em ſuas tormentas nenhuma eſperança tem nos portos, e nas Ilhas, de que as agoas eſtaõ deſocupadas, a que poſſaõ fugir da braveza de taõ altas ondas, como nelle ſe levantaõ? Certamente, que olhando bem iſto, ſe pòde dizer, que eſ-

eſtas, e outras couſas, que os antigos contavaõ, como por exceſſos da natureza; quanto a nòs pelas que foraõ acabadas por induſtria d'ElRey voſſo Pai, podem ſer havidas por hiſtorias de patranhas.

17 Naõ fallo nas columnas de Hercules, poſtas na Ilha de Cales entre o fogo de noſſas cazas, que aſſentou como no fim de toda a terra, que neſte tempo ſaõ riſcadas da memoria dos homens, e poſtas em todo o ſilencio, e eſquecimento, com outras mais altas, que por voſſo ſangue foraõ aſſentadas nas derradeiras partes Orientaes do mundo, mais proveitoſas a elle por ſerem as em que Chriſto poz ſuas eſpadoas, do que foraõ as de Hercules, com que ſe perderaõ tantas almas.

18 Muito havia à cerca diſto que dizer, mas baſta moſtrar o caminho, para que vejaõ o que tinha por paſſar, ſe diſſo quizera eſcrever. Mas deixaloei para dizer que de taes dous troncos como eſtes, naõ podia naſcer ſenaõ V. Alteza, em que claramente ſe vè ſer filha de tal pai, por quem Deos taes couſas obrou, e irmãa de tal irmaõ, conſervador, e augmentador dellas; e ſobre tudo criada

na

na doutrina familiar, e exemplos da Rainha Noſſa Senhora voſſa Tia, em que tanto florecem as virtudes, que parece acharem nella deſcanſado apoſento. Em cuja Caſa, que podemos ehamar Eſcola de ſanta doutrina, V. Alteza foi enſinada nos preceitos da noſſa Santa Fè, que inda iſto deveis à Divina Clemencia, que alèm de vos fazer filha da Rainha Chriſtianiſſima, Biſneta d'ElRey D. Fernando, que por excellente Chriſtão, mereceo o nome de Catholico, filha de outro Rey, que dos infieis (como pouco hà diſſe) foi novo Apoſtolo, e irmaõ d'ElRey noſſo Senhor, maravilhoſo reformador da Religiaõ Chriſtãa, iſto, como digo, deveis a Deos, que nos deu taõ ſanta criaçaõ, com que pudeſſes conſervar eſta inclinaçaõ, herdada de voſſos progenitores.

19 O que bem claro ſe moſtra em V. Alteza, pois que ſeu modo de vida fóra de Religiaõ, póde ſer aos Religioſos eſpelho, e doutrina de bem viver. E certo eu naõ ſei, que mais virtuoſos coſtumes, ſantas mulheres poſſaõ ter na Clauſura dos Moſteiros, e vida ſolitaria do hermo, que V. Alteza nos Paços Reaes tem,

tem, onde vive em Corte, e ajuntamento de gente. Pois que a continuaçaõ de ſuas oraçoens, a muita participaçaõ dos Sacramentos da Confiſſaõ, e Euchariſtia, de que tantas vezes por graça Divina ſe faz participante, manifeſtaõ ter dentro em ſeu coraçaõ grandiſſimo fervor da Fé de Chriſto. Couſa muito de eſtimar nos Principes, que como ſejaõ huma fonte publica de que ſeus Vaſſallos haõ de tirar agoa de bons coſtumes, e ſaã doutrina, como a Religiaõ ſeja aquella, em que conſiſte toda a noſſa bemaventurança, nenhuma virtude parece dar taõ grande ſer à peſſoa do Principe, como he o zelo, e amor de Deos, em cuja maõ eſtaõ os eſtados da terra. O qual no dar da ley, e mandamentos que deu, naõ ſómente deſte preceito, que avia de ſer fundamento de todas voſſas obras começou, mas ainda quiz que o homem ſe entregaſſem todo a elle, dizendo: Amaràs a Deos de todo teu coraçaõ, e de toda tua alma, e de todas tuas forças, como ſapientiſſimo edificador, que para levantar o edificio de noſſa alma, em ſeu amor, mandou que todas as chegas de noſſas potencia, e ſentidos trou-

xeſ-

xeſſemos para ſua fortaleza. Porque derribado eſte principal baluarte, pelas maquinas com que o demonio nos combate, que aproveitaria ter juſtiça, prudencia, fortaleza, e temperança, ou como eſtas ſe poderiaõ chamar virtudes, faltando a do amor de Deos, cunho com que noſſa Moeda hade correr diante delle?

20 O que vendo o Bemaventurado S. Joaõ, e conſiderando a grandeza deſta virtude da Caridade, quanto precedia às outras ſuas companheiras, naõ achou com quem a comparaſſe, ſenaõ com Deos, dizendo: Deos he caridade. Porque aſſim como elle he infinito, aſſim eſta virtude tendo as outras ſeus termos, hade permanecer com noſſa alma ſem fim, que a fé, e eſperança ſeus termos, e tempos tem, em que ſe haõ de acabar, ſó a caridade vive, e reina na gloria dos Santos, dando a cada hum os quilates, que com elle mereceo, e ſendo eſta virtude a todos neceſſaria, mais o he aos Principes, que tem governança de povo, como noſſo Redemptor ſignificou, perguntando tres vezes a S. Pedro ſe o amava, como quem ſe queria affirmar, no que fingio querer ſaber para doutrina noſſa,

cà

cà Deos como penetra o intrinſico de noſſos coraçoens, bem ſabia que o amava S. Pedro, mas preguntando-lhe a derradeira vez: Pedro amas-me mais que todos? E reſpondendo o Diſcipulo: Senhor tu ſabes bem que te amo, dando a elle meſmo por teſtemunha de ſeu amor: entaõ lhe encomendou a governança de ſeu povo, dizendo paſta minhas ovelhas; aſſim o Principe que naõ amar a Deos, mal póde governar as ovelhas; que delle recebeo para o regimento das quaes ſe requere Divina ſabedoria, cujo principio, como diz o Profeta, he temor de Deos; porque aſſim como o Pai de familias, que encomendou ao ſervo a governança de ſua fazenda, e familia, pela boa conta que della lhe deu, conheceo o amor que lhe tinha: aſſim no cuidado, que o Principe tem de ſeu povo, vè Deos ſe o ama, e lhe dà o galardaõ, ou pena, conforme ao que merece.

21 Donde vemos Eſtados de Principes desfeitos por ſe apartarem de Deos, e outros levantados por chegarem a elle. Exemplo póde ſer ElRey Saul, que perdeo ſeu Eſtado, e vida; e o çurraõ,

e

e cajado de David, levantado em Ceptro Real, o qual dizia: *Mihi autem adhærere Deo bonum eſt.* Lemos Conſtantino ſer exalçado por exalçar a Fé, e Juliano por della apoſtatar, morrer morte deſeſtrada, e deshonrado. Vimos derribada a ſoberba de Maximo por Theodoſio, e a elle por obedecer aos mandados de Ambroſio ſeu paſtor, darlhe Deos o eſpirito profetico de Joanne Anachorita, como Oraculo, porque ſe regeſſe em ſeus trabalhos, e fortunas: O os ventos acudirem ao ſom de ſuas trombetas, empuxando as batalhas dos inimigos, e peleijarem de ſua banda, de que o Poeta Claudiano fez mençaõ neſtes verſos, e Auguſtinho tanto celebra.

*Omnium dilecte Deo cui fundit ab antro*
*Æolus armatas hyemes, cui militat æther,*
*Et conjurati veniunt ad claſſica venti.*

22 E naõ ſómente vimos o pezo da maõ do Senhor ſobre aquelles, que immediatamente foraõ contra a ſua honra, e o deſconheceraõ por Senhor univerſal, negando-lhe a adoraçaõ de latria,

que como a Deos lhe pertence, dando-a ao demonio, como o fizeraõ os que adoraraõ o bezerro no Deserto em tempo do graõ Profeta Moysés, e os que encurvaraõ seus joelhos diante de Baal, no tempo do Santo Elias, e outros de que faz mençaõ a Escritura, mas ainda aquelles, que com pouca reverencia trataraõ o Culto Divino, ou com descuido, e negligencia se ouveraõ a cerca delle, naõ escaparem de sua ira, como lemos de Oza, que indevidamente tocou a Arca do Testamento; de Nabab, e de Abiud, que ofereceraõ fogo alheio; de Dataõ, e Abiraõ, que rebelaraõ contra Moysés; e do outro, que apanhou a lenha no dia do Sabbado de Ananias, e Saphira sua mulher, que defraudaraõ do preço do agro, mentindo ao Espirito Santo, e de outros muitos, assim Principes, como pessoas particulares, de que està cheia a Escritura Divina. Em fim o cativeiro de Babilonia, e desterro universal de todo o judaismo, com a destruiçaõ do Templo, e daquella Cidade Real, e senhora das gentes que foi senaõ castigo do apartamento de Deos, e da morte de seu filho, que vindo para as ovelhas perdi-

didas da caſa de Iſrael o puzeraõ na Cruz em galardaõ de ſuas obras?

23 E naõ ſómente entre os Judeos, a quem ſe Deos naquelle tempo quiz communicar com preceitos familiares, do modo com que o aviaõ de ſervir, mas ainda entre os Gentios, como Egypcios, Aſirios, Medos, Perſas, Gregos, e Romanos, e entre todos aquelles, que tiveraõ Monarquias, em todas ſuas hiſtorias, quaſi naõ lemos outra couſa, ſe naõ em quanta eſtima era entre elles tida a Religiaõ, de que Valerio Maximo eſcreve tantos exemplos. E aquelles, que mais a guardaraõ, e veneraraõ, poſto que foſſe ſem a fé, que ao preſente temos, foraõ por iſſo, e por ſuas virtudes, com que ajudaraõ a Patria, mais favorecidos no eſtado, e fortuna do Mundo. Como Alexandre, que entrando em Hieruſalem adorou o nome de Deos, que o Sacerdote maior trazia na teſta; e como diz Agoſtinho *Receperunt mercedem ſuam*, por ainda a ſombra da virtude naõ ficar ſem galardaõ. Por onde podemos crer que a Religiaõ, que entre eſtes ſe guardava, ainda que era contra ſeu louvor, pois louvavaõ a

criatura, naõ conhecendo ao criador, foſſe exemplo a nós da eſtima, em que devemos ter a noſſa, porque quando nos faleceſſe caridade, e amor de Deos, tiveſſe exemplo de gente condennada, com que nos caſtigaſſe da muita negligencia, e obſervancia da Religiaõ, como elle dizia aos Judeos: conheceo o boi ſeu dono, e as beſtas a caſa de ſeu ſenhor, e Iſrael naõ me conheceo.

24 Pois graças ao Eterno, e Omnipotente Deos, que taõ boas raizes como he eſte fundamento de ſeu amor, e obſervancia da Religiaõ criou em V. Alteza, que naõ pódem deixar de produzir, ſenaõ ramos maravilhoſos, de ſantos exercicios, e virtuoſos coſtumes, como ſe vem, que o tempo que lhe ſobeja dos Divinos Officios, e Oraçoens, gaſta no eſtudo das letras, a que tanto ſe dá, naõ avendo reſpeito à ſua criaçaõ, que por naſcer de taõ alto lugar foi mais apartada dos trabalhos corporaes, e das neceſſidades, e mingoas com que a outra gente ſe cria, decorando aquelles primeiros, e em ſadonhos rudimentos da Gramatica, que a força da palmatoria aos outros engenhos enſina

ſina com que alcançou inteiro conhecimento da lingua latina, para daqui chegar ao fim de ſua tençaõ, que he o eſtudo da Sagrada Eſcritura. Seguindo a doutrina do bemaventurado S. Hieronymo, que dizia a Paula, e outras mulheres ſantas, que leſſem muitas vezes a Divina Eſcritura, e nunca ſoltaſſem da maõ os volumes ſagrados. Movida taõ ſómente por huma inclinaçaõ virtuoſa, afaſtada dos particulares intereſſes com que muitos uſaõ das letras ao modo de jornaleiros, como de qualquer ruſtico inſtrumento, com que ſemeaõ o paõ, e cavaõ a terra, eſtudando para comer, e naõ para ſaber, e como o fim ſeja eſte, taes ſaõ os prinpios, com os quaes ſe contentaõ em qualquer ſciencia, que aprendaõ.

25 E quanto mais cobiçoſas ſaõ letras deſte tempo, tanto maior louvor he o de V. Alteza, pois a cauſa final de as querer entender naõ he falta de honra, nem de outra couſa, ſenaõ hum ſanto deſejo de ſaber. De que todos ſeus Vaſſallos devemos dar muitas graças à Divina Bondade, que por ſua miſericordia nos chegou a tempo, que tiveſſe-

mos

mos tal Princeſa por Senhora, qual o divino Platão deſejava, que dizia, bem aventurada ſerà a Republica, em que os Principes filoſofaſſem, ou os Filoſofos governaſſem.

26 No que ſe conhece claramente quam alto engenho, quam altos, e verdadeiramente reaes eſpiritos ſaõ os de V. Alteza, que quer preceder às outras mulheres naquella parte em que os homens precedem aos outros. Naõ ſe contentando de lhe fazer tanta ventagem nos bens, que teve de ſeu alto naſcimento, cà naſceo Princeſa naſceo filha de Rey, e levantada em eſtado, e pureza de ſangue ſobre muitas. Mas como iſto ſe deve à natureza, quiz Voſſa Alteza, que lhe deveſſem a ſabedoria, ganhada por ſua induſtria, e trabalho, que he a melhor couſa, que neſta vida os humanos pódem ter, com a qual muitos ganharaõ eſtado, e outros por falta della os perderaõ, como poderiamos ver por exemplos, ſenaõ foſſe contar hiſtorias, de que Voſſa Alteza tanto conhecimento tem, e ſómente baſtarà dizer como muitos Ceſares ganharaõ, o que Sardanopalos, Tarquinios, e Dionyſios perderaõ.

27 Fazenda he a ſabedoria izenta da jurdiçaõ da fortuna, a qual, como diz Seneca, naõ toma, ſe naõ o que dà, o fogo gaſta o ferro, o mar alaga Cidades, e terremotos as derrubaõ, rayos eſpantaõ o Mundo, armas o ſenhoreaõ, ſò o ſaber de homem he livre deſtes perigos, porque nem o tempo, que o meſmo Seneca chama ſepultura de todas as couſas, o gaſta, ou a morte o ſenhorea, que com elle mediante a graça Divina fazemos o caminho para agloria, que eſperamos. E aſſim dizia Byas Prienenſe fugindo da Patria, que deixava tomada dos inimigos, naõ levando mais que ſua peſſoa, e hum bordaõ, que tudo levava conſigno. E ſe quizermos particularmente conſiderar as couſas, qual averà, que ſem letras divinas, ou humanas ſe poſſa fazer? Como navegariamos as terras ignotas, que comercio, que noticia huma gente afaſtada por tantos intervallos de mar, e terra, teria das outras, ſem a ſciencia da Aſtronomia, Que communicaçaõ, ou que preſtança das mercadorias averia ſem navegaçaõ? Como ſe edificariaõ Navios, Caſas, Templos, e Fortalezas com ſuas ma-

maquinas, taõ neceſſarias à vida, e policia dos homens ſem arquitetura: Como ſe governariaõ as Cidades, Reynos, e Republicas, ſem Filoſofia moral? Como ſem a natural ſe exercitaria o uſo da agricultura taõ neceſſaria a mentença dos homens? E decendo ao particular das artes mecanicas, como nos aproveitariamos dellas, ſenaõ foſſe por meio das Mathematicas? Como tiveramos a muſica pratica ſem a eſpeculativa? Com tanta diverſidade de eſtromentos, taõ neceſſarios, aſſim à Religiaõ, e Culto Divino, como para a guerra, e deleitaçaõ da vida? Que remedio para noſſas infermidades, com que os corpos humanos por taõ diverſas vias ſaõ offendidos, ſenaõ fora a medicina? Pois vindo ao eſpiritual, que fora de noſſas almas ſem a Divina Sciencia, que nos enſina o caminho, que avemos de ſeguir para a ſalvaçaõ dellas, remate de noſſa bemaventurança? Em fim, porque meio os homens communicariaõ eſtas ſciencias com os prezentes, e futuros, ſem letras? Certamente que examinando bem iſto, parecem indignos da potencia intelectual, que he imagem, e ſemelhança de

Deos

Deos com que fomos criados, os que deſprezaraõ o verdadeiro ornamento, e atabio dalma, que he a ſabedoria. A qual, como diz Nazianzeno, he Princeſa, e inventora de todas as couſas, e em ſi as comprehende: do nome da qual ſe quiz Deos intitular, chamando-ſe Sapiencia do Padre; e quam neceſſaria ella ſeja nos Principes, Salamaõ o diz: por mim reinaõ os Reys, e os Principes ſenhoreaõ.

28 E para mais verificarmos iſto faremos huma parabola imitando aquelle, que para todos ſe fez unico exemplar. Finjamos hum Rey taõ zeloſo da paz, e liança de todos os brutos animaes, que mandaſſe ajuntar quantos ahi ha differentes em genero, e eſpecie, para que metidos em hum curral juntos, os entregaſſe a hum paſtor, de que tiveſſe experiencia, e confiança, que os trouxeſſe a tal concordia, que o Leaõ naõ comeſſe o Lobo, nem o Lobo ao Carneiro, o Galgo naõ filhaſſe a Lebre nem o Açor a Perdiz, de tal modo, que eſquecidos da ſua braveza natural uzaſſem de toda a brandura, e manſidaõ; e que Paſtor averia por muito

to atrevido que foſſe, que naõ diſſeſſe o que Moyſés dizia a Deos: Senhor manda quem as demandar, por o tal cargo requerer, naõ digo hum grande, e conſumado ſaber humano, mas ainda a hum Divino inſpirando por graça? Pois o Rey, que iſto quiz fazer foi Deos Eterno, que ordenou na terra o governo dos Reys, e Principes, ficando-lhe na maõ o coraçaõ delles, como quem ſabia que tamanho officio, ſem ſua ajuda mui particular ſenaõ podia bem adminiſtrar. E os animaes, que tanto lhe encomendou ſaõ os homens, que deixando o caminho da raſaõ ſeguiraõ o dos brutos. Cá, ſegundo Paulo: *Juſtis non eſt lex poſita.* Donde naſceo a meu juizo fingirem alguns Filoſofos, entre os quaes foi Plataõ, que as almas dos homens ſe treſpaſſavaõ em corpos de diverſas beſtas, ſimilhaveis aos coſtumes, que tiveraõ o dos tyrannos, e Principes em Lobos, Falcoens, e Milhanos, e os dados aos vicios da gula, e perguiça em aſnos, introduzindo daquelle Herpamphilio, que diſſe ter viſto a alma de Orpheo metida em hum Ciſne, e de Aiax em hum leaõ, e a

de

de Agamenon em Aguia, e em hum bugio a de Terſites Homerico, querendo ſignicar, que nenhuma differença tem de brutos, os que vivem como brutos, e que a ſemelhança dos coſtumes lha faz igual a natureza. E dizerem as fabulas, que Acteon foi convertido em Corſo, naõ he outra couſa ſenaõ, que polo muito exercicio, e continuaçaõ da caça ſe fez agreſte, e ſemelhavel aos animaes com que tratava; e tornando ao propoſito, aſſim como entre eſtes hà tanta differença quanta vemos, aſſim nos homens ſe achaõ ainda mais differentes condiçoens de vida, e coſtumes, que na diverſidade dos brutos. Cà ſaõ homens, e mulheres, caſados, e ſolteiros; leigos, e Sacerdotes, nobres, e baixos, pobres, e ricos, moços, e velhos, ſenhor, e vaſſallos, ruſticos, e politicos, diſcretos, e ignorantes, coverdes, e animoſos, iroſos, e manços. Alèm deſtes màos, e bons, cobiçoſos, roubadores, homicidas, onzeneiros, adulteros, ſacrilegos, prejuros, hereges, e blaſphemos, como vemos em quantos generos de maldades cabem no coraçaõ humano, a que he in-

inclinado de seu nascimento, que cada cousa destas obra, differentes effeitos, e de huma maneira se ha de tratar o Senhor, e de outra o Vassallo, de huma o Leigo, de outra o Sacerdote. E como Hipocrates manda aos Medicos, que conheçaõ a idade dos enfermos, o tempo, a Regiaõ, e a infirmidade; assim o Principe no corpo mistico da Republica ha de ter tal regimento, que a medicina applicada a hum membro naõ dane o outro, que saõ as leys, a que Plataõ chama verdadeiro mantimento de povo como fazia Paulo na Prègaçaõ do Evangelho, que aos fracos na Fè dava leite, e aos criados nella paõ com codea.

29 Pois que animal mais indomito, e fero pòde ser, que o homem injusto? Quantos males, e danos, quantas destruiçoens de povos, perdas de Reynos, e de almas nascem dos homens? A que o exemplo do castigo alheio naõ aproveita para emenda propria; quantos cutellos ensangoentados, quantas execuçoens de justiça criminal vem cada dia ante seus olhos, os que sem temor destas penas cõmetem crimes dignos

de

de morte? Podendo nelles mais a malicia, que o temor; pois qual ſaber humano poderà governar taõ differentes vontades, e trazellas a huma meſma concordia das leys?

30 Pelo meſmo modo contaõ os antigos, que foi hum certo tempo, em que os homens viviaõ nos campos, e ſuſtentavaõ a vida, como beſtas feras, fazendo as couſas mais por obra das mãos; que por arte, nem razaõ, carecendo da Religiaõ, ſem caſamento, nem amor de filhos, por os naõ terem certos, ſem conhecimento de leys, de tal modo, que com eſta ignorancia, e error andava a concupiſcencia cega, ſenhora da razaõ, uſando de forças corporaes, como de gente armada para ſatisfaçaõ de ſeus appetites. No qual tempo ſe levantou hum homem ſabedor, e vendo quanta efficacia, e proveito para muitas couſas jazia eſcondida no animo dos homens, ſe pudeſſe trazer à luz, e acreſcentar com doutrina; andando huns eſpalhados pelos campos, jazendo outros metidos em covas ſilveſtres, os ajuntou em hum lugar, e lhes enſinou o caminho, que haviaõ de

ſe-

ſeguir, acerca do que tocava ao prol commum de todos. Os quaes poſto que no principio foſſem màos de ajuntar, toda via pouco, e pouco, de feros, e ſalvaticos que eraõ, os fez domeſticos, e racionaes.

31 A eſte propoſito, cuido que diz a Eſcritura, que a Sapiencia edificou para ſi huma caſa, e cortou ſete columnas, querendo dizer (naõ fallo agora nos ſentidos eſpirituaes) que naõ buſcou quem lha edificaſſe, e eſcuſou ajudas, e meſtres, porque nella havia tudo, o que naõ tem a ignorancia, que com todas as achegas poſtas em caſa a naõ levantaria de ſobrado. Por eſte homem ſabedor podemos entender o Principe, o qual poſto que tenha ſua Republica unida com leys, e direito Divino, ſempre ſe achaõ em todo o tempo, e em todo eſtado homens (como pouco hà diſſe) deſobedientes a toda a razaõ, que como aquelles primeiros andaõ fóra de toda a ley; naõ guardando a ordem matrimonial, ſem Religiaõ, e temor de Deos, e nos manjares como beſtas obedientes à gula, e ao ventre, vivendo fóra da commum habitaçaõ dos outros, ma-

matando, e ſalteando polos deſpovoados, os quaes o Principe por força, e por arte ha de levar à domeſtica doutrina da razaõ, e fazer com que o lobo ande em hum meſmo paſto, como o cordeiro.

32 Aqui poderia eu dizer (prudentiſſima Princeſa) que nella ſe pòde moſtrar eſte grande homem ſabedor, que meteo aos outros no caminho da verdade. Que dias hà, que eſte voſſo povo derramados polos deſertos deshabitados da razaõ, eſpera por V. Alteza Grandes caminhos ſe me abriaõ aqui de ſeu louvor, mas diraõ, que naõ guardo o decoro, que devo à patria em publicar ſeus defeitos por ſer mãy, que me gerou. O' grandiſſima prudencia d'ElRey Noſſo Senhor entregar neſte tempo hum povo a quem o havia de reſtituir a eſtado de maior quietaçaõ, e repouſo. Grandiſſima clemencia de V. Alteza, aceitar a governança delle polo ſalvar. Certamente que naõ ſei o que mais louve, ſe a prudencia de hum, ſe a clemencia do outro, igual he a divida, igual o louvor, igual a obrigaçaõ.

33 Muito devemos a ElRey, que nos deu

deu a taõ alta Pinceſa, muito devemos a V. Alteza que nos aceitou por ſeus. O' ſingular, e nunca ouvido genero de liberalidade, taõ diverſo, e taõ igual à d'ElRey Noſſo Senhor em dar, e a de V. Alteza em aceitar. Naõ ſei o que diga por eſte taõ bom dia como nos amanheceo, e ſe diſſer alguma couſa, que poſſo dizer, ſenaõ o que diz o Poeta: *Jam redit & virgo, redeunt ſaturnia regna.* E elle a ſeu propoſito, e eu ao meu. Quem ſerà taõ deſconhecido, que ſeja ingrato a eſta mercè? Quem taõ ignorante, que a naõ conheça? Quem taõ cego, que a naõ veja? Quem taõ mudo, que a naõ publique? Quem taõ ſofrido, que a cale? Quem taõ ruſtico, que a naõ eſtime? E naõ entenda o tempo, em que ElRey nos buſcou remedio de noſſas enfirmidades, com que temos a ſaude certa, e a proſperidade ſegura. Nem podia ſahir tal conſelho, ſe naõ de Principe taõ dado às letras, e taõ favorecedor dellas. Nas quaes como naõ tenha pequena parte, aſſim buſcou quem a tiveſſe mui grande, que as couſas naõ pòdem ſer bem julgadas, ſenaõ por aquelles,

les, que tem verdadeiro conhecimento dellas.

34 Vio bem Sua Alteza, que a jurisdiçaõ das letras se estendia tanto pela Universidade das cousas, que nenhuma se podia fazer sem ellas, que esses Cesares, esses Scipioens, e Anibaes, e todos os mais, que nas armas floreceraõ, entre ellas senaõ desprezavaõ dos livros. Como de Alexandre se lè, que achando no despojo de Dario huma caixa muito rica de maravilhoso artificio, que servia dos cheiros, e perfumes d'ElRey, mandou (contra opiniaõ de alguns) que para outros usos a deputavaõ, que lha guardassem para a Illiada de Homero. Era taõ sofrego das letras, que por Aristoteles publicar huns livros, que compoz da Metaphisica, o reprehendeo disso, querendo reservar para si o uso delles: sómente como diz Seneca, em estudar Geometria errou, porque havia de saber quam pequena era a terra, da qual amaior parte tinha occupada, com que ficava falso o nome de que se intitulava de Grande Alexandre.

35 E naõ lemos, que a Mathematica de Archimedes defendeo por muitos dias

Çaragoça aos Romanos? E que as artes liberaes de Gallo Sulpicio, como diz Valerio Maximo, foraõ cauſa da grande victoria, que Lucio Paulo Capitaõ Romano houve contra os Perſas, porque eſpantado o exercito do ecclipſe da Lua tinhaõ perdida a confiança da victoria, o qual elle lhe reſtituio, provando pela ordem dos Ceos, que o desfallecimento deſte Planeta era natural, e naõ pordigioſo.

36 O Emperador Antonino naõ foi bom Philoſopho, e bom Capitaõ? Carlos Magno naõ trazia nos exercitos ao grande Alcuino, cujas obras ſaõ hoje ornamento da Igreja? A ElRey D. Afonſo de Caſtella naõ lhe deraõ ſuas tavoas nome de Sabio? Ao de Napoles, deſte meſmo nome, voſſo Tio filho d'ElRey D. Fernando de Aragaõ voſſo quarto Avô taõ excellente Cavalleiro, e ſingular Capitaõ, de cujos louvores eſtaõ cheias as Chronicas Napolitanas; que mais poſſo dizer em louvor das letras, ſenaõ que trazia por diviſa hum livro aberto: porque dizia Joaõ de Iſſera, homem de mui grande juizo, que ſe elle naõ fora Rey, fora mui grande Philoſopho. O qual lendo

do hum proemio, do que traduſio em lingoa Caſtelhana, os livros de Santo Agoſtinho *De Civitate Dei*, achou huma ſentença, que dizia que o Principe idiota era hum bruto animal coroado. As quaes palavras lhe pareceraõ taõ bem, que nos negocios, na guerra, em ſuas prizoens, e adverſidade, nunca deixou de ler, ouvir, argumentar, praticar em letras, e no Campo em ſeus exercitos trazia conſigo hum Meſtre Martinho, com quem communicava ſeu eſtudo. Traduſio as Epiſtolas de Seneca em Eſpanhol, teve grande conhecimento das hiſtorias, grande noticia dos Poetas, e Oradores, ſoube muitas concluſoens de Philoſophia natural, e tanto eſtudou na Sagrada Eſcritura, que ſe louvava ter lido o Teſtamento velho, e novo, quatorze vezes, com ſuas glozas, e commentos; reſpondia, e praticava como Theologo conſumado em materias theologaes, arduas, e dificultoſas, como ſaõ da preſença de Deos: *De liber arbitrio*, *de Trinitate*, *de Incarnatione Verbia Dei*, *de Sacramento Eucariſtia*. E dizia, que naõ avia melhores homens de conſelho, que os mortos, que careciaõ de odio, favor,

ou temor, reſpeitos, a que os vivos pela maior parte ſaõ ſugeitos. Dizem delle, que nos ſacos dos lugares, nenhum deſpojo lhe era taõ agradavel como o dos livros, os quaes trazia ſempre, como jà diſſe, nos caminhos, exercicios, principalmente os Commentarios de Ceſar, e Tito Livio, a que era affeiçoado. E na converſaçaõ domeſtica ſe ſervio de Bertholameu Faſcio, ſingular hiſtoriographo, e Orador, de Georgio Trapezuncio, de Lourenço de Valla, doctiſſimos, hum na lingoa Grega, outro na Latina, de Joaõ Auriſpa Siciliano, que eſcreveo muitas Epiſtolas, e Livros moraes, e de Antonio Panormitano Bolonhes, que eſcreveo hum Livro dos ditos, e ſentenças do meſmo Rey D. Afonſo, todos Baroens doutos, que no ſeu tempo floreceraõ.

37 Quiz fallar muito de taõ ſingular Rey, porque ſua vida, e coſtumes, parece que confirmaõ o noſſo proverbio, que diz: As letras naõ deſpontaraõ a lança. E certo naõ ſei que fains mais amolados poſſaõ ſer, que armas guiadas por conſelho de prudente Capitaõ? E que muitos tragaõ em pratica: *Que farà aqui Plinio*, graça que hum ho-

homem diſſe em huma afronta a outro na Villa de Alcacer Ceguer; ſaõ couſas favorecidas daquelles, que por naõ ſaberem latras, querem authorizar eſte defeito com ditos alheios, dignos de muita reprehençaõ, porque certo naõ ha ahi homens mais prejudiciaes às couſas do que os que carecem dellas, que como eſta privaçaõ ſeja cauſa de ſeu abatimento, querem-ſe ſuſtentar com graças, quando lhe faltaſſem boas razoens.

38 Eſta verdade confirmaraõ os Infantes D. Pedro, e D. Henrique voſſos tios, cujas armas tanto honraraõ eſtes Reynos, que ainda hoje os livros, que hum compoz, authorizaõ a livraria d'El-Rey noſſo Senhor, e o Mundo, que o outro com ſua Mathematica começou a deſcobrir que ElRey voſſo pai, com muito acreſcentamento conquiſtou, eſtá cheio de ſeus louvores. E niſto cuido eu que o Infante D. Pedro quiz ſignificar quam neceſſarias eraõ nos Principes, a Filoſofia, e as armas, pois Tulio, de Officiis, e Vigecie, que deſtas duas couſas eſcreveraõ, traduzio em lingoa Portugueſa.

39 Tornando ao propoſito, bem claro

ro moſtra Voſſa Alteza nos livros, que tem por ornamento de ſua Caſa, que procede do ſangue deſte taõ glorioſo Rey de Napoles, que taõ boa memoria de ſi deixou ao Mundo, e a ſeus deſcendentes, exemplo com que aprendeſſem a ſer Filoſofos na paz, e Cavalleiros na guerra, pois que os livros mais alimpaõ as armas, do que as danaõ, e que Voſſa Alteza as naõ exercite por lhe naõ ſer dado, tem logo outras eſpirituaes de tanta força, que ſem ella as materias perderiaõ a ſua. Cà o animo onde ſe acha prudencia, fortaleza, juſtiça, e temperança com a verdadeira fè do que ſe deve crer, que couſas começarà, que naõ acabe? Ou como acabarà a memoria das que começar? Obedece o ferro à induſtria, as armas ao conſelho, a gente ao Capitaõ, e como diz Saluſtio muito tempo durou entre os homens eſta porfia, em que conſiſtia mais a virtude militar, ſe nas forças corporaes, ſe nas do animo, e poſto que humas tenhaõ neceſſidade das outras, todavia pelo tempo, e experiencia ſe achou, que na guerra, o ſaber valia mais. E certo que muitas vezes,

len-

lendo os notaveis feitos das Amaſonas, que em armas fizeraõ, me faziaõ muita duvida, parecendo-me que em mulheres, que a natureza naõ criou para o tal exercicio, ſe naõ podia achar tanta perfeiçaõ, a qual me tirou Valaſca, de que conta o Papa Pio II. que com Exercitos de mulheres ſenhoreou ſete annos o Reyno de Boemia, vencendo muitas batalhas campaes, e fazendo feitos em armas de mui esforçados Cavalleiros. E Joanna, de que conta Gaguino, que vulgarmente chamamos a Poncella, cujo esforço, e prudencia militar reſtituio o Reyno de França a ElRey Carlos VII. deſte nome, poſto que naõ acabaſſe conforme a ſeus merecimentos, as quaes nos tiraraõ a duvida de outras mais alongadas de noſſa memoria, como Symiramis, que governou tantas Provincias, Dido, que edificou huma taõ nobre Cidade, e Thomiris, que matou a ElRey Cyro.

40 Aſſim que com eſtes, e outros exemplos de mulheres, que nas armas floreceraõ, e adminiſtraraõ Reynos, naõ duvido eu ( Illuſtriſſima Princeſa ) que trazendo o tempo taes neceſſidades, que

faz

foſſe neceſſaria ſua prudencia, e conſelho, para governar gente armada, que ſe acharia nella taõ perfeito, como ſe achou na Rainha Dona Iſabel voſſa viſavò, cujo favor, e esforço ajudou a lançar fòra os Mouros de Eſpanha, que de ſetecentos annos, e mais a ſenhorearaõ por força de armas, a qual foi viſta nos Exercitos, e perigos da guerra: mas como o tempo naõ ordene tal couſa, Voſſa Alteza o gaſta em outras, de que naõ merece menos louvor do que eſtas tiveraõ, que pouco ha nomeei, as quaes poſto que venceraõ homens algumas dellas, naõ venceraõ a ſi meſmas, ſenaõ que o ſeu he tanto maior, que a vitoria dos inimigos de caſa, he mais louvada, a dos de fóra. Porque ſegundo diz Marco Tullio, como poderà ſer ſenhor aquelle, que o naõ he de ſuas paixoens? Refere primeiro os vicios, deſpreze as delcitaçoens, reprima, e detenha a ira, vença a vareza, e lance de ſi as nodoas do animo, e entaõ comece a ſenhorear, depois que deixar de ſervir.

41 Dizia o grande Ageſſilào, vendo que os Perſas louvavaõ, e ſenhoreavaõ

hum

hum Rey da India, que tinha grandes theſouros: porque ſerà elle mais rico, pois naõ he mais temperado? Querendo dizer que as forças dos Principes naõ eſtavaõ nas pedras precioſas, e Elefantes da India, ſenaõ em a temperança da vida, que he a verdadeira Filoſofia, e o verdadeiro fruito das letras, inventadas para aſſentar os homens em hum honeſto modo, e boa ordem de viver. Mas como ſeus donos ſe ſervem dellas para valer, e naõ para merecer, ſaõ como os vazos avinagrados do Poeta Horacio, que diz.

*Niſi purum eſt vas omne quod infundis acreſcit.*

42 Ao qual propoſito dizia o Filoſofo Epitheto a hum homem de bom engenho, e mal inclinado, que deſejava, e trabalhava por ſaber. O' homem, olha ſe he limpo o vazo em que tanta couſa lances. E certamente, aſſim como a ignorancia dos Governadores idiotas he prejudicial à Republica, aſſim a malicia dos Letrados he cauſa de muitos males principalmente a daquelles, que tem officio de enſinar bons coſtumes, que ſe as obras naõ reſpondem às palavras, perdidas ſaõ quantas lhe caem dos pulpitos abaixo. Por

a obra ſer de tanta força, que mudo brada, e callando grita, com que comprehende eſtas duas couſas, fazer, e dizer; e a palavra ſem obra he ſó, e naõ tem virtude para dar raizes na terra, onde a acertou cahir: contra eſtes, que eſperdiçaõ a Doutrina de Deos, fazendo o contrario do que dizem, e prégaõ, diz Paulo, que naõ eſcaparaõ da ſua juſtiça, pois nas ſentenças que daõ contra os outros, condenaõ a ſi meſmos.

43 Como chegei à altura deſte conceito, e conhecimento, tudo o que deſcobri foraõ louvores de Voſſa Alteza, porque em qualquer dos rumos, em que o tempo me poz, em todos ouve viſta de ſuas obras, taõ juntas aos livros, que parece naõ ſahir fòra da margem do que nelles lê: Cà ſe o jejum tem merecimento diante de Deos, quem melhor guarda eſte preceito, e com mais louvor? Pois ſendo criada na abaſtança de todas as couſas, que pertencem a ſeu eſtado; ſem o trabalho de as adquirir, por ſervir a Deos, e merecer ante elle, ſe poem em neceſſidade dellas. Que notorio he a todos com quanto trabalho ſe reſiſte à

cria-

criaçaõ, que padecem mais facilmente eſta falta da mantença corporal os moradores da parte Meridional, que os de Setemtriaõ, por huns viverem em terra fria, e outros em quente, que obra diverſos effeitos, mais o ruſtico, que o bem naſcido, pelo coſtume, mais o velho, que o moço, pela deminuiçaõ de calor natural. Aſſim quer Voſſa Alteza, ſobejando-lhe as couſas de ſua propria vontade, exprimentar o carecimento dellas, por reſpeito de virtude, certo he mui grande louvor, e merecimento, pois naõ tem neceſſidade, a quer ſentir, forçando ſua vontade por comprir a de Deos, deſprezando tanta diverſidade de iguarias, com tanto artificio compoſtas. Quem ſerà com taes exemplos màõ Chriſtaõ? E ſe o for, que eſcuſa terà com Deos, eſtando à conta com elle lhe hade ſer tomada taõ eſtreita podemos logo com muita razaõ, dizer que aliçaõ dos jejuns, que V Alteza lè da Rainha Heſter, e de Elias, e S. Joaõ Bautiſta, e a obra com que os guarda, tudo junto anda enquadernado.

44 E ſe viermos ao ſacrificio da oraçaõ taõ louvado na Sagrada Eſcritura, qual Religioſo com mais cuidado, dili-

gen-

gencia, e continuaçaõ reza ſuas horas por obrigaçaõ, que V. Alteza ſem alguma? Naõ lhe faltando dia em que naõ ouça os officios, Divinos, confeſſando-ſe tantas vezes no anno, e tantas vezes recebendo o Santiſſimo Sacramento do Altar. A communicaçaõ dos quaes, como ſabe que daõ graça, aſſim trabalha pela merecer com elles. Certamente, que conſiderando muitas vezes a humildade de hum Principe bom Chriſtaõ, ſe me repreſenta, a ventagem, que noſſa Fè tem às ſeitas, e falças Religioens, que foraõ, e ſaõ ao preſente: porque de quantos Principes, e Emperadores nellas houve, naõ ſe lè haver algum, a que a obrigaçaõ de ſua Religiaõ fizeſſe taõ humilde, e taõ ſogeito, como ſaõ os noſſos. Os quaes vendoſe de huma parte rodeados de tantos criados, e ſervidores com tanto reſguardo, e acatamento às ſuas peſſoas, que os olhos naõ empregaõ em outro objecto, ſenaõ em o do Principe, para que em acenando, os ſeus jà executem, naõ ſómente o que dizem, mas que adivinhaõ, o que querem. E da outra poſto de joelhos diante de hum pobre Religioſo ſeu Confeſſor, e de tal maneira, poſto que naõ

ſó-

ſómente lhe diz as culpas, e peccados, que commete, mas o penſamento que teve, ou tem de as commeter, pedindo-lhe ſobre tudo penitencia, e caſtigo dellas; taõ obediente, e aparelhado a comprir quanto ſaõ ſeus Vaſſallos a lhe obedecer, ſómente niſto ſaõ differentes, que elle o faz de coraçaõ, e os ſeus às vezes de mà vontade, fingindo a boa porlhe ganharem a ſua. Couſa he certo de muita admiraçaõ, vontade de tantas obedecida, obedecer a huma ſó, ſugeitarſe a hum homem, aquelle a que tantos ſaõ ſugeitos, reduzir-ſe a hum ſó lugar huma juriſdiçaõ taõ eſtendida, por Reynos, e Provincias.

45 Pois notorio he a todos, como jà diſſe, quanto V. Alteza frequenta eſte acto de humildade, deſcendo tantas vezes de ſeu eſtado aos pès de ſeu Confeſſor, eſquecida donde vem muito lembrada para onde vai. Paſſando ſua vida com tanta temperança, que ſe algum exercicio fóra deſtes aceita, naõ he ſenaõ fundado em louvor de Deos, ou donde poſſaõ naſcer occaſioens de o ſervir. Porque deixada a caça, a que muitas Princeſas em outros Reynos ſaõ inclinadas,

V. Alteza comprehende os altos myſterios do Sol da juſtiça, como aquella Aguia de mais ſubida altenaria, que penetrou os raios do verdadeiro lume, onde nenhuma plumagem de Aves chega, por andar ſempre eſta graça taõ eſtrellada, que a naõ filhaõ, ſenaõ os que tem ſua converſaçaõ nos Ceos. Em lugar de caẽs, que deſaſſocegaõ as alimarias, tirando as de ſeus agaſalhados, penetra com a ſagacidade, e ligeireza de ſeu eſpirito, os cavàdos das pedras, deſencovando aquella fermoſa pomba de Salamaõ, que he a graça do Eſpirito Santo, e os ſentidos da Eſcritura, verdadeiro mantimento da alma, e quando o tempo lhe naõ dà lugar a eſta caça, porque em huma ha de ſemear, e em outra ha de colher, gaſta eſtes intervallos no exercicio da muſica, ſeguindo o Real Propheta David, que com ſua viòla eſpantava o eſpirito màõ, que atormentava ElRey Saul, levando no diſcurſo de ſua vida tal ordem, e proporçaõ com que o demonio, inimigo della foge para onde naõ ha ſenaõ deſordens, e horrores perpetuos. E tanto fruto tem V. Alteza colhido das letras, que

achan-

achando nellas quam eſpiritual couſa he a muſica, e quanto levanta os coraçoens para o Ceo, nella ſe exercita, como fizeraõ mui graves Philoſophos, que vendo a ordem dos Ceos diſſeraõ, que em ſuas continuas voltas com que rodeaõ o mundo, fazem huma mui ſuave muſica, de que os noſſos ſentidos ſaõ incapazes, por exceder ſua potencia, atribuindo a cada hum ſuas vozes agudas, e graves.

46 E os Platonicos diſſeraõ, que noſſa alma era compoſta de proporçoens de muſica, por onde ſe deleitava tanto com ella. E aſſi parece que ſentindo os Anjos a conveniencia, que noſſa alma tem com a ordem da muſica, com ella nos deraõ as novas do nacimento do Filho de Deos, de que o mundo eſtava taõ dezejoſo, cantando com ſuave melodia. Nem ſem cauſa o Eſpirito Santo ordenou, que cantando ſe celebraſſem os officios Divinos para noſſa alma os poder melhor comprehender. Ordenando aſſim meſmo eſtromentos, cuja armonia inflamaſſe noſſos ſentidos, como ſaõ orgaõs, que ainda na ordem de ſuas frautas imitaõ a dos Anjos, que no Ceo Impirio tem ſuas

pre-

precedencias ordenadas por Deos. A differença das quaes concerta com aquella ordenada compoſiçaõ de Iſaias, que ſem ceſſar cantaõ diante da Divina Mageſtade de Deos.

47 E por a muſica ſer couſa taõ divina como he, nunca ſe lè que a Igreja de Deos eſtiveſſe ſem ella, aſſim no tempo da ley da Eſcritura paſſada, como no da graça preſente. Teſtemunha he aquella trombeta, que no dar da Ley retumbava pelas faldras do Monte Sinai, teſtemunhas ſaõ os timpanos, e pandeiros de Maria, irmãa de Moyſés, com que tanto feſtejou o naufragio dos Egypcios, e vencimento dos Judeos, e aſſi as trombetas de Hiericò, com a muſica dos quaes os ſeus muros, como adromecidos, ſe deixavaõ cahir na terra.

48 Pois vindo ao Tabernaculo, e ao Templo de Salamaõ, ſempre nelles houve eſtromentos de muſica, com que os ſacrificios ſe celebravaõ, que David tanto encomendava nos ſeus Pſalmos, o qual levando a Arca do Teſtamento para Jeruſalem, de que no principio fiz mençaõ, diz a Eſcritura, que elle, e

o povo de Iſrael dançavaõ diante della, cantando, e tangendo viòlas, pſalterios, trombetas, e outros eſtromentos. E o meſmo Rey David, quando repartio os officios dos Levitas, lemos, que ordenou quatro mil delles, cujo officio foſſe tanger orgaõs.

49 Cheia eſtà a Eſcritura de muitos exemplos, porque claramente conſta deleitar-ſe Deos com a muſica; a qual por experiencia ſe vè tem muito grande força nos coraçoens dos homens; por onde os que della tiveraõ conhecimento, vendo quanto podia em todas as couſas a levaraõ à guera, ordenando trombetas, e outros eſtromentos, com que os homens, e ainda os cavallos cobraſſem esforço no rompimento das batalhas, e no andar, e proceder dos eſquadroens, guardaſſem a ordem, que ella em ſi tem.

50 E os que no exercicio da caça ſe deleitaõ, tambem entenderaõ, que atè aos brutos animaes chega a doçura, e conhecimento da muſica; como diz Strabo dos Elefantes, e Plinio dos Cervos, que huns com cantigas, e timpanos, e outros com frautas paſtorîs ſe amançaõ.

Couſa notoria he, e mui ſabida, o que conta Herodoto, e outros Authores, dos golfinhos, que ſaõ taõ dados a eſta deleitaçaõ, que o grande muſico Ariaõ foi livre do naufragio do mar por hum golfinho, que o ſalvou, conhecendo ſer aquelle, cuja voz ouvira em o Navio, que ſeguia.

51 E naõ ſe acha gente por barbara, que ſeja, que naõ tenha ſua muſica, mà, ou boa, ſegundo o que cada hum della alcança, como vemos em toda a terra de Ethiopia, cujos naturaes, entre nós ſaõ teſtemunhas deſta verdade, levando ordem, e compaſſo em ſeu tanger, ainda que ſeja barbaro, e os ruſticos do campo, a que naõ faltaõ ſuas gaitas.

52 Que poſſo dizer dos paſſarinhos, cuja melodia tanto deleita as orelhas dos homens, que os tem encarcerados, e prezos para eſte fim. Entre os quaes ſe bem olhamos a differença das vozes, e armonia, que o reixinol faz com ſua garganta, que Plinio por outra tanta diverſidade de palavras explicou; acharemos, que todas as proporçoens da muſica eſtaõ encerradas no papo de hum

taõ

taõ pequeno animal, como he eſte paſſarinho.

53 Nem as agoas parece, que carecem deſte ſentido nos rumores, e roucos eſtropidos, que por entre os ſexos, e pedras dos rios vaõ fazendo, que a noſſos ſentidos cauſaõ deleitaçaõ, e ſaudade. E aſſim meſmo nos ventos temperados do Veraõ com os zunidos, que fazem, movendo as folhas das arvores tambem ſe acha huma certa ſemelhança da muſica. Donde naſceo (a meu juizo) fingirem os Poetas, que Orpheo levava conſigo os homens, e brutos animaes, com as arvores, e rios, dando a entender, quam geral he a força da muſica, que em todas eſtas couſas tem juriſdiçaõ.

54 E vindo aos corpos humanos, que couſa he a ſaude, ſenaõ huma concordancia dos quatro humores, da diſcordia dos quaes, que ſe ſegue, ſenaõ enfirmidades, e màs diſpoſiçoens? Nos tempos do anno naõ he claro, que quando as quatro qualidades primeiras guardaõ entre ſi boa, e ordenada temperança, que ſe faz huma excellente muſica taõ neceſſaria à vida dos homens, co-

mo saõ boas novidades de mantimentos? E quando saem fóra daquella regra, para que foraõ criados, naõ fazem ellas Sol, quando se dezejava chuva? E chuva, quando he necessario Sol, com que os ares corruptos causaõ péstes, e outras infirmidades, assim na gente, como nos animaes necessarios? E a cerca dos dótes corporaes, e graça, que mais he; e fermosura do rosto, que huma conveniente proporçaõ dos membros? Que contem modo, ordem, e figura na ordem, dos intervallos das partes, no modo, a quantidade dellas, na figura, as cores, e os traços. Das quaes cousas entre si bem ordenadas, resulta huma certa armonia apartada da materia, a que chamamos fermosura.

55 A qual, segundo os Philosophos, denota a bondade das virtudes interiores da alma. E naõ sem causa Salamaõ tanto louvou na Sacratissima Virgem Nossa Senhora a fermosura corporal. Porque olhadas bem as obras de Deos, assim as espirituaes, como as corporaes, todas saõ cheias de fermosura, que respondem ao Author, e Criador dellas; o que David quiz significar, quando dis-

se

ſe que a confiſſaõ, e fermoſura eſtavaõ diante de Deos. E quanto eſtas obras ſe levantaõ da terra, e chegaõ a elle, tanto mais aparece eſte Divino dom nellas. A quem naõ farà mui grave admiraçaõ a fermoſura do Sol, de que noſſa viſta he incapaz; vendo como eſtende ſeus raios pela redondeza do mundo, fazendo taõ fermoſa variaçaõ de ervas, flores, e ſombras, com que a terra eſtà taõ gracioſa, e ufana no Veraõ.

56 Quem ſenaõ eſpantará do reſplandor dourado das Eſtrellas, da claridade da Lua, e de toda a pintura do Ceo? E deleitar-ſe Deos com a formoſura claramente ſe vè no ornamento, aſſim do Tabernaculo, como do Templo, que de tantas pinturas, e riquezas de ouro, e prata, mandou emnobrecer. Donde vem, que o homem, por ſer criado à imagem, e ſemelhança de Deos, naturalmente aborrece as couſas feas. Eſta natural inclinaçaõ ſe ve melhor nos meninos, em que inda o uſo da razaõ he fraco, àcerca dos cocos, e medos com que os acalentaõ ſuas amas, que naõ ſaõ outra couſa, ſenaõ hum qualquer,

quer, vulto ſem ordem e proporçaõ, o qual medo naõ tem dos que lhe moſtraõ bem feitos, e proporcionados e por eſta razaõ ſe defendeo em o Teſtamento Velho; que ainda ſe guarda em o novo, que os homens manchados em o roſto de alguma deformidade notavel, naõ pudeſſem uzar de officio de Sacerdotes.

57 E naõ he pouco de eſtimar (eſclarecida Princeza) eſte dom, e graça natural, que noſſo Senhor ouve por bem de taõ particularmente lhe conceder, e de que tanto a quiz dotar poſto que Voſſa Alteza della naõ faça conta. Porque como acima diſſe, os ſinaes, de fóra pela maior parte arguem a bondade do animo, de que Ariſtoteles, e Galeno fizeraõ ſeus pronoſticos. O meſmo reſpeito teve o Eſpirito Santo nas veſtiduras dos Sacerdotes, cuja virtude, como avia de ſer eſpelho para os outros, aſſim trouxeſſem habito conforme ao que delle ſe preſumiſſe; como o Rochete, que ſignifica a inocencia dos Biſpos, a Mitra diviſa em duas partes, a ſciencia dos dous Teſtamentos, e o Anel a Cruz, a Coroa, e aſſim

as

as outras inſignias (por me naõ deter nellas) todas tem ſuas ſignificaçõẽs, denotadas por eſtes ornamentos exteriores.

58 A meſma razaõ enſinou aos pintores fazerem os eſpiritos màos taõ feios, dando a entender por ſeu roſto ſuas obras, de que entre nós naſceo hum proverbio, que diz; guarde-vos Deos do homem mal aſſinalado. Tambem parece que as leys a iſto tiveraõ reſpeito quando ordenaraõ maiores penas nas feridas do roſto, que nas de qualquer outra parte do corpo, carregando mais a mão nas disformidades delle, por ficar danada aquella parte com que os homens aprazem, ou deſaprazem aos olhos dos outros.

59 E deſcendo aos particulares effeitos da formozura, acharemos tantos exemplos a cerca dos proveitos, que della reſultaraõ, que naõ baſtaõ palavras, para os comprehender. Como dos Judeos a fermoza Judit, a qual com nenhumas outras armas livrou ſua patria do cruel cutello de Holofernes, ſenaõ com a que lhe deu a natureza, e o que grandes Eſquadroens de gente fa-

fazer naõ poderaõ, a graça de huma mulher acabou.

60 A Rainha Eſter ſendo de baixa linhagem, com ſua fermoſura naõ ſubio ao eſtado real? Vencendo com ella a crueza d'ElRey Artaxerxes, com que ſervio o Povo de Iſrael. Abigail naõ livrou com a ſua ſeu marido Nabal da ira d'ElRey David, merecendo depois o juramento real, a que foi chamada por matrimonio. Betſabé pelos meſmos degráos naõ ſubio a eſta cadeira, merecendo ſer mãi de Salamaõ, figura de noſſo Redemptor Jeſu Chriſto? Quem livrou Italia dos fortes Eſquadroens, Exercitos, e grandes crueldades de Anibal, ſenaõ a fermoſura de huma moça de Capua, desbaratando com ſeu poder aquelle, que as forças de todo o Povo Romano vencer naõ puderaõ.

61 Por eſtas, e outras razoens era taõ eſtimado dos antigos eſte dom, que lhe deo occaſiaõ para fingir, que Meduza tornava os homens em pedras, por ter taõ alto gràо de fermoſura, que tranſportava, e fazia alheios de ſi, os que a viaõ, e tinhaõ por màо agouro topar com couſa fea: como o

Em-

Emperador Adriano, que diſſe ſer chegado ſeu fim, por encontrar hum Negro. E naõ calarei a graça de Phylopomenes, ſingular Capitaõ Grego, que por ter pouca no roſto lhe mandou huma mulher fazer o fogo, parecendolhe, que em taõ fraca peſſoa, naõ podiaõ jazer tamanhos eſpiritos. E alguns Filoſofos Platonicos diſſeraõ, que a fermoſura era dom de Deos, o que entre nòs em proverbio commummente ſe diz: A quem Deos quiz bem, no roſto lho vem.

62 Muitas couſas podera dizer acerca deſta, mas como V. Alteza della faça taõ pouco fundamento, pelo fazer maior das que tenho feito mençaõ, e de outras, a que meu entendimento naõ chega, por ſerem de tal qualidade, que as naõ póde entender, ſenaõ quem as tem: naõ fallarei mais dellas. Mas porque a opiniaõ que todos geralmente, aſſim neſtes Reynos, como nos eſtranhos de Voſſa Alteza tem concebido, e a eſperança, que daõ os ſinaes, que nella reſplandecem de grandes couſas, lhe naõ impida o contentamento dellas, vendo que he mulher, naõ dei-

xa-

xarei de dizer quam habil, e ſufficiente ſempre foi o engenho das mulheres, para grandes emprezas, começadas com grande esforço, e ouſadia, e acabadas com muita diſcriçaõ, porque como diz Hieronymo, as virtudes haõ de ſer prezadas em animo, e naõ em a condiçaõ da natureza.

63 E começando das letras, clara couſa he, que naõ ſómente ſe igualaraõ com os homens neſta faculdade, mas ainda lhe levarão muita ventagem, como as dez Sibillas, que os Doutores da Igreja tanto celebraraõ, por muitos annos, antes da Encarnaçaõ de Deos, deixarem profetizado eſte Myſterio, de cujos livros os Romanos fizeraõ tanto fundamento, que os tinhaõ encerrados, como grande thezouro para os cazos duvidoſos, e perigos de ſua Republica, o que não fizerão dos livros de Platão, Ariſtoteles, Xenophonte, e de outros Authores, que ſem chaves andaõ pelas mãos das gentes, como couſa, que muito naõ relevava ſua perda. Neſte numero podemos contar Caſſandra Troyana, cujas letras, e ſaber, ſe fora de ſeus naturaes

co-

conhecida, nunca ſe perderaõ, nem deraõ tanto que eſcrever a Homero.

64 Se viermos à magica naõ nos faltaraõ Circes, e Medeas, que fizeraõ mais milagres neſta ſciencia, que Zoroaſtes, que a inventou.

65 Se à Medicina, acharemos Brella, e Therbiſa, irmaãs da Rainha Irbuſſa, Boemias, huma mui douta no conhecimento das hervas, e outra na ſciencia da Aſtrologia.

66 Se à Filoſofia, Theano mulher de Pitagoras, e Dama ſua filha, expoſitoras das eſcuras ſentenças do pai, e marido, e Diotima diſcipula de Socrates, Mantinea, e Phileſia diſcipulas de Plataõ, Gemina, Amphiclias, e Themiſtes, taõ louvada de Lactancio, e as outras de Plotina.

67 E deixando as Gentias, quem deu mais augmento à Igreja de Deos com ſuas letras, que a Santa Virgem Catharina? Vencendo a doutrina de tantos Filoſofos, em actos, e conferencias publicas, ſopeando com ſeu martyrio as forças do demonio, merecendo taõ honrada ſepultura, fabricada por mãos angelicas, como he a que tem no Monte Sinay, onde Deos

deu

deu a Ley Eſcrita a Moyſés, parece que por aquelle Monte ſer Monte de ſciencia permitio Noſſo Senhor, que nelle foſſe enterrada eſta Santa Virgem, que tanta parte teve em todas, eſpecialmente naquella, que manou do dito lugar ſagrado de ſua ſepultura. Tambem podemos contar quatro filhas de Felippe Evangeliſta, que nas letras Divinas, e graça de Profecia floreceraõ, cujo eſpirito de Deos naõ reprovou, pois fallou pela boca de tantas mulheres, quantas ouve, que mereceraõ eſte nome de Profetas, como Maria irmaã de Moyſès, de quem jà fallei, Debbora, Olda, Anna Profetiza, S. Eliſabeth, e outras.

68 Na Poeſia podemos contar a Meſia, Androgina, Horrenſia, Lucera, Valeria, Copiola, Sapho inventora deſtes verſos, Corina, Cornificia Romana, Erimna, Thelia, chamada Epigramatiſta, Sempronia, de que Saluſtio conta tantas habilidades, Calphurnia nomeada entre os Juriſconſultos. Quem formou a eloquente lingoa dos Grachos, ſenaõ Cornelia ſua mãi pela qual razaõ Quintiliano inſtituio nos ſeus preceitos, que as amas dos moços criados para Oradores,

res, foſſem diſcretas, e eloquentes, porque dellas aprendemos a fallar. E Socrates julgando pelo Oraculo de Apollo, pelo maior ſaber dos mortaes, ſendo jà velho, nos quaes o ſaber he mais crecido, naõ aprendeo algumas couſas de Aſpacia, e Apollo Theologo de Priſcilla? Debbora mulher de Cabidod prudentiſſima, como lemos nos livros dos Juizes, naõ governou hum tempo o povo de Iſrael? A qual por lhe Barael deſobedecer, ſendo eleita por Capitaõ do Exercito, não alcançou vitoria mortos, e vencidos os inimigos? Não lemos, que a Rainha Attalia governou entre os Judeos o Reyno por eſpaço de ſete annos? E Semiramis (de quem jà fiz mençaõ) depois da morte do marido naõ governou o Reyno quarenta? Edificando huma taõ nobre Cidade, e tão ſoberba, como foi Babilonia de Meſopotania? As Rainhas chamadas Candaces, poderoſas, e prudentiſſimas, naõ governaraõ muitos tempos ſeus Reynos, de que Joſepho conta tantas maravilhas, e ſe faz mençaõ nos Actos dos Apoſtolos? A Rainha Sabà, de quem jà fallei, por taõ longos caminhos não foi ouvir a ſabedoria

de Salamaõ, a qual hade condenar as doze Tribus de Iſrael no dia da ira do Senhor? Thecuites ſapientiſſima femea nas preguntas, que propoz a ElRey David, naõ deu grande final de ſeu ſaber?

69 Pois nas armas notoria couſa he, quantos Reynos, quantas Provincias, e Cidades conquiſtaraõ, e edificaraõ mulheres, como as Amazonas, Thomiris, Dido, Valaſca, de que jà fallei: entre as quaes contaremos Camilla da geraçaõ dos Volſcos, e Arthemiſia, que ſenhoreou os Rodeos, tomando-lhes a Ilha, a qual edificou aquelle taõ celebrado Sepulchro Mauſoleo, contado por hum. dos ſete milagres do mundo. E a Poncella de França, de que jà fiz mençaõ, em memoria da qual no Ducado d'Orlians naõ eſtà hoje neſte dia levantada huma Eſtatua, em a ponte do Rio Loure?

70 Das Sabinas couſa vulgar he, que naõ temendo as armas dos paes, e maridos, ſe meteraõ entre os golpes de ſuas eſpadas, e os amançaraõ, fazendo perpetua paz, e liança entre huns, e outros. De que excellente Capitaõ, e ſingular Philoſofo, ſe podem contar maiores couſas, das que conta Trebellio Pol-

Polio da Rainha Zenobia, de cujo triumpho tanto se prezou o Emperador Aurelio, o qual dizia, que as victorias, que Odenato ouvera dos Persas, naõ se podiaõ attribuir, senaõ ao esforço, e prudencia da dita Rainha sua mulher? Com temor da qual, como conta o mesmo Author, os Arabios, Sarracenos, Armenios, naõ usaraõ a tomar armas. E depois que seu marido morreo, governou o Imperio em nome de seus filhos, por muitos annos, vestindo armas, governando Exercitos, andando a pè longos caminhos por esforçar sua gente, e foi taõ docta na lingoa Grega, que recapitulou a historia Alexandrina, e Oriental, e fez muitas Obras, que Nicomato traduzio.

71 E quanto à fama, que homens ouve, que a deixassem de si mòr, que Europa, Asia, e Libia, de cujos nomes estas tres partes do mundo tomaraõ os seus? E as sciencias fingiraõ os antigos, mulheres, e naõ homens. E que saber mais vario, e coraçaõ mais esforçado se poderia achar em homens, que o de Cleopatra Rainha do Egypto? Que constancia maior, que a de Panthea, que conta Xenophonte, a que a primeira, e gran-

grande Monarquia d'ElRey Cyro naõ pode cõmover, que quebrantaſſe a fé matrimonial a ſeu marido Abradatas? Qual caſtidade ſe igualarà com a de Lucrecia, que eſtimou mais a dor de lhe ſer forçoſamente roubada, que a morte? Ou com a da Rainha Dido defamada por Virgilio? Naõ faltaraõ a eſtas animo para ſe matarem, e conſtancia, fé, e caſtidade, que em poucos homens ſe acha. Entre as quaes ſe pòde contar na meſma virtude Argia mulher de Policinis Tebano, Julia de Pompeo, Porcia de Catam, Cornelia de Graceſo, de que jà fallei em outro genero de virtude, Melicina de Sulpicio, Hypſicratia mulher d'ElRey do Ponto, Sulpicia de Lentulo, e a Rainha Libuſſa, que em quanto tempo per ſi ſó governou o Reyno de Boemia, naõ ſe viraõ as guerras, e dannos, que depois de ſua morte ſe ſeguiraõ. A juſtiça, e bom regimento da qual foi cauſa de lhe fazerem eſcolher marido, o qual poſto que foſſe taõ ſingular, como aquelle Preſmilam, que do arado ella eſcolheo para o Reyno, todavia foi vencido das meſmas mulheres em batalha. A qual Libuſſa, como diz Æneas Sylvio, era

gran-

grande ſabedora nas ſciencias divinas, e humanas.

72 Que façanha mòr em homens esforçados pòde ſer da que fez Claudia freira da Ordem Veſtal, que ſahindo do Moſteiro por ſocorrer a ſeu pai, qeu os Tribunos queriaõ lançar do carro, em que hia triumphando, o tomou nos braços, e o ſuſtentou de tal modo, que como diz Valerio Maximo, o pai com ajuda da filha chegou ao Capitolio com ſeu triumpho, e ella ao Moſteiro com ſua victoria? Que exemplo de piedade mòr, do que conta o meſmo Author de duas moças, huma que dava de mamar a ſeu Pay eſcondidamente no carcere, onde o Carcereiro por lhe naõ dar a morte, que lhe mandaraõ, movido de piedade determinou de o matar à fome. E da outra, que pelo meſmo modo manteve ſeu Pay Cymon, cuja pintura naquelle tempo era fermoſa couſa de ver em Roma hum homem muito velho pendurado no colo de huma moça ſua filha, mamando em ſeus peitos o leite, que gerou. Do qual carcere ſe fez hum Templo dedicado à Piedade, por razaõ da que tiveraõ eſtas moças com ſeus Pays,

e por experiencia ſe vè, o que diz Ariſtoteles nos livros dos animaes, terem as mulheres mais gràos deſta virtude, que os homens.

73 O que Salamaõ confirma, dizendo onde naõ eſtà mulher, geme o enfermo. Porque aſſim como os homens em ſua infancia ſaõ alimentados com o leite taõ ſuſtancial das mulheres, que os enfermos reſtaura, e criados com a diligencia de ſuas mãys, e afagos de ſuas palavras, apropriadas àquella fraca idade das crianças, aſſim o enfermo na fraqueza, e debilitaçaõ dos membros, tornando aos primeiros dias de ſua criaçaõ, parece que a cura da mulher lhe dà mais deſcanço, como quem ſe acha na patria, e natureza onde naſceo.

74 Vindo às couſas da Fè lemos, que por homens foi noſſo Redemptor acuſado, por homens vendido, por homens crucificado, por homens negado, e dos homens deſamparado, ſó as mulheres atè a Cruz, até o Sepulchro o acompanharaõ, tornando a elle de noite, perdido o temor dos que o guardavaõ, com cheiros orientaes para ungirem ſeu corpo, e a Magdalena, que neſta parte mais mereceo com couſas perſevera-

das

das lagrimas, naõ foi a que pedio aos Apoſtolos alviſeras da Reſurreiçaõ de Chriſto, por ſer a primeira a que apareceo. E ainda a mulher de Pilatos, ſendo Gentia, trabalhava com ſeu marido por lhe eſcuſar a morte.

75 Depois da qual, quem eſtendeo mais ſua Fè, aſſim com doctrina, como com martyrio? Padecendo por ella tantos generos de tormentos, quantos a crueldade dos tyrannos inventou para lha fazer negar. Teſtemunhas ſaõ os dentes de Santa Apollonia, as tetas de Santa Agueda, os olhos de Santa Luſia, e as agudas navalhas, que cortaraõ a carne da Bemaventurada Virgem Catharina. Quantos membros eſpedaçados, quantas cabeças cortadas, quantos corpos de mulheres aſſados celebra cada anno a Santa Madre Igreja, qual eſquadraõ de homens taõ unido em caridade, taõ armado de Fè, ſe ajuntou debaixo de algum Capitaõ, como lemos de onze mil Virgens, que ſeguindo a Cruz de Santa Urſula, todas morreraõ por aquelle, que nella por ellas padeceo? Couſa de eſpanto he, e de mui grande admiraçaõ entre tantas mil mulheres naõ ſe achar huma a que o te-

mor dos tormentos alheios, preſentes a ſeus olhos, fizeſſe mudar de ſeu ſanto propoſito, como ſe vio em taõ pequeno numero de quarenta Martyres, hum delles negar a Fè, e em outro muito menor hum vender a ſeu Meſtre, outro o deſconhecer, e finalmente todos o deſamparárem, ſómente as mulheres, como já diſſe, que perſeveraraõ com elle atè à morte.

76 E tiveraõ ſempre tanta conſtancia na Fè, em que huma vez creraõ, que nunca ſe lè, apoſtatar Helena, ou outra alguma Rainha Chriſtaã, como Juliano Emperador, e outros, nem naſcer dellas alguma herazia, como dos homens, de antre os quaes ſe levantaraõ, e ſe levantaõ cada dia contra a verdadeira, e Catholica Fè. A qual fallecendo em todas, na morte de Chriſto, ſegundo affirmaõ os Theologos, em nenhum homem ficou plantada, ſómente em a Sacratiſſima Virgem Noſſa Senhora remate de todo o louvor das mulheres. Pois que Deos Eterno, Immenſo, Omnipotente, de cuja grandeza o mundo he incapaz, nenhum lugar lhe foi taõ aceito, quando a elle veio,

co-

como o ventre virginal deſta Virgem Sacratiſſima.

77 Alevantem logo os ſentidos todas as mulheres, concebaõ em ſi huma humildade ſoberba, huma virtuoſa preſumpçaõ, e gloria de ſua natureza, que Deos fez digna, e merecedora de tanta honra, quanta nunca homem puro teve neſte mundo, nem terà no outro. Certamente, que he couſa de tal maravilha, qual ella foi, ver aquelle taõ dezejado do mundo, taõ denunciado dos Prophetas, taõ eſperado das gentes, taõ venerado dos Anjos, taõ temido dos demonios, e Senhor univerſal das naturezas angelica, e humana, chamar a huma mulher mãy, e ella filho ao verdadeiro Deos, que a fez, e naõ ſem cauſa a Igreja em ſuas Oraçoens, rogando pelas mulheres, diz: *Intercede por devoto fœmeneo ſexu*, attribuindo-lhes eſte epiteto de devaçaõ, e amor de Deos, como mui proprio, e natural ſeu dellas.

78 E ſe agora quizeſſe contar as finezas, que em diverſos generos de virtudes fizeraõ mulheres, como as Lecedemonias, Meleſias, e Thebanas, faltarmehia o tempo, e naõ os feitos, que

aça

acabaraõ. Cheios eſtaõ os livros de todos elles. E depois claramente ſe vè pelos exemplos, que mais me repreſentou a memoria, do que os buſquei, quanto as mulheres floreceraõ em todo o genero de letras, nas armas, adminiſtraçaõ de Reynos, fundaçaõ de Cidades, e obras miraculoſas, na conſtancia da Fè, padecimento de martyrios por ella, nas virtudes da caſtidade, piedade, e miſericordia, aſſim em todas as outras, em que naõ ſómente ſe igualaraõ com os homens, mas em muitas os excederaõ.

79 E como nenhum puro homem pòde ſer comparado por mais gràos de graça que tiveſſe, com a melhor dellas, merecendo ſua natureza louvor ſobre todos os louvores Angelicos, e humanos; que razaõ haverà para ſer mais eſtimado o mando dos homens, que o das mulheres? Maiormente o de V. Alteza, a quem tantas, e taõ boas partes, a Clemencia Divina deu, que em mui poucos homens, por conſumados que foſſem, ſe poderiaõ achar.

80 Agora ſe nos repreſentarà (illuſtriſſima Princeſa) a todos ſeus Vaſ-

ſal-

ſallos o tempo da Rainha Sabà, ou Candaces; em V. Alteza ſe renovará a memoria das esforçadas, caſtiſſimas, e prudentiſſimas Rainhas Arthemizia, e Dido, e de todas quantas ennobreceraõ ſeus nomes com ſuas obras. Nella ſò veremos juntas as virtudes, que neſtas andavaõ apartadas. A Rainha Santa, cujo precioſo Corpo tem Coimbra, e ſua alma a gloria de Deos, morta, ſerà viva em V. Alteza, e para iſto ſer aſſim, que menos pode fazer, como diſſe no principio deſta Oraçaõ, filha de tal Pay, e de tal Mãy, irmãa de taes irmaõs, neta de taes Avòs, Sobrinha de taes tios, todos Reys, Rainhas, Emperadores, Principes, Infantes, de que toda a Republica Chriſtaã he cheia na juriſdiçaõ ſecular, e provèſſe a Deos, que aſſim o foſſe na Eccleſiaſtica, que naõ faleceria em voſſa linhagem (mui alta Princeſa) quem eſtendeſſe a Fè pelas partes Septemtrionaes, como fizeraõ pelas Orientaes, Meridionaes, e do Occidente, pois que della naſceo o Sereniſſimo Principe, e Reverendiſſimo Senhor Infante D. Henrique voſſo Irmaõ. Cujos coſtumes, ſanta virtude, e puriſſima limpe-

za de vida nos repreſentaõ em noſſos dias o grande Gregorio, Baſilio, ou Agoſtinho. Naõ averia em noſſos tempos Luteranos, obedeceria ao Summo Pontifice Boemia, reduzir-ſe-hia Grecia com todas ſuas miſturas de Jacobitas, Georgianos, Armenios, e Abexins, e quantas diverſidades de herezias ha pelo Mundo ceſſariaõ. Tornando ao propoſito, eſte ſeu Povo, e Vaſſallos, poſto que em quantidade ſejaõ poucos, e naõ enchaõ a medida dos merecimentos de Voſſa Alteza, pois que grandes Imperios, e Reynos, demanda ſua prudencia, e alto naſcimento. Agora com ſerem ſeus, ſerà maior ſeu nome, e os ſerviços, que os mais delles fizeraõ a ElRey voſſo Pai de glorioſa memoria, e a ElRey voſſo Irmão noſſo Senhor, aſſim em ſua caſa na paz, como fóra della na guerra, ſe por ventura andavaõ apagados, daqui por diante ſeraõ conhecidos, louvados, e galardoados, aſſim por ElRey com ſeu favor, como com mercês, e acreſcentamentos, que elles, e ſeus filhos eſperaõ receber de Voſſa Alteza, cuja liberalidade, e humanidade, que aos eſtranhos he grande,

de, maior ſe eſpera que ſeja aos naturaes, e Vaſſallos, os quaes para ſerem ſuſtentados, e governados com paz, mantidos em juſtiça, ficaõ rogando à Divina Clemencia, naõ por todos eſtes bens, mas por a vida de Voſſa Alteza, que taõ certos os tem com ella, a qual noſſo Senhor conſerve, acreſcente, e proſpere por muitos annos. Amen.

## FIM DOS PANEGYRICOS

DE

## JOAÕ DE BARROS.

ELO-

# ELOGIO
## DELREY
# DOM JOAÕ.
## DE PORTUGAL
### *III. deſte nome*

POR

## ANTONIO DE CASTILHO

*Do Conſelho d'ElRey D. Sebaſtiaõ, e ſeu Chroniſta Mòr.*

DOM Joaõ o III. deſte nome, decimo quinto na ordem dos Reys de Portugal, foi filho d'ElRey D. Manoel, e neto do Infante D. Fernando, que por linha direita de varaõ em varaõ, vinha do primeiro Rey de Portugal D. Afonſo Henriques, filho de D. Henrique Conde de Aſtorga natural de França das partes de Vizançon, cujo Pai,

Pai, e Avós deſcendiaõ dos antigos Reys de Borgonha: naſceo o Principe D. Joaõ das ſegundas vodas entre ElRey ſeu Pai, e a Rainha Dona Maria filha dos Reys Catholicos nos Paços de Alcaçova de Lisboa no anno de Chriſto Noſſo Senhor 1511. a 6. de Junho; naõ pode temperar o alvoroço, e alegria do povo huma grande trovoada, que a noite de ſeu naſcimento ſe armou, e hum rebate de fogo ateado dentro nos Paços, no dia em que foi bautizado, porque em tamanho ſobreſalto naõ deixavaõ de o feſtejar com todas as invençoens de jogos, e de prazeres publicos, como ſe aquelle lume fora hum agouro do reſplandor de ſua virtude: fez ſeu bautiſmo na Capella de S. Miguel D. Martinho da Coſta Arcebiſpo de Lisboa. Madrinhas foraõ a Rainha D. Leonor viuva d'ElRey D. Joaõ II. e a Infanta Dona Beatriz ſua Avò: e em nome da Senhoria de Veneza eſcolheo ElRey D. Manoel por Compadre hum Gentil homem enviado por Embaixador a eſte Reyno, a quem ElRey armàra Cavalleiro, e dera a Ordem de Chriſto, avida naquelle tempo por maior honra. Tomou

mou o Principe o primeiro leite de Dona Beatriz de Paiva, casada com D. Alvaro da Costa, Guarda roupa d'ElRey D. Manoel, mas vindo adoecer, e faltarlhe o leite, entrou em lugar della Fillipa d'Abreu casada com Bertholameu de Paiva cunhado do mesmo D. Alvaro, dizem alguns, que lhe fora revelada em sonhos esta criaçaõ do Principe, podia tambem ser força da imaginaçaõ. Como o Principe chegou à idade de hum anno, foi jurado pelos tres Estados, po futuro succesſor destes Reynos nas Cortes, que ElRey seu Pai fez em Lisboa no anno dſt 1503. na Sala dos Leoens: passados os primeiros annos da mama, teve cuidado delhe ensinar a Doutrina Christaã, e as primeiras letras Alvaro Rodrigues Capellaõ d'ElRey seu Pai, ajudado de hum Martim Alonso, que professava este officio, teve cuidado de lhe ensinar os principios da Lingua Lrtina D. Diogo Ortiz de Vilhegas Bispo de Tangere, que depois com Thomaz de Torres Mathematico mui conhecido lhe deo algumas liçoens da Esphera, e tendo o Principe huma memoria estranha, e tanto juizo, como sen-

pr

pre moſtrou, aproveitouſe mal deſta Doutrina, ou por culpa dos paſſatempos, a que ſe afeiçoava mais, ou deſtes Doutores, que o guiaraõ por caminhos torcidos, nem cada hum delles, nem Luiz Teixeira filho do Chanceler Mòr grande Letrado, e criado nas boas letras da Italia lhe aproveitou na falta, que depois ſentio, porque eſcaſſamente ſe entregava nelle a ſombra da Lingua Latina: poſto que nas couſas de juizo ſe achava muito lembrado: aſſim eraõ as palavras d'ElRey cheas de Mageſtade, e igual brandura: que parecia criado na converſaçaõ dos melhores engenhos do Mundo. Quando ElRey ſeu Pai lhe deo caſa, afeiçoouſe logo a dous homens Fidalgos de diferente natureza, hum delles foi Luiz da Sylveira muito aviſado, bom corteſaõ com alguma noticia das letras humanas, mas deſejoſo de levar o Principe a ſeu parecer, o outro D. Antonio de a Taîde de menos idade mas transformado no goſto d'ElRey, de que fazia muito mais conta, que da propria medrança, aſſim a ſegurou melhor quando o Principe D. Joaõ veio a reynar. Falecido ElRey D. Manoel no

an-

anno de 1521. a 13. dias de Dezembro, proveo logo o Principe as honras, e exequias da ſepultura de ſeu Pay: tanto que foi obedecido, e jurado dos tres Eſtados do Reyno, reformou com todos os Principes confederados a paz, e amizade, que ſeu Pai acordàra com elles, e no meſmo tempo ſuccedeo a morte do Papa Leaõ X. cujo ſucceſſor foi Adriano VI. na Igreja de Deos. Deulhe ElRey D. Joaõ a obediencia, antes que ſahiſſe de Eſpanha, provendo juntamente nas couſas da paz, e da guerra ſem alterar o governo, nem os Miniſtros na ordem em que as deixàraõ ſeu Pay. Começando a poz iſto a naſcer algumas diſcordias entre elle, e o Emperador Carlos V. pela razaõ que cada hum tinha de averem por ſeu o direito das Ilhas de Maluco, por culpa de Fernaõ de Magalhaens deſnaturalizado de Portugal por aggravos d'ElRey D. Manoel, entendeo quanto importava a ſeu Reyno o repouſo da paz, e naõ ſómente atalhou a deſavença deſta cauſa por honeſto partido, mas renovou o devido antigo, que tinha com a Caſa d'Auſtria, dando a Infanta Dona Iſabel ſua Irmã

ao Emperador, com hum dote desacostumado, casando a troco com a Infanta Dona Catharina d'Austria. Revolto o Mundo depois com as guerras do Emperador, e de Francisco Rey de França, e determinados por huma das partes todos os Principes da Europa, sendo ElRey D. Joaõ escassamente de 24. annos de idade, assim se governou nesta tormenta do tempo, que naõ póde ser levado de algum delles para seguir seu bando, antes guardando a hum o decoro, a outro a fé de confederaçaõ, nunca desistio de esforçar cada hum delles à paz da Christandade, pondo-lhe diante a obrigaçaõ que tinhaõ de ajuntarem as forças, e virarem as armas contra os inimigos della, offerecendo o Infante D. Luiz seu Irmão para tratar este acordo. Desejando depois ver restituidas em Portugal as letras, que a ignorancia de alguns, e descuido dos Princepes tinhaõ degradadas do Reyno, escolheo alguns moços de boa esperança para fazerem alicece desta obra, os quaes mandou criar em Pariz no Collegio de Santa Barbara, onde se assinalaraõ alguns
[illegible] eloquencia, e doutrina, de sorte que
pó-

pòde depois reformar a Univerſidade de Lisboa, e levalla à Cidade de Coimbra, convidando Theologos, Juriſtas, e Medicos de todas as partes de Europa, que floreceraõ neſta Univerſidade, e ganharaõ honra com o favor, e partido, que lhes fazia. Quaſi no meſmo tempo receando o perigo, que as hereſias dos Chriſtãos novos, e dos Luteranos, que em Alemanha creſciaõ, tanto como as outras no Reyno, antes que eſte fogo ſe ateaſſe, impetrou da Sè Apoſtolica a authoridade do Officio Santo da Inquiſiçaõ (poſto que em Roma contrariado) para atalhar os incendios, que em poucos annos abrazaraõ o Mundo, com tanto zelo da Religiaõ Catholica, que eſcolheo para o cargo de Inquiſidor Mòr o Cardeal Infante D. Henrique ſeu Irmaõ. Fez muita ventagem aos Reys ſeus Avòs no zelo do Culto Divino, e acreſcentamento na Religiaõ, porque no Reyno fez tres Igrejas Sès Cathedraes, Leiria Portalegre, e Miranda, e nas Ilhas do Mar Oceano, e outros Eſtados da Coroa de Portugal erigio novos Biſpados por authoridade Apoſtolica, cujos Prelados, e Miniſtros de cada Igreja fez ſuſtenta-

dos dizimos, que eſtavaõ applicados á Ordem de Chriſto, no deſcobrimento deſtas partes. Fez com a meſma authoridade a Igreja de Evora por morte do Cardeal D. Affonſo Metropolitana, onde paſſou com o meſmo favor do Arcebiſpado de Braga o Cardeal D. Henrique, para reſtituir com ſeu exemplo de vida a melhores coſtumes os Miniſtros, que a riqueza daquella Igreja hia afroixando. O meſmo titulo procurou à Sè do Funchal na Ilha da Madeira, com ordem, que foſſe reconhecida na juriſdiçaõ eſpiritual do Biſpado de SanTiago, e de S. Thomé, e da Cidade de Goa na India. E por tempo depois impetrou do Papa o Primado à Cidade de Goa, que reconheciaõ os Biſpados de Cochim, e Malaca. As Ordens dos Religioſos esfriados do primeiro fervor foraõ à ſua inſtancia reſtituidas à limpeza, e devaçaõ dos primeiros Inſtituidores, como foraõ a dos Franciſcanos, Dominicos, Agoſtinhos, Carmelitas, e Hieronymos, repairando os Edificios antigos dos Religioſos para, ſe exercitarem naquella vida ſanta, e recolhimentos mais acommodados, com o qual cuidado reformou

mou o Convento dos Freires da Ordem de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto em Tomar, apertando aquella Religiaõ Militar, quaſi daſatada, com a Regra de S. Bernardo, como fez no Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra, que naõ ſómente mudavaõ os coſtumes, a vida, e recolhimento, mas foi acreſcentado de Edificio magnifico, e digno de ſua grandeza. Tinha a meſma tençaõ reduſir a Ordem de S. Bento à ſua limpeza, e ſantidade primeira, mas a morte rompeo eſte deſejo, poſto que em ſua vida o Moſteiro de Alcobaça reſplandeceſſe em muita virtude, como depois ſuccedeo a todas as caſas de Portugal deſta Ordem, com o zelo que o Cardeal D. Henrique moſtrou a eſta Religiaõ, depois que lhe foi encomendada em tempo d'ElRey D. Sebaſtiaõ, herdeiro dos penſamentos de ſeu Avô, veio a lume a Reformaçaõ, que S. Bento lhe inſpirou do Ceo, com que os Moſteiros de ſua Ordem começaraõ a florecer em nova Religiaõ, e com ſeu exemplo as outras Ordens Militares de Aviz, e Palmela, ſe governaraõ melhor.

Foi o primeiro Principe Chriſtaõ, que tomou debaixo de ſeu amparo a Ordem da Companhia dos Padres, que em nome de Jeſus Noſſo Salvador ordenou Ignacio de Loyola com doze companheiros, offerecidos ſemear a Palavra de Deos pelo mundo, com tanto proveito das almas, como hoje vemos em todas as partes onde penetrou ſua doutrina, e pode o favor d'ElRey D. Joaõ fazer eſte beneficio à Chriſtandade, fundando hum Collegio em Coimbra, depois deſta Religiaõ approvada, onde ſe criaraõ em exercios de virtude, e Doutrina Chriſtãa muitos Soldados de Chriſto, que depois ſe eſpalharaõ por todo o Oriente, com muita gloria do nome Chriſtaõ. As Donzellas Orfãs, que a idade, e daſamparo podia eſtragar, mandou recolher em huma caſa, para dalli lhe ordenarem vida, ou por caſamento, ou por Religiaõ, e o meſmo Recolhimento fez noutra parte para mulheres, que a propria fraqueza, ou deſcuido dos Pays fez mal coſtumadas, para neſte lugar com a penitencia, e Oraçaõ reſtaurarem a honra perdida. Entendendo o pouco ſoſſego, que em Lisboa tinhaõ, os

que

que ſe exercitavaõ nas Eſcolas geraes, deſejoſo de os ſeus Vaſſallos ſe aſſinalarem na doutrina das letras, paſſou os Eſtudos a Coimbra, que dotou de muitas rendas do ſeu Padroado, com que a juntou homens eſcolhidos, dos que depois ſe fizeraõ conhecer pelo mundo eſtremados por eſtranha doutrina: floreceraõ em ſeu tempo outras artes apagadas, que ſeu favor eſpertou, como foi a Architectura, a que o meſmo Rey ſe inclinou, e a navegaçaõ dos ſeus naturaes conhecidos em todas as parres do mundo, pela noticia das couſas do mar. Aos Infantes filhos d'ElRey D. Manoel ſeus Irmãos, foi Pay no amor, dando a cada hum tanta parte das terras da Coroa, Prelazias, e Moſteiros encomendados, quanta baſtava a qualquer Principe para ſuſtentar o Eſtado, e obrigaçoens do Sangue Real, porque naõ perdeo nunca o cuidado do Cardeal D. Afonſo, que em vida d'ElRey ſeu Pay fora provido em titulo do Arcebiſpo de Lisboa, e da adminiſtraçaõ do Biſpado de Evora, e Moſteiro de Alcobaça. Ao Infante D. Luiz fez Condeſtable de Portugal, Duque de Beja, e de outros Eſta-

tados, e perpetuo administrador do Priorado do Crato. Ao Infante D. Fernando deu em dote os Condados de Marialva, e Loulé, o Ducado de Trancoso, com outras Villas no Reyno, casando-o com a Senhora Dona Guiomar Coutinha, unica herdeira da casa de Marialva, como ElRey seu Pay ordenàra. Ao Infante D. Duarte casou com a Senhora Dona Isabel, filha de D. Gemez Duque de Bragança, a quem D. Theodosio, herdeiro desta Casa dotou o Ducaddo e Guimarens, consentindo ElRey no partido. Ao Infante D. Henrique Principe santo proveo primeiro do Arcebispado de Braga, donde passou para Evora, dando-lhe a administraçaõ dos Mosteiros de Santa Cruz de Coimbra, e o titulo de Cardeal, que lhe procurou. A Infanta Dona Beatris, casada em vida de ElRey seu Pay com o Principe de Saboia, e depois offerecida a muitos trabalhos, pelas guerras que houve entre os Francezes, e Imperiaes, com quem o Duque fez bando, favoreceo sempre com tanto amor, como devia a esta Princeza, e o devido, que tinha com aquella casa. Poucos annos depois, que começou a Reynar, casou a Infanta

D.

D. Iſabel com o Emperador Carlos V. e por ſatisfazer à vontade d'ElRey ſeu Pay excedeo o dote às forças do Reyno. A Infanta Dona Maria derradeira filha d'ElRey D. Manoel procurou ſempre caſar com o Delphim de França, depois com Filippe herdeiro de Eſpanha, finalmente com o meſmo Emperador Carlos V. mas perdeo o trabalho, porque a vontade de Deos tinha eſcolhida eſta Princeſa para outra bemaventurança maior, quando a levou para ſi, vivendo ſempre em eſte Reyno com huma caſa, e eſtado de muita grandeza. Alguns bandos, que ſuccederaõ em ſeu tempo entre Caſas Illuſtres, como foi entre a Caſa de Aveiro, e a de Marialva, o Conde do Vimioſo, e da Caſtanheira, e outras Caſas deſavindas entre ſi, teve ſempre cuidado de as repartir com maior authoridade, e reſpeito, que lhe todos tinhaõ, do que era o temor do caſtigo, porque ſua condiçaõ mavioſa era taõ affeiçoada a toda a clemencia, e perdaõ, que tinha por honra folgarem os homens de lhes ſerem aceitos: e por couſa indigna de ſua grandeza ter os Vaſſallos em ſeu ſerviço por medo do rigoroſo caſtigo. A certo Fidalgo, que

naõ consentio a seu filho visitar da parte d'ElRey à Condestablessa, chamou doudo publicamente, e disse-lhe, que mandaria fazer este officio por outro mais honrado que elle; o que fez logo por outro menos valido: dando com isto a entender, que os Vassallos soberbos naõ podem ter honra, e que os obedientes a seu Rey só a tem verdadeira: quando lhe enculcavaõ alguma pessoa para seu serviço, e lho gabavaõ de homem rijo, que se naõ deixava trocer, ria-se destes louvores, e affirmava, que estes rigores, e estremo da justiça naõ nasciaõ senaõ de fraqueza, e desconfiança, que só a clemencia, e dissimulaçaõ da vingança particular podia caber em espiritos grandes. Nos crimes enormes mostrava sobejo rigor, e dissimulando com a justiça ordinaria, valiase algumas vezes da jurisdiçaõ absoluta, procedendo contra pessoas privilegiadas, como era D. Joaõ Sotil Bispo de Çafim, preso por culpas secretas, D. Bernardo Manoel malsinado por offerecer à Excellente Senhora hum Galeaõ, D. Duarte de Menezes, por governar a India à sua vontade, D. Miguel da Sylva Bispo de Viseu, por se ir deste Reyno sem

lhe

lhe entregar o Sello da puridade, e negocear o Capello de Cardeal contra ſua vontade: aſſim que a brandura, e clemencia, que ſempre moſtrou nos delictos, que mereciaõ perdaõ, o faziaõ parecer mais rigoroſo, e deſigual, nos que procediaõ contra ſeu ſerviço deſconfiados de ſua boa inclinaçaõ. Deſejando com tudo ſatisfazer às obrigações, que lhe carregavaõ, como herdeiro do Reyno, e adminiſtrador da Ordem de Noſſo Senhor Jeſus Chriſto, ordenou hum Tribunal chamado da Conſciencia, onde ſe proviaõ todos os deſcargos della, e faziaõ cumprir as obrigaçoens deſta Ordem, e das que depois ſe ajuntaraõ à Coroa com grande ſatisfaçaõ do Reyno, e vigia dos bens das Ordens, que em ſeu tempo foraõ ſempre melhor governadas: foi havido por deſcuidado de ſua fazenda, mas na verdade quem lançar conta ao que ella rendia, o eſtado em que a achou, quando ſuccedeo na Coroa, os dotes de ſuas Irmãas, que pagou da Rainha Dona Leonor viuva, as legitimas, e heranças da Infanta Dona Maria, ede cinco filhos d'ElRey D. Manoel, a tranſaçaõ de Maluco, os roubos de ſeu

Mi-

Miniſtros, que teve na India, os naufragios das Nàos, que ſuccederaõ em ſeu tempo, acharà que naõ houve Principe no Mundo, que fizeſſe tanto bem, como elle fez a todos com taõ pouca renda, como lhe fundia eſta Coroa, e ſe for mais àvante tambem acharà, que aſſi como teve a condiçaõ larga para gaſtar dinheiro, e fazer mercês temporaes; teve muita prudencia para conſervar ſeu Eſtado, entendendo, que os bens da Coroa eraõ devidos ao Eſtado Real, como nervo principal da paz, e da guerra, ſem os quaes, nem os Reys podem ter authoridade, nem o Reyno ſoſſego, como aconteceo em Portugal, e em Caſtella, depois que os Senhores ſerviraõ ſeus Reys a partido, e a grandeza de ſuas caſas os fazia revolver cada dia Heſpanha com qualquer aggravo dos Reys. E por iſſo nunca ElRey D. Joaõ em ſeu tempo deixou de reſtituir à Coroa os bens, que vagavaõ por direito das doações. A herança de Marialva vaga por morte da Infante Dona Guiomar Coutinha, tornou a incorporar na Coroa, como fez ao Eſtado do Infante D. Luiz, e outros, que foraõ vagando, principalmente os

Meſ-

Meſtrados da Ordem de Noſſo Senhor Jeſus Chriſto, de S. Bento de Aviz, e de S. Tiago, que à ſua inſtancia ſe uniraõ à Coroa perpetuamente, entendendo quanto importava ao ſoſſego do Reyno, e ſatisfaçaõ dos merecimentos publicos da paz, e da guerra, virem as Comendas das Ordens a quem tinha obrigaçaõ de premio, e caſtigo: e com ter eſte reſpeito de naõ diminuir o patrimonio do Reyno, e naõ perder occaſiaõ de o acreſcentar, naõ teve menos cuidado de conſervar em ſua reputaçaõ as Caſas dos Grandes, e a Nobreza antiga do Reyno, abrindo mui raramente entrada de novo a gente popular, quando naõ tinhaõ ſerviços mui conhecidos, poſto que ſeu zelo foſſe deſterrar de Portugal calidades de homens infames, porque eſtranhou ao Principe D. Joaõ ſeu filho chamar villaõ a hum toureiro, dizendo, que em Portugal naõ havia eſta ſorte de homens, que baſtava a vontade, a fazenda, a boa criaçaõ, e coſtumes para honrar os homens de bem, e por iſſo os privilegiava de boamente, entendendo quam bemaventurada he a Republica, onde hum Principe iguala com amor, e juſtiça

aquel-

aquelles que a fortuna (às vezes cega) fez menores que outros. Fez tres vezes Cortes em Torres Novas, Evora, e Almeirim, em que respondeo a seus Vassallos com muita satisfaçaõ delles, e proveo algumas leys para bem da justiça, e dos povos, ainda que seus Ministros se descuidassem na execuçaõ dellas: as rendas publicas naõ desejou nunca ver acrescentadas, por naõ crescer o preço das cousas, que lhe eraõ necessarias para suas armardas, e em nenhum aperto do Reyno sofreo nunca lançar novo tributo, por naõ ser pesado a seus povos, e em quanto nelle foi, e as necessidades de sua fazenda sofreraõ, desejou sempre que se pagassem as dividas com os interesses corridos a seus acrèdores, porque não fosse exemplo sem pouco credito aos devedores quebrarem, e se podesse conservar o comercio entre seus naturaes com verdade, e justiça, posto que poucos annos antes de seu falecimento satisfizesse interesses exorbitantes, e demasiados aos seus acrédores em tenças de juro, e de herdade na Casa da India, que depois de sua morte se pagaraõ a cada hum, como teve a ventura, mas muita parte del-

delles ſe toma em cada contrato em pagamento aos intereſſados, como ſofrem as neceſſidades publicas.

No conſelho de couſas mais importantes recebeo ſempre o parecer da Rainha Dona Catharina ſua mulher, e dos Infantes ſeus Irmaõs, ajuntando com elles alguns Grandes do Reyno de muita prudencia, e inteireza, de quem podia fiar a deliberaçaõ de qualquer negocio por importante que foſſe, deixando ſempre lugar aberto a outras peſſoas de meam fortuna, que tinhaõ noticia de negocios, em que avia duvida, mas naõ ſe obrigava nunca a ſeguir o parecer alheio, ainda que nelle foſſe vencido, no que a parecer de alguns acertava menos, porque os Reys quando naõ tem revelações divinas, que os guiem, ſaõ obrigados aver ſeu conſelho por ſoſpeito, e fiaremſe dos homens, que votaõ mais livres, e naõ eſpreitaõ ſeu goſto: aſſim como lhe eſtranharaõ alguns meter no conſelho a Rainha com novo exemplo para os outros Principes, que naõ coſtumaõ fiar tanto da condiçaõ das mulheres, que ainda que mui aviſadas, e virtuoſas, ſaõ ſempre mulheres. E porque

que em seu tempo começarão encarecer os mantimentos com a esterilidade do paõ, desejou muito acudir às necessidades do Povo; dando ordem para prover de fóra o Reyno, por industria dos Mercadores, que se obrigavaõ sómente a fazer seu proveito, favorecidos d'ElRey, mas com muito descuido, e pouca vigia dos Officiaes, a que este cuidado se encomendava, porque a falta da execução, e brandura, das penas desordenava a provisaõ das leis: pela qual razaõ se ouverão por escusas as taixas, conjurando todos os Mercadores em Menopolios particulares, e o povo com os Officiaes do governo em sua propria desordem, e vida desacomodada: em tanto naõ deixava ElRey de mandar prover os campos do Tejo, e do Mondego com vallos, marachoens, e outros beneficios, que refreavaõ as cheias, e impeto daquelles rios, naõ sómente por culpa da natureza, mas dos Lavradores do Reyno, que semeavaõ terras dependuradas sobre as ribeiras, e troco de pouco fruito corriaõ, e areavaõ os campos, entupiaõ as barras, e ficando rochas nuas, perdiase muito pasto de gado,

do, e ſe os Miniſtros do Reyno acodiraõ nas Cortes a huma perda tamanha, por ventura naõ ſe alagaraõ os campos, e ſobejàra o paſto do gado. Algumas obras publicas começadas por mandado d'El-Rey D. Manoel fez acabar em ſeu tempo, como foi o Templo de Noſſa Senhora de Bethlem, com o Moſteiro dos Padres Hieronymos, fundado por El-Rey ſeu Pai, pela ordenança moderna, que aquelles tempos ſofriaõ, acabado por ElRey D. Joaõ com igual magnificencia, deſpeza, e maior fermoſura, qual ſe moſtra na fórma dos Edificios Romanos. Reſtituio o Cano da agoa de prata de Evora, aqueducto antigo de Sertorio, que o tempo em muitas partes tinha gaſtado, a cuja conſervaçaõ appllicou renda publica, que baſtava para ſuprir o reparo: o meſmo fez no Cano de Elvas, ainda que naõ foi poſſivel acaballo por alguns eſtrovos, que ſe offereceraõ, em quanto a obra corria. Do meſmo Rey he aquelle Edificio illuſtre, que fica ſobre o Mar em Lisboa, onde de huma parte ſe recolhe o paõ, que vem de fóra por mar, e por terra, e da outra todas as mercadorias, que devem à Co-

ro-

roa direitos; edificou na meſmaa Cidade o Almazem, onde ſe guardaõ todas as armas, e moniçoens do Reyno, aſſim para baſtimento das Fortalezas de fóra, obra magnifica, e digna de ſua grandeza. Edificou na meſma Cidade com ſuas eſmolas os Templos offerecidos a Noſſa Senhora da Graça, a S. Franciſco, a S. Roque, começados em ſua vida com a meſma Mageſtade, com que depois ſe acabaraõ: fóra dos muros repairou o Moſteiro de Santa Clara, e em todo o Reyno, naõ ouve lugar em que naõ deixaſſe pègadas de ſua devaçaõ, porque no Moſteiro de Alcobaça, no de Santa Cruz de Coimbra, no Convento da Ordem de Chriſto em Tomar, fez tantas deſpezas com obras novas, que paſſaraõ àvante de todas, as que os Reys ſeus avôs ordenaraõ, naõ perdoando a deſpeza alguma, e favorecendo os Miniſtros, de que confiou o cuidado dellas. Em Africa, e na India naõ ouve lugar, que ou naõ forteficaſſe de novo, ou naõ reformaſſe os edificios antigos, como fez tambem nos lugares maritimos deſte Reyno, e alguns Caſtellos da Raia, de ſorte, que com grande beneficio do Rey-

Reyno gaſtou huma parte de ſuas rendas na fortificaçaõ de ſeu Eſtado, ornamento dos lugares ſagrados, e remedio de muitos pobres, que tinhaõ por melhor ſervir neſtas obras, que povoarem forças, onde mereciaõ eſtar os ocioſos com outra ſorte de gente, que vive ſómente da induſtria, e do engano alheio. Naõ ſómente neſta magnificencia moſtrou a grandeza de ſeu eſpirito, mas no ſofrimento, a que ſacrificou ſeu coraçaõ, vendo quaſi cada anno hum irmaõ, e hum filho morto, ſem lhe ficarem de tantos, ſalvo dous netos, o Principe D. Sebaſtiaõ, que lhe ſoccedeo no Reyno, e da Princeſa Dona Maria, Carlos herdeiros de Caſtella, ſem nunca lhe enxergarem fraqueza em tanta magoa, como a perda deſtes Principes naturalmente lhe avia de fazer, antes abraçado com Chriſto fazia ley da vontade Divina; àlem de tantas virtudes, como moſtrou na paz, naõ lhe faltou conſelho na guerra, e tanta prudencia para governar em ſeu tempo com muita honra ſua; quanto pareceo mais impoſſivel fazella longe dos olhos, nas mais afaſtadas terras do Mundo: quando começou a reyn[illegible]

fez com diligencia huma Eſcolla de ſeus naturaes, que podiaõ adeſtrarſe nas armas, e repartidos em companhias, de que avia Coroneis em cada Comarca do Reyno, Capitaens, e Sargentos, e outros Officiaes da Milicia particulares em cada bandeira, proveo com muito cuidado eſta gente, ſem queixume do povo, e enſinada nos dias de feſta, que dantes gaſtavaõ em jogos, e paſſatempos de pouca honra, e proveito, obedecer a ſeus Capitaens a todo o exercicio das armas, levando o medo perdido ao eſtrondo da Artelharia, quando ſe offereceſſe neceſſidade de alguma batalha, e aſſim com pouca deſpeza de ſua fazenda, e algum favor devida à virtude, criava na deſtreza da guerra homens de bem, que depois ſe aſſinalavaõ nas armas, aſſim em ſuas navegaçoens, como na guerra de Africa, e da India, com o meſmo conſelho privilegiou os Eſcudeiros de boa linhagem, huns filhando-os por Cavalleiros de ſua caſa, outros por confirmaçaõ de Cavallaria merecida na guerra, coſtumados em ſeu tempo nas Cidades, e Villas principaes do Reyno, eſcaramuçar, e jugar as canas,

nas, e outras boas manhas por naõ faltar occupaçaõ honesta a toda a sorte de Vassallos seus, a fazenda dos quaes sendo taõ delgada, como cada hum em sua casa vè, poderia dar vida aos Portuguezes, tendo a navegaçaõ livre dos Cossarios, o que em seu tempo se fez com diligencia, e cuidado, posto que os Francezes costumados a viver de roubo ouvessem os Castelhanos, e Portuguezes por huma mesma naçaõ, e naõ perdoassem a huns, nem a outros, quando lhe cahiaõ na maõ, e à sombra de fazerem guerra aos Castelhanos, tomassem nossos Navios desarmados, e outros que às vezes se defendiaõ valerosamente com igual perda, mas ElRey D. Joaõ com armadas ordinarias encomendadas, a Capitaens esforçados, e outros officios, que fazia por seus Embaixadores em França, reparava aquella força dos Cossarios com grande prudencia, tendo este conselho por mais acertado, que seguir huma parte dos bandos, entre Carlos V. e Francisco, onde se aventurava mais, e segurava menos a navegaçaõ de que seus Vassallos viviaõ. As Fronteiras de Africa, que seu Pai, e Avôs tinhaõ ganha-

das aos Mouros, huns com tençaõ de criarem os Portugueſes na guerra, e naõ fraquecerem no repouſo da paz, outros por lhe ficarem portos abertos para a Conquiſta de Berberia, fortificou de novo a maior parte dellas, ſuſtentadas com grandes deſpezas, governadas por Capitaens eſcolhidos, provendo com muitos cuidado, naõ lhes faltaſſem mantimento, e moniçaõ para ſoſter qualquer cerco, nem Navios nos portos para lhe acodir com ſocorro, ſó a fortaleza de S. Cruz no cabo de Guè (de que era Capitaõ D. Guterre de Monroi filho do Comendador Mór d'Alcantara) cercada dos Xarifes, quando começaraõ conquiſtar Berberia, e traziaõ apoz ſi com zelo da ſua Religiaõ falſa a maior parte dos Alarves de Africa, poſto que ſocorrida das Ilhas, começou o inverno a crecer, e os Mouros apertaraõ o cerco, de ſorte que lhe faltou o ſocorro de Portugal pela injuria do tempo, e os moradores deſeſperados delle naõ poderaõ ſoſter os inimigos, morrendo alguns valeroſamente, e outros entregues aos Mouros perderaõ aquelle lugar com quebra de algumas particulares, como foi

o

o Capitaõ D. Guterre, mas pouca culpa da gente de guerra, que fez quanto pode por naõ ſe entregar viva aos vencedores. Em lugar deſta força ordenou ElRey D. Joaõ forteficar Maſagaõ na meſma Coſta de Africa, o que fez com muita deſpeza, e conſelho de grandes Capitaens, e em parte compenſou a perda do cabo de Gueè com muitas victorias, que os Portugueſes depois houveraõ.

Aquelles preſidios de gente, que ElRey D. Manoel ſeu Pai, e os outros Reys ſeus Avôs com conſelho de guerra, que aquelles tempos ſofriaõ, tinhaõ repartidos pelos lugares de Africa ſem diferença do ſitio, e commodidade dos portos, acordou por parecer do Emperador Carlos V. recolher em menos fortaleza, com muito melhor conſelho, do que antes do ſeu tempo ſe ſuſtentavaõ, aſſim porque poucas forças juntas ficavaõ mais poderoſas para ſe defender, e os ſitios eſcolhidos à vontade d'ElRey mais acomodados para ſocorro do Reyno. Ao meſmo Emperador Carlos V. ajudou com huma armada poderoſa na jornada de Tunes, diſſimulando como o Infante

D.

D. Luis-ſeu irmaõ, que ſe achou nella com muitos Fidalgos principaes, ſem pedir licença a ElRey, como quem ſabia delle, que niſto lhe fazia ſerviço. Aquella armada de Solimano Emperador dos Turcos enviada pelo Eſtreito de Meca, com grande eſperança de lançar os Portugueſes da India, desbaratou duas vezes em Dio, metendo no fundo a mòr parte della, e recobrando as moniçoens, e artelharia, perdida em tempo do Governador Nuno da Cunha, ſendo Capitaõ Em Dio Antonio da Sylveira, e depois diſſo, governando D. Joaõ de Caſtro, e ſendo Capitaõ deſta fortaleza D. Joaõ Malcarenhas, foi roto outro campo d'ElRey de Cambaya, onde ſe achou Cojeçofar, lançado de Europa naquellas partes com muitos Turcos deſejoſos de refazer a perda de Solimano, e lançar os Portugueſes da India. Em ſeu tempo repartio o Eſtado da Santa Cruz, chamado vulgarmente Braſil, que Pedro Alvares Cabral levado da força dos ventos deſcobria nas primeiras praias do Mundo novo. E para ſe a povoaçaõ fazer com mais facilidade, e menor deſpeza da Fazenda Real, repartio aquella Pro-

vin-

vincia em differentes Capitanîas, e governaçoens, na forma, que os Reys primeiros fizeraõ povoar Ilhas achadas no mar Oceano, que em poucos tempos creſceraõ com ſeu favor proſperas, e ricas, onde erigio Igreja Cathedral, e enviou Governador ſupremo para amparar em igualdade de juſtiça os que a naõ podiaõ alcançar dos mais poderoſos, com que amanſou os Gentios daquella Coſta, e outros, que ſe eſcondiaõ pelo ſertaõ, repartidos em ſuas Cabildas, ſem mais contra policia, ley, ou coſtume, que a vontade propria: muita parte dos quaes trouxeraõ á noticia de noſſa Fè Catholica os Religioſos da Companhia à inſtancia d'ElRey D. Joaõ. Neſte Reyno fortificou no Algarve a Villa de Lagos, offerecida aos roubos, e aſſaltos continuos dos Coſſarios, que em ſeu tempo infeſtavaõ o mar: começou tambem a fortaleza de S. Giaõ na boca do Tejo, com o meſmo conſelho, e finalmente na paz, e na guerra foi hum Principe raro, naſcido para beneficio dos homens, e amparo dos pobres, e eſtrangeiros; verdadeiro conſervador do Culto Divino, e piedade Chriſtãa. Foi de eſtatura meam, mui bem

aſſom-

aſſombrado nos olhos, com muita graça na boca, brando nas palavras, de bom acolhimento aos pequenos, temido dos Grandes, de grande juizo na eſcolha dos homens bem inclinados, porque eſtes lhe foraõ muito mais aceitos, que os grandes engenhos, como foi o Cardeal D. Miguel da Silva, D. Joaõ Manoel, Luiz da Sylva, e outros, que afaſtou de ſi por terem ſobeja noticia do mundo, e pouca da que convinha para tratar com o ſeu Principe. Adoecia poucas vezes, e nunca de doença perigoſa, atè o anno de cincoenta, que o começou tomar hum ſonno amadornado no meio dos negocios, doença criada de longe por falta do exercicio, e liſonjarîa dos Medicos, que lhe naõ proveraõ o perigo deſta doença, de que veio a fallecer no meſmo dia em que ſe lançou na cama, alguns diziaõ, que ſem teſtamento, nem declaraçaõ de Governador do Reyno, e tutoria d'ElRey ſeu Neto. Outros affirmaõ, que Pedro de Alcaçova, que entaõ ſervia de Eſcrivaõ da Puridade, e Gaſpar de Carvalho Chanceler Mòr deraõ ſua fé na primeira Junta, que ſe fez depois de ſua morte, que a vontade d'ElRey era nomear para eſte cui-

cuidado do Reyno, e tutoria do Principe a Rainha Dona Catharina d'Auſtria ſua mulher por algumas razoens, que a mòr parte do Reyno approvou, principalmente o Cardeal Infante D. Henrique, a quem eſta eleiçaõ d'ElRey parecia devida, aſſim por ſua virtude, e inteireza mui conhecida, como por direito das gentes, e coſtume de Heſpanha, que coſtuma dar eſte cuidado aos Principes do ſangue mais chegado, primeiro que as femeas: falleceo finalmente depois dos Sacramentos da Igreja recebidos com devaçaõ, e havendo trinta e ſeis annos, que Reynava, tendo cincoenta e cinco de ſua idade, a onze dias de Junho, no anno do Senhor de mil e quinhentos, e cincoenta e ſete.

FIM DO ELOGIO

DE

ANTONIO DE CASTILHO.

ELO-

# ELOGIO
## DO DOUTOR
# FREI BERNARDO DE BRITO
*Religioso de Ciſter, e Chroniſta Mór de Portugal.*

NA Comarca de entre Douro, e Minho, ſaõ muito antigos os nomes de Britonio, Briteiros, e Brito: porque de Britonio Cidade Epiſcopal ſe faz mençaõ no Concilio de Lugo celebrado no anno de 569. a qual foi deſtruida por Almançor de Cordova. O lugar de Briteiros deu eſte appellido a Fidalgos mui principaes, de que trataõ por vezes as hiſtorias Portugueſas, e os Regiſtos Reaes. E ſobre tudo a Ribeira, e freguefia de Brito, que eſtà entre o Rio Ave, e a Portella dos Leitoens, he ſolar deſta illuſtre Familia dos Britos. Cuidaõ alguns, que eſte nome he der-

va

vado dos Brutos Romanos, e outros, que dos Britones, primeiros moradores de Inglaterra, a que parece alludem os Leoens rompentes, que os Britos trazem por armas, que saõ as mesmas insignias daquella Provincia postas em tres barras. Com tudo neste Reyno tem muita antiguidade, e delles, e dos Briteiros (que todos saõ os mesmos, segundo os que melhor entendem) ha muita mençaõ no livro das Linhagens de Espanha do Conde D. Pedro. Na principal varonia desta Familia, que he a do Morgado de Santo Estevaõ de Beja, entraraõ por casamento, e linha femenina a Casa de Lima com o Viscondado de Villa Nova de Cerveira Condado de Arcos de Valdeves, e a Casa dos Nogueiras com o Morgado de S. Lourenço de Lisboa, e por largos annos possuiraõ a Alcaidaria Mòr de Beja, e em particular Affonso Annes de Brito, que foi Pai de dous Bispos de Evora D. Martim Gil de Brito, e D. Joaõ Affonso de Brito, e Avô de D. Diogo de Brito, que succeßivamente tiveraõ esta grande Prelasia. Pelo que de alguns foi chamado Affonso Annes o Clerigo. Em outras partes de Alem Tejo conservaõ mui antigos

Mor-

Morgados, particularmente em Evora, onde o Biſpo D. Joaõ, jà referido, inſtituio o Morgado de Fonte boa, com obrigaçaõ de uſar o appellido, e armas dos Britos, que ſe pòde ter por huma das mais antigas Inſtiuiçoens de Eſpanha, em que ſe trate de ſamelhante clauſula.

Deu eſta linhagem homens inſignes no ſerviço dos Reys, no governo da Republica, e no valor das armas, em que foi aſſinalado Joaõ Affonſo de Brito na tomada de Ceita, e na India Lourenço de Brito Capitaõ de Cananor; o primeiro que defendeo o cerco de fortaleza naquelle Eſtado, ſendo o que lhe puzeraõ os Malavares hum dos maiores, que os Portugueſes ſuſtentaraõ. E aſſim ha neſta Familia outros Varoens dignos de memoria, porèm quem em noſſos tempos illuſtrou grandemente eſte nome com as excellentes obras de ſeu engenho, foi o Padre Frei Bernardo de Brito Chroniſta Mòr de Portugal; como ſe verà neſta breve relaçaõ de ſuas couſas, o qual eſtimou tanto eſte appellido, que o antepoz a outros muitos, e mui illuſtres de que deſcendia. Por quanto,

to, segundo se vè na Historia de Nossa Senhora de Nazareth, de que adiante faremos mençaõ, era seu pai Pedro Cardoso, filho de Sebastiaõ Fernandes Cardoso, e neto de Francisco de Sousa, o qual era neto de Gonçalo de Sousa Comendador Mòr, que foi de Christo, e por sua mãy Maria de Brito de Andrade, ficava no mesmo grào com Nuno Freire de Andrade filho do Mestre de Christo D. Nuno.

Nasceo o Padre Frei Bernardo em Almeida, Villa notavel deste Reyno, dia de S. Bernardo 20. de Agosto de 1569. Seguio seu pai Pedro Cardoso a Milicia, e foi Capitaõ de nome em Italia, e Flandes, em serviço d'ElRey D. Felippe o II. de Castella. Com esta occasiaõ andou o Capitaõ Pedro Cardoso ausente deste Reino muitos annos, e temendo, que a falta de sua presença fosse de prejuizo à criaçaõ de seu filho, de pouca idade, o fez hir a Roma, e conhecendo bem, que naõ bastava sòmente a mudança do lugar para melhorar o animo (como jà o disse Horacio, pelos que em seu tempo passavaõ a Athenas) lhe deu os melhores Mestres, que en-

entaõ floreciaõ naquella Corte, que por tantos titulos he a Metropoli do Mundo. Delles aprendeo o noſſo Author a policîa das lingoas, e ouvio a expoſiçaõ dos mais illuſtres Poetas, e Óradores. Aproveitou o Padre Frey Bernardo muito com eſta doutrina, e tornando em berve tempo ao Reyno, veio muito acreſcentado das partes acquiridas, que pertencem a hum mancebo nobre, porque ſabia a lingoa latina com eminencia, fallava a Italiana como natural, a Franceſa expeditamente, e naõ lhe faltava noticia da Hebraica, e Grega. Da hiſtoria fazia particular profiſſaõ, e ſobre tudo ſe deu tanto à liçaõ dos Poetas, que compoz naquella primeira idade muitos verſos, que nos conceitos, e elegancia pòdem competir com os dos melhores Lyricos de Eſpanha. A todas eſtas partes, e outras muitas naturaes, de que era dotado, ſoube acreſcentar a maior perfeiçaõ de todas, que foi dedicallas a Deos: e como reconheceo ſempre a S. Bernardo por ſeu padroeiro, movido da devaçaõ que lhe tinha, deixou o Mundo, e ſe fez ſeu Religioſo no Real Moſteiro de Alcobaça, mudando juntamente com o eſtado o no-

nome de Balthaſar de Brito de Andrade, que atè entaõ uſara.

Sentio notavelmente o Capitaõ Pedro Cardoſo ſeu Pay eſta reſoluçaõ, como ordinariamente coſtumaõ fazer os parentes, que ficaõ no Mundo, naõ lhes deixando ver a paixaõ que ſe tem por boa fortuna aceitar-lhe o Principe da terra hum filho em ſeu ſerviço, quanta maior felicidade he receber-lho o do Ceo por Grande de ſua caſa. Porèm como o Capitaõ Pedro Cardoſo fazia conta de o deixar na Milicia com grandes ventagens, que eſperava em ſatisfaçaõ de ſeus ſerviços, e entendia por eſte meio ficavaõ accomodadas as couſas de ſua Familia, fez tanto, que impetrou hum Breve com que ſe paſſaſſe à Religiaõ do Hoſpital de S. Joaõ, que vulgarmenente chamaõ de Malta, e era taõ valido em Roma, que alcançou eſta licença, couſa que rariſſimamente ſe concede. Offende-ſe Deos grandemente de os Seculares perturbarem as vocaçoens dos Religioſos, e como naõ queria que o noſſo Author foſſe famoſo pelas armas, mas que as armas foſſem famoſas por elle, levou para ſi o Capitaõ Pedro Cardoſo poucos dias, depois do Indulto

che-

chegar a Portugal, e seu filho naõ quiz usar do Breve, com que mostrou claramente, que senaõ tratara a mudança por vontade sua, senaõ pela de seu Pay.

Quando o Pader Fr. Bernardo veio de Italia, como carecia da inteira noticia da historia da Patria, procurou darse a ella com toda a diligencia, porque ainda que qualquer historia seja huma compendiosa sabedoria, e fonte de prudencia, sempre a da Patria he mais proveitosa; pois tanto mais aprendem os homens, aprendem dos progressos, ou adversidades da mesma Provincia, para acertarem na administraçaõ das cousas particulares, e publicas, quanto os successos proprios ensinaõ mais, que os estranhos. Com este primeiro fervor juvenil naõ sómente leo as Chronicas do Reyno, mas movido com o desejo de ver aquella escriptura em melhor estilo; as resumio num volume, que escreveo de sua maõ, acrescentando algumas cousas de hum Author, que achou em Alcobaça, chamado Mendo Gomes. Porèm considerando depois attentamente a perfeiçaõ, com que os modernos Historiadores Castelhanos, e Aragoneses hiaõ escrevendo as historias de soas patrias, averiguando pelas es-

crituras dos Arquivos as cousas incertas, e achando muitas outras de novo, de que os antepassados se esqueceraõ, sobre esteve na publicaçaõ, deste volume, entendendo, que lhe era necessaria para sahir á luz fazer elle tambem a diligencia com os Cartorios de Portugal, que os outros tinhaõ feito em suas Provincias. Mas porque a nossa naõ ficasse inferior a nenhuma, vendo que faltava escritor, que tratasse as cousas de Portugal ordenadamente, e que por estarem divididas por muitos Authores, havia pouca noticia dellas, movido do zelo do bem publico se resolveo em escrever a historia Portugueza succesivamente des do principio do mundo atè seu tempo. Este heroico pensamento intentou primeiro Joaõ de Barros na Europa, que prometeo, posto que por lhe faltar descanso, e tempo o naõ pode cumprir. O mesmo pretendeo Andre de Resende, porèm occupado em outros estudos, naõ pode mais que começar a empresa, deixando alguns fragmentos do tempo dos Romanos, ainda que de muita importancia. Menos parece obrou a intençaõ de Jorge Cardoso, como se vè no Tratado, que Manoel Fernandes Co-

ne-

nego de Lamego fez da antiguidade daquella Igreja. Todos eſtes Authores ſaõ dignos de graõ louvor por terem taes intentos; porèm quanto vai do penſamento à obra, tanto maiores graças ſe devem ao Padre Fr. Bernardo, pois o que elles ſómente imaginando mereceraõ, elle reduzio proſperamente a effeito.

Começou eſta hiſtoria em Alcobaça, e ainda que os Superiores o mandaraõ continuar na Theologia em Coimbra, naõ ſe eſqueceo da empreza, antes a proſeguio nas horas, que lhe ficavaõ livres com tal cuidado, que a veio acabar no principio do anno de 1596. tendo de idade 27. e no de 1597. a imprimio. Foi eſta obra recebida com igual applauſo, naõ ſó neſte Reyno, mas ainda em toda Eſpanha, aſſim por aquella certa novidade, que as antiguidades trazem conſigo, como por ſer a primeira Hiſtoria Univerſal Portugueſa, que em vulgar ſahio impreſſa. Nella moſtrou o Author grande liçaõ, e hum animo incanſavel, pois no meio de tamanha occupaçaõ, como a dos eſtudos, pode concluir hum intento taõ arduo, que (como elle diz na ſua elegantiſſima Dedicatoria (ſó o

penſamento delle fez abaixar as velas a engenhos de muita eſtima, porque ſendo por huma parte rariſſimos os Authores, que fallaõ neſtas materias, era neceſſario por outra hum infinito trabalho para buſcar, o que ſe havia de dizer em huma immenſa copia de leitura.

Recebeo ElRey Filippe II. de Caſtella eſte ſerviço com particular benevolencia, por ver que o Padra Fr. Bernardo lhe offerecia graciosamente neſte Reyno, o que no de Caſtella lhe tinha cuſtado muita deſpeſa, e cuidado, para aſſim obrigar o Meſtre Ambroſio de Morales a ſe encarregar de ſemelhente hiſtoria, por tanto naõ ſó por ſua carta agradeceo ao Padre Fr. Bernardo o trabalho da obra, mas ainda lhe encomendou de novo, que continuaſſe o que faltava della, e mandou ao Padre Geral de Alcobaça lhe ordenaſſe a meſmo.

Eſte favor animou ao Padre Fr. Bernardo para naõ fazer caſo do deſagradecimento de alguns mal contentadiços, que em lugar do premio de hum tamanho beneficio lhe cenſuravaõ o eſtilo do livro, e a certeza das couſas delle, naõ conſiderando, que alingoagem he acci-

den-

dente em ſemelhante hiſtoria, e que tendo o Author a criaçaõ fóra da patria, naõ podia eſtar ainda taõ adiantado nos termos, que pede agravidade da lingoa Portugueſa, como depois o eſteve, e no que toca à hiſtoria, ſe no que paſſa em noſſos tempos, e o que mais he, diante dos noſſos olhos, ſaõ tantas as opinioens, que nenhuma couſa ſe pòde quaſi ſaber com infalivel certeza, demaſiado rigor he querer, que ſe dè em couſas taõ antigas a firmeza, que nas preſentes ſenaõ alcança. Pelo que com razaõ foi eſta obra muito eſtimada dos doutos, e bem intencionados, e por ella ſe podem dar os parabens à Patria com aquelles excellentes verſos, com que lhos dà hum famoſo Eſcritor de noſſo tempo, dizendo ao Tejo.

*Ripis ecce tuis genuit tibi patria civem*
*Illuſtri egregium partu, quo clarior orbe*
*Jactabit nullo tellus ſe Lyſia tantum*
*Arte potens opibuſque animi, Bernardus ab alto*
*Ducet Lyſiadum famam, & monumenta tuorum*
*Ex quo prima novis Aurora inventa quadrigis*
*Splenduit humano generi, dehinc arma triumphis*

*In-*

*Inclyta tunc ſanctos repetens ab origine mores*
*Longa vetuſtatis, rerumque arcana movebit.*

Antes deſte tempo lhe tinha a ſua Congregaçaõ encomendada a compoſiçaõ da hiſtoria de Ciſter, de que fóra deſte Reyno havia pouco eſcrito, e em Portugal nada, ſendo aſſim que eſta Ordem floreceo entre nós com grandes ventagens a muitas outras Provincias da Chriſtandade. Obedeceo o Padre Fr. Bernardo, e pouco depois de tres annos da impreſſaõ da Monarquia, ſahio com a primeira parte da Chronica de Ciſter, que imprimio no anno de 1602. Como já neſte tempo eſtava mais exercitado na lingua Portugueſa, compoz eſta hiſtoria com tanta elegancia, e pureza de palavras, que e Padre Fr. Joaõ Marquez, hum dos mais doutos Varoens do noſſo tempo lhe dà por elle o titulo de Hiſtoriador inſigne; e no que toca ás couſas, eſcreveo com tal diligencia, que o Padre Fr. Antonio de Yepes honra da Religiaõ de S. Bento, quaſi tradús eſta Chronica nos ſeus Annaes, e podemos com verdade dizer,

que

que ao noſſo Author ſe deve poſſuirmos agora as excellentes hiſtorias de S. Bento, e S. Bernardo, que depois ſahiraõ á luz em Caſtella, pois o Padre Fr. Bernardo abrio caminho, e deu exemplo para ſobre eſtas materias eſcreverem taõ ſingulares ſugeitos. Alèm da Chronica de Ciſter ſe mandou ao Padre Fr. Bernardo por decreto do Capitulo Geral, que eſcreveſſe outro livro dos privilegios da Ordem; o que elle fez com immenſo trabalho, porque lhe cuſtou muitos de perigrinaçaõ, e ver os Cartorios de todos os Conventos de Religioſos, e Religioſas, que a Congregaçaõ de Alcobaça tem neſte Reyno, e outra muita leitura. A moleſtia deſta occupaçaõ com o continuo eſtudo dos annos paſſados, lhe foraõ cauſa de huma grande enfermidade, que o teve naõ ſómente muito tempo impedido para continuar com a hiſtoria Portugueſa, mas ainda deſconfiado da vida. Com tudo tanto que a ſaude lhe deu lugar, tornou a Coimbra a concluir os eſtudos, que a obediencia lhe fizera interromper, e naquella Univerſidade deu grandes moſtras de ſeu engenho nos actos que fez, atè tomar

o grão de Doutor, que foi no anno de 1606. Pouco antes compoz o livro dos Elogios dos Reys de Portugal, que imprimio no anno de 1603. Eſta obra, ainda que breve, he de grande conſideraçaõ, porque na lingoa, e juizo, póde ſervir de modello a toda a boa hiſtoria abreviada, e na prefeiçaõ com que fez abrir em bonze os retratos dos Reys, e alcançou os originaes mais apurados, mandando vir alguns de partes remotas, com grande cuſto, e deſpeza, excedeo muito ſuas forças, e moſtrou o grande zelo, que tinha de engrandecer a Patria, e de eternizar a memoria dos Reys Portugueſes, a quem neſte livro levantou hum honroſo troſeo, e tal, que a nenhuns outros Reys de Eſpanha vemos outro ſemelhante dedicado. Eſte livro quaſi traduzio em latim o Padre Antonio de Vaſconcellos no ſeu Anacæfaleoſis, mandando abrir as meſmas eſtampas dos Reys em maiores laminas, por eſtas ſerem as que ſó merecem credito de verdadeiras.

Deſempedido deſtas digreſſoens, tornou a continuar a hiſtoria de Monarquia Luſitana, que imprimio no anno de 1609.

Neſ-

Neſta ſegunda parte ſeguio hum eſtilo chaõ, e claro, ainda que grave; e ſe na elegancia ficou inferior aos dous livros proximos, que tinha publicado, foi a cauſa por naõ dar mais lugar a materia, pois o principal trabalho daquella hiſtoria, he deſcobrir, e pôr em ordem as couſas daquelles tempos das conquiſtas dos barbaros, que atègora por falta de Authores eſtiveraõ eſcondidas, e cheias de duvidas, e fabulas.

Eſtas foraõ as obras, que o Padre Fr. Bernardo de Brito imprimio em ſua vida, porèm naõ eraõ menos illuſtres outras muitas, que compoz, e naõ póde tirar à luz com a morte antecipada. Deſtas direi algumas, que chegaraõ à minha noticia.

Compoz hum tratado, a que deu titulo Republica antiga da Luſitania, em que tratou dos coſtumes, religiaõ, e governo dos antigos Luſitanos. Dedicou eſta obra à Senhora Infanta Dona Iſabel Clara Eugenia a 21. de Março de 1596. Era dividida em dez capitulos, e continha huma maõ de papel, ſegundo me informou o Licenciado Franciſco Galvaõ de Mendanha (grande benemerito dos

Eſ-

Eſcritores Portugueſes, como em outro lugar diremos) que a vio, por lha communicar hum Religioſo, que aſſiſtia em S. Bento de Evora.

Outro livro me moſtrou o Padre Frei Bernardo, paſſando por Evora em Abril de 1611. intitulado Hiſtoria de Noſſa Senhora de Nazareth. Era hum juſto volume, e tratava da invençaõ daquella Sagrada Imagem, e das Doaçoens, que os Principes, e devotos lhe fizeraõ com a relaçaõ de ſeus milagres, e no fim de cada hum a linhagem, e deſcendencia daquelle, em quem o milagre fora obrado, por eſta via ficava ſendo o livro hum Nobiliario das principaes Familias deſte Reyno; pareceo-me obra excellente, e do meſmo voto foi Luiz da Sylva de Brito Prior do Santo Milagre de Santarém, aſſaz conhecido neſte Reyno por ſuas muitas letras, o qual lhe eſcreveo na primeira folha hum elegante Epigrama em louvor da obra, e Author. Levava o Padre Frei Bernardo eſte livro a Madrid para o offerecer à Rainha Dona Margarida.

No meſmo tempo me moſtrou tambem huma Apologia, que eſcrevera ao Ar-

Arcebiſpo de Braga D. Frei Agoſtinho de Caſtro, em repoſta de certas duvidas, que pelo meſmo Arcebiſpo lhe foraõ enviadas ſobre a primeira parte da Monarquia, e no fim della eſtava huma carta do meſmo Arcebiſpo, em que ſe dava por ſatisfeito de ſuas perguntas, e exortava, que na compoſiçaõ da Monarquia ſeguiſſe igualmente a Hiſtoria Secular, e Eccleſiaſtica: e a das linhagens nobres do Reyno, como elle depois fez.

A'lem deſtas obras ſoube entaõ delle, que tinha compoſto dous Volumes em lingua Latina, hum ſobre os Profetas Menores, e outro de Duabus Hebdomalibus, que eraõ as dùas ſemanas da criaçaõ do Mundo, e ſua redempçaõ, conceito novo, e digno do grande engenho do ſeu Author.

Na primeira parte da Monarquia Luſitana prometeo de eſcrever huma Hiſtoria Eccleſiaſtica deſte Reyno, o que em effeito comprio, introduzindo as couſas Eccleſiaſticas com as Seculares na ſegunda parte da Monarquia, e aſſim tinha intençaõ de o hir continuando. Tambem quando tratou da Geographia antiga da Luſitania, prometeo a de Portugal com

ta-

taboas da Provincia, e plantas das Cidades, o que ſem duvida fizera, ſe chegara com a Hiſtoria às coucas deſte tempo, porèm ſe por lhe faltar a vida naõ pode cumprir eſta promeſſa, aſſaz obrigados lhe ficamos, naõ ſó pelos deſejos, mas por as excellentes obras que imprimio, com que eternizou a fama deſte Reyno. Pelo que com juſto titulo ſe lhe pòde applicar o do Pheniz, que hum Epigrama lhe dei quando imprimio a ſegunda parte da Monarquia: pois eſtando naquelle tempo jà quaſi extincto o o nome dos Portugueſes, elle o tornou a reſuſcitar, e fazer com ſua pena mais famoſo, que de antes, como ſe vè deſtes verſos.

*Ceſpite odorato Phœnix ut Lyſia mundo,*
*E caſia factis ignibus uſta perit*
*Uſta perit, gemini orbis opes, ſecum ipſa cremavit*
*Qua cadit undiſono Sol, oriturque mari.*
*At veluti pulchris, ut odoribus ipſa cremata eſt,*
*Lyſiadum reſtat ſic niſi ſolus odor.*
*Bernarde hunc ſpargis, Phœnix redivivus odorem,*
*Pulchrior & diris ſurgis ab exequis.*

Tan-

Tanto mais proprio fica agora eſtè Epigrama ao Author depois de morto, quanto vemos, que ſe tem levantado daquelle inſigne Convento da Ordem de S. Bernardo, ou por melhor dizer daquella Pira, e Areola aromatum, de virtudes, e ſabedoria, quem com igual valor vai ſeguindo, e renovando os heroicos intentos do Padre Frei Bernardo de Brito.

Eſtas obras fizeraõ julgar a ſeu Author por digno de grandes premios, mas como os que o Mundo dà, naõ ſejaõ baſtantes para ſatisfazer ſemelhantes merecimentos, permitte Deos muitas vezes que atè eſtes faltem, para que melhor conheçamos, que ſó he digno de ſer ſervido, quem naõ ſó paga com grandes ventagens todos os ſerviços que lhe fazem, mas ainda galardoa atè os penſamentos delles. Com tudo por vezes foi nomeado o Padre Frei Bernardo para alguns Biſpados ultramarinos, que elle naõ quiz aceitar, naõ ſó por ſua humildade, mas por a continuaçaõ dos eſtudos lhe ter tirado a ſaude propria, com que ficava impedio, para procurar a eſpiritual alheia. Poſto que claramen-

te se estende, que os que o consultaraõ antepuzeraõ o bem particular do Padre Frei Bernardo ao bem publico do Reyno, a quem importava, que lhe dessem commodo para compor, e naõ que o desterrassem para onde naõ podesse continuar sua Historia. No que devem ser mui considerados os Ministros superiores, naõ premiando os benemeritos fóra de seus talentos, pois àlem deste dano fazem, que os providos comecem muitas vezes a aprender na faculdade alheia, quando pela idade, e experiencia podiaõ com maior fruito ensinar na propria.

Por esta razaõ foi provido o nosso Author no officio de Chronista Mór de Portugal, no anno de 1616. quando vagou por falecimento de Francisco de Andrade, naõ por faltarem partes no sugeito, a quem este cargo podia competir, mas por naõ aver outro premio, que se pudesse dar ao Padre Frei Bernardo, mais proprio, e devido a seus estudos, o que naõ se seguia na pessoa, que o podia pretender, pois avia muitos despachos, com que podia ser galardoado.

Porèm nem assim lhe servio este cargo de premio, senaõ de huma carga pe-

sa-

ſadiſſima; e de hum ſeminario de deſgoſtos, que nunca teraõ fim, ſendo eſta a cauſa de eſcreverem huns contra elle, e outros em ſua defenſaõ. Infeliciſſima empreza para taõ felices engenhos, pois podendo ganhar grande honra para a Patria, e para ſi com ſeus eſtudos.

*Bella geri placuit nullos habitura triumphos.*

Tomaraõ huma inglorioſa contenda: *Non cogitantes* (como diz a Sagrada Eſcritura) *proſperitatem adverſum cognatos malum eſſe maximum, & non civium, ſed hoſtium trophea capturi.* Eſtava o Padre Frei Bernardo em Madrid, quando ſe lhe encarregou eſta occupaçaõ, e ſe lhe encomendou que deixados todos os outros intentos, ſe applicaſſe ſómente à Chronica d'ElRey D. Sebaſtiaõ, pelo que logo na Corte começou a obra, e a continuou atè a Embaixada de D. Joaõ de Borja. Como neſte tempo eſtava jà taõ exercitado na compoſiçaõ, e preceitos da Hiſtoria, dizem os que a viraõ, que levava eſta, ventagem a todas as outras, que elle tinha compoſto, e que ſe ſe acabàra, fora hum illuſtre ornamento da lingoa Portugueſa. Porém a

tu-

tudo atalhou a pouca fortuna deſte Reyno, que tirando-lhe outros bens lhe quiz tambem roubar o engenho do Padre Frei Bernardo, quando eſtava mais aſſaſoado para dar perfeitiſſimos fruitos.

Finalmente vindo de Madrid jà falto de ſaude, ſe lhe aggravou a infirmidade no caminho, de maneira, que naõ pode paſſar de Almeida, onde continuando a doença, em pouco tempo lhe conſumio as forças, e acabou a vida a 27. de Fevereiro, recebendo primeiro os Santos Sacramentos, e conhecendo ſua morte com moſtras de muita devaçaõ, e de verdadeiro Religioſo. Seu corpo foi levado ao Moſteiro de Santa Maria de Aguilar, junto a Caſtel-Rodrigo, que he de Religioſos de S. Bernardo, e ſepultado na Capella Mòr, onde ſe vè hum letreiro de pedra na parede, que diz: *Aqui jaz o mui douto Padre Frei Bernardo de Brito Chroniſta Mòr, que foi deſte Reyno, morreo no anno de* 1617. Foi peſſoa de agradavel preſença, grande de corpo, bem proporcionado, e de robuſta compreiçaõ, ſe a naõ eſtragara com o demaſiado eſtudo, o que acontece a muitos engenhos de Eſpanha, que naõ

saõ menos prodigos da vida no exercicio das letras, do que Silo Italico o confessa no das armas. Foi de suave conversaçaõ, e de felice memoria. Prégou com muita fama, e em todos os estudos, a que se applicou, mostrou grande talento, o qual sempre empregou no serviço publico, eternizando os Principes deste Reyno, illustrando a Nobreza delle, e resuscitando, como outro Deucaleonte, os Portugueses, até das pedras espadaçadas dos Romanos, para lhes dar perpetua vida na memoria dos homens Evora a 2. de Abril de 1628.

## FIM DO ELOGIO

### DO DOUTOR

## FR. BERNARDO DE BRITO.

CAMARA DOS DEPUTADOS BIBLIOTHECA

Y ELO-

# ELOGIÒ
## DE EVORA.

NO meio da Provincia de Alentejo eſtà ſituada a Cidade de Evora ( 5. ) em hum poſto taõ eminente, que fica Senhoreando os campos. que a cercaõ por toda a parte atè pararem em quatro ſerras, com que a natureze em larga diſtancia a cercou, quaſi como com muro. Da parte do Oriente a ſerra de Oſſa; de Meyo dia a



(5) 1. *Rep. Heſp. Botero* 1. *p. de Principi Chriſt. l.* 5. *t. Alfonſ.* 1. *Herr. na entrad. de Port. l.* 3. *f.* 97. *e l.* 9. *f.* 45. *Goropio na ſua Hiſp. Plin. l.* 3. *c.* 1. *Mon. Luſit.* 5. *p. l.* 3. *Monarch. Luſit.* 1. *p. l* 3. *c.* 21. *Reſen. Plin. l.* 4. *c.* 22. *O Arç. D. Rod. da Cun. na Hiſt. de Lisboa p.* 1. *c.* 9. *n.* 1. *Moral. l.* 12. *c.* 14. *Razis. Hiſt. Eboren. de Reſ. Chron. de D. Joaõ I. de Caſt. an.* 12. *c.* 19. *Chron. de D. Fern. o S. c.* 10. *Monarch. Luſit. Chron. del Rey D. Joaõ I. Carta do Biſcainho. O Conde Theſauro* 1. *Campegiamenti di Piamonte.*

de Portel, e Viana, do Norte a de Arrayolos, e do Occidente a de Montemuro. He eſte ſitio taõ agradavel à viſta que aos de Italia lhes pareceo que era Roma, e aos de Caſtella, o ſeu Madrid e Toledo. Eſta he aquella Cidade, que ſendo fundada por Elyſa primeiro Povoador de Eſpanha, tem ſuſtentado por tantos ſeculos o meſmo nome, e lugar, quando das Metropolis das maiores Monarchias naõ ſe ſabem jà os veſtigios donde foraõ, A fama deſte ſitio trouxe a ſi da Gallia os Celtas, a quem admitindo os Eborenſes por Cidadãos, os dividiraõ depois por as Provincias vizinhas, reconhecendo-ſe ſempre por Colonias ſuas todos os Celtiberos de Eſpanha. Eſta he a Cidade, a cuja viſta Viriato levantou os primeiros tropheos dos desbaratados exercitos Romanos, e Sertorio edificou os muros, aqueductos, e fabricas Corynthias dos deſpojos daquelle povo; que foi vencedor do mundo, acquiridos com os ſoldados Eborenſes; e que ainda hoje permanecem por teſtimunhos de tamanha gloria. Eſte o lugar, em cujo nome quiz o primeiro Emperador de Roma, que ficaſſe

eter-

eternizada a memoria de ſua liberalidade. Eſta foi a Cidade, que primeiro ouvio as alegres novas do Evangelho, e della, como de Sede propria, as recebeo por S. Mancio toda Luſitania. Eſta foi o propugnaculo dos Reys Godos contra o Imperio. E naquella grande ruina ultima de Eſpanha, poſto que ſe ſometeo ao poder dos Arabes, inda depois de rendida ſe temeraõ tanto della, que levaraõ a principal parte de ſeus moradores a Marrocos, cabeça de ſua Monarquia, onde os Eborenſes fundaraõ outro lugar, com o nome da meſma patria, em que conſervaraõ a Fè, e a liberdade por muitos ſeculos, atè que no tempo delRey D. Joaõ I. ſe tornaraõ a Eſpanha. Nenhuma força pode recuperar eſta inexpugnavel fortaleza; e aſſim foi ſó reſtituida pela induſtria intrepida de Giraldo Illuſtre Cavalleiro, que com ella deu aos Reys Portugueſes a maior parte da Luſitania. Eſta foi a primeira em defender a liberdade de Eſpanha, naquella milagroſa batalha do Triumpho da Cruz, onde ſeus moradores ſe ouveraõ com tanto valor, que a meſma Cruz lhe ficou por premio em perpetua memoria

de

de taõ glorioſo Triumpho. Na comſervaçaõ da liberdade Portugueſa foi ella a primeira, que ſervio a ElRey D. Joaõ I. depois que intentou a defenſaõ do Reyno. Aqui foi a praça de armas do Condeſtable, com cujos moradores alcançou tantas victorias. Aqui permanece a primeira Igreja de Eſpanha, illuſtrada com tantos Santos, e graviſſimos Prelados. Eſta foi a patria de tantos Varoens inſignes em letras, onde florecem todas as ſciencias divinas, e humanas. Eſta he aquella, que produzio a Real planta da Senhora Infanta Dona Catharina; donde refloreceo com maior felicidade a noſſa Monarquia. Eſta foi a primeira, que teve valor para deſprezar o poder da Monarquia Caſtelhana, a cujo exemplo deve Catalunha a conſervaçaõ de ſeus fóros, e Portugal ſua honroſa, e amada liberdade. E finalmente Evora he a que com a reſtauraçaõ de ſeu Rey, e nutural Senhor tem deſcuberto outro novo mundo a todas as Provincias de Europa.

FIM.

BIBLIOTHECA DOS DEPUTADOS

# INDICE
## DO QUE SE CONTÉM NESTE LIVRO.

PAnegyrico de Joaõ de Barros a El-Rey D. Joaõ III. pag. 1.
Panegyrico do meſmo Autor à Senhora Princeſa, Infanta D. Maria. p. 199.
Elogio de Antonio de Caſtilho a ElRey D. Joaõ III. p. 277.
Elogio do Doutor Fr. Bernardo de Brito. p. 309.
Elogio de Evora. p. 323.

Foi taixado eſte Livro em papel a quatrocentos réis: Meza 28. de Julho de 1791.

*Com tres Rúbricas.*

C1170

# INDICE

## DO QUE SE CONTEM NESTE LIVRO.

Panegyrico de Joaõ de Barros a ElRey D. Joaõ III. pag. 1.
Panegyrico do mesmo Autor á Senhora Princesa, Infanta D. Maria. p. 199.
Elogio de Antonio de Castilho a ElRey D. Joaõ III. p. 277.
Elogio do Doutor Fr. Bernardo de Brito. p. 309.
Elogio de Evora. p. 323.

Foi taixado este Livro em papel a quatrocentos réis: Meza 28. de Julho de 1791.

*Com tres Rubricas.*

SCR 382/01